



J. C. REED

CONQUISTA

Uma mulher incapaz de perdoar.

Um homem que cometeu erros.

Duas vidas que estão prestes a se envolver profundamente.







Para todos os que amaram e que perderam:

O amor é uma batalha. Você precisa se apossar dele e conquistá-lo.

"O amor é frágil. O amor pode ser facilmente rompido. O amor não é sempre perfeito. E, às vezes, o amor comete erros. Quando nada está funcionando, tudo parece perdido. A única maneira de conseguir o seu amor de volta e repará-lo... É conquistá-lo."

Conquiste seu amor

Uma carta de agradecimento aos meus leitores brooke

O amor acontece em um piscar de olhos. Num momento seu coração é seu, e, no momento seguinte, ele pertence a alguém a quem você nunca teve a intenção de entregá-lo. Não há transição. Sem garantias. Apenas a confiança tola, e a esperança num futuro de felicidade e realização emocional. Por mais que todos nós esperemos por um final feliz, do tipo “felizes para sempre”, a vida não funciona assim.

O amor é uma merda. Eu tive de aprender essa lição da maneira mais difícil, por meio de um deus do sexo de olhos verdes, um metro e noventa, e sensual como o pecado.

Jett Mayfield. Minha primeira e única incursão no amor e o segundo maior erro da minha vida.

Prólogo

Jett

A Mayfield Realities estava situada no sexagésimo andar do Trump Tower, no florescente distrito empresarial de Nova York. Um pouco depois das oito da manhã, Jett Mayfield estava em seu escritório com vista para a movimentada rua abaixo. As pessoas e os táxis amarelos pareciam formigas em constante movimento: sempre apressados, sempre tensos. Assim como a cidade, Jett tivera uma vida agitada, ou pelo menos era assim sua antiga interpretação de vida: trabalhar duro, viver ainda mais duramente. Até que ele a conheceu. Havia alguma coisa em Brooke Stewart que mudara algo dentro dele. Não eram apenas seus belos olhos castanhos, nem a maneira como andava, confiante, mas, ainda assim, reservada. Ela havia conversado com ele em um nível mais profundo, tocando certo aspecto que ele considerava intocável. Ainda que isso não estivesse em seus planos. Seu plano tinha sido fazê-la se apaixonar por ele, não por meio de palavras, mas por meio de ações e de sexo, e muito deste último, porque ele queria algo que ela possuía. Não para si próprio, mas para o homem e para a empresa para a qual ele devia tudo. No entanto, os acontecimentos sofreram algumas reviravoltas que ele não esperava.

Quando o tiro saiu pela culatra, ela desapareceu.

Uma sombra que pertencia ao passado: tinha ido embora, mas não fora esquecida.

Durante a última hora, ele ficara olhando para o celular em um emaranhado de fúria e de frustração. E mais dor, o que lhe causava ainda mais raiva.

Que estupidez a dela ir embora e não ouvir o que ele tinha a dizer.

Que estupidez a dela desligar o telefone para que ele não pudesse alcançá-la. E não importava quantos recados ele deixasse, nem as mensagens de texto que enviasse, Jett sabia, instintivamente, que nada chegaria até ela, porque, se chegasse, ela sentiria a agonia pela qual ele estava passando. Ela sentiria como era importante ouvir o que ele tinha para dizer. Não que se tratasse de qualquer coisa ligada aos sentimentos dele. Que estes sentimentos fossem para o inferno. Havia algo mais que ele precisava dizer a ela, algo que o tinha deixado sem dormir à noite, sempre preocupado com ela, preocupado com eles. E se as suas suspeitas fossem verdadeiras, então eles precisavam um do outro tanto quanto precisavam de ar para respirar.

— Senhor Mayfield... Jett? — a cabeça de Emma apareceu na porta, empurrando-o para fora de seus pensamentos. Ele a recompensou com uma careta. Não era o jeito dele de ser, rude assim. A garota era uma recepcionista temporariamente promovida como sua assistente pessoal até que ele pudesse encontrar alguém mais adequado e, como tal, ela ainda não estava acostumada a suas preferências, que incluíam não ser incomodado quando não queria ser incomodado.

Com os olhos arregalados, como um cervo travado pelos faróis de um carro, ela não deu sinal de que trataria logo do assunto que a levava a interrompê-lo e cairia fora rapidamente, deixando-o com a escuridão que nublava seus pensamentos e aquela dor incomum no peito. Ele suspirou com impaciência.

— O que é?

Emma pareceu se lembrar de como falar de novo, mas os olhos arregalados continuaram a espelhar sua insegurança. Jett gostava de seus funcionários assim. Mesmo que achassem que ele era um verdadeiro filho da puta, eles acabavam trabalhando duro a fim de agradá-lo.

— Tem uma pessoa aqui que veio vê-lo. Eu disse a ele que você está ocupado e para marcar um novo horário, mas ele não vai embora. Está aqui há meia hora — as palavras de Emma caíram como se fossem uma cachoeira. Tudo o que ele pegou foi alguma coisa sobre um cara estar ali quando ele estava indisponível.

— Diga-lhe que não estou disponível.

— Ele disse que é importante.

Todos diziam isso.

— Então diga que você veio falar comigo e eu disse especificamente a você que não estou disponível.

Os olhos de Emma se arregalaram um pouco mais, como se isso fosse mesmo possível. Seu olhar frenético varria o patrão com medo. Obviamente, ela queria manter seu emprego, mas o visitante parecia assustá-la ainda mais do que a possibilidade de desagradar ao patrão.

Jett tinha duas opções: mandar a garota para fora, arriscando-se a tê-la de volta dali a alguns instantes, interrompendo-o de novo em sua obsessão por Brooke, ou lidar com o tal visitante. No final, ele decidiu que a opção dois era a menos ruim...

— Mande-o entrar.

O semblante de Emma relaxou de imediato e ela quase saltou para fora da sala. Com uma expressão ameaçadora e furiosa, Jett recostou-se na cadeira e começou a massagear as têmporas para livrar-se da crescente dor latejante por trás delas. Se ele soubesse onde estava Brooke, não precisaria lidar com essa porcaria, e tudo o mais, e todo mundo poderia ir se foder. Do jeito que as coisas estavam, porém, ele teria de manter uma fachada de normalidade antes que tudo explodisse, completamente fora de controle.

— Jett, o cara — a voz familiar vindo da porta empurrou Jett de volta à realidade.

Sua atenção se prendeu ao seu amigo de longa data, e um pouco da pressão que o esmagava diminuiu. Como de costume, Kenny conseguia se esquivar de qualquer código de vestimenta e parecia que estava prestes a entrar em um bar — ou em uma prisão —, em vez de estar caminhando no escritório do figurão do ano do mercado imobiliário. Jeans rasgados, camiseta preta de manga curta, braços tatuados e sobrelha com *piercing*. Aquele tinha sido o estilo de se vestir de Jett, menos o *piercing*, durante muitos anos, antes de trocar o estilo de vida selvagem de Kenny pelo negócio de seu pai. Ele ainda tinha as tatuagens e algumas cicatrizes para provar isso.

Jett fechou a porta registrando com rapidez os olhares curiosos dos funcionários que olhavam para ele e Kenny. Eles provavelmente deviam estar se perguntando o que um homem como Kenny estava fazendo em uma das empresas mais bem-sucedidas do setor imobiliário, e em uma reunião com ninguém menos do que o CEO. Seus funcionários não conheciam a verdadeira natureza de Jett. Ninguém conhecia. Se soubessem, teriam ido embora. Menos Brooke. Ela sentira seu lado negro e, ainda assim, se apaixonara por ele.

— Você disse que queria conversar e que era urgente — Kenny começou a falar logo que Jett fechou as persianas, deixando-os protegidos de olhares indiscretos.

— Eu nunca disse que conversaríamos aqui.

Kenny deu de ombros e caiu na cadeira de Jett, apoiando as pernas em cima da mesa de carvalho polido, com habilidade, ignorando os sofás de couro marrom que tinham sido dispostos perto da porta e que estavam lá justamente para ocasiões como aquela. Os olhos de Jett se estreitaram, mas ele não fez nenhum comentário.

— Eu entendi que você precisava de mim e que sabia o que estava fazendo — disse Kenny. — Você deveria ter especificado um lugar. Não é minha culpa que você esteja sendo imprudente, mano.

Foda-se. Ele estava certo, é claro, mas saber disso não impediu que Jett continuasse carrancudo. Para esconder sua irritação, ele serviu dois copos de uísque da garrafa sobre a mesa de café e empurrou um para Kenny.

— Nem amanheceu direito — comentou Kenny, seus dedos segurando o copo com notável entusiasmo.

— Quem diabos se importa com isso?

— Falou bem.

O uísque tinha gosto de mel caro. Um pouco doce demais, com tons terrosos e defumados. Ele detestava, mas era a bebida que agradava mais seus clientes e, por isso, ele sempre tinha uma garrafa disponível em seu escritório. Em seus cinco anos trabalhando para a Mayfield Realities, ele nunca tinha tocado nela, até hoje.

— Eu preciso de você para encontrar alguém, porque meu detetive particular está fazendo uma merda de trabalho, e você é a única pessoa em quem confio — disse Jett, mal notando a metade vazia do copo de seu amigo.

Kenny não piscou.

— Isso é muito urgente?

— Muito.

— Uma boa trepada e não consegue mais encontrar o telefone dela? — Kenny sorriu. Ele não tinha ideia de como estava perto da verdade.

— Mais ou menos isso — comentou secamente Jett enquanto pegava um envelope de papel pardo de seu gabinete e o jogava no colo de Kenny. — Aqui está tudo que você precisa saber sobre ela. E há mais uma coisa que você precisa conseguir para mim...

A testa de Kenny franziu-se quando ele folheou o envelope e leu os detalhes sobre Brooke. Seu olhar permaneceu colado ao rosto adormecido de Brooke com seu cabelo ondulado espalhado por todo o travesseiro como se fosse uma auréola. A imagem fora tirada com o celular de Jett, em seu luxuoso apartamento em Manhattan, no último dia que eles passaram juntos. Jett estava sentado na cadeira em frente da cama de dossel, em dúvida se deveria contar seu segredo, porque ela se abrira para ele alguns dias antes, falando-lhe sobre seu passado doloroso e por que ela não queria um relacionamento. Ele sentiu que devia a ela a verdade, mas, no final, decidiu não estragar o momento. Tinha sido um grande erro, porque a próxima coisa que aconteceu foi que eles tiveram uma briga, e ela se fora.

Sumiu, sem deixar rastro. E ele não tivera a oportunidade de explicar as coisas a ela.

— Ei, você ainda está aí? — disse Kenny, observando Jett, avaliando-o. — Por que ela foi embora?

— Não sei. Pergunte-me outra coisa!

Jett fez uma careta e foi encher os copos. Ele bebeu o líquido dourado em um só gole, enquanto Kenny olhava para o seu, deixando-o intocado desta vez. O uísque queimou na garganta de Jett e, provavelmente, mexeu com seu cérebro. Esta era a beleza do esquecimento.

Se ele não pudesse encontrá-la, então seria esse o estado que ele buscaria.

Kenny apenas balançou a cabeça e apontou para o envelope fechado agora, seu olhar desprovido de emoção. Ele sempre fora bom em não dizer o que pensava. Por isso ficara longe de problemas, ao

contrário de Jett.

— Ela é bonita.

— Sim.

— Quando foi a última vez que a viu?

— Vinte e quatro horas atrás.

O fingido franzir da testa de Kenny mal escondia o início de um sorriso sarcástico.

— Humm... Isso é mesmo muito tempo.

Jett sabia que parecia desesperado, mas isso não importava.

— Estou falando sério. — Sua voz era fria. Ameaçadora. Ele não gostava quando as pessoas zombavam dele. — Preciso encontrá-la. Você tem algum problema com isso?

— Jesus. O que aconteceu com você, cara?

— Porra, eu errei. Estraguei tudo. E não teria chamado você se não fosse importante.

Kenny se inclinou para trás. Ele não parecia nada incomodado por Jett ter explodido daquele jeito, eles continuaram amigos mesmo depois de passarem por situações mais complicadas do que essa.

— Você tem alguma ideia de onde ela poderia estar? Amigos? Família? Um ex ou um namorado secreto? — perguntou Kenny.

Se eu soubesse, não estaria aqui perdendo meu tempo com você, não acha?

— Eu era o namorado secreto.

A mão de Jett passou pelos cabelos escuros enquanto tentava acalmar a voz zangada dentro de si. Não era certo atacar as pessoas à sua volta, elas não eram as culpadas.

— Telefonei para a mãe dela para tentar saber de alguma coisa, e ela alegou não ter nenhuma ideia de onde a filha poderia estar... Aliás, ela não pareceu muito preocupada... — disse Jett. — A garota que divide o apartamento com ela sumiu também, então só posso presumir que as duas foram fazer uma viagem. O detetive e sua equipe ligaram para todos os hotéis no estado de Nova York — Jett franziu o cenho com essa lembrança. Ele não era um profissional, mas sabia que nenhuma mulher, e sua melhor amiga, saíam de seu aconchegante apartamento para se instalar em um quarto de hotel assim, do nada. Quantas horas preciosas foram desperdiçadas nessa busca idiota. — Só posso supor que ela foi passar um tempo com a família da amiga. — Seu detetive já verificou nas empresas de cartão de crédito?

Jett assentiu.

— Da última vez que ela usou foi em algum supermercado, em frente ao seu prédio.

— E o que você pode me dizer sobre a amiga dela?

Jett balançou a cabeça tristemente, sinalizando que era um beco sem saída.

— Não sei muito sobre ela, apenas que seu telefone está desligado, também.

Kenny assentiu e, por um momento, o silêncio se seguiu. O coração de Jett começou a bater a um milhão de batimentos por hora, embora ele não pudesse saber se era por causa da quantidade de álcool correndo em seu sangue ou pela gravidade da situação.

— Talvez ela tenha deixado o país.

Kenny enfim retomou a conversa.

Jett tinha pensado nisso e descartou a opção com rapidez.

— Como Brooke poderia ter comprado a passagem sem usar o cartão de crédito? Eu preciso de você para cavar mais fundo do que isso. — Ele olhou para Kenny, que permaneceu em silêncio, seu descontentamento claramente visível na ruga na testa.

— Eu saí fora desse negócio, Jett. Você sabe disso.

— Eu não pediria se não fosse importante — Jett sussurrou.

— Você é meu melhor amigo e eu faria qualquer coisa por você, mano, mas da última vez quase me dei mal. Jurei que ia ficar longe de problemas.

A hesitação de Kenny estava refletida em seus olhos escuros, e, por um momento, Jett teve certeza de que seu amigo iria deixá-lo na mão. Então, seus olhares se cruzaram e Jett soube na hora que tinha vencido.

— Você gosta dela, não é? — perguntou Kenny.

— Mais do que eu gostaria de admitir. — Era a verdade.

— Então eu vou fazer isso. Apenas me prometa que vai me proteger se as pessoas erradas aparecerem à minha porta.

Jett sorriu, e pela primeira vez, desde a discussão com Brooke, quase se sentiu entusiasmado. Esperançoso. Porque Kenny sempre soube o que fazer. Ele não era um dos *hackers* mais temidos do país sem motivo.

— Obrigado, cara. Fico devendo essa — disse Jett.

— Eu ligo assim que tiver uma pista — Kenny levantou-se e acompanhou Jett até a porta.

Às onze e quarenta e cinco, a tela do celular zumbiu com um interlocutor desconhecido. Jett tinha estado preso em uma reunião pelas últimas duas horas, mal prestando atenção ao divagar interminável de seu pai sobre algumas novas aquisições e sobre os consequentes lucros que a empresa poderia obter a partir delas.

Jett desculpou-se e saiu da sala levando o celular ao ouvido, mas sem falar nada até chegar ao banheiro dos homens. O aroma de rosas flutuava no ar enquanto Jett avaliava cada cubículo, certificando-se de que estava vazio.

— Ela embarcou em um avião para a Europa — disse Kenny, como meio de introdução.

Seria possível que seu detetive particular tivesse deixado passar um cartão de crédito?

— Espere até você ouvir a próxima parte — continuou Kenny. — Você tem certeza de que era o único namorado secreto? Porque parece que outra pessoa pagou pela passagem.

Brooke não era assim. No entanto, quanto ele a conhecia de fato?

— Quem? — A voz de Jett tinha uma camada de gelo.

— Jake Clarkson. Ele é um advogado de Londres. Possui uma firma de advocacia de sucesso. Não é casado...

Por que diabos ele precisaria saber da última parte? Deveria se sentir melhor se Brooke estivesse saindo com um cara que não fosse casado? Quanto eles tinham se conhecido, e por que ela confiaria nele o suficiente para deixá-lo levá-la em uma viagem de férias? Ele poderia ser um ex?

— Jett? — O tom de voz de Kenny estava tenso com alguma coisa. Por certo não com preocupação. Mais com humor, talvez.

— Dê-me um segundo.

A pressão atrás dos olhos de Jett se intensificou com o pensamento de Brooke nos braços de outro homem, que estaria reclamando algo que deveria ser de Jett. Ele umedeceu a mão sob a torneira de água fria e correu-a sobre sua nuca febril. Aquele novo frescor lhe trouxe um alerta suficiente para ajudá-lo a organizar os pensamentos através de toda a névoa que encobria seu cérebro. Foi quando ele começou a somar dois mais dois. Um advogado. Passagens pagas. Europa.

— Onde exatamente na Europa?

— Deixe-me ver. — O som de papéis sendo vasculhados passou pela linha telefônica antes de Kenny responder. — Algum lugar chamado Bellagio. Nunca ouvi falar disso.

Brooke estava em... Bellagio, Itália.

Merda!

Isso não era bom. Em uma escala de um a dez, isso era cem. Um desastre.

— Quando?

— Ontem à noite — disse Kenny. — Ela desembarcou no início desta manhã.

O coração de Jett começou a bater um pouco mais depressa. Se ele pulasse em um avião agora, estaria lá em oito horas. O trabalho real começaria agora, mas não estava preocupado com isso. Ele nunca tinha ficado com medo de dar seu melhor, fosse trabalhando em suas coisas, fosse conseguindo uma mulher. O que o preocupava era que ele poderia chegar tarde demais. Ele tinha de alcançá-la, e rápido.

— Você precisa de mim para saber mais sobre o advogado? — perguntou Kenny.

— Eu preciso de outra coisa — Jett fez uma pausa, enquanto olhava ao redor para garantir que ninguém poderia ouvi-lo. O banheiro ainda estava vazio, mas ele baixou a voz para garantir.

— Preciso que me encontre um negociante de armas em Bellagio.

Uma pausa, então:

— Você vai matá-la? Ou ao advogado?

Ele podia sentir a dúvida de Kenny.

Que porra é essa?

Jett tinha feito muitas coisas estúpidas na vida, mas nunca tinha sido nem remotamente inclinado a machucar uma mulher. Ele respirou fundo para acalmar as ondas de raiva correndo por ele.

— Apenas encontre o cara certo, Kenny. — Eu só...

— Não — disse Jett, interrompendo-o. Ele não tinha tempo para perguntas. Estava ficando tarde e ele precisava mandar prepararem o jato da empresa. — Apenas faça o que eu disse.

A reunião de seu pai continuava a todo vapor quando Jett voltou à sala de conferências. Ele não estava interessado em perder mais tempo, mas, como ceo, não podia apenas sair sem aviso prévio, ou sem que ninguém percebesse. Não seria de bom tom para sua reputação. Quando Jett escorregou em seu assento, o olhar de Robert Mayfield caiu sobre o filho, e suas sobrancelhas se ergueram. O velho não gostava da ideia de que outra coisa pudesse ser mais importante que aquela reunião. Jett rabiscou “reunião de negócios na Europa – situação crítica” em um dos blocos de notas com o logotipo da empresa e

empurrou-o sobre a mesa em direção ao pai. Sinalizou a Emma que se aproximasse, instruiu-a a preparar suas coisas, colocar o piloto da empresa ao telefone e cancelar todos os compromissos daquela semana. Ele voltou para casa para se trocar e pegar seu passaporte, depois foi direto para o aeroporto, de onde o jato particular da empresa o levaria para o lugar que ele visitara há não muito tempo. Com ela.

Capítulo 1

Brooke

O amor acontece em um piscar de olhos. Num momento seu coração é seu e, no momento seguinte, ele pertence, a alguém a quem você nunca teve a intenção de entregá-lo. Não há transição. Sem garantias. Apenas a confiança tola, e a esperança num futuro de felicidade e realização emocional. Por mais que todos nós esperemos por um final feliz, do tipo “felizes para sempre”, a vida não funciona assim.

O amor é uma merda. Eu tive de aprender essa lição da maneira mais difícil, por meio de um deus do sexo de olhos verdes, um metro e noventa, e sensual como o pecado.

Jett Mayfield. Minha primeira e única incursão no amor e o segundo maior erro da minha vida.

Sorri quando ajustei meus óculos de sol para que minha melhor amiga, Sylvie, não pudesse captar os sinais reveladores em meus olhos. Deus sabe que eu havia derramado lágrimas suficientes por Jett. Você pensaria que as lágrimas teriam se esgotado a essa altura. Sem chance. Parecia que eu ainda tinha um pouco sobrando, quer gostasse disso ou não. Não apenas percebi que o amor pode crescer na ausência da pessoa que você ama, mas que o mesmo acontece com a dor resultante de um coração partido.

Foi engraçado, na verdade, pois eu não conseguia descobrir por que comecei a amá-lo, para início de conversa. Foi sua boa aparência? Ou a maneira como me fez sentir? O sexo? Ele, com certeza, não merecia esse amor.

Eram quase dez horas, mas o sol já estava alto no horizonte, banhando o edifício do Aeroporto Malpensa com um brilho forte. Eu já poderia dizer que ia ser um dia bem quente, o que não seria surpreendente, uma vez que estávamos em um dos mais belos — e mais dispendiosos — locais de veraneio na Itália.

— Deixe-me ajudá-la — disse Sylvie decidida, pegando a mala da minha mão antes que eu pudesse argumentar.

Observei-a em silêncio enquanto ela a deixava no porta-malas do táxi, ignorando as tentativas desajeitadas do motorista de ajudá-la. Sylvie tinha sido protetora e carinhosa durante os últimos dois dias, desde que a coisa com Jett acabara. Ela estava tropeçando nos próprios pés para me ajudar a “sobreviver” àquela tempestade dentro do meu coração. Nas últimas quarenta e oito horas, eu tinha sido servida e massageada, ela escovara meu cabelo, fizera minhas malas e ainda minha maquiagem. Procurei impor limites em todos esses cuidados comigo. Sylvie sempre foi uma boa amiga, porém ser cuidadosa desse jeito nunca foi uma coisa natural para ela.

Assim, a atenção repentina me assustou. Não sabia se fugia dela ou se a abraçava.

— Ei, Brooke. — Sylvie bateu no meu ombro para chamar minha atenção. Virei-me para encará-la, percebendo que eu tinha me desconectado. Mais uma vez.

Meu cérebro simplesmente desligava de vez em quando, como um computador em modo de espera, e precisava ser reconectado de volta para o modo de trabalho. Não era uma coisa natural para uma garota de vinte e três anos. Eu sabia disso. E ela sabia disso. O mundo inteiro provavelmente sabia, também. Eu gostaria de poder fazer isso parar de acontecer. Ter minha antiga vida de volta, na qual eu era apenas a Brooke, aquela recém-formada mal paga, sobrecarregada, e ingênua o suficiente para acreditar em seus sonhos.

Apenas esqueça.

Se ao menos eu pudesse...

— Entre — disse Sylvie, segurando a porta do táxi aberta para mim.

Assenti com a cabeça, agradecendo, e caí sobre o banco traseiro. Sylvie se juntou a mim e agarrou minha mão, dando-lhe um aperto firme, enquanto seu sorriso dizia tudo o que havia a dizer. Minha melhor amiga estava aqui para me apoiar. Ela cuidaria de mim até que meu coração pudesse ser remendado e os pedaços espalhados de meu mundo pudessem ser colados de novo.

— Você é incrível. Sabia disso? — sussurrei para Sylvie.

— É para isso que servem os amigos. — Ela umedeceu os lábios e sua expressão se anuviou, como se quisesse dizer mais, mas decidiu não fazer isso.

Avaliei seu rosto impecável e os longos cabelos loiros. Seu exterior, aquela beleza suave, nada revelava da couraça que pudesse estar revestindo seu coração. Assim como eu, ela tinha sido dobrada pelos homens até se quebrar, mas, ao contrário de mim, Sylvie nunca desistiu do amor. Ela continuou pulando para o relacionamento seguinte, só para ter seu coração partido mais uma vez. Nós éramos diferentes nesse aspecto. Eu com certeza não cometeria o mesmo erro duas vezes.

— O tal Clarkson disse quando você vai conhecer o velho? — perguntou Sylvie, mudando de assunto.

Balancei a cabeça em negação, voltando a pensar naquele advogado inglês que tinha encontrado em Nova York.

— Ele disse que ligaria assim que a gente desembarcasse.

Distraidamente, comecei a brincar com o fecho de metal da minha bolsa, um presente de aniversário de Sylvie, e passei os dedos sobre o macio couro sintético. Naquela época, eu estava relutante em aceitá-la porque fora muito cara, e eu não estava acostumada ao luxo. No entanto, agora eu tinha acabado de herdar uma propriedade de milhões de dólares de um parente que nem sequer conhecia... Isso de fato mexeu completamente com minha cabeça. E pensar que Jett tinha tentado me enganar sobre a venda da propriedade, para que ele pudesse construir mansões de luxo ao redor do lago, fundiu minha mente ainda mais, e não de um jeito que pudesse ser bom. Sorri e me recostei no assento de couro liso.

— Qual é o plano? — perguntou Sylvie.

— Ele vai me mostrar a propriedade primeiro, e depois nós vamos passar para a próxima etapa.

Ela balançou a cabeça lentamente.

— Que será olhar com cuidado a contabilidade da propriedade para ter certeza de que o velho não vai lhe passar dívidas.

— Eu sei disso.

— Foi apenas um lembrete, Brooke, para o caso de você *esquecer*.

Dei-lhe um olhar malévolo e ela sorriu de volta. Eu nunca me esquecia de nada e Sylvie sabia disso. Esta era sua maneira de me dizer que eu estava jogando em um torneio diferente, aqui, basicamente muito acima de mim, enquanto ela era a pessoa que sabia de tudo sobre a alta sociedade, e estava determinada a assumir o papel de minha mentora.

Não que eu lhe tivesse pedido orientação. Ou que precisasse de um mentor. Entretanto, deixei-a fazer e dizer o que achava melhor, porque, de vez em quando, seus conselhos acertavam na mosca. Eu não tinha ideia do que fazer com uma mansão e com milhares de acres de terra, com uma firma de advocacia inteira ao meu dispor e um diretor de banco querendo me encontrar pessoalmente para começar nossa “relação

de negócios”. Os próximos dias seriam difíceis, e eu estava agradecida por ter alguém como Sylvie ao meu lado.

— Você vai fazer as coisas direito, *chica* — disse Sylvie, interpretando mal meu silêncio. — Não duvido de você nem por um segundo.

Eu sorri. Era mais fácil deixá-la pensar que eu estava nervosa por causa do meu primeiro encontro com Alessandro Lucazzone. Eu não podia dizer a ela que meu coração estava vibrando como uma borboleta delicada jogando-se contra as paredes de sua prisão, pois aquela viagem de carro até o lago Como trouxera mais dor do que eu queria reconhecer. E, agora, meus demônios estavam oficialmente fora da gaiola e eu teria de enfrentá-los.

— Ele vai aparecer por aqui, mais cedo ou mais tarde. Você sabe disso, né? — sussurrei.

— Eu sei — disse Sylvie. — Porém isso não importa. Você não precisa falar com ele se não quiser. Você não tem de vê-lo nunca mais. Ele é parte do seu passado e é lá que deve ficar.

Respirando fundo, apoiei minha cabeça contra a janela e olhei para fora, para aquele impressionante cenário de resplandecentes águas azuis e picos de montanhas, imaginando se eu poderia de fato ficar longe de um homem que havia partido meu coração.

Capítulo 2

Pedrinhas do cascalho rangeram debaixo dos pneus quando o táxi estacionou na grande entrada de automóveis da propriedade Lucazzone. Paguei o motorista e saí do carro, mal prestando atenção enquanto ele ajudava com a bagagem. Ele foi embora pela passagem de terra batida que parecia ser a única maneira de chegar à mansão Lucazzone, a menos que você não se importasse com uma travessia de barco pelo lago, do outro lado da propriedade. Ambas eram áreas isoladas.

Eu sabia que não deveria ficar de boca aberta; ainda assim, não consegui evitar. De frente, o magnífico edifício de três andares que se estendia para o céu parecia uma miniatura de um palácio veneziano, preso ali, no meio do campo. O grande alpendre com colunas e pombais no telhado era uma reminiscência das moradias-fortaleza do início de 1500, mas apresentava um toque pessoal: a beleza que transcende tempo e lugar. Um calor que fez imediatamente me sentir em casa e, ao mesmo tempo, me deu um arrepio suave que percorreu minha espinha, porque percebi que um dia tudo isso seria meu.

— É tão bonito.

De braços esticados ao lado do corpo, resisti ao impulso de girar em um lento círculo. Em vez disso, inalei o ar perfumado. Não era apenas bonito, era hipnotizante. Tão silencioso que eu podia ouvir o chilrear dos pássaros e o sussurro do vento suave nas folhas das árvores. Sylvie não respondeu. Olhei para ela de soslaio e a peguei com as sobrancelhas franzidas. Não parei muito tempo para pensar nisso porque casas velhas e contato com a natureza não eram bem as coisas que atraíam Sylvie. Ela se sentia melhor numa casa noturna com uma Margarita.

— Vamos tocar a campainha — eu disse, agarrando-lhe o braço e puxando-a pela escada para a porta da frente.

— O advogado não deveria estar nos esperando aqui? — perguntou Sylvie.

— Ele provavelmente está lá dentro e não ouviu o táxi. É uma casa enorme.

Sylvie murmurou algo que se assemelhava a um “talvez”. Não lhe dei muita atenção e apertei a campainha. Um momento depois, a porta se abriu e a figura alta de Clarkson bloqueou a visão interior.

— Senhorita Stewart.

Ele estendeu a mão e a pele ao lado dos seus olhos ficou plissada como se estivesse de fato feliz em me ver. Apertei sua mão brevemente, em seguida, fui para o lado, para apresentar Sylvie.

— Você é a senhorita que não queria abrir o envelope — disse Clarkson de bom humor.

— E você é o cavalheiro que não parava de me importunar com isso — devolveu Sylvie.

Ri, porque ambos acertaram em cheio. Eu estava na Itália quando Clarkson fez seu primeiro telefonema para informar que eu estava prestes a herdar a propriedade Lucazzone. Naturalmente, ele não revelou essa informação a Sylvie, mas sua secretária tinha enviado uma carta que informava sobre a herança, carta que Sylvie teve muito medo de abrir.

— É um prazer enfim conhecê-la — disse Clarkson.

Eu poderia dizer que ele tinha ficado de fato encantado por ela, pelo modo como seus olhos pareciam pousar em todos os detalhes daquele corpo com roupas de *designers*. Ele parecia ser um cara legal, verdadeiro, de boas maneiras e, a julgar pela falta de uma aliança ou de uma marca em seu dedo,

definitivamente não era casado. No entanto, era velho para ela, pelo menos vinte anos mais velho, e isso me deu alguma paz, porque eu não gostaria que minha melhor amiga namorasse meu advogado.

— Obrigada por nos convidar — disse, chamando sua atenção de volta para mim. Um lampejo de decepção apareceu em seus olhos e desapareceu com a mesma rapidez que surgiu.

— Era desejo do senhor Lucazzone conhecer seu herdeiro antes que...

Ele morresse, preenchi o espaço mentalmente. Clarkson pigarreou.

— De qualquer forma, ele ainda está no hospital e não poderá vir ter conosco por mais um dia ou dois, até que seus exames sejam realizados. Contudo, ele já me instruiu para lhes mostrar seus quartos e tornar sua estadia agradável.

Clarkson ajudou com a bagagem e nós o seguimos pelo corredor e pelas escadas, passando por várias portas fechadas, até chegarmos ao que parecia ser um enorme salão de visitas. Ele tentou manter uma conversa leve, perguntando sobre nosso voo e sobre a viagem de carro até aqui. Deixei Sylvie lidar com isso enquanto absorvia a casa.

Lá fora, eu a tinha descrito como bonita, mas a palavra não lhe fazia justiça. Ela era magnífica e enorme, com pisos de mármore creme, pinturas caras que decoravam as paredes e uma enorme escadaria que levava às balaustradas do segundo e do terceiro andares. Adequandose o estilo mediterrâneo, vários vasos com flores estavam dispostos nos cantos, iluminando o visual minimalista. Aquele era bem o meu estilo: nenhuma desordem, tudo limpo e arrumado, do jeito que eu preferia minha vida.

— Esta é a ala oeste. Ela é toda sua. Você verá que todos os quartos têm uma espetacular vista para o lago e para as montanhas mais atrás — disse Clarkson, mantendo-se na conversa mais leve. — Vou deixar que vocês se instalem. Poderemos analisar os relatórios financeiros nos próximos dias.

— Parece perfeito. Obrigada.

Ele balançou a cabeça e seus olhos brilharam de novo. Fiquei imaginando que muita gente teria sentido, ao menos, uma pontada de inveja daquela minha herança inesperada, mas não Clarkson. Ele parecia genuinamente satisfeito por mim.

— Imagine — ele disse. — Todos os empregados vão se reunir no final da tarde para se apresentar. Eles desaparecem e aparecem apenas quando são necessários, de forma que terá a casa ao seu dispor até que o senhor Lucazzone volte. Se precisar de alguma coisa, por favor, não hesite em chamar. Vou ficar no Bellagio, que é logo aqui perto.

— Obrigada por tudo — respondi, querendo, de fato, agradecê-lo.

— O prazer é meu — ele disse, abrindo a primeira porta. — Espero que as senhoritas tenham uma estadia agradável.

Seu olhar passou de mim para Sylvie, e permaneceu lá um pouco de tempo demais, enquanto me entregava o que parecia ser uma bolsinha de couro com um anel de prata pendurado nela, o que, deduzi, serem as chaves da casa. Assenti um “obrigado” com a cabeça e Clarkson estendeu a mão para apertar a minha. Então ele se foi e a casa ficou em silêncio. Por alguns segundos, eu me senti desorientada — aquilo era surreal. Estávamos na Itália. Sozinhas.

Em uma casa enorme que logo me pertenceria.

— Você ainda tem tempo de fugir — Sylvie sussurrou. Sorri para aquela fraca tentativa de aliviar meus nervos com humor.

— Acho que vou ficar — sorri e aponte para a porta aberta. — Agora, escolha seu quarto antes que eu mude de ideia.

— O que você acha?

Fiz a pergunta a Sylvie assim que desfizemos nossas malas e abrimos as portas da varanda para deixar entrar o ar perfumado do bosque vizinho. Estávamos sentadas nas caras espreguiçadeiras, absorvendo o calor dos raios de sol enquanto olhávamos para o lago. O sol batia na água reluzente e se refletia em um milhão de facetas. Suspirei de prazer quando relaxei nas almofadas macias, pensando que a única coisa que me faltava era um chapéu grande, uma limonada e um canudinho guarda-chuva.

Ela hesitou.

— Eu gosto. Você vai ficar bem. Uma enorme casa velha, cheia de silêncio e um lago para nadar. Vamos esperar que você tenha internet, para que possamos ficar em contato quando eu voltar a Nova York.

Seus olhos estavam fechados e seu rosto era uma máscara perfeita de indiferença, mas não deixei de captar o leve tom amargo em sua voz. Ela não queria perder sua melhor amiga, o que era compreensível, dado que a gente se conhecia havia tanto tempo. Senti-me desconfortável com a ideia de não vê-la todos os dias, porém queria dar uma chance a este novo momento na minha vida. Não seria para sempre, apenas por um tempo, até que o episódio Jett desaparecesse de uma vez e eu conseguisse um trabalho do qual gostasse, longe dele e de seu mundo. Como eu poderia deixar isso claro para ela?

— Não é a vida da cidade com a qual estamos acostumadas, mas concordo que será uma boa mudança por um tempo — enfatizei o “por um tempo”. — Você podia ficar comigo. Explorar o país. Fazer todas as coisas que as pessoas fazem. Você tem de admitir que é uma oportunidade incrível.

Sua cabeça inclinou-se para o lado.

— Podemos aprender italiano. Talvez, fazer um curso de culinária. Casar. Ter quatro filhos. E conversar sobre fraldas e assaduras o dia todo.

Gemi, ignorando a súbita vontade de revirar os olhos. Como de costume, ela estava sendo sarcástica com a perspectiva de não poder visitar uma boate todas as noites. Ela não era uma garota do campo. Sylvie amava a fumaça de poluição, o estresse, a atividade mental constante e a falta de sono. Eu? Nem tanto. Se eu quisesse que minha amiga ficasse comigo, precisava de uma tática diferente.

— Ouvi falar que os italianos são muito gostosos.

Agora eu tinha a atenção dela. Os olhos de Sylvie se abriram e seus lábios se curvaram em um sorriso.

— Humm... Você está de volta ao jogo? Eu não me importaria com um desses charmosos italianos sensuais que poderia colocar o quarto em chamas com um único balanço de seus quadris. Imagine a paixão, o drama, a intensidade.

Ela jogou a cabeça para trás e respirou fundo, abanando-se com os dedos bem cuidados.

Eu sabia que poderia estar deixando a loba escapar da jaula com meu comentário ocasional, mas, ainda assim, eu sinceramente não esperava tanto entusiasmo vindo dela. No mundo de Sylvie só havia mesmo o sucesso, o sexo, as festas e variedades. Sem dúvida, aquela região do lago Como poderia me fornecer qualquer um desses itens, mas eu estava de verdade interessada?

Sentindo minha hesitação, Sylvie fez uma careta, interpretando mal meu silêncio.

— Nenhum clube? Que tal um bar? Eu nem me importo em dar uma caminhada ou mesmo demorar numa viagem de carro, desde que o lugar tenha qualquer tipo de música e álcool. — Ela fez beicinho.

Minta, Stewart.

Se eu mentisse e dissesse que não havia nem bares nem clubes, Sylvie me deixaria na mão nessa mesma semana. Eu sabia disso, mas se eu lhe contasse sobre a vida noturna de Bellagio, duvidava que fôssemos conhecer qualquer atração turística além do fundo de um copo de tequila.

— Para chegar a uma boate, aqui, teremos de atravessar o lago, subir o morro e, em seguida, tomar um táxi para a cidade — eu disse devagar. Não era o caminho mais curto, mas certamente não era mentira.

Sylvie levantou-se e me olhou com um sorriso de satisfação que me disse que eu tinha acabado de perder a batalha.

— Ou podemos ir pelo caminho que viemos. Não me importo com os quilômetros a mais — ela tirou um cartão do bolso e acenou no ar, a centímetros do meu rosto.

— Que diabos é isso? — Tentei agarrá-lo de sua mão, porém ela puxou para longe e deu um passo para trás, pressionando-o contra o peito como um pedaço de tesouro.

— Esse é o nosso serviço de táxi particular. Achei que não faria mal perguntar ao motorista se ele faria viagens extras... Acontece que ele faz. Não é legal? — Seus olhos brilharam de novo e eu sabia que tinha, de fato, perdido a batalha.

— Não é muito caro?

Ela encolheu os ombros.

— E daí?

A garota veio de uma família rica, cresceu fazendo parte das classes mais altas da sociedade, então é claro que ela não tinha objeção a jogar dinheiro pela janela, ao contrário de mim.

— Vamos lá, *chica*. Por minha conta. — Ela revirou os olhos. — Não que você precise...

Suspirei. Só porque eu herdaria uma propriedade, isso não queria dizer que a herança viria com uma conta bancária para gastar nas noites...

— Brooke... — Seus olhos azuis perfuraram os meus e ela fez beicinho de novo. — Vamos sair, vamos... Só esta noite. Você me conhece. Eu não posso ser *isso*. — Ela sorriu e apontou em torno de si mesma, para a casa deslumbrante e o magnífico cenário, como se tudo aquilo fosse uma coisa ruim. — Eu honestamente não ligo se tiver de rodar muito ou pagar uma enorme conta do táxi. Qualquer boate pequena é melhor do que nenhuma... Por favor.

Aqueles olhos de cachorrinho, de novo... Minha hesitação vacilou porque, em primeiro lugar, eu sabia reconhecer uma causa perdida assim que via uma. E, depois, pensando bem, um pouco de diversão não era assim uma ideia tão ruim. Eu estava solteira, e me encolhi por dentro com esse pensamento, e em um dos pontos turísticos mais famosos da Europa. Tinha desistido do álcool para sempre, mas pelo menos ia poder dançar a noite toda. — Estaremos de volta à meia-noite? — perguntei.

— Claro!

Sylvie deu de ombros e desviou o olhar, que era uma pista evidente de que estava mentindo. Naquele momento, eu soube que não seria capaz de arrancá-la da boate nem com uma alavanca — a menos que os seguranças nos expulsassem.

Com uma estranha sensação de pavor se acumulando na boca do meu estômago, assisti a Sylvie retirando seu celular do bolso e discando o número do cartão. Um momento depois, ela havia combinado o horário e desligado.

Nós ainda não tínhamos desfeito totalmente nossas malas, e ela já tinha garantido uma ida a uma boate local. Isso é que era definir prioridades!

Fomos para dentro e minha amiga começou a vasculhar sua mala, e sentei-me na cama, observando a bagunça que ela estava prestes a desencadear pelo quarto. Logo, as roupas estavam espalhadas por todo o chão e pela cama. E, a julgar pela metade da mala ainda cheia, havia mais por vir.

Lá em casa, Sylvie insistiu que devíamos levar tudo o que pudéssemos precisar, o que, no dicionário dela, era o equivalente a colocar tudo que havia em seu guarda-roupa transbordante e mais o conteúdo de seus armários de banheiro para dentro da enorme mala. Nem é preciso dizer que nós pagamos por excesso de bagagem no *check-in*. No entanto, pelo menos, ela sabia como se vestir. Olhei de boca aberta enquanto saía um vestido de grife após o outro, alguns mal se assemelhando a um vestido, pensando bem. Pareciam mais como pedaços de tecido translúcido, que deixavam quase nada para a imaginação...

— Você precisa transar — disse Sylvie, quando tirou dois vestidos curtos e comparou-os. — E já. Jett pode ter sido um cara gostoso, mas um cara novo é sempre melhor.

De onde diabos ela tirou isso?

— Eu nunca disse que queria transar — respondi, com os dentes cerrados.

— É claro que não. — Ela sorriu, jogou um vestido de lado e, em seguida, pegou outro. — Mas eu sei que você quer. Ou pelo menos é o caminho a percorrer se quiser livrar seu coração dele, de uma vez por todas.

Deixei-me cair contra os travesseiros, enquanto olhava o vestido que ela segurava nas mãos. Sylvie tinha razão. Do jeito dela, mas tinha... Desde que eu voltara da minha viagem com Jett, ela parecia estar se recuperando bem do próprio sofrimento. Se eu queria seguir adiante, tudo o que precisava fazer era ser igual a ela. Esquecer o mundo. E apenas me divertir, mesmo que isso significasse namorar muitos homens dentro de um espaço de tempo muito curto. Ela não era uma vadia. Não dormia com a maioria deles, apenas queria ocupar toda a atenção do sujeito por um tempo e, depois, passar para o próximo. Ela piscou.

— Faça o que fizer na Itália, isso fica na Itália. Prometo que meus lábios ficarão selados.

Ah, Senhor.

Ela jogou o primeiro vestido para mim. Peguei-o no ar.

— Experimente este.

Eu levantei o vestido sem alças e olhei para ele com desconfiança. O material preto era muito macio ao toque, quase sem peso. Era tão apertado e fino que eu não tinha dúvida de que as pessoas veriam minha calcinha, em especial sob as luzes de *neon* de uma casa noturna.

Definitivamente, não era o tipo de vestido que eu teria em meu guarda-roupa.

Em circunstâncias normais, teria me negado a usar algo assim tão ousado, mas hoje era diferente. Eu queria ser alguém diferente e, de preferência, alguém que não me lembrasse de meu velho e chato eu.

O que você quer provar, Stewart?

Ignorando minha mente racional, tirei a calça jeans e a camiseta. Sylvie balançava um par de sapatos pretos, salto-agulha, na frente do meu rosto.

— Não sei se vou conseguir andar neles — disse, entrando nos sapatos mesmo assim. Os saltos eram tão altos que quase caí; precisei me segurar na cômoda para conseguir apoio.

— Você não pode dizer não a Jimmy Choo, menina. Seria um pecado. Além disso, você está gostosa. Se eu fosse um cara, pegava você.

Sua expressão muito séria me disse que ela não estava brincando.

Então, fui me avaliar no espelho grande. Este seria um vestido que eu jamais usaria em casa, mas nós não estávamos em casa. Ninguém me conhecia aqui. Além disso, Sylvie estava certa, eu estava mesmo muito gostosa. O vestido abraçou meu corpo em todos os lugares certos, enfatizando minhas curvas, das quais sempre tive vergonha, até que, na faculdade, percebi que os homens gostavam delas. Os saltos fizeram minhas pernas parecerem mais finas e esguias. Talvez não tanto quanto as pernas de uma modelo de passarela, mas eu certamente conseguia ver os benefícios de usá-los.

— Eu falei... — disse Sylvie, sorrindo. — Agora, vamos chacoalhar esta cidade.

Mordendo meu lábio, balancei a cabeça e desviei o olhar. Como eu poderia dizer a ela que Bellagio não era de fato uma cidade? Mais como uma aldeia. E eu ainda estava por descobrir quão minúscula realmente era.

Capítulo 3

Sentada no banco traseiro do táxi com meus braços cruzados, percebi que a escolha do vestido de Sylvie parecia uma boa ideia num momento de privacidade entre nossas quatro paredes, mas nem tanto em público. Eu ficava puxando a barra, na esperança de que o tecido esticasse, aumentasse o comprimento ou qualquer coisa que pudesse ajudar a sentir-me menos nua.

— Você parece tão gostosona — sussurrou Sylvie, provavelmente interpretando de maneira errada minha inquietação. — Aposto que todos os caras que estão lá dentro do clube vão dar em cima de você, no momento em que passar pela porta de entrada.

Será que eu queria isso?

De verdade, não.

Não sou do tipo que fica buscando atenção ou que espera ficar sob o centro do holofote, porém eu não podia compartilhar isso com Sylvie. Ela não entenderia.

— Não, aposto que todos eles vão dar em cima é de você. — Apontei para seu pequeno vestido preto, que parecia ainda mais curto do que o meu. Ou talvez fosse o efeito de suas pernas sempre tão tonificadas e longas.

— Você acha? — O rosto de Sylvie parecia iluminado como uma vela de Natal. Ela estava impressionante, contudo necessitava ser lembrada disso sempre.

— Eu acho, sim — disse, feliz por não ser mais o tema da conversa.

Saí do taxi e dei com o ar ameno da noite. Meus cachos enquadravam meu rosto e passei as mãos em meus ombros nus, como asas macias de uma borboleta, fazendo minha pele formigar. Club 66 — a única boate nas proximidades — era como uma torre alta, uma construção cuja frente era de vidro. As portas da frente estavam abertas e as débeis batidas de uma canção, que devia ser uma das Quarenta Mais, fluíam no ar. Um cara grande, de ombros largos, ao nosso lado, ficou de olho em nós. Eu não tinha certeza se ele era algum tipo de porteiro, ou se estava apenas por ali, esperando por alguém, acendendo seu cigarro ou vendo se conseguia sinal no celular.

— Isso foi tudo que você conseguiu encontrar? — disse Sylvie, olhando para mim debaixo dos seus cílios pesadamente maquiados.

Encolhi os ombros.

— O que você quer que eu diga? Citando o que você mesma disse, é melhor do que ficarmos sentadas em casa criando raízes. Se você não curte isso, nós ainda temos tempo de, no caminho de volta para casa, pedir uma pizza e assistir algum *reality* na tv.

Na verdade, eu não me importaria caso isso acontecesse mesmo.

Pensei exatamente nisso: sentadas em casa de pijamas, tomando sorvete e assistindo um filme triste, de preferência um daqueles em que o personagem principal fosse um homem e tivesse morrido, porque Jett, para mim, estava bem morto — soava como uma noite perfeita para mim.

Sylvie zombou do que eu disse e caminhou passando pelas portas para o que se assemelhava a uma área de recepção mal iluminada, deixando-me para trás, sorrindo. Para ela, tudo era uma questão de prioridade. Qualquer tipo de casa noturna era melhor do que nenhuma. Às vezes, perguntava-me como conseguíamos ser amigas há tanto tempo, considerando que tínhamos tão pouco em comum.

A recepção da boate servia também para guardar casacos, o que era óbvio pelos casacos pendurados nos cabides e pela moça que entregava as fichas e cobrava a entrada. Sylvie e eu não estávamos usando jaquetas, mas nós pagamos o *couvert* e nossas mãos foram carimbadas. Em seguida, entramos para valer no clube.

Por ser uma das poucas oportunidades de entretenimento para aqueles na faixa de dezoito anos para cima, dentro de um raio de oitenta quilômetros de Bellagio, o salão estava lotado, transbordando com garotas dançando e rapazes que disputavam sua atenção. As paredes estavam cobertas de espelhos. A fumaça de cigarro flutuava no ar, criando uma névoa como um sonho atordoante. Surreal, e também um pouco brega. No meio do salão, havia uma enorme escada levando a um segundo nível que, do meu ponto de vista, na posição em que estava, parecia banhado na escuridão. Identifiquei a música — a mesma batida rápida que tinha ouvido do lado de fora — e ela faria com que qualquer conversa fosse bem difícil. Eu havia me preparado mentalmente para ter uma longa conversa com o silencioso fundo do meu copo, quando Sylvie e eu manobramos ao redor da multidão daquele ambiente, indo para o local preferido dela: o bar.

— Você faz o pedido enquanto eu procuro uma mesa — gritei para Sylvie para que ela ouvisse apesar do forte som de fundo.

— O quê? — ela gritou de volta e, ao mesmo tempo, olhou fixo para sua direita, em que três pessoas trabalhavam atrás do balcão, misturando e servindo em uma velocidade bem rápida. Eu não saberia dizer se ela estava muito fascinada com a perspectiva de ficar doidona ou se a música estava de fato alta demais e ela não poderia ter me ouvido.

Puxando-a pelo braço para chamar sua atenção, inclinei-me para repetir o que tinha dito em seu ouvido e a vi estremecer. Não, não era a música. Era justamente a antecipação de uma noite em infusão de álcool.

Não esperei por sua resposta. Continuei abrindo caminho, passei pela escada em que havia uma corda que definia o andar de cima como área *VIP*, olhei para as mesas e as cadeiras que beiravam a extensão das paredes. Todas elas estavam ocupadas, com exceção de uma mesa. Corri para ela como uma louca, ansiosa por reivindicá-la antes que alguém a visse e chegasse antes de mim. Não me importei quando meu vestido acabou expondo minhas coxas mais do que o aceitável, e caí sobre o sofá de couro batendo o joelho contra a mesa.

Uma dor aguda subiu pela minha perna. Encolhi-me para conter um grito assustado. Senti saudade da minha calça jeans, que teria fornecido uma camada de proteção.

— Você está bem? — perguntou Sylvie, deslizando para meu lado.

Assenti com a cabeça e peguei a bebida de sua mão estendida, percebendo que ela tinha feito um esforço para se lembrar de que eu tinha me afastado do álcool, porque, cada vez que eu tomava um gole, algo de ruim acontecia.

Como por exemplo, acordar seminua na cama ao lado de um homem, que, por acaso, viria a ser meu chefe.

Ou acabar revelando todas as coisas que eu queria fazer com o dito patrão, o que me lembrava de que eu estava sem emprego agora, e provavelmente tinha referências ruins! Isso é que é ser estúpida!

Tomei um gole da minha água com uma fatia de limão, em seguida coloquei o copo sobre a mesa e observei como Sylvie engolia metade de sua Margarita, enquanto procurava potenciais alvos masculinos na área. Meio minuto depois, seu primeiro pretendente abria caminho em direção à nossa mesa.

Desviei o olhar e procurei não prestar atenção nos dois, porque eu sabia que ele certamente não ia me oferecer uma bebida, ou me tirar para dançar, ou qualquer outra coisa assim.

— Tudo bem para você se eu sair para dançar? — sussurrou Sylvie no meu ouvido. — Ele é um gato!

— Divirta-se! — respondi sorrindo para ela, encorajando-a. Em todos os anos desde que nos conhecemos, eu tinha me acostumado com os caras que pensavam que eu era a amiga menos quente, ou seja, aquela mala que a outra tinha de levar, ou até mesmo a guardiã da loura alta e gostosa.

Por alguns minutos, fiquei por ali, ouvindo a música do ambiente; minha mente divagou para o mundo dos negócios imobiliários e para meus planos de vida. Eu estava sem emprego, mas herdaria uma propriedade que valia um bocado de dinheiro. Não que eu nunca tivesse perdido um emprego antes, mas não era meu estilo viver sem uma renda gerada por mim. Assim que eu desse conta de quanto tempo deveria ficar por aqui, sabia que, de um jeito ou de outro, encontraria um trabalho, mesmo que fosse temporário. A barreira da língua poderia ser um problema, mas esperava que na área turística alguém pudesse ter algo para mim que não exigisse as habilidades linguísticas de um italiano fluente.

— Obrigada por guardar nosso lugar — disse Sylvie, deslizando para trás em seu assento. Olhei para ela com seu copo cheio de Margarita na mão. Era, pelo menos, a segunda bebida dentro dos cerca de vinte minutos desde nossa chegada.

— Ei, você deveria ir um pouco mais devagar. Não estamos em Nova York, onde conhecemos o lugar. — Não costumo ser a voz da razão, ou a estraga-prazeres, mas nós estávamos num país diferente.

Ela acenou com a mão e me deu um sorriso deslumbrante.

— Relaxe, Brooke. Você não era chata comigo assim quando ainda enchia a cara de tequila.

Sorri. É verdade, ela estava certa, mas ainda assim... Não havia nada de errado em ser cuidadosa. Melhor prevenir do que remediar, certo?

— Veja aquele gostosão italiano — disse Sylvie, apontando para um cara com uma tatuagem no pescoço e um casaco de couro drapeado jogado sobre o banquinho ao lado dele.

Ele mais parecia um gângster. Não saberia avaliar se ele seria um cara bom de cama ou não. Obviamente eu não tinha os mesmos olhos de falcão de Sylvie, quando se tratava de localizar um atraente espécime do sexo oposto em uma casa noturna mal iluminada. Ao vê-lo de longe, eu mal conseguia distinguir sua altura, seu corte de cabelo, seu jeans rasgado e o que parecia ser um monte de tinta cobrindo seus braços. No meu entendimento, ele poderia estar entre os vinte e os cinquenta anos e era dono de um rosto horrível.

— Ele parece um traficante de drogas — comentei com secura.

Sylvie riu sua mais poderosa risada, como se tivesse ouvido exatamente o oposto do que eu disse e agarrou a taça.

— É hora de me apresentar.

Ah, Céus. Justo ele? Não!

Agarrei-a pelo braço e puxei-a, forçando-a a me encarar.

— Por favor, não vá se meter com gente da máfia daqui. Não quero esse povo batendo na nossa porta ou incendiando a casa no momento em que eles perceberem que você troca de homens como as outras trocam de calcinha. Ele parece um homem problemático e, acredite em mim, tenho um olho afiado quando se trata de detectar problemas — disse, enquanto erguia as sobrancelhas.

Algo brilhou em seus olhos azuis. Primeiro pensei que fosse a constatação de que eu estava certa e, em seguida, sua boca estava pressionada em uma linha apertada e eu sabia que isso era um traço de determinação. Ela estava prestes a tentar provar que eu estava errada.

— Ah, Sylvie, deixe disso. Que coisa mais estúpida.

Revirei os olhos, e Sylvie puxou seu braço.

— Só porque ele parece um bandido não significa que seja um deles. Além disso, não estou interessada em sair com ele. Apenas tomar uma bebida juntos e conversar um pouco. Você sabe, conhecer novas pessoas e talvez melhorar meu italiano.

Sylvie não falava uma palavra de italiano. Durante nosso voo, ela usou seu minúsculo vocabulário de espanhol e francês, tipo *muchas gracias* e *merci* quando falou com a aeromoça.

— Conversar? É mesmo? Preciso lembrá-la que é isso o que você sempre diz? — eu disse, cruzando meus braços sobre o peito e olhando-a com frieza.

— Brooke, fique fria. Eu sei o que estou fazendo. Além do mais, nós estamos aqui para nos divertir. Você bem que podia começar a se divertir um pouco também — ela disse, lançando-me seu sorriso mais tranquilizador, que não significava que tivesse tranquilizado a alguém.

Se há uma coisa que eu posso dizer sobre Sylvie, é que seu gosto para homens é bem parecido com o meu: péssimo. E tendo em vista que eu tinha chegado ao fundo do poço, só rezava para que minha amiga não estivesse tentando me superar...

Ela se inclinou para dar um beijo suave na minha bochecha e então se foi, antes que eu pudesse elaborar mentalmente uma estratégia para mantê-la longe de um homem que poderia ser um possível desastre.

Meus olhos a seguiram no meio da multidão, inclinei-me em minha cadeira e estiquei o pescoço para que pudesse assistir cada movimento de Sylvie, nem que fosse apenas para o caso de ela pedir mais uma bebida. Como se sentisse a loira atrás dele, o cara tatuado virou e, em seguida, já estavam absortos num bate-papo. Apenas em um piscar de olhos. Meu coração apertava-se enquanto eu observava sua linguagem corporal. Ambos se inclinaram um para o outro e Sylvie sorriu para algo que ele disse e, depois, ele também sorriu. A próxima coisa que vi foi os dois na pista de dança e o cara com os braços ao redor dela. Seu corpo estava colado contra o dele e o *DJ* mudou para uma música mais sexy. O tipo de música que a levaria a deixar um cara que você mal conhecia fazer acrobacias com a língua em sua boca.

Meu olhar estava fincado em Sylvie e em sua conquista. Tomei mais um gole da minha água, quando algo fez cócegas em meu pescoço e alguém com uma respiração quente acariciou minha orelha.

— Brooke, que diabos de vestido é esse?

Pulei em meu assento ao ouvir a voz familiar no meu ouvido, então meu coração bateu forte. Virei-me e olhei para cima para vê-lo debruçado sobre mim apenas a alguns centímetros de distância. A maneira como fez meu coração palpitar levou-me a perceber que eu estava longe de terminar com ele.

Capítulo 4

SANTA MÃE DOS MEUS PECADOS!

Que diabos ele estava fazendo aqui?

A pergunta ficou insistindo na minha cabeça e engoli em seco para tentar me livrar do nó na garganta. Não foi só minha garganta que sentiu o aperto, mas todo o resto do corpo, do meu estômago para baixo, como se cada centímetro de mim se lembrasse dos bons momentos que passamos juntos.

Isso, porém, foi antes de eu descobrir que ele estava planejando roubar meu futuro imóvel.

— J... — minha boca abriu e fechou de novo, incapaz de pronunciar seu nome, enquanto meus olhos permaneciam colados aos dele como uma mariposa na luz. Queria correr, queria gritar, mesmo que, na verdade, soubesse que não faria nenhuma dessas duas coisas. Todo meu ser estava ferido demais para reagir, eu estava chocada demais com sua presença.

Não podia ser. Ele não podia estar aqui, porque ele não poderia saber onde eu estava. Ninguém sabia. Respirei fundo para me acalmar, ouvindo um sinal de alerta em algum lugar no fundo da minha mente. Eu estava no fundo de um fosso. Não, eu estava no fundo do mais profundo dos fossos do mundo, porque Jett estava duas vezes mais lindo do que eu me lembrava, e três vezes mais perigoso para meu coração. O ponto fraco que sabia que tinha em meu coração, e em meu abdome, fora ampliado em um piscar de olhos.

Os cabelos escuros que desciam pelo colarinho, os olhos tão profundos e verdes como o pecado, sua camisa branca que só conseguia esculpir e enfatizar ainda mais seus ombros largos e seu peito — o cara era um perigo ambulante para a população feminina. Ele certamente o era para mim. Mesmo que ele tivesse esmagado meu coração, e eu conhecia bem o golpe sujo que ele tentara me pregar, ainda assim eu não conseguia controlar as borboletas esvoaçando em meu estômago. Talvez não fosse meu estômago, talvez fosse outra coisa. Algo me fazia lembrar de seus dedos me explorando e de como me preenchia e me fazia gozar uma e outra vez.

Revirei os olhos, indignada com minha súbita estupidez. Certo, tivemos uma química sexual incrível e ele definitivamente sabia o que estava fazendo, mas fosse como fosse, eu não me sentia disposta a ouvir o que ele tinha a dizer. Aqui ou na cama dele. Mesmo sabendo que queria muito este último item. Muito.

— Você sabe o que vou fazer com cada indivíduo que sequer olhar para você? — ele disse, resvalando seus lábios na minha orelha enquanto sua boca se movia para o canto da minha, o profundo tom da sua voz sulista acariciando cada terminação nervosa de todo meu ser, me fazendo querer...

Inferno! Não!

Pulei para manter-me em pé e para colocar alguma distância necessária entre nós dois, e quase caí sobre a mesa. Meus olhos sustentaram os dele e a música morreu a nossa volta. Toda a sala começou a girar e as pessoas se transformaram em um borrão de rostos e cores distorcidas. Fechando os olhos, agarrei a borda da mesa para me dar suporte e me forcei a respirar fundo até que meu batimento cardíaco abrandasse para um nível suportável. Quando abri os olhos, ele ainda estava ali. Ainda elevando-se sobre mim. Ainda maravilhoso. O salão voltou a girar, meu ressentimento começou a sumir e me irritei comigo mesma. Eu precisava daquela raiva porque ele era um cara do mal.

— Sente-se.

Ele diminuiu a distância entre nós, um profundo cenho franzido que quase apagava a perfeição de tirar fôlego do seu rosto.

Minha mente gritou para que ele ficasse bem longe de mim, mas minha garganta se fechou, incapaz de seguir o comando de meu cérebro. Levantei meu braço para detê-lo. Jett ignorou-o e agarrou meu braço, e então me empurrou para que eu me sentasse de volta em meu lugar. Ele caiu ao meu lado, e estava tão perto que eu poderia muito bem ter sentado em seu colo. Observei-o cheirando o conteúdo do meu copo e o empurrando em minha direção, com certo ar de satisfação por não ser álcool.

— Tome sua água. Você está desidratada.

Seu tom de voz não deixou espaço para discussão. Odiava ter de dar-lhe satisfação ou seguir seu comando, mas me vi tomando um gole atrás do outro até que o copo esvaziasse. Ele o tirou de mim e colocou-o sobre a mesa e, em seguida, virou-se para me encarar com a cabeça inclinada e com a mandíbula firme. Seu impressionante olhar verde vagou por cima de mim, absorvendo-me, fazendo-me sentir completamente nua. Mesmo que as luzes estivessem apagadas, eu podia ver uma contração nervosa debaixo de seu olho direito. A cada momento que passava, ele parecia ainda mais irritado. Cruzei meus braços sobre o peito, desejando estar usando algo mais do que uma fina camada de tecido ao qual Sylvie chamava de vestido.

— Você ainda não respondeu minha pergunta, Brooke — ele disse lentamente, enfatizando meu nome.

Devolvi seu olhar gélido e minha língua por fim ganhou forças para falar.

— Desculpe, você disse alguma coisa? Eu estava muito ocupada tentando descobrir se você estava me perseguindo.

A expressão de Jett escureceu.

— Que diabos você está vestindo? — ele disse.

— Este vestido aqui? — perguntei.

Olhei para a metade dos meus seios expostos e ri. Soou um pouco tenso e nervoso, mas era certo que ele não podia dizer nada em função da alta música de fundo. A música mudou para algo sobre uma garota que não deixaria um cara enganá-la duas vezes. Bufei.

Quão apropriado!

O DJ estava me enviando uma mensagem.

— Tudo bem. Vou dar essa colher de chá para você... — eu disse. — O que há de errado com ele?

— Você está deixando todos os caras de pau duro. Incluindo a mim.

Seus dedos roçaram o interior da minha coxa, subindo até a barra de minha saia, que estava a poucos centímetros da minha calcinha. Ao seu toque quente, o calor imediatamente viajou pela minha barriga e parou entre minhas pernas. Apertei minhas coxas e tentei empurrar a sua mão. Ele não se moveu.

— Talvez “todos os caras” fosse o plano — disse. — Porque eu não planejava vê-lo. Como você me encontrou?

— Quando descobri que você estava na Itália, não foi difícil. Conhecendo você e Sylvie, e tendo em conta que esta é a única boate dos arredores... — ele disse dando de ombros.

Encolhi-me diante de sua audácia. Quem ele pensava que era?

— É sério... Você é um idiota tão arrogante — chiei.

Seu olhar gelado esfriou alguns graus, como se isso fosse possível. Apertei os olhos na esperança de que ele pudesse sentir minha aversão.

— Eu não deixei as coisas claras o suficiente em Nova York? O que havia entre nós está acabado. Siga o seu caminho, saia de perto de mim, Jett. Não quero mais vê-lo.

Se minhas palavras chegaram até ele, ele não reagiu. Nem sequer piscou. Por um segundo, pensei que ele não tivesse me ouvido. Abri minha boca para repetir quando ele levantou a mão e me cortou.

— Olha, eu sei que o que fiz foi uma atitude de merda, mas eu posso explicar. Eu estava tentando protegê-la.

A porcaria da proteção novamente.

— Do que você estava me protegendo? De uma herança que você preferiria ter para si mesmo? — eu disse, revirando os olhos. — Por favor, poupe a si mesmo de mais um constrangimento como esse. E me deixe em paz, porque não estou disposta a engolir suas mentiras.

Sua mão agarrou meu braço de maneira tão rápida e firme que até estremeci. Ele se aproximou tanto do meu rosto que eu até podia sentir sua respiração em meus lábios.

— Ouça aqui. Eu não quero a propriedade Lucazzone. Houve uma época em que eu até queria sim, mas isso mudou depois que encontrei você naquele bar e nos conhecemos melhor.

Havia algo em seus olhos, um brilho, que me pediu para acreditar nele, uma chama que me obrigou a procurar, ao longo de nossa história, sinais de que ele não tinha tentado me enganar o tempo todo.

— Foda-se, Jett.

Ele estava tão perto, apenas a uma polegada de distância de mim; eu mal podia respirar. Eu precisava sair dali, ir para longe dele, sair daquela situação. E ainda assim permaneci sentada, com ele puxando meu braço, apesar de seu aperto estar começando a me machucar.

Como se tivesse percebido meu desconforto, Jett afrouxou o aperto, mas não me soltou.

— Eu sei que você não confia mais em mim e não posso culpá-la por isso. Em seu lugar, eu, provavelmente, também não confiaria em mim, mas isso é sério, Brooke. Você não sabe onde está se metendo — ele disse.

Seu tom de voz calmo e seu olhar penetrante enviaram um arrepio por minha coluna. Em algum lugar no fundo da minha mente, percebi que ele tinha dito exatamente essas mesmas palavras antes, e a lembrança disso deixou-me desconfortável. Sem mencionar que ele conseguiu ativar minha curiosidade.

— Proteger-me de quem? — perguntei.

Quase me engasguei com minha ironia. A situação toda parecia saída de um filme de Hollywood. E ainda assim, eu não ria. Talvez fosse a expressão de seriedade em seu rosto. Ou a maneira como seu polegar roçava minha coxa, tanto me acalmando como deixando minha pele em chamas. Ou sua voz, que transmitia uma magnitude e um significado que, de alguma maneira, eu parecia não conseguir entender.

— Isso é complicado — disse Jett, hesitante. — Vamos sair daqui e eu lhe contarei tudo o que sei.

Ele quase me pegou.

Bufei de minha própria idiotice. Ele estava jogando com minha mente de novo, e esse era apenas mais um ardil para que ficássemos a sós e ele pudesse me seduzir ou obter o que quer que estivesse precisando.

— Nada disso — eu disse.

— Tudo bem. Nada de encontros. Somente um café da manhã, ou qualquer coisa que você queira — disse Jett.

Ele arqueou uma sobrancelha e um brilho de diversão iluminou seus olhos. Verdes como o pecado, o tipo de pecado no qual eu não via a hora de mergulhar meu corpo. De jeito nenhum eu ficaria sozinha com esse cara, em qualquer lugar que fosse.

— Qual é o seu medo, senhorita Stewart? De que não seja capaz de resistir a mim?

Ah, Deus.

Como pude me esquecer de que ele tinha um ego tão inflado? Mordi meu lábio com força para não rir, não porque aquilo fosse engraçado, mas porque ele estava tão certo... Eu não seria capaz de resistir a ele. Não somente por ele ser tão sexy, também porque ele sabia o efeito que causava nas mulheres, e isso nunca é uma boa combinação. Jett ergueu uma sobrancelha em desafio.

— Você não é um presente divino para a população feminina, meu caro — respondi. Eu odiava ter de admitir, mas meio que ele era, sim. Pelo menos sua boa aparência era. Não tinha certeza sobre seu caráter de merda. — Vou lhe conceder cinco minutos para um café, só para explicar, e isso é tudo. E então você me deixará em paz. Combinado?

Ele pareceu considerar minha sugestão por alguns instantes. Senti meu coração acelerar de novo ao verificar quanto eu o apreciava. Mesmo que eu estivesse soltando fumaça de raiva e soubesse que as cicatrizes da traição que ele me fizera levariam anos para se curar, se um dia se curassem, não consegui evitar que uma bolha de felicidade crescesse em meu peito. Agora que o choque ia perdendo seu efeito, eu estava feliz em vê-lo.

— Será um jantar — ele disse.

Ri de sua expressão confiante e do brilho divertido em seus olhos. Ele, é obvio, pensou que eu aceitaria. O cara, definitivamente, precisava de uma lição.

— Um almoço, essa é minha oferta final. É pegar ou largar — eu disse.

— Você maneja as negociações de maneira dura, senhorita Stewart — disse Jett.

— Eu sou conhecida por minhas habilidades de negociação — respondi com orgulho de mim mesma.

— Inclua uma bebida e uma dança hoje, e terá seu acordo — disse Jett.

Ele umedeceu os lábios, sua língua deixou um rastro úmido. Olhei para ele por um longo momento, maior, inclusive, do que deveria, incapaz de desgrudar meus olhos.

— Hoje eu não estou bebendo — respondi.

Sua perna roçou minha coxa. Era apenas uma polegada de distância, mas o suficiente para me lembrar de quão perto estávamos sentados um ao lado do outro. Minha respiração parou e as paredes começaram a cair, se fechando sobre mim. O ar estava quente demais para respirar.

— Uma dança, então. E eu escolho a música — ele disse, e depois sorriu.

De jeito nenhum eu deixaria que Jett escolhesse uma maldita música. Ele provavelmente escolheria algo lento e sexy. Algo que convidaria a uma dança erótica. Aquilo seria algo muito pessoal, para não mencionar que seria ainda a última coisa que meu autocontrole prestes a desmoronar precisava.

— Eu escolho a música — eu disse com decisão.

— E que tal nos retirarmos para a área *VIP* e ninguém escolher a música?

Balancei a cabeça, negando.

— Nós ficaremos aqui, na pista de dança, onde qualquer um possa nos ver — eu disse.

— Por mim tudo bem, Brooke. Eu sempre deixei tudo público, e fico feliz em saber que posso dar-lhe esse gostinho. — Sua voz era baixa e rouca, seu olhar intenso, o brilho da ironia se foi, não deixando espaço para erros de interpretação.

Ah, Deus.

As maçãs do meu rosto se inflamaram, enquanto meus pensamentos me levaram de volta para o momento em que fizemos sexo na margem do lago Como, em que as pessoas poderiam ter nos visto. Deixei-me conta de que tinha acabado de aceitar o acordo mais estúpido do mundo e provavelmente consegui inflar ainda mais seu ego. Em breve isso cresceria em proporções monstruosas e ele precisaria de uma escavadora gigante para empurrá-lo porta afora.

— Vamos dançar antes que eu mude de ideia — eu disse. Pelo menos ele não escolheu a música.

Jett levantou-se e estendeu a mão para ajudar-me a levantar. Eu coloquei minha mão na palma da mão dele agora estendida, tentando disfarçar o choque elétrico que atravessou meu braço devastando meus nervos.

Enquanto ele avançava pelo salão lotado, abrindo caminho para mim, fiz uma varredura com o olhar pela pista de dança e pelo bar tentando ver se Sylvie não estava à vista. Ela já tinha “decolado” com o cara da tatuagem.

Inacreditável!

Meu humor despencou.

A pista de dança estava lotada, mas não a ponto de um cara estranho tocar em você. As luzes de *néon* sobre nossas cabeças piscavam com a batida da música, banhando-nos em um brilho branco, induzindo-nos a uma crise de convulsão. Acima de nós eu podia ver a escadaria que levava até a área *VIP* às escuras; à nossa direita, vi o que parecia uma cabine de *DJ*. Jett se virou para mim, mas não se mexeu. Franzi a testa, perguntando a mim mesma que diabos ele estava esperando.

A música era mais alta aqui. Inclinei-me para gritar para que ele pudesse ouvir acima do som.

— Uma canção, Mayfield, e só isso, nada mais. Não me toque, não faça nenhum movimento engraçadinho. Ou eu caio fora.

— O quê? Você acha que não posso manter minhas mãos longe de você? Claro que não, *baby*.

Como que para provar seu ponto de vista, suas mãos se moveram para minha bunda e ele me puxou contra ele. Equilibrava-me no meu salto dezoito que mal me deixava na altura de seu queixo. Sua mão forçou o meu rosto para cima até que nossos olhares se entrelaçaram. Seus lábios se aproximaram dos meus, queimando minha pele com seu hálito quente. Por um momento pensei que ele fosse me beijar, mas ele parou ali, deixando-me querendo e temendo seu beijo.

— O que você está fazendo? — consegui perguntar mesmo com a respiração irregular.

— Esperando pela canção certa. Vou fazer o melhor nesta primeira e única dança — ele disse.

A música abrandou um pouco quando o *DJ* fez um anúncio em italiano. Eu olhei em volta, confusa, perguntando-me o que estava acontecendo. Um instante depois, a metade das pessoas deixou o espaço da pista e outras pessoas se juntaram a nós. A maioria era casal. Percebi que o *DJ* estava prestes a mudar a música. Maldição! Eu me sentia confortável com a música bem acelerada que estava tocando antes.

— O que foi que ele disse? — perguntei para Jett, franzindo a testa.

Seus lábios se curvaram em um canto, mas ele não fez nenhum esforço para explicar quando a música mais acelerada se transformou numa música tão diferente. Uma canção de amor. Gemi por dentro.

Ótimo! Ótimo!

Jett deveria estar em seu dia de sorte.

— Isto tem mais a ver com a gente — ele sussurrou, enquanto me puxava para mais perto, tão perto que eu quase poderia sentir seu batimento cardíaco.

Eu conhecia essa canção e imediatamente desejei não ter concordado em dançar com ele. A cantora começou a cantar algo sobre o amor que nunca morre. Fica lá. Espreitando pelas fendas mais profundas, contornando o passar do tempo, ressurgindo uma vez mais, mais forte do que antes. Era apenas uma canção, ainda que bem estúpida. Escolhi ignorar a letra e deixar a melodia me levar.

Aquilo tudo estava tão lento e sexy, o jeito como meu peito tremia contra o de Jett, a forma como o corpo dele começou a se mover de encontro a mim, seu quadril se amoldando ao meu, sua respiração fazendo cócegas em meu rosto, levando meu coração a bater a mil. Eu queria sair correndo, mas, mesmo assim, não podia me mover, como se ele tivesse me enfeitiçado e me congelado em seus braços para sempre.

Enquanto a música nos puxava, nossos corpos se moviam em harmonia. Inalei seu perfume — uma mistura de loção pós-barba viril e mais o cheiro dele — e então deixei seus braços me envolverem, apertando-me para tão perto dele que eu mal podia respirar. Talvez fosse a reação por causa do perfume que ele exalava, ou a maneira como aquelas mãos me possuíam, não sei, mas algo nele me deixou mais selvagem e ousada. Senti novamente seu corpo contra o meu, roçando, e minha mente se dissolveu no nada, enquanto nossos corpos se fundiram na batida quente da música. Eu não sei por quanto tempo nós ficamos dançando, agarrados um ao outro, nos querendo, nos possuindo. No momento em que a música parou, eu tinha perdido a noção do tempo, tinha perdido a noção de mim mesma. Havia me esquecido do porquê de estar tão chateada com ele. Tudo o que importava era que nunca tinha me sentido tão bem nos braços de alguém.

— Seu perfume é maravilhoso. É como rosas selvagens na brisa de uma noite quente de verão — disse Jett em meu ouvido, enquanto me levava pelo meio da multidão para voltar à mesa.

Desviei meus olhos para que ele não percebesse quanto suas palavras afetaram meu coração, agora tão sentimental. Que mulher não gostaria de ouvir que seu cheiro se parecia com o das rosas?

Chegamos à mesa e Jett me puxou contra ele, obrigando-me a encontrar seu olhar enigmático.

— Brooke — ele disse, depois parou, hesitando, como se quisesse dizer alguma coisa, mas não conseguisse se decidir se queria continuar falando ou não. Nós nos olhamos em silêncio, saboreando a presença um do outro. Por fim, ele continuou a falar o que tinha começado, embora eu pudesse dizer, pelo ar velado em seu rosto, que aquilo não era tudo.

— Desculpe-me — ele disse.

Seus olhos pareciam tão sérios que minha respiração ficou presa na garganta. Nenhuma palavra poderia transmitir tanto e tão pouco. O que eu deveria dizer? Que eu acreditava nele e que tudo estava bem, quando não era a verdade? Seria uma mentira, porque eu não acreditava mais nele. Eu não confiava nele.

Jett apertou minha mão com suavidade enquanto me pedia desculpas e isso era muito, isso era demais. A dor da picada da decepção tomou conta de mim. Puxei minha mão, dando um passo para trás para colocar o espaço físico necessário entre nós. Esta canção estúpida! O amor não deveria machucar assim.

Seus olhos perfuraram mais profundamente minha alma, cortando em meio às camadas de mágoa e de desconfiança. Eu podia senti-lo em meu coração e em cada fibra do meu ser.

— Eu sei que você não confia em mim, Brooke, e estou pronto para lhe dar o máximo de tempo que você precisar, só não se afaste de mim. Dê-me uma chance para provar que estava dizendo a verdade.

Seu olhar era tão intenso que eu me encontrei assentindo. Eu queria recuperar a confiança nele, não para voltarmos a ficar juntos, mas porque eu sabia que, no fundo, ele não era uma má pessoa.

— Há uma estação de ônibus em frente à boate. Encontre-me lá amanhã e eu lhe explicarei tudo — ele disse.

— Tudo bem — eu disse com relutância, já lamentando minha decisão. — E não quero mais saber de mentiras, Jett.

Ele respirou fundo e sorriu aquele deslumbrante sorriso torto, que sempre conseguia levar minha pulsação a mil.

— Prometo a você que vou falar a verdade e nada mais que a verdade.

— Agora vá — eu disse. — Não quero que Sylvie nos veja juntos, porque ela pode optar por querer arrancar sua cabeça a mordidas. — E então, certamente, eu ia sentir saudades daquele rosto lindo, mas isso eu não acrescentei. Jett não precisava saber quanto ele ainda me afetava. Seu rosto se anuviou.

— Não vou deixá-la...

— Eu ficarei bem, Jett. Nunca estive melhor. Agora vá, ou eu caio fora em relação ao acordo — eu disse. Infundi no meu tom de voz toda determinação que pude reunir.

Eu sabia que parecia hostil, mas não queria que ele tivesse uma ideia errada. Jett podia ser um cara teimoso, mas eu também era. Eu não estava a fim de passar a noite com ele e correr o risco de me envolver mais profundamente nessa bagunça, antes que ele me contasse sua parte na história.

Inúmeras emoções, variando de aborrecimento para teimosia, atravessaram todo o rosto dele e, então, tudo se acalmou em conformidade. Obviamente, ele era um cara inteligente e sabia quando recuar.

— Estação de ônibus. Meio-dia em ponto — ele disse. Seus dedos passearam no meu braço e depois pararam sob meu queixo, e por um momento, eu pensei que ele fosse me beijar.

Segurei minha respiração antecipando o toque íntimo de seus lábios nos meus, mas isso não aconteceu. — Por favor, cuide-se. E Brooke...

Levantei minhas sobrancelhas, mal conseguindo respirar.

— Sim?

— Ligue esse maldito telefone agora. Não quero ter de lembrá-la novamente. — Seu tom era duro, com uma leve sugestão de ameaça, porém muito sexy.

Abri minha boca para dizer-lhe onde enfiar seu autoritarismo, mas ele já havia se afastado, tendo deixado a última palavra, como sempre. Sem fala, vi seus largos ombros se afastarem até que ele foi engolido pela multidão. Somente depois que me sentei é que pude perceber que ainda estava segurando minha respiração e que meu coração estava batendo como louco. E aquilo que detectei nos olhos dele, foi uma pitada de decepção?

Suspirei, e puxei meu telefone para fora da bolsa, lutando contra o desejo de ter de dar-lhe o braço a torcer. O que ele faria comigo se eu desafiasse sua autoridade? Meu coração pulou em relação às inúmeras possibilidades que inundaram minha mente, e meu estômago se apertou com a antecipação de todas e de cada uma delas.

Será que eu queria descobrir o que ele tinha em mente?

Claro que não. Já tínhamos terminado. Então, finalmente, eu liguei o telefone, depois de deixar a poeira assentar um pouco.

Vinte minutos mais tarde — tempo suficiente para acalmar meus nervos — Sylvie se juntou a mim na mesa, com seus olhos azuis cintilantes e seu rosto brilhante. Ela colocou outro copo de água na minha frente e caiu em seu assento.

— Obrigada. — Apontei para o copo e olhei-a cuidadosamente, tentando me esforçar o máximo para manter minha expressão o mais indiferente possível.

— Gostei de ver! Estou feliz por você ter encontrado alguém — disse Sylvie.

— O que você está querendo dizer? — perguntei, olhando por cima do meu copo, assustada.

Será que ela viu Jett? Ah, meu Deus. Eu ainda não estava pronta para explicar, porque não sabia exatamente o que dizer.

Ela apontou para um persistente cara perto de onde estávamos. Ele estava parado lá esperando por alguém durante os últimos dez minutos, e passara a olhar justamente para nosso lado naquele instante.

— Não, não é nada disso que você está pensando — eu disse, fazendo uma careta, incapaz de esconder meu aborrecimento.

— Não? — respondeu ela, levantando uma de suas sobrancelhas maliciosamente. Optei por ignorar o sorriso irritante no rosto dela e mudei de assunto.

— E aí, divertiu-se?

— Peguei o telefone dele. — Ela acenou com o próprio celular e riu.

E então começou a me contar tudo sobre o cara. Por mais que eu tentasse prestar atenção no jorro de palavras, fiquei divagando, seguindo meus pensamentos que me dirigiam para aqueles olhos verdes e para um sinal de alarme que tinha conseguido me dar um desconforto maior.

— Ei — eu disse, cortando Sylvie. — Estou muito cansada. Já é tarde.

Talvez fosse o tom inquietante da minha voz que conseguiu ultrapassar o véu do álcool e dos hormônios em fúria, mas Sylvie parou instantaneamente de falar e sua expressão se tornou séria.

— Você está bem?

— Sim, claro — respondi, dando-lhe um meio sorriso hesitante. — Só estou cansada.

— Tudo bem. Vou ligar para nosso motorista para ele vir nos apanhar mais cedo.

Balancei a cabeça e murmurei “obrigada”, enquanto a seguia para fora, para a noite estrelada. Do lado de fora, os inúmeros rostos desconhecidos só conseguiram ampliar minha inquietação, eu mal podia esperar para chegar em casa.

Capítulo 5

Passei a noite toda me virando e revirando, sempre despertando com a presença de Jett em meus pensamentos. Quando deram sete horas da manhã no relógio, andei na ponta dos pés até a ampla sala de estar, passando pela porta do quarto de Sylvie.

Suaves raios solares entravam pelas altas sacadas das janelas, banhando o ambiente com um brilho dourado vibrante. Abri a porta da varanda e deixei entrar o ar puro do campo e o som do canto dos passarinhos. A água azul clara do lago brilhava. À distância, eu podia ver dois barcos à vela, provavelmente madrugadores como eu, incapazes de dormir por algum motivo. Respirei fundo e soltei o ar lentamente, curtindo cada minuto da natureza, coisa que jamais experimentara em Nova York. Tudo parecia um sonho nesta bela casa, nesta bela ilha. Eu não tinha certeza se queria ir embora. Pelo menos não por enquanto.

Tanta coisa havia acontecido nessas últimas quatro semanas. Começando pela transferência para a empresa de Jett. Meu acordo sexual com ele, que se transformou em outra coisa. Depois o testamento de Alessandro e, em seguida, as segundas intenções de Jett. Foi preciso somente um mês para mudar todo o meu mundo?

Jett tinha me ferido tentando me usar para colocar as mãos na propriedade, mas mesmo assim eu não podia negar o fato de que nós dois tínhamos uma química incrível. O tempo que passamos juntos foi um dos melhores da minha vida — eu fui verdadeiramente feliz. Em algum momento, com sinceridade, pensei que pudéssemos viver juntos. Ele foi o primeiro homem a criar tanta contradição dentro de mim: amor e ódio. Desejo e desprezo.

Eu tinha pensado em sair de fininho me esgueirando para bem longe dele e colocar tempo e distância entre nós, para que eu pudesse me recuperar. No entanto, ele conseguiu estilhaçar todas as minhas esperanças em um piscar de olhos. Mesmo que a relação entre nós estivesse de fato terminada e eu não tivesse nenhuma intenção de reacender nosso romance, eu havia ficado feliz em vê-lo. Isso era errado em todos os sentidos da palavra, mas eu não podia fazer nada. Depois de vê-lo de novo na noite passada, já não tinha ideia de onde eu me posicionava em termos de sentimentos. Era certo que eu não queria descobrir. Ele podia derrubar minhas defesas com muita facilidade. Quebrar minha resolução e me fazer me entregar ao meu insensato coração. Ele não valia a pena, nem a dor, nem o sentimento de culpa se eu me deixasse levar... No final, eu sabia que ia acabar mal de novo. Com seus olhos verdes e seu corpo forte, ele possuiu meu corpo, mas eu não permitiria que ele possuísse meu coração nem minha alma.

No momento em que fechei as portas e me dirigi para a cozinha, os veleiros já estavam bem longe, meu estômago roncou lembrando-me que eu não tinha comido nada desde a noite anterior. Abri os armários da cozinha, e olhei para dentro deles para me familiarizar com o conteúdo. Seja lá quem tivesse feito compras, tinha abastecido de tudo, desde frutas e legumes frescos, pão, bacon até queijo, provavelmente esperando ou acreditando que Sylvie e eu soubéssemos cozinhar. Sylvie mal sabia como fazer uma omelete e eu não era muito melhor do que isso. Assim que enchi o filtro de café a campainha tocou, assustando-me. Meu coração começou a martelar no peito e certamente não porque estivesse com medo. Eu não tinha contado para Jett que estava hospedada na propriedade Lucazzone, mas por algum motivo eu esperava vê-lo aqui. Meio que esperava que isso acontecesse. Quando abri a porta e percebi que era Clarkson, não tive como esconder minha cara de decepção.

Forçando minha boca em um sorriso, fiz um gesto para ele entrar. Vestido com um terno, ele parecia ter vindo direto do escritório, e a julgar por sua expressão séria, ele obviamente pensava que sete horas

da manhã era um bom horário para uma reunião de negócios.

— Bom dia, Brooke — disse Clarkson. Ele sorriu e seu olhar esquadrinhou meu roupão de banho. — Eu espero não ter despertado você.

Ignorei a vontade de pedir que ele voltasse mais tarde — de preferência quando eu estivesse de banho tomado e já vestida, e quando Sylvie já tivesse se recuperado de sua ressaca. Em vez disso, envolvi meu roupão mais apertado em volta do meu corpo e decidi mentir.

— Não, eu já estava acordada fazia tempo. — Minha voz soou um pouco rouca pela falta de sono, mas você poderia atribuir isso a qualquer coisa: desde a uma dor de garganta até a uma discussão aquecida na noite anterior. Fui para a cozinha, esperando que ele me seguisse. — Você aceita um café? — perguntei.

— Eu adoraria — ele disse.

— Com creme? Açúcar?

— Não, obrigado. Tenho de manter meu nível de colesterol saudável — respondeu.

Ele riu brevemente e eu sorri de volta, porque era a coisa mais educada a fazer. Isso sempre me intriga, quando as pessoas respondem dessa maneira. Não há nada de engraçado sobre você se preocupar com sua saúde, então por que você ia rir disso? Abri o armário e me ergui na ponta dos pés para alcançar uma caneca e enchê-la com café bem quente e, em seguida, entreguei a ele.

— Por favor, sente-se — eu disse. E indiquei a mesa de mogno polido. Ele se sentou e eu o segui, escolhendo colocar minha cadeira bem na frente do advogado. Minha mão estava em volta da minha caneca de café preenchida pela metade, mas eu não tomei nenhum gole, esperando que ele fizesse isso primeiro.

— Hoje o dia está tão bonito — disse Clarkson. — Espero que você e Sylvie estejam se divertindo em sua estadia por aqui. Ela ainda está dormindo?

Parecia uma pergunta inocente, mas por alguma razão me encolhi interiormente. Eu não gostava quando ele fazia perguntas sobre ela. Ele tinha o dobro de sua idade e isso parecia esquisito. Muito pessoal.

Talvez estivesse tentando ser educado, como a maioria dos britânicos que conheci.

— Como está o senhor Lucazzone hoje? — perguntei.

Particularmente, nunca fui muito boa em mudar de com graciosidade ou de manter uma conversa fiada. Felizmente, Clarkson não pareceu se importar.

Ele inclinou a cabeça e sua expressão mudou com a testa franzida.

— Eu o vi ontem à noite e ele estava melhor do que na maioria dos dias anteriores. Sua saúde, porém, está declinando com rapidez. Tenho receio de que não vá durar por muito mais tempo, Brooke — disse Clarkson. Seu tom estava mergulhado em preocupação e eu me perguntei se ele e o velho seriam muito próximos.

Eu estava prestes a dizer que sentia muito quando Sylvie entrou na cozinha vestida com um roupão de banho semelhante ao meu, a única diferença é que ela parecia mais gostosa. Seu cabelo loiro estava amarrado em um rabo de cavalo no alto da cabeça e seus olhos azuis, embora manchados por sombras escuras, pareciam cintilantes e energizados. Eu não tinha ideia de como Sylvie conseguia isso, quando eu, em contrapartida, me sentia como se tivesse sido atropelada por um trem, e sem tomar uma gota de álcool sequer...

À vista de Clarkson, os olhos de Sylvie arregalaram-se. Eu quase podia ouvir seus pensamentos. *O que ele está fazendo aqui tão cedo?* Acenei para que ela se aproximasse e coloquei minha caneca de café em suas mãos, não que ela precisasse.

Os olhos de Clarkson estavam fixos nela e ficaram ali por um bom tempo. Mordi meu lábio com força e implorei que meu cérebro pensasse em algo — qualquer coisa — para interromper aquele silêncio desconfortável, mas, como de costume, meu cérebro se mantinha-se surpreendentemente em branco quando se tratava de conversa fiada.

— Bem, deixarei que as senhoritas se vistam — disse finalmente Clarkson. — O senhor Lucazzone deseja vê-la hoje. Se você puder estar pronta em meia hora, eu ficaria mais do que feliz de levá-la para o hospital. — Seu tom de voz parecia amigável, mas acreditei ouvir uma clara determinação na sua maneira de expressar-se, uma força que não permitia nenhuma objeção. Ele sorriu, e então percebi que provavelmente meus pensamentos eram o produto do excesso de análise das coisas, como sempre fiz. Assenti e segui com Sylvie escada acima.

Clarkson estacionou o carro no estacionamento de visitantes do hospital e nos dirigimos para o lindo e discreto edifício. Com sua fachada amarela, teria se misturado facilmente com os outros edifícios da rua se não fosse pelas portas de vidro de dupla espessura — por causa da segurança — e das grandes janelas. Como muitas clínicas na Itália, essa era uma instituição privada de dois andares, seis quartos em uma área isolada de Bellagio, e se encontrava não muito longe da margem do lago. O lugar era um paraíso sanitário e cirúrgico para os ricos que estavam na eminência de deixar este mundo. Quando entramos e caminhamos pelo corredor, fomos recebidos pela visão de cadeiras de couro macio, buquês de flores em cada mesa e uma música suave que saía de alto-falantes invisíveis. As sorridentes enfermeiras, em seus uniformes de linho verde, empurravam seus pacientes em suas cadeiras de rodas ao longo dos corredores até o deslumbrante jardim que dava de frente para o lago. Sylvie e eu esperamos perto das portas abertas do terraço, enquanto Clarkson anunciava nossa presença para a recepcionista.

Seguimos Clarkson para o segundo andar e pelo amplo corredor, passando por várias portas fechadas. Meu estômago estava apertado e minha respiração começou a falhar. Estava nervosa por finalmente conhecer Alessandro Lucazzone, e também nutria forte antipatia por hospitais, a ponto de ter um ataque de pânico. O cheiro do desinfetante e de doença me fazia lembrar muito minha irmã. Antes de morrer, ela havia sido hospitalizada por meses, durante os quais a visitei muitas vezes, sempre me esforçando para manter um rosto de coragem e esperança e uma falsa fachada de normalidade. Com meus treze anos, entendi a importância de manter os muros de proteção que nos escudam, e à nossa família, diante de um viciado em drogas, fosse uma irmã ou uma filha. Tentei ver o lado positivo de nossas visitas e, na minha fantasia juvenil, o hospital era — com seus aromas repugnantes e assustadores e suas paredes brancas — um porto seguro que ajudaria minha irmã a ficar bem. A impressão se quebrou quando Jenna morreu e, de tristeza, meu pai se matou. Em suas últimas horas, enquanto ele estava ligado a vários tubos e máquinas, os lençóis brancos ficaram encharcados com as lágrimas da minha mãe e o quarto ecoava orações inúteis que não o manteriam vivo. Foi quando eu me dei conta de que hospitais são lugares de morte. Você vai até lá para visitar seus entes queridos antes de serem tomados de você para sempre; a vida pode ser perdida em um piscar de olhos.

Eu havia conseguido evitar entrar em hospitais desde que meu pai falecera, mas mesmo com o passar dos anos não tinha como minimizar as memórias do meu medo impotente das orações intermináveis que não são ouvidas.

— É isso, aqui estamos — disse Clarkson, apontando para a porta fechada.

Respirei fundo para acalmar meu coração, que estava muito acelerado e passei a mão, meio que a enxugando, sobre o tecido da minha saia na altura do joelho. O que eu diria a esse estranho que nunca vira antes, e que ainda por cima havia decidido deixar toda sua herança para mim? Dizer “obrigada” daria um sentido errado, porque, mesmo que eu estivesse grata, não queria que ele pensasse que herdar o que lhe pertencia era tudo o que importava para mim.

— O senhor Lucazzone deseja falar a sós com a senhorita Brooke — disse Clarkson para Sylvie.

— Você ainda tem tempo para sair correndo — sussurrou Sylvie para mim, ignorando o advogado. Sorri debilmente diante dessa tentativa de infundir um pouco de humor para aliviar a tensão.

— Pronta?

Clarkson assentiu com a cabeça encorajando-me e bateu duas vezes; então, a porta se abriu e ele deu um passo para o lado. Umedeci meus lábios ressecados e entrei no quarto, deixando Sylvie do lado de fora.

Capítulo 6

O velho estava sentado em uma cadeira de rodas perto da alta janela que dava vista para os jardins, a cabeça apoiada em um travesseiro, as mãos cheias de veias da cor de um pergaminho apoiadas em cima de um cobertor. Naquele sol brilhante, a imensa brancura de seus ossos brilhava sob a pele fina, criando um contraste poderoso com a tonalidade arroxeadada dos lábios. À sua direita, estava uma mulher de meia-idade, em um uniforme verde pálido, com os cabelos pretos com mechas cinza-prateadas amarrados na nuca. Uma enfermeira, pensei, e ainda assim seu olhar parecia demasiado protetor, hostil mesmo. Soube imediatamente que nós não seríamos amigas.

Quando a porta se fechou atrás de nós, o velho moveu a cabeça, seus olhos azuis brilhantes tão afiados quanto gelo. Cheguei mais perto com as pernas tremendo, parando a poucos centímetros dele, sem saber se falava ou deixava Clarkson assumir a liderança. Minha língua se agitou nervosamente sobre meus lábios ressecados, e não foi só por causa da minha paranoia dos hospitais. Foi porque Alessandro Lucazzone decidiu falar comigo.

— *Signorina* Stewart. Brooke.

Apesar de sua idade avançada, sua voz ainda estava clara e forte, como a de um homem com metade de sua idade, e não combinava com aquele corpo envelhecido. Ele me olhou com atenção e um sorriso genuíno iluminou seu rosto, apagando minha inquietação em conhecê-lo.

— Como está, senhor? — Inclinando-me para ele, peguei os dedos estendidos e deixei que ele beijasse o dorso da minha mão. Seu aperto era frio e seco, mas não desagradável.

— A minha sobrinha tão bonita. Já me sinto melhor — ele disse, num inglês com forte sotaque, liberando minha mão.

Sorri timidamente. Mesmo que as palavras do homem fossem esparsas, seu tom de voz era quente e acolhedor. Não estranho, apenas amigável, fazendo-me sentir como se eu fosse da família. Uma sensação que eu não sentia desde que Jenna e meu pai morreram. O brilho de orgulho nos olhos mostrava exatamente quanto significavam suas palavras. Alessandro era gay, tinha se casado com minha antepassada apenas por dinheiro. Ou talvez ele a tivesse amado, à sua maneira. Eu não sabia, e mesmo que soubesse, não era meu papel fazer julgamentos. Tudo o que importava era que minha presença o fez sentir-se melhor, porque ninguém merecia sofrer.

— Obrigada por me convidar.

Olhei da enfermeira para Clarkson na esperança de que um dos dois pudesse traduzir o que eu tinha acabado de dizer, caso ele não me tivesse compreendido. No final, Alessandro deixou claro que me entendera perfeitamente.

— Alessia, traga-nos chá. — Ele acenou de maneira assertiva para a enfermeira e a observou enquanto ela passava pela porta, e então fez sinal para que Clarkson chegasse mais perto. O advogado colocou seu ouvido ao lado da boca do velho, mas no silêncio do quarto eu podia ouvir sua voz sussurrar: — Dê-me alguns minutos com ela.

Clarkson assentiu com a cabeça e me olhou por cima do ombro. Desviei o olhar às pressas, embora soubesse que ele tinha me pegado ouvindo.

— Vou esperar do lado de fora — disse o advogado, antes de fechar a porta atrás de si, deixando-nos sozinhos.

— Por favor. — O sotaque do velho era pesado quando deu um tapinha na cadeira ao seu lado, oferecendo-me um assento. — Nós não temos muito tempo. Alessia voltará logo e ela não vai nos deixar em paz de novo.

Dei a volta em torno do velho e me sentei, sem saber o que dizer.

— Você me faz lembrar a minha querida esposa, Henrietta — Alessandro começou. — Você é igualzinha a ela. Queria que as duas tivessem se conhecido. Ela teria adorado você, porque sempre quis ter uma filha. — Seus olhos embaçaram, lembrando das coisas enquanto viajava de volta no tempo. — Ela era tão forte e gentil. Tão linda por dentro e por fora.

— Sinto muito pela sua perda — sussurrei, após o repentino nó na garganta, mas Alessandro parecia não ter ouvido. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Ela morreu há dez anos, mas eu me lembro de Henrietta como se fosse ontem. Ela amava a mansão. Às vezes, essa é a única coisa de que me lembro, mas não conto a ninguém, porque se o fizer, tudo estará perdido. — Seu olhar focou em mim e, por um momento, seus olhos voltaram a ficar afiados. — Você é minha única herdeira, Brooke. E não deve vender esse imóvel, e jamais o faça para as pessoas erradas.

Esse era o momento certo para assegurar-lhe de que eu nunca faria isso. A propriedade certamente não possuía para mim o valor emocional que tinha para ele, mas eu tinha respeito suficiente para atender aos desejos de um homem moribundo enquanto eu vivesse. E, no entanto, por mais que meu coração quisesse falar com ele, para garantir-lhe minhas boas intenções, minha boca permaneceu fechada, incapaz de pronunciar uma palavra em face de tanta paixão que emanava dele.

Alessandro apertou minha mão com suavidade, segurando-a enquanto seus olhos se encontraram com os meus.

— Prometi à minha mulher que manteria a propriedade dentro da família. Minha saúde vem se deteriorando e sei que um dia, muito em breve, não vou acordar de novo. Meu maior desejo é garantir a felicidade da minha esposa mesmo no além-túmulo e respeitar seu desejo.

Por favor, prometa-me que cuidará da propriedade, quando eu me for e ela se tornar sua.

Olhei para ele, mas sem vê-lo, o que via era que ele estava morrendo e sabia disso. Isso me doeu, porque não queria que isso acontecesse. Desejava que ele vivesse por muitos anos mais, para aproveitar a propriedade e tudo o mais que perdera. O rosto que eu via na minha frente deixaria de existir, um dia pertenceria a um passado que seria esquecido. Embora não estivesse em meu poder ser capaz de mudar o tempo ou o destino, eu poderia, pelo menos, continuar seu legado.

— O sangue da família é o mais poderoso de todos — sussurrou Alessandro, pressentindo meus pensamentos. — Nós não temos muito tempo para nos conhecermos, mas você faz parte desta família e sempre estará... — seus dedos tocaram suavemente meu peito onde meu coração estava localizado — ... aqui.

— Eu prometo — sussurrei, reforçando todo o sentido dessa palavra e muito mais. — Não vou lhe decepcionar.

Ele sorriu e recostou-se na cadeira de rodas. Alguns momentos depois, Alessia voltou com nosso chá e sentou-se perto da janela, não nos deixando fora de sua vista, assim como Alessandro previra.

Alessandro e eu conversamos por cerca de uma hora, durante a qual ele quis saber tudo sobre minha vida. Eu lhe contei como cresci, deixando de fora a parte de minha irmã e meu pai, porque não achei que isso importasse. Além disso, eu não queria deprimir aquele senhor tão debilitado. Tentei fazer algumas

perguntas, mas pude sentir sua relutância em falar acerca de sua criação. Ele mencionou seu filho, que morrera ao nascer e o aborto de Henrietta, alguns anos mais tarde. Ele me falou ainda da batalha de sua esposa contra o câncer, que ela acabara perdendo, deixando-me consciente de quanto ele deve ter se sentido solitário nos anos após sua morte. A certa altura, Alessia veio encher nossas xícaras de chá, como se fosse uma sombra que entrava e saía de meu campo de visão, mas sem nunca deixar o velho senhor longe de sua vista. Alessandro e eu conversamos mais um pouco até que outra enfermeira entrou para lembrá-lo de que era hora de sua medicação e terapia. Antes de sair, seus dedos trêmulos apontaram para um envelope sobre a mesa contendo as condições de seu testamento final e algumas fotos que ele queria compartilhar comigo.

— Obrigada, Alessandro — disse.

Ele sorriu e seus dedos trêmulos tocaram minha bochecha suavemente.

— Eu que lhe agradeço, Brooke. Agora que você está aqui, posso por fim descansar.

Suas palavras ficaram dançando pesadamente no ar, quando Alessia empurrava a cadeira de rodas para fora do quarto. Com o coração pesado e os olhos úmidos, fiquei observando enquanto ele se ia, jurando manter minha palavra não importava o que pudesse acontecer. Mal tínhamos arranhado a superfície de nossas vidas, e mesmo assim eu me sentia como se estivéssemos interligados, como se nossos caminhos tivessem sido entrelaçados pelo destino, mesmo que por um breve período. Senti como se o conhecesse em um nível mais profundo, e esse conhecimento tornou ainda mais difícil de aceitar o pouco tempo que nós tínhamos.

Chame-me de ingênua, porque eu gostava de acreditar no lado bom das pessoas, mas eu sabia que as alegações de Jett sobre Alessandro Lucazzone não podiam ser verdade. Eu podia sentir isso. Eu podia ver isso nos olhos dele. Ele não era perfeito, e como todo mundo, tinha cometido lá os seus erros. Casara-se com minha antepassada por dinheiro, em vez de viver a vida que deveria viver, com um homem. Ou talvez ele a tivesse amado, não sei, à própria maneira. Contudo, ele não era um assassino. O que quer que o detetive particular de Jett tenha pensado sobre o que Henrietta Lucazzone escrevera em seu diário, eu sabia que não podia ser verdade, e iria provar isso.

Abrindo a janela, olhei para fora desfrutando daquele maravilhoso jardim bem cuidado, respirei fundo para recuperar a compostura, e voltei para Clarkson e Sylvie.

Encontrei Sylvie em um banco na varanda, sentada perto das roseiras e bebendo limonada. O sol estava atrás de luminosas nuvens cinzentas, e uma brisa suave que vinha do lago acariciava as folhas e a grama verde, prometendo que logo viria uma rápida chuva. O ar perfumado ainda estava quente, porém, como se nem mesmo a falta de raios solares pudesse esfriar a terra sob nossos pés.

Ela franziu o cenho quando cheguei, mas se captou meu estado emocional instável, não deu pistas disso.

— Você ficou lá dentro uma eternidade. Como foi o encontro?

— Ótimo. — Consegui deixar escapar um sorriso hesitante que não teria enganado ninguém. — Foi muito bem.

Sentei-me ao seu lado e ela empurrou seu copo de limonada para mim, em silêncio. Meus dedos se apertaram ao redor do copo, mas não consegui erguê-lo aos meus lábios. Eu não queria correr o risco de quebrá-lo.

— Brooke — disse Sylvie lentamente.

Sentindo algo no tom dela, olhei para cima para encontrar o olhar de minha amiga. Uma sombra nublava aqueles olhos azuis e uma linha suave tinha se formado entre as sobrancelhas delicadas.

— O quê? — disse com cautela.

Ela respirou fundo antes de responder e deixou o ar escapar devagar. Eu poderia dizer que ela estava preparando com cuidado as palavras, ou talvez estivesse hesitante em compartilhar o que a estava incomodando.

— Tenho certeza de que estou apenas exagerando e provavelmente não é nada...

— O que foi? — repeti. — Apenas me diga.

— Tudo bem... Assim que o velho saiu do quarto para a medicação, ele pediu para falar com Clarkson. Sozinho. — Ela levantou as sobrancelhas de maneira significativa. — Achei um pouco estranho e segui os dois até uma sala no final do corredor.

Nada havia de estranho em um cliente querer conversar com seu advogado em particular, mas eu não discuti com Sylvie. Ela não era do tipo de pessoa que costumava se preocupar com qualquer atividade que não dissesse respeito a ela, então, naturalmente, minhas suspeitas foram despertadas.

— Sobre o que eles conversaram? — perguntei.

Sylvie se aproximou e olhou por cima do ombro, como se quisesse certificar-se de que ninguém estava escutando.

— O velho pediu a Clarkson para se certificar de que ninguém soubesse que você está aqui. Ele também disse que queria passar o máximo de tempo possível com você antes que... E agora eu cito o que ele disse: “que os abutres descessem sobre suas presas”. Eu nem sei o que isso significa. Pelo menos ele não falou em italiano.

— Ele disse isso para Clarkson?

Sylvie assentiu.

— Eu juro que estava escondida. Eles nem imaginavam que eu estivesse ouvindo. — Ela fingiu um estremecimento. — Sério, as pessoas de idade me dão arrepios, elas são tão estranhas... Meu avô era assim. Ele era tão paranoico com crianças que vivia dizendo que estava vendo-as e ouvindo as risadas delas quando ninguém estava por perto. Acho que isso vem com a idade.

Franzi o cenho. Pobre homem. Eu só podia esperar que os parentes de Sylvie, pelo menos, tivessem aceitado suas peculiaridades. Ela, porém, estava certa. A paranoia era uma doença assustadora e nada fácil de lidar.

— Então, onde está Clarkson? — perguntei, mudando de assunto.

— Não sei. Acho que ainda com ele. E sobre o que vocês conversaram?

Retirei o envelope e o estendi para que ela pudesse espiar seu conteúdo.

— Nada muito sério. Nós conversamos sobre sua vida e as condições de minha herança. Ele me fez prometer que não vou vender a propriedade. Na verdade, ele foi muito específico sobre isso. E também não quer que eu a modifique, e queria que... — Vi Clarkson em pé na porta que dava para o terraço e apontei a cabeça em direção a ele, decidindo que agora não era o momento certo para conversar sobre isso. — Mais tarde eu lhe mostro. — Fiquei de pé e acenei a Clarkson para chamar sua atenção.

— É lindo aqui, não é? — ele disse.

Assenti.

— Estou feliz por Alessandro estar sendo cuidado em um lugar tão agradável.

Clarkson explicou que tinha alguns negócios para cuidar. Depois de uma breve conversa, nós concordamos que ele me ligaria para me contar sobre as atualizações. Alessandro Lucazzone esperava rever-me nos próximos dias e eu estava feliz por atendê-lo, e não apenas como sua herdeira, mas também como o último membro da família que ele tinha.

Ansiosa, eu não parava de olhar para o relógio. A cada segundo que passava, eu ficava cada

vez mais perto das onze e quarenta e cinco. Jett e eu tínhamos concordado em nos encontrar ao meio-dia e eu não estava conseguindo esperar. Meu único problema agora seria me livrar de Sylvie. Ela não era a maior fã de Jett, então não havia nenhuma maneira de lhe contar sobre meu arranjo para o almoço. Se ela descobrisse, acabaria achando que eu ainda estava a fim dele, o que era verdade, e tentaria me convencer do contrário. Não só eu tinha prometido a Jett que não deixaria de aparecer, como também sua superproteção tinha conseguido despertar meu interesse. Minha única intenção era ouvir suas razões e esclarecer o que exatamente ele achava que me colocaria em perigo. Talvez até mesmo descobrir uma maneira de curar meu coração, como nos afastarmos numa boa, em vez de ficar com raiva e mágoa. Só a verdade pode deixar o coração livre. Com o conhecimento, eu poderia aprender com meus erros. Se eu tivesse sorte, seu sincero pedido de desculpas seria suficiente para fazer as pazes e me ajudar a continuar. Embora isso não fosse interromper a dor que eu sentia, pelo menos tinha certeza de que poderia curar um pouco do meu ego ferido.

Bastaria manter nosso encontro curto e direto ao ponto, e não haveria necessidade de que minha melhor amiga soubesse a respeito. Eu contaria a ela mais tarde, quando pudesse lidar com sua explosão de raiva, mas agora eu tinha certeza de que não ficaria ouvindo suas recriminações durante a próxima hora.

Então, qual seria a melhor maneira de distraí-la? Três coisas sempre conseguiam ajudar Sylvie a se esquecer do mundo ao seu redor: moda, homens, e festas.

Considerando que estávamos no final da manhã, que as casas noturnas estavam fechadas e que Sylvie não tinha nenhum encontro, levá-la às compras seria a melhor aposta, mesmo que ela provavelmente tivesse mais roupas do que a Carrie Bradshaw de *Sex And The City*. Entretanto, eu poderia convencê-la a fazer compras sem mim?

Provavelmente não.

Ao longo dos primeiros anos de nossa amizade, Sylvie sempre brincara sobre o fato de ela ser pegajosa. Acabou que isso não foi realmente uma piada... Então eu só tinha mais uma opção: convencê-la a uma visita a um *spa*.

Sessenta minutos suspirando sob as mãos experientes de um massagista deveriam proporcionar distração suficiente para que eu pudesse reunir-me com Jett. Eu tinha outro problema: Alessandro estava hospedado em um hospital privado, em uma área isolada, longe do centro da cidade. De acordo com Clarkson, a estação de ônibus ficava a meia hora de caminhada.

— E agora, o que fazemos? — Sylvie perguntou quando saímos do hospital.

Ela já parecia tão entediada, e eu ainda nem tinha compartilhado meu plano com ela. Eu fiz uma varredura da área. A rua residencial estava quase vazia. Além de um café cheio na esquina e alguns carros estacionados, não havia nada que pudesse ser do interesse de Sylvie ou ajudar em minha tarefa. Até que meu olhar caiu sobre um táxi estacionado do outro lado da rua.

— Venha, vamos voltar para a cidade — sugeri, enfiando meu braço em torno do braço dela, assim eu poderia usar de força física para empurrá-la na direção certa, se fosse necessário. Ela me olhou com cuidado.

— Por quê? O que há para ver por lá?

— Quero dar uma passada no *spa*. Só ouvi coisas surpreendentes sobre os *spas* italianos, e acho que você deve experimentar um. Vamos.

Correndo para o táxi antes que ela pudesse protestar, ou o motorista decidisse ir embora, eu a puxei atrás de mim. Sylvie abriu a porta e ambas caímos no banco traseiro. Instruí o motorista para nos levar para o hotel que Jett tinha reservado para mim durante minha primeira viagem para a Itália. Quando o carro partiu, encostei-me no meu lugar.

— Nova cidade, novo cenário, e você já está se esquecendo de Jett. Meu trabalho está quase terminado — disse Sylvie.

— Sim...

Eu me encolhi por dentro ao ouvir seu nome. Ela não poderia estar mais longe da verdade.

Se ela soubesse... Era impossível esquecê-lo, e menos ainda porque ele estava aqui.

De táxi, nós chegamos à cidade em menos de dez minutos. Como se viu, o motorista teria sido um ótimo guia de turismo. Falando metade em inglês e metade em italiano, ele recordou tudo o que sabia sobre a história de Bellagio e das antigas construções. Não era exatamente Roma, mas escutei com atenção, e até mesmo Sylvie parecia fascinada. Quando nós cruzamos a movimentada rua principal, o motorista apontou as lojas de grife e também nos recomendou onde conseguir os melhores descontos. Não que Sylvie precisasse economizar dinheiro. Ela sempre tinha sido abastecida de dinheiro, cortesia de sua família rica a quem ela realmente tinha desprezado. Entretanto, qual mulher é imune à perspectiva de uma liquidação em meio ao verão?

Por fim, o táxi parou em uma faixa de ônibus. Paguei rapidamente e descemos em frente da grande placa que anunciava o *spa* do hotel em que eu tinha ficado em minha primeira viagem para Bellagio.

— Nada mal — disse Sylvie, olhando para o edifício impressionante.

— Boa escolha, não é? — sorri, e arrastei-a pela porta de vidro e pelo piso de mármore da área de recepção.

Acabei pagando por uma sessão de corpo inteiro e um pacote de tratamento facial, e a recepcionista entregou a Sylvie um roupão branco e uma toalha com instruções de onde poderia se trocar.

— Você não vem? — perguntou Sylvie.

— Desculpe, não posso. — Sylvie poderia sempre olhar direto através de minhas mentiras, por isso evitei seu olhar, esperando que ela não desconfiasse do motivo de eu ir embora. — Tenho de fazer algo para Alessandro. Não posso explicar agora, porque estou atrasada, mas virei buscá-la quando estiver pronta, tudo bem?

Dei-lhe um beijo no rosto e fui depressa para a porta, antes que ela pudesse começar seu interrogatório.

— Não se atrase — Sylvie falou atrás de mim.

— Divirta-se — respondi de volta.

Minha culpa por mentir para ela irrompeu de novo. Foi algo desagradável de se fazer, egoísta e certamente nada do que uma verdadeira amizade representa. Eu odiava fazer isso, porém ela não entenderia. Eu tinha de descobrir o que Jett queria dizer.

Fora do hotel, olhei para o relógio. Era meio-dia e meia, eu estava com meia hora de atraso. Pesquei meu celular dentro da bolsa e liguei-o, tremendo, na perspectiva de chamá-lo para vir me pegar. A tela ganhou vida com os redemoinhos habituais de cores. Três barras se carregaram acompanhadas de uma mensagem de boas-vindas do provedor de serviço italiano. Eu estava rolando minha lista de contatos quando as mensagens de texto e as notificações de chamadas começaram a chegar uma após a outra.

Putá merda!

Noventa e oito mensagens. E todas de Jett.

Então, o telefone começou a vibrar e a tela mostrou o seu interlocutor.

Apertei o botão de resposta e segurei o fone de ouvido.

— O que foi que eu disse sobre ligar seu maldito telefone, Brooke? — Sua voz profunda trovejou pela linha telefônica. Engasguei com sua voz incrivelmente sexy. Ele parecia um pouco irritado, mas eu podia sentir uma pitada de diversão em seu tom de voz. — Você se esqueceu da nossa reunião?

A ideia de que ele ainda achava que tinha o direito de me tratar como se fosse meu chefe me incomodou. Se ele podia jogar esse jogo, eu também podia.

— Desculpe, já é meio-dia? — Fingi uma falsa surpresa, certificando-me de parecer sarcástica. — Não percebi. Está sendo um dia tão ocupado...

— Sério? — Sua voz mudou, tornou-se mais suave. Será que detectei uma pitada de ciúme?

— Onde você está? Você deveria estar na estação de ônibus, em frente à casa noturna.

Comuniquei minha localização.

— Espere aí. Vou mandar buscá-la. O motorista estará aí em cinco minutos.

E, com isso, ele desligou, deixando-me mais nervosa do que antes.

Era mesmo uma boa ideia encontrar-me com ele? Provavelmente não, mas, caramba, eu não estava pronta para recuar agora!

Capítulo 7

O garçom me conduziu pelo restaurante quase vazio e, depois, para uma ampla escadaria. Vozes suaves e barulho de talheres subiram de uma área debaixo de nós, que imaginei fosse a cozinha, mas, além disso, nada parecia agitado. Olhei ao meu redor, me perguntando por que um restaurante em uma famosa área turística estaria tão extraordinariamente tranquilo nessa hora do dia.

— Para onde vamos? — perguntei ao garçom.

O garçom continuou a andar, ignorando minha pergunta, o que me levou a acreditar que ele ou não me entendera ou estava seguindo instruções específicas para não responder a quaisquer perguntas. Apertei minha boca bem fechada, tanto confusa quanto fascinada com o que podia estar acontecendo. Não era muito chegada a surpresas, porém tinha de admitir que esta parecia mais do que interessante.

Passamos por uma sala de jantar fechada no segundo andar, que — pela cara — devia ser reservada para eventos especiais e festas de casamento. À nossa esquerda, cadeiras foram empilhadas em cima das mesas. À minha direita, toda a parede era feita de vidro, permitindo uma visão clara do céu azul e da montanha que servia de pano de fundo. Música italiana suave tocava ao fundo, não alta o suficiente para ser intrusiva, mas o suficiente para dar um toque romântico. O garçom deixou as portas do terraço abertas e me conduziu para um pátio panorâmico, decorado com flores. No meio, perto da balaustrada de pedra branca, estavam uma mesa e duas cadeiras, a toalha branca de brocado que brilhava anormalmente à luz do sol e criava um belo contraste com o vaso de cristal cheio de rosas. Uma garrafa de champanhe estava descansando entre cubos de gelo em um balde de prata ao lado de duas taças. Engoli em seco para me livrar da secura repentina na minha garganta.

Uau!

Será que Jett tinha pagado para fechar o restaurante para que só atendesse a nós dois? E eu achando que, ao concordar em apenas almoçar com ele, estaria justamente evitando que esse tipo de choque acontecesse. Do jeito que as rosas estavam arranjadas, e a toalha fina e as taças reluzentes e os talheres, dava para dizer que alguém tinha pensado em todos os detalhes. Este teria sido o local perfeito para uma proposta de casamento.

Uma proposta, Stewart? É isso mesmo?

Bufei por causa da direção irracional e maluca que meus pensamentos estavam tomando.

Obviamente, eu ainda era aquela romântica incurável e, mesmo assim, não queria me apaixonar. Sem mencionar que eu mal conhecia Jett e sua vida, enquanto eu, por meu lado, já tinha lhe contado tudo sobre mim e sobre minha vida: o que foi bom, o ruim e o horrível.

— Gostou? — sussurrou Jett atrás de mim.

Como de costume, meu abdome se contorcia e se retorcia ao som de sua voz, e meu coração começava a bater mais depressa, como se fosse uma borboleta indefesa em uma gaiola de vidro. Girei e sorri para Jett, mal conseguindo manter os olhos longe dele. Ele vestia uma camiseta de decote em V e calça jeans apertada que mal conseguiam ocultar a escultura perfeita de seus músculos rígidos. A luz do sol pegou em seus olhos, lembrando-me do verde-escuro de pedras preciosas.

Ah.

Deus.

Ah, Deus. Ele era impressionante.

Não. Ele era pecaminosamente perfeito, desde seus cabelos escuros até o modo como sua boca se contraía nos cantos quando estava prestes a sorrir.

Senti um frio no estômago. Eu queria odiá-lo tanto, acabar com aquilo de uma vez por todas, porque de alguma maneira ele era como uma droga: quanto mais eu provava, mais ficava viciada. No entanto, o modo como sorriu para mim, e o jeito que inclinou a cabeça para o lado, esperando minha reação depois de vê-lo, me lembravam de que eu era humana. Fraca. Propensa a cometer erros. E eu só podia esperar que não estivesse prestes a cometer mais um. Porque, afinal, não importava quanto eu gostava dele ou quanto ele gostava de mim, esse homem ainda era Jett Mayfield. O homem que jogou sujo. O homem que me tapeou.

Meus joelhos enfraqueceram e minha boca ficou seca quando ele se moveu em minha direção, tão confiante em seus passos, até que ficou perto o suficiente para me tocar... Inalei o cheiro de terra de sua loção pós-barba e deixei-o devagar envolver minha mente.

Um sorriso sexy surgiu em seus lábios. Seus olhos verdes pareciam mais sedutores à luz do sol. O início de uma barba sombreava seu queixo com a pele bronzeada, fazendo-me querer correr os dedos sobre ela. Afastei-me dele e virei-me para o azul-claro do lago, por ser mais fácil do que olhá-lo. Ainda havia tanta dor dentro de mim decorrente de suas ações e de saber que se ele não tivesse mentido, se não tivesse tentado me enganar, ainda poderíamos estar juntos. Poderia ainda existir um *nós*.

— Brooke — sua voz era profunda, presa.

Ignorando minha perturbadora atração, inclinei-me sobre a balaustrada tanto quanto podia e respirei fundo, enquanto tentava controlar o tumulto dentro de mim. Eu poderia não ser capaz de afastá-lo por completo, porém também não estava disposta a mostrar que ainda existia um grande ponto fraco em que ele me tocava.

— Fiquei contente que você tenha vindo. Pensei que este seria o lugar ideal para a gente se encontrar e conversar — ele tocou minhas costas, alheio à tempestade dentro de mim, lembrando-me de quanto poderia ser gentil. De como era surpreendente quando estávamos juntos.

— Eu não esperava isso — quando me virei para encará-lo nossos olhares se entrelaçaram, fazendo meus joelhos fraquejarem.

— Bem, você disse que queria um lugar público. Eu acredito que as palavras exatas foram “num local fora, onde qualquer um possa nos ver”. — Ele se inclinou contra a grade e me atirou um olhar divertido que trouxe junto as covinhas mais lindas. Covinhas que faziam com que você desejasse se afogar nelas.

Cruzei os braços sobre o peito, como se a ação pudesse colocar alguma distância entre nós.

— Sim, mas isso significava ter outras pessoas ao redor, Jett. Muita gente. Como numa dessas lanchonetes *fast-food* — ser visto não era de fato alguma coisa que o incomodasse, e ele tinha deixado isso bem claro na margem do lago.

— O que há de errado com as pessoas presentes? — Ele acenou para o garçom, se divertindo.

Dei um suspiro de exasperação simulada. Tudo o que eu dissera, todos os argumentos estavam perdidos. Eu tinha concordado com o pedido dele para que pudesse se explicar e estava pronta para ouvir. No entanto, eu já podia dizer que vir aqui fora um erro. O lugar era muito bonito, perfeito demais. Longe das distrações de uma boate ou das pessoas que trabalhavam em seu escritório. E qualquer grama de determinação para lutar contra a atração estúpida entre nós se dissipava no ar.

— Você queria me ver, então vamos ao ponto — eu disse. — O que você queria me dizer?

— Vamos almoçar primeiro. — Seu tom não deixou espaço para discussão. — Falaremos sobre isso mais tarde.

— Tudo bem.

Não discuti porque estava com fome, mesmo duvidando de que seria capaz de engolir mais do que algumas garfadas em sua presença. Jett guiou-me até a cadeira e segurou-a para mim. Deslizei sobre ela, murmurando um agradecimento. Ele se sentou do lado oposto e, então, estávamos olhando um para o outro mais uma vez, embebendo-nos de nossa presença por cima daquela pequena mesa, da mesma maneira que tínhamos feito desde nosso fático encontro na boate, que não fora tão acidental como eu pensava inicialmente.

— O que posso oferecer de bebida? — perguntou o garçom, me assustando.

— Champanhe — disse Jett.

— Para mim, água, por favor.

Jett levantou uma sobrancelha intrigada, mas não fez nenhum comentário.

— Por que champanhe? — perguntei a ele assim que o garçom saiu para providenciar nossos pedidos.

— Você está tentando me embebedar?

— Nós dois sabemos que eu não tiro vantagem de uma garota bêbada, embora seja obrigado a admitir que seja bom ouvir todas as pequenas coisas que saem de sua boca sexy quando você bebe.

O calor revelador de meu rosto corando subiu pelo pescoço. Jett tinha me visto embriagada pelo menos duas vezes. E todas essas vezes, ele garantiu que eu chegasse em casa em segurança, e em cada vez, eu lhe disse, naquele estado de embriaguez, quanto o queria. Parecia que meu subconsciente fora programado para revelar a verdade a respeito de como eu me sentia sobre ele, mesmo que não quisesse.

— Cortei o álcool — vi quando ele pegou uma fatia de pão, partiu-a em dois e me entregou uma metade, enquanto ficava com a outra. — Obrigada — murmurei, mordiscando a metade. — Ele me faz dizer coisas estúpidas que não quero dizer.

Ele bufou quando deu uma mordida.

— Duvido disso.

Por alguma razão, sua afirmação me incomodou. Provavelmente porque ele estava certo. Isso me deixou preocupada por mais tempo do que admitia.

— Por que você mentiu para mim, Jett?

Ele hesitou, evitando meu olhar. Um momento depois, o garçom apareceu com um carrinho, no qual trazia nossas bebidas e vários pratos. Ele colocou as bebidas na nossa frente e nos desejou *Buon appetito*, e então se foi de novo.

— Eu não sabia o que você ia querer, então pedi tudo que tinha no cardápio.

Jett não respondeu à minha pergunta. Tentei ignorar as várias iguarias que estavam sobre o carrinho, porque tudo, incluindo Jett, parecia muito delicioso. Meu estômago roncou, lembrando-me que eu não tinha comido nada desde o café da manhã.

Eu o vi colocando um pouco de tudo em um prato antes de entregá-lo para mim. Aceitei, mas não toquei na comida.

Ele me viu olhando-o e suspirou. Comecei a tocar a comida com impaciência, fazendo a pergunta óbvia com um mero erguer de minhas sobrancelhas.

— Sei que você quer respostas, mas podemos comer primeiro? — Ele apontou para meu prato.

Olhei para a comida enquanto avaliava a possibilidade de ceder ao que ele queria, ou permanecer firme em minha decisão de acabar com isso de uma vez.

— Por favor. Vou explicar mais tarde — disse Jett lentamente, com os olhos eletrizantes fazendo um buraco em minha alma.

Havia algo em sua voz: esperança de que nós não acabássemos brigando. Esperança de evitar o inevitável. E eu pensava nas inúmeras perguntas que exigiam respostas honestas. Quaisquer que fossem essas respostas, eu tinha uma sensação incômoda de que precisaria de um estômago forte para poder lidar com elas, então peguei meu garfo e coloquei um cubo de queijo branco na boca, mastigando-o devagar. Tinha um gosto delicioso, de leite fresco e ervas. Peguei outro, seguido pelo que parecia ser uma almôndega com pimentão e azeitonas.

Olhei para cima quando ele ergueu o garfo e serviu-se — do mesmo prato que eu. O gesto era tão íntimo que fez meu coração pular uma batida.

Íntimo demais.

Não era o que dois estranhos fariam.

— Você é sexy demais quando come — sussurrou ele. — Ainda bem que você não é uma daquelas meninas anoréxicas fazendo dieta.

Quase engasguei com a minha mordida, mas continuei a comer como se estivéssemos tendo um conversa de negócios.

— Não acredito em dietas.

Ele sorriu.

— Não é apenas da sua atitude que eu gosto. Eu amo o jeito como você se perde em cada nova sensação. Você mostra a mesma paixão quando está debaixo de mim.

Valha-me Deus.

As bandeiras vermelhas começaram a piscar em algum lugar no fundo da minha mente. Ele estava começando a me xavecar, acumulando elogios sensuais, e, tendo em vista quem ele era e a nossa história, isso não era um bom sinal.

Antes que eu pudesse impedi-lo, ele se inclinou para a frente e roçou o polegar sobre meus lábios. Respirei fundo e me forcei a soltar o ar lentamente.

Em sua ausência, eu tinha preparado todas as respostas agressivas que iam chutar seu ego para o meio-fio. Na minha cabeça, eu sabia o que eu queria dizer e como infundiria a quantidade certa de sarcasmo em cada uma delas. Sentada em frente a ele, com um sorriso arrogante e autoconfiante refletido em seus olhos, minha determinação meio que secou, e me vi olhando para ele como uma idiota, lutando para conseguir achar as palavras, enquanto meu cérebro ficava surpreendentemente em branco e minhas entranhas se derretiam.

Droga, eu não conseguia pensar em nada para dizer. Pior ainda, eu mal podia respirar por causa da deliciosa sensação entre minhas pernas. Minha calcinha estava começando a derreter só de vê-lo fazer coisas normais, lembrando-me de todo o prazer que ele e seus dedos haviam me dado uma vez. Veio imediatamente a consciência de que eu poderia ir para a cama com ele a qualquer momento. Puxar esse

homem para mim, arrancar sua camisa, correr meus dedos pelo seu peito e por aquela trilha de pelos que um dia eu tinha estado mais do que ansiosa para explorar.

Seu sorriso sexy se alargou. Como se soubesse o que eu estava pensando.

Maldito seja ele e seu corpo lindo!

Maldito seja ele e sua paquera!

Felizmente, nosso garçom chegou para perguntar se precisávamos de mais alguma coisa. Por um momento, considerei com seriedade pedir ao garçom que ficasse durante o restante do nosso almoço. Imaginando que isso poderia ser um pouco estranho, resisti ao impulso e assisti ao garçom indo embora de novo.

Eu era uma mulher adulta, pelo amor de Deus. Não precisava me esconder atrás de ninguém porque não podia lidar com um cara gostosão. Ou talvez precisasse.

Basta jogar direito e com frieza, Stewart!

— Jett, eu quero que você esqueça o que aconteceu entre nós — comecei com meu tom de voz carregado da maior quantidade de frieza que fui capaz de reunir. — Acabou. Não podemos voltar ao que costumava ser.

As sobrancelhas de Jett elevaram-se.

— Isso nunca vai acabar. Não até que todas as batalhas tenham sido perdidas. E por você, eu lutaria.

— Não há pelo que lutar. Você não vai conseguir aquela propriedade.

— Eu já lhe disse que não é sobre a propriedade, Brooke. Trata-se de nós. Trata-se da sua segurança.

Sua voz veio baixa e sombria. Como um aviso ameaçador de que ele não ia desistir.

— Não preciso de sua proteção. Ele é apenas um homem velho. O que ele pode fazer para me atingir?

Hesitando, Jett pousou o garfo e cruzou os braços sobre seu peito largo.

— Não é tão simples assim.

— Então explique. Eu quero entender.

Ele tomou um gole da minha água e deixou sua bebida intocada. Escondendo minha indignação com o gesto íntimo, perguntei-me se ele estava tentando reafirmar sua postura de comando, como se quisesse dizer que o que pertencia a mim lhe pertencia. Sério, quer dizer que ele poderia ser ainda mais “homem das cavernas” comigo? Meu sangue começou a ferver nas veias. Ele começou a ferver mais ainda quando Jett tocou minha mão. Seus dedos começaram a traçar círculos na parte de trás da minha mão, lentamente, mas com a quantidade certa de pressão e da maneira que costumava fazer quando ainda estávamos juntos.

Como diabos você pode explicar para um cara que acabou, quando você está tendo muita dificuldade para convencer a si mesma? Por que dizer aos outros aquilo que eles devem fazer sempre parece mais simples do que colocar em prática o próprio conselho?

— Diga-me o que está acontecendo. Eu quero entender — disse, puxando minha mão para longe dele.

— Essa é a única razão pela qual estou aqui. Por que você acha que estou em perigo?

Recostei-me na minha cadeira, olhando-o friamente. Quanto mais eu pensava sobre isso, mais suas suposições pareciam ridículas. Assustadoras, sim, porque Jett era um cara persuasivo.

Ainda assim, porém, um absurdo.

— Como eu disse, Alessandro é apenas um homem velho. O que você acha que ele pode me fazer de uma cama de hospital, no qual ele está morrendo, Jett?

Ele franziu a testa e uma sombra cruzou seu rosto. Sinceramente, pensei que ele estivesse prestes a falar... Até que ele reergueu o garfo e começou a comer, levando todo o tempo do mundo.

Eu gemi.

Droga!

Ele fez isso comigo de novo, ignorando-me. Deixando-me esperar de propósito só porque ele queria estar no controle.

Avaliando. Testando.

Testando o quê?

Senti vontade de me debruçar sobre a mesa e dar um chacoalhão nele, para ver se entrava algum senso naquela cabeça. Talvez eu devesse estrangulá-lo enquanto ainda tinha vontade, porque seu raciocínio, ou a falta dele, não fazia nenhum sentido para mim, e eu estava perdendo a paciência com essa sua reticência.

— Não é só de Lucazzone que estou falando. É do clube de elite ao qual ele pertencia — disse Jett lentamente. — Meu pai, Robert, esteve envolvido com isso faz muitos anos.

— Que clube? — olhei para ele com cuidado, sentindo a súbita mudança no ar.

Jett suspirou e passou a mão pelos cabelos escuros desgrehados. Sua expressão sombria refletia as inúmeras emoções que lutavam para ganhar o controle. No final, seus ombros caíram quando ele pareceu tomar uma decisão que não queria ter tomado, mas sua expressão obscurecida não se alterou.

— Vou lhe contar tudo o que sei, está bem? — disse Jett. — Quero que você ouça, e ouça com atenção. O que quer que eu diga hoje, não deve sair desta mesa. Você não pode contar a ninguém.

Aquele tom afiado rapidamente ampliou minha atenção. Ele agarrou minha mão e deu-lhe um aperto firme até que balancei a cabeça, silenciosamente dando-lhe minha palavra.

— Há alguns anos, Alessandro Lucazzone esteve envolvido nos negócios de meu pai. Foi por um breve período e ele nunca foi considerado oficialmente um acionista, então não consegui descobrir por que meu pai o deixaria tomar as decisões que tomou, decisões que nos custaram milhões. Deparei-me com isso quando verifiquei nossos relatórios financeiros que datavam de meu tempo na faculdade. Algumas semanas atrás, Robert enfim esclareceu as coisas e admitiu algo que poderia prejudicar a empresa.

Jett fez uma pausa e seus olhos se estreitaram, a linha de raiva entre as sobrancelhas dizendo mais do que mil palavras. Seu aperto sobre minha mão se intensificou me machucando só um pouco, mas eu não a puxei para trás.

— Ambos estavam envolvidos nesse tipo de clube de elite. Você sabe, drogas e práticas sexuais excêntricas, e muitas pessoas a serem pagas para ficar de boca fechada. Meu pai e algumas pessoas — muitas delas ricas e famosas — eram viciados nesse tipo de coisa e pagavam milhões a quem organizava os eventos. No caso de meu pai, ele pagou tudo com as contas da empresa. Quando entrei para o negócio, a empresa estava à beira da liquidação, caso em que teríamos perdido tudo. Consegui fechar negócios suficientes para nos manter a salvo por um tempo. Entretanto, uma só decisão errada e tudo poderá terminar na mídia, e nós acabaremos, por nosso lado, perdendo grandes negócios e nossa boa reputação. Se alguém descobrir, a empresa está acabada. Você tinha razão sobre tudo.

— Eu não entendo. Eu tinha razão no quê?

Tive dificuldades para seguir o que ele estava dizendo, e sua súbita mudança de tom não ajudou. Seu olhar pousou em mim, me implorando para entender. Sua mão apertou a minha de novo, silenciosamente me pedindo para compreender, para sentir suas emoções, ou para talvez acreditar nele.

— Robert achou que, se comprasse a propriedade Lucazzone, ele poderia salvar de vez a empresa. De início, concordei que podia ser uma boa ideia, porque a área está muito mais valorizada do que oferecemos inicialmente e os turistas acorrem em multidões todos os anos. Eu pensei, por que não tentar vendê-lo como o próximo St. Tropez ou Kitzbuhel? — ele começou a massagear a testa.

— Mas você aumentou sua oferta. Foi uma grande aposta. Você poderia ter perdido muito dinheiro — sussurrei, minha cabeça ainda girando em torno das palavras “práticas sexuais” e “clube de elite”. Parecia um filme ruim de Hollywood.

— Eu era contra pagar mais, porque, assim como você, eu sei quando o risco é muito alto, mas ele queria e, no final, ainda é sua empresa. Depois de conhecê-la, não era mais isso que me preocupava. Eu estava com medo de que, uma vez que as pessoas envolvidas soubessem da sua herança, elas viessem atrás de você para garantir que não descobrisse os segredos delas e abrisse a boca.

Suas mãos seguraram meu rosto, forçando-me a olhar para ele.

— Você entende o que estou dizendo?

Assenti com a cabeça, mas não porque entendi. Ele estava nervoso. Eu podia sentir a tensão flutuando em ondas fortes. O brilho em seus olhos me assustou.

— Você disse um clube... — comecei lentamente. — Estamos falando de algumas preferências bizarras como um pouco de sadomasoquismo ou...

Ele balançou a cabeça gravemente e soltou meu rosto, mas não desviou os olhos de mim.

— Tudo o que sei é que eles eram paranoicos em manter suas identidades protegidas, o que me leva a supor que havia mais do que isso.

— Uau. — Mordi o lábio com força, mal sentindo a dor. — E onde é que essas reuniões aconteciam?

Um esgar atravessou o rosto dele e um olhar silencioso passou entre nós. Ele não precisou me dizer que era na propriedade Lucazzone.

— De acordo com meu pai, muitas pessoas poderosas estavam envolvidas naquilo — disse Jett. — E ele deixou claro que muitos deles fariam tudo para manter suas preferências escondidas do público.

— E por que eles achariam que eu saberia alguma coisa sobre eles?

— Porque você é a herdeira. Espera-se que você vá herdar os segredos de Lucazzone e ninguém sabe os detalhes. Eles provavelmente estão com medo. Sei que eu estaria...

Sua expressão permaneceu séria, mas o tom cauteloso e repentino em sua voz não me passou despercebido.

— Você nunca se envolveu nisso?

Tentei incutir indiferença em minha voz, como se seu passado não importasse. Afinal, nós não nos conhecíamos na época, de modo que não era essa a minha preocupação. De fato, porém, eu queria saber. Eu não queria que ele fosse um perverso.

Atirando-me um olhar enfezado, ele respirou fundo e soltou o ar com lentidão. A maneira como seus dedos começaram a bater em cima da mesa me disse que ele estava se esforçando para manter sua

irritação sob controle.

Levantei meu queixo um pouco e olhei para ele com teimosia.

— Você...

Jett me cortou.

— Ouvi da primeira vez e estou puto da vida que você pense isso de mim.

— Eu só quis... — Minha garganta se contraiu ao brilho furioso em seus olhos.

— Que porra é essa, Brooke? Pensei que você me conhecesse.

Sua voz chegou a ficar tão baixa que eu tinha dificuldade em compreendê-lo, o que era pior do que gritar. Ele me fez me sentir mal — decepcionada comigo mesma — ainda que eu não tivesse razão para isso.

— Não conheço você, porque nós mal arranhamos a superfície de sua vida — respondi com cuidado. Meu coração estava a um milhão de batimentos por hora. — Eu sinto muito. Era apenas uma pergunta inocente. Qualquer pessoa faria a mesma pergunta, dadas as circunstâncias.

— Dadas as circunstâncias.

Ele manteve a mandíbula firme, tirou a mão e recostou-se na cadeira, colocando maior distância entre nós.

Ele estava com raiva e eu não podia culpá-lo.

— Não quero fazer acusações — eu disse. — Foi apenas uma pergunta, Jett.

Ele riu lentamente, ainda evitando meu olhar. Olhei para seu belo rosto. Sua carranca não prejudicava sua beleza, apenas o fazia parecer diferente, e percebi que de fato sabia pouquíssimo sobre esse homem.

— Eu gostaria de conhecê-lo melhor — continuei, suavemente. — Conhecer seu verdadeiro eu, e não essa máscara que você usa para esconder o que está lá dentro.

Sua nuvem de raiva diminui um pouco.

— Eu queria outro encontro.

Ri daquele descaramento.

— Isto não é um encontro.

— Pode dar o nome que quiser, eu quero mais um disto. — Ele inclinou a cabeça, dandome o tipo de sorriso que eu estava esperando o dia todo.

Não, Stewart. Não se atreva!

— Não estou pedindo — os cantos dos lábios se curvaram para cima. — Se você disser não, então não me deixará escolha a não ser fazer a coisa mais estúpida de todas, que é sequestrá-la, porque eu quero ganhar sua confiança. Quero fazer as coisas certas. O que me diz?

Meu coração pulou uma batida e eu não tinha ideia se foi por causa do aperto de Jett na minha mão, o que enviava pensamentos impertinentes para minha cabeça, ou porque sua ameaça um tanto assustadora me fascinou.

— Você não faria isso.

— Provoque-me e verá — sem sorriso e sem pestanejar. Apenas pura determinação para conseguir as coisas de seu jeito.

Engoli o grande nó que se formara na minha garganta. Esta deveria ter sido uma reunião formal. Nada muito intenso. No entanto, lá estava eu, tentada a dar-lhe outra oportunidade, sabendo que eu poderia estar indo para um caminho destrutivo.

— Toda sua história parece meio exagerada, Jett. Você não tem nenhuma prova de nada.

Tudo é baseado em suposições. Dê-me uma boa razão para que eu devesse acreditar em você.

— Porque é a verdade. — Ele não hesitou, nem sequer piscou. — Eu nunca estive envolvido nisso, Brooke. Esse não é o tipo de pessoa que eu sou, e espero que um dia você tenha certeza disso no fundo do seu coração.

Talvez, mas esse tempo ainda não havia chegado. Jett era uma pessoa convincente, que podia ou não estar dizendo a verdade. Eu precisava de uma prova antes de confiar nele de novo.

Chequei a hora no celular e passei as mãos sobre minha saia do jeito que sempre faço quando estou prestes a ir embora.

— Preciso ir. Está ficando tarde e Sylvie estará me esperando em dez minutos.

Isso não era uma mentira. Sem esperar pela resposta, peguei minha bolsa e me levantei, me perguntando o motivo de não estar tão satisfeita com esse encontro como pensei que ficaria.

Talvez porque ele não tenha lhe dado nenhuma resposta concreta.

Verdade... De fato, acabei saindo com mais perguntas do que antes, e não gostei nem um pouco disso.

— Você está incrível, sabe disso, não?

Jett caminhou ao redor da mesa e parou na minha frente, sua altura me intimidando, como de costume. Meus olhos pousaram sobre seus lábios, tão perto. Tão deliciosos. Prendi a respiração quando ele afastou uma mecha de cabelo de meu rosto. Seu toque me deu um calafrio, fazendo-me muito mais consciente de quão perto nós estávamos. Meu batimento cardíaco começou a tamborilar em meus ouvidos. Eu tinha experimentado essa sensação antes, no escritório em Nova York, no dia em que terminei com ele, pensando que eu o havia perdido para sempre. Logo antes de ele dizer que me amava.

Seus lábios se moveram um pouco mais perto dos meus, pairando a alguns centímetros de distância. Não muito perto, mas o suficiente para me fazer tomar consciência de seu perfume viril e da súbita tensão que havia no ar. E eu estava ciente de que mesmo que ele houvesse explicado suas razões, tudo continuava como antes.

— Você realmente é incrível, Brooke — repetiu ele.

— Por que você está me dizendo isso? — Eu quase engasguei com minhas palavras.

— Porque eu deveria ter lhe contado antes, ainda quando você acreditava em mim. E porque eu devo dizer-lhe isso sempre, para que você nunca se esqueça.

Maldito seja ele e sua capacidade de dizer as coisas certas na hora certa. Eu não queria me apaixonar por ele mais profundamente do que já estava. Ele estava ganhando o jogo de novo, virando a mesa contra mim.

— Jett, por favor, pare. — Tentei secar aquela umidade reveladora que estava se reunindo em meus olhos.

— Por quê?

Porque você partiu meu coração uma vez, e não há nenhuma garantia de que você não vá fazer isso novamente.

— Eu não acredito em você, Jett. Tudo o que você disse... Eu só não consigo mais acreditar em você. Não até que me dê provas. — Isso era verdade. Mesmo que eu quisesse, não podia acreditar nele. — Eu nunca deveria ter vindo aqui. Sylvie estava certa quando avisou-me sobre você.

— Nem todo mundo quer lhe ferrar, Brooke. Algumas pessoas realmente se preocupam com você. — Eu me virei, mas ele agarrou meus ombros, forçando-me a encará-lo. — Se você quer saber a verdade, não pergunte a um amigo que vai lhe dizer somente o que você quer ouvir. Confira os fatos e você verá que, sim, eu cometi um erro, mas estou dizendo a verdade quando afirmo que só queria protegê-la.

Puxei minha mão da dele, e um constrangedor silêncio se seguiu. Eu sabia que tinha atingido um ponto fraco. Eu podia ver em seu rosto, em seus olhos, no jeito como Jett umedeceu os lábios, ponderando seu próximo movimento. Por fim, ele deu um gemido frustrado.

— Eu menti para você quando ainda não a conhecia. Antes de decidirmos manter um relacionamento. Sei que fiz muitas coisas erradas, mas nunca deixei de me preocupar com você.

Um mentiroso é conhecido por dizer muitas mentiras, mas aquele que fala a verdade sempre mantém a mesma história. Foi um conhecimento universal que eu tinha abraçado há muitos anos. Nesse caso, no entanto, a verdade me assustou. E se ele se importasse comigo, mas não o suficiente para evitar magoar-me outra vez?

— Eu preciso ir, Jett.

Chequei a hora no celular de novo, rezando em silêncio para que me deixasse ir. Eu não conseguiria sair se ele não permitisse. Jett deu um passo para trás, mas seu olhar me acompanhou.

Atravessei o terraço e descí as escadas, tomando cuidado com meus passos enquanto Jett seguia atrás. Alcancei o táxi que me esperava em poucos metros. Entretanto, seu forte aperto no meu braço me disse que nossa conversa ainda não tinha acabado e, como sempre, ele estava prestes a lutar pela última palavra.

— Brooke. Nós nunca tivemos um encontro de verdade. — Seus olhos eram dois poços brilhantes de ardente calor. Eu nunca tinha visto tanta determinação em uma pessoa. Então, de novo, eu provavelmente nunca tinha visto o verdadeiro Jett. — Apesar de tudo o que aconteceu e do que expliquei para você hoje, você iria a um encontro comigo? Não estou pedindo que confie em mim. Sei que isso leva tempo. Estou pedindo que você me dê uma chance para ganhar sua confiança e acertar as coisas.

Meu coração batia forte em meu peito. A atração ainda estava lá, correndo para a frente e para trás entre nós como uma corrente intangível.

— Iria. Basta provar que suas alegações são verdadeiras.

— Elas são. Mesmo que não compreenda as coisas agora, cedo ou tarde você vai descobrir que eu nunca quis machucá-la.

— Eu ainda preciso de provas — respondi friamente, mantendo minha determinação.

— Então você vai me dar uma chance de me redimir?

— Sim. — Parecia justo. Com uma prova, eu poderia entender seus motivos. — Eu realmente tenho de ir agora. Sylvie está esperando por mim.

Seu sorriso voltou com força total e trouxe com ele as mais lindas covinhas. Prendi a respiração enquanto sua boca se aproximava. Em vez de me beijar, porém, ele sussurrou em meu ouvido:

— Ainda estou pensando em você. Mesmo que tudo esteja nessa bagunça, ainda a quero ao meu lado. Ainda quero estar com você, dentro de você, ouvindo você ofegar meu nome.

Capítulo 8

Nunca fui uma pessoa que pudesse lidar direito com as emoções. Meu coração estava disparado, minha mente girava e meu corpo flutuava no vácuo, quando Jett me levou de carro de volta ao *spa*. Depois de nossa conversa e dos rumos inesperados que ela acabou tomando, eu não sabia mais o que pensar nem em que acreditar e, o mais importante, não sabia o que dizer a ele, uma vez que baixar a guarda não seria de fato uma opção.

— Obrigada pelo almoço — minha mão se apoiou no trinco da porta, mas algo me impediu de abri-la.

— O prazer foi meu — respondeu ele com suavidade.

Seu olhar estava focado em mim, como sempre, mas havia algo em seus olhos que me deixou imediatamente ciente do espaço confinado em que estávamos. Ele dominava tudo: meus pensamentos, meu espaço, até mesmo o ar que eu respirava. Minha respiração travou. Ele estava muito perto, perto demais e eu não podia fugir depressa o suficiente.

— Eu sinto muito, tenho de ir.

Sem sequer um olhar para trás, corri para fora do carro, dirigindo-me para a segurança do salão do *spa*.

Quando empurrei as pesadas portas de vidro para abri-las, podia sentir seu olhar queimando um buraco nas minhas costas. Só quando percebi que estava perto da recepção, aventurei-me a parar e a tomar fôlego, procurando por ele do outro lado da rua, mas o carro já tinha saído em disparada. Eu não sabia se devia sentir-me aliviada ou desapontada. De qualquer modo, eu precisava esconder o que havia acontecido porque Sylvie tinha o olho afiado de um falcão. No segundo que ela começasse a suspeitar, iniciaria o interrogatório.

Felizmente para mim, o tratamento de Sylvie não terminaria senão dali a dez minutos. Deixei um recado com a recepcionista para o caso de eu não estar de volta a tempo e saí pela rua principal, entre a multidão de consumidores e turistas. Mesmo que meus olhos pudessem vê-los, meu cérebro continuava ocupado. Aquelas revelações de Jett sobre o tal clube me incomodaram.

Meus pensamentos circularam de volta para Jett e para o fato de que a faísca ainda estava lá.

O que você esperava, Stewart?

Revirei os olhos diante de minha estupidez. O tipo de atração que compartilhávamos provavelmente não nos deixaria no espaço de uns poucos dias. No fundo, eu sabia disso o tempo todo, e ainda assim concordara em almoçar com ele...

Se você realmente quisesse terminar tudo, poderia ter feito isso, teria encontrado um rebote, que foi o que Sylvie fez com aquele cara. Mas não. Você reservou um lugar em seu coração para Jett, e não quer preenchê-lo com outra pessoa. Você quer que ele e você avaliem se conseguem levar as coisas mais devagar.

Você está pronta para afugentar os demônios do passado e abrir espaço para um futuro com ele.

Parei em um pequeno café da esquina que vendia cones de sorvete e *smoothies* feitos na hora, e comprei dois copos de frapê de melancia antes de retornar ao *spa*. Sylvie estava digitando furiosamente em seu telefone quando cheguei e lhe entreguei um copo. Seu rosto estava radiante e parecia relaxado. Respirei aliviada.

— Pronta?

— Sim, obrigada! — ela apontou para o frapê de melancia e tomou um gole ao sairmos para a rua. — Você tinha razão, foi incrível. Uma pena que você não pôde ir. — É... — dei-lhe um sorriso.

— E como foi?

— Tudo bem. As lojas sempre me mantêm ocupada. Quer almoçar?

Toda a sua expressão mudou dentro de um instante.

— Eu pensei que você tivesse de fazer alguma coisa para o velho.

Nossa, eu me esquecera por completo da minha mentira.

— Não achei o que precisava — respondi, fazendo uma careta. — Amanhã eu venho buscar, mas espere até ver as lojas por aqui. Vale a pena!

Merda, eu parecia tão culpada que poderia estampar as palavras “Estou escondendo alguma coisa” na minha testa.

— Tem uma pizzeria não muito longe daqui.

Deixando o convite em aberto, tomei um gole de meu frapê e dirigi meus olhos para a vitrine mais próxima, fingindo admirar um par de botas marrom de montaria com franjas. Pelo reflexo dela, pude dizer que ela ainda estava me observando com expressão irritada. Esperava que ela não pudesse sentir o cheiro de medo, porque minhas mãos começaram a suar e isso não era certamente por causa do calor.

— Ótimo, estou morrendo de fome — ela disse.

Dentro de cinco minutos, estávamos sentadas em uma mesa da praça, bebendo água enquanto estudávamos o cardápio italiano.

— Você está tentando memorizar seu pedido? — Sylvie me perguntou.

— Pior é que estou. Quer me ajudar? — sorri e chamei o garçom para pegar nossos pedidos.

Ele anotou tudo, e logo estava sozinha com ela novamente. Meu sorriso congelou no lugar enquanto minha mente se esforçava para achar algo sobre o que falar, quando tudo o que eu queria fazer naquele momento era me trancar em meu quarto e ficar obcecada com meu almoço com Jett.

Sylvie me olhou com uma careta.

— Você está um pouco quieta. Está tudo bem?

— Sim... Quer dizer, não, estou com essa dor de cabeça, deve ser o calor. — Eu não estava mentindo. Minha cabeça latejava muito e eu não sabia se era por causa do sol, da tensão, ou um pouco de tudo.

Sylvie abriu a bolsa e tirou um pequeno frasco de aspirina, empurrando-o do outro lado da mesa.

— Tome dois. Não podemos permitir que você fique doente.

Literalmente. Eu não tinha emprego nem seguro-saúde.

— Obrigada.

Engoli dois comprimidos e enxaguei o sabor amargo com alguns goles de água. Enquanto Sylvie levantou-se para ir ao banheiro, o garçom trouxe nossas pizzas. Murmurei um *grazie* com forte sotaque, e então a tela do meu telefone celular zumbiu. Verifiquei quem chamava. O número era bloqueado. Quase esperando que fosse Jett, pressionei o aparelho ao ouvido.

— Alô?

Um instante depois, a linha caiu. Fiz uma careta.

— Ei — Sylvie caiu em sua cadeira e pegou uma fatia de pizza. — Quem era?

— Hã?

Ela deu uma grande mordida e apontou para o telefone.

Acenei minha mão.

— Número errado.

— Você recebe telefonemas internacionais? — Pelo jeito...

Mordi uma fatia de pizza e comecei a mastigar, meu apetite voltando lentamente enquanto Sylvie retomava sua conversa sobre suas impressões da Itália e Deus sabe o quê mais. Felizmente, ela era uma pessoa que podia entreter você sem precisar de muitos estímulos. Enquanto eu lutava para prestar atenção, por sorte, minha dor de cabeça melhorou, mas não foi embora, e Sylvie então sugeriu que devíamos voltar para a mansão.

O sol da tarde estava alto, elevando a temperatura em mais alguns graus. No momento em que voltamos, eram cinco da tarde e ainda estava quente como num deserto.

Deitei na minha cama enquanto Sylvie se trocava e punha o biquíni, ansiosa para aumentar ainda mais seu bronzeado.

— Tem certeza de que não quer vir? — Ela estava de pé no meio do quarto, passando metade do frasco do protetor solar no corpo já bem queimado de sol.

Balancei a cabeça, estremecendo com as pontadas de dor que borravam minha visão.

— Não, obrigada, divirta-se. Só vou dormir um pouco...

Uma expressão preocupada apareceu em seu rosto.

— Quer que eu traga alguma coisa?

— Estou bem. — Consegui um sorriso falso e enxotei-a para fora da porta.

— Deve ser o calor. Se você precisar de alguma coisa, é só chamar.

— Obrigada, querida — sussurrei, recostando-me contra os lençóis frescos de cetim.

Sylvie estava certa. Eu não estava acostumada com o clima italiano. No silêncio e na serenidade daquele lugar, minha vertigem lentamente se apagou até que me senti confiante o bastante para ficar de pé.

Abri as cortinas de brocado. O sol estava se pondo em inúmeros tons de laranja e cobre, enchendo de listras o céu do entardecer. De longe, eu podia ver as pernas longas de Sylvie em uma espreguiçadeira ao ar livre, de frente para o lago, o rosto coberto por um enorme chapéu de palha. Tirei a saia e vesti calças de brim; fiquei pensando se deveria me juntar a ela ou fazer o que estava evitando desde que Jett me falara sobre o clube. Se fosse verdade, tinha de haver alguma evidência em algum lugar.

Essa era a minha oportunidade. Desci as escadas, passei pela cozinha e pela sala de estar, alcancei a porta que dava para o quintal e saí para o ar perfumado do fim da tarde. Meu coração começou a martelar contra minha caixa torácica, o que era uma bobagem. A mansão tinha sido construída sobre uma colina, cercada por milhares de hectares de terra. Mesmo que deparasse com o lugar mencionado por Jett, era mais do que improvável que eu visse o que os outros já teriam encontrado quando vasculharam tudo na ausência de Alessandro. No entanto, a capela, que foi onde o detetive particular de Jett tinha, daquela vez, localizado o diário de Henrietta Lucazzone, era uma pista.

Perdida em meus pensamentos, observei a área. Segundo os relatórios de Jett, Alessandro tinha centenas de quilômetros de vinhedos, florestas e campos, sem incluir o belo quintal. Aqui no pé da escada, eu não conseguia deixar de ficar impressionada. O jardim, embora um pouco abandonado, ainda era maravilhoso, com os pedriscos do cascalho criando um forte contraste com a miríade de flores desabrochando e com as árvores e as palmeiras protegendo a propriedade de olhares indiscretos. Esse lado da casa estava cercado por bosques e montanhas tanto quanto eu podia ver. Pensei que se alguém quisesse esconder uma capela, as árvores altas fariam com que fosse impossível encontrá-la. Era o lugar perfeito se você procurava privacidade.

Atravessei o quintal e desci as escadas íngremes que serpenteavam em direção ao bosque, mas não precisei procurar muito longe. Por trás das enormes palmeiras e um poço seco de pedra, pude entrever um prédio cinza quase do tamanho de um galpão de jardim. Se não fosse por suas antigas paredes de pedra e uma cruz pouco perceptível no telhado, eu teria passado direto por essa construção justamente por pensar que fosse um galpão. Talvez, quem a construía tivesse a intenção de fazer uma capela que fosse discreta. Ou, quem sabe, depois da morte de Henrietta, ninguém se preocupara em limpar o mato que obstruía a trilha que conduzia a ela. De qualquer maneira, eu não tinha problema em encontrar o caminho no meio dos arbustos.

Eu estava quase lá quando ouvi uma voz feminina gritando meu nome. Minha cabeça se voltou para a casa.

— Brooke. Onde você está? Ajude-me.

A julgar pela urgência e pela escolha de palavras, parecia uma emergência. A capela teria de esperar. Sem pestanejar, corri para a casa, meu cérebro com um milhão de coisas ruins que poderiam ter acontecido.

— Porra, Brooke, está doendo demais. Não aguento! — Sylvie estava histérica, gritando do banco da cozinha. Como de costume, ela estava sendo melodramática, e adorando isso. Pelo menos não estava chorando.

— Pelo amor de Deus, pare de ser uma dondoca — ordenei, enquanto me concentrava em remover uma lasca de seu pé esquerdo com um par de pinças. — Não vou serrar seu pé!

A lasca de madeira era tão minúscula que eu precisava usar uma agulha para puxá-la para fora. Tinha tentado amolecer a pele com água e sabão e depois com álcool, porém ela estava muito profunda. Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, consegui agarrar uma extremidade da lasca e, puxando-a contra a agulha, ergui-a o suficiente para retirá-la com a pinça.

— Obrigada... — Sylvie esfregou o pé dolorido, a outra perna pendurada no banco. — Eu estava andando descalça na grama quando pisei em um galho. Por onde você tem andado? Eu tive de pular ao redor da casa num pé só e machuquei o calcanhar fazendo isso...

Devolvi as pinças a ela, pensando numa desculpa enquanto fazia isso. É claro que eu poderia contar a ela sobre a capela e sobre as alegações de Jett, porque ela era minha melhor amiga, a única em quem eu realmente confiava. No entanto, a troco de quê eu iria assustá-la, baseada em nada mais do que suposições? Além do mais, eu ainda não estava pronta para lhe contar sobre meu almoço com Jett. Não enquanto ainda não soubesse o que fazer sobre ele...

— Eu estava pensando em dar uma caminhada. Você sabia que Alessandro tem a própria piscina? Talvez você deva usá-la em vez de usar o lago.

— Sim — ela testou o pé devagar, fazendo uma careta, e depois mancou por toda a cozinha e voltou.

— Está bem melhor!

Soltei um longo suspiro.

— Isso é ótimo.

Abrindo a geladeira, peguei duas latas de refrigerante e lhe entreguei uma. Ela não abriu.

— Quando é que você vai vê-lo novamente? — perguntou Sylvie.

— Quem? — Eu pisquei em confusão. Jett tinha estado em minha mente por horas, e por um momento pensei que ela estivesse se referindo a ele, até que me dei conta de que Sylvie só podia estar falando sobre Alessandro. — Não sei... Ele está de fato muito doente e cada dia é uma luta. Clarkson espera que a gente fique por uma semana, durante a qual espero falar com ele de novo.

Os olhos de Sylvie se estreitaram em mim.

— E depois?

Boa pergunta.

— Para ser honesta, não faço ideia — eu ainda não tinha conseguido superar o assombro de que essa enorme propriedade logo me pertenceria. O mínimo que eu poderia fazer seria ficar um pouco mais, mesmo que a excitação inicial tivesse sido dissipada pela perspectiva de viver em um antigo ponto de encontro de um clube bizarro, se é que não fora seu domicílio. Sylvie se aproximou e apertou minhas mãos, seus olhos azuis procurando os meus. — Desde que chegamos aqui, você está no limite. Você sempre foi uma pessoa um pouco preocupada demais, mas nunca a vi tão distraída e estranha. — Apesar de sua testa franzida, a voz dela saía suave, calmante mesmo. — Eu quero que você volte comigo. Deixe que Clarkson tome conta da propriedade, que ele alugue a casa se você quiser, mas esta não é você. E este não é seu tipo de vida. Por que tornar sua vida miserável só porque acha que deve algo a alguém?

Olhei para ela.

— Mas esse não é o caso. Eu só...

Ela fez uma careta e balançou a cabeça.

— Você sempre quer agradar as pessoas, Brooke.

Como eu poderia dizer-lhe que, sim, eu havia aceitado o convite de Alessandro porque era seu desejo encontrar-se comigo, mas agora eu estava pronta para ficar porque um mistério me prendia a este lugar. Fiquei intrigada e queria saber mais sobre a propriedade e as pessoas que viviam aqui. E se Jett estava certo, eu não estaria em segurança em nenhum lugar, nem aqui nem em casa. Eles iriam atrás de mim. Essa perspectiva parecia surreal, mas ainda me assustava como o diabo.

— Eu voltarei com você assim que me sentir pronta — respondi.

Sylvie deu de ombros e abriu a lata de refrigerante.

— Eu preciso dar uma olhada no meu Facebook, ver como estão meus amigos. Faz tempo que não passo por lá para visitar esse povo.

— Claro.

Minha vontade era salientar que a maioria desse povo era formada por pessoas que ela nem conhecia, mas mantive meus pensamentos comigo mesma.

Felizmente para nós, Alessandro tinha acesso à internet na biblioteca, onde Sylvie poderia usar seu computador. Era uma coisa velha que levou cinco minutos para ligar e com uma conexão extremamente lenta, mas Sylvie tinha a paciência de um santo quando se tratava da manutenção de sua vida social virtual. Fechando a porta atrás de mim, dei-lhe a privacidade de que precisava e fui para meu quarto com o envelope de Alessandro. Depois de alguns minutos folheando fotos de família, meu telefone tocou e meu coração começou a disparar quando vi o nome de Jett no visor.

— Encontrou alguma coisa? — perguntou ele, no momento em que atendi.

— Bem, olá para você também. — Fiz uma carranca e coloquei as pernas debaixo de mim, na cama, de repente ciente de como era delicioso o toque do lençol na minha pele. — Ainda não tive a chance. Como você sabia que eu iria procurar?

— Conheço você.

Houve uma pequena pausa e algum barulho. Ao fundo eu podia ouvir as pessoas falando. E, em seguida, o barulho se foi, como se ele tivesse ido a um lugar mais calmo. Não gostei da ideia de ele frequentar um bar sem mim. As mulheres iam se jogar em cima dele e essa ideia deixou minha pele em chamas e meu pulso acelerado. Encolhi-me quando meu humor desceu alguns níveis.

Cara, eu estava ficando com raiva e ele nem tinha feito nada.

— Por que você...

Ele me cortou.

— Tem planos para amanhã? Vou pegá-la às dez.

Sua voz parecia tão sexy, suave como morangos mergulhados em uma calda de chocolate, e ainda assim tão áspera, raspando minhas terminações nervosas.

— Para quê?

Uma parte de mim, provavelmente aquela coberta por minha calcinha, esperava ver esse homem de novo, enquanto a parte que acomodava meu cérebro queria gritar com ele para que deixasse de ser um idiota arrogante e desligasse o telefone.

— Você me deve um encontro, Brooke.

— Eu não vou sair com você.

— Por que não?

Detectei uma pitada de diversão em seu tom de voz e respirei fundo.

— Porque isso não vai acontecer. Preciso de provas concretas em primeiro lugar.

— Entendo, você está com raiva, acabou tudo, e não tem intenção de reavivar as coisas.

Cara, ele ainda não tinha entendido...

— Não estou com raiva porque você reteve a verdade. Você fez o que deveria fazer para sua empresa — respirei fundo enquanto avaliava minhas palavras. — Estou com raiva porque não sei se posso confiar em você.

— Brooke, o que aconteceu está feito. Eu não estou atrás da propriedade. E também não vou forçá-la a fazer algo que não queira, não vou arrancar sua calcinha e comer você aí mesmo, embora... Deva admitir, era exatamente isso que eu tinha em mente, várias vezes desde que você me deu o fora.

Engasguei com minha respiração, enquanto o calor se juntava entre minhas pernas e enviava um delicioso formigamento pelo meu clitóris sensível. Instintivamente, minha mão desceu ali, dois dedos pressionando contra o lugar sensível para ver se parava aquele tesão que continuava crescendo. Sua franqueza me chocou e me excitou. Lá no fundo, eu estava esperando, contando que ele fosse fazer exatamente isso.

Mordi o lábio com força e prendi o fôlego para que ele não ouvisse minha respiração sôfrega pelo telefone.

— Nós ainda temos um contrato — disse Jett lentamente. Sua voz era rouca, traindo sua excitação pela ideia. — Você nunca desistiu de mim e sabe por quê.

— Nós terminamos isso — sussurrei.

— Não, querida. Não por escrito, não o fizemos.

Estávamos de volta à estaca zero. Sexo novamente, o bom e velho sexo. Eu não era idiota o suficiente para pensar que poderia lidar com isso. Não pretendia cometer o mesmo erro duas vezes. Pensando na maneira como me tocou, no jeito como olhou para mim, eu sabia que não poderia lidar com os sentimentos que Jett despertava em mim.

— Essa não é uma boa ideia, Jett.

Porra, até o nome dele soava como pecado.

— Você está sozinha? — Sua voz era sexy. Ela acariciava meu corpo, avançava sobre meu fingimento e tocava naquele local escondido que poderia enviar tanto prazer e dor através de mim.

Balancei a cabeça, mesmo sabendo que ele não podia me ver.

— Sim — sussurrei.

— O que você está vestindo? — Seu tom era exigente, deixando-me sem escolha a não ser responder.

Ah, Deus.

Eu não era tão ingênua a ponto de não saber onde isso ia acabar.

— Uma blusa e uma calça jeans — tentei manter meu tom casual.

— Tire tudo, com a calcinha e o sutiã.

— Por quê? — minha respiração estava pesada. Pergunta estúpida, eu sei.

— Tire a roupa — ele ordenou.

Havia algo em seu tom de voz que me fez ouvir de imediato o seu comando. Talvez fosse o fato de que não estivesse aqui e fosse apenas mais uma voz sexy do outro lado da linha.

— Agora — exigiu.

Embalando o telefone entre o ombro e o queixo, tranquei a porta. Tirei a calça jeans e a calcinha, e puxei o *top* sobre a cabeça. Depois, soltei o sutiã. Aquele ar suave parecia surpreendentemente frio contra minha pele febril, deixando-me bem consciente de minha nudez. No quarto vazio, senti-me exposta, mas sexy. E, depois, havia o fato de que eu sentia tesão e estava pronta para me divertir. Dava para ouvir a respiração de Jett do outro lado da linha, e isso me fazia lembrar de todas as vezes que ficamos juntos na cama, aproveitando o corpo um do outro.

— Pronto? — perguntou ele com voz rouca.

— Sim.

— Agora, quero que você se deite em sua cama e feche os olhos. Quero que você imagine que estou aí com você. Assistindo você. — Sua voz era lenta e profunda.

Apoiando-me contra os travesseiros, fechei os olhos e me concentrei, até que pudesse vê-lo diante de mim, vestido com jeans e uma camisa confortável.

— Estou tirando minhas roupas até ficar nu — sussurrou, parando depois da palavra nu. Imaginei seu corpo em toda a sua glória, todos os músculos rígidos e a pele macia.

— Minhas mãos deslizam sobre seu corpo, acariciando seus mamilos. Posso sentir a suavidade de sua pele, o peso de seus seios em minhas mãos, e sentir o cheiro da fragrância de seu cabelo.

Eu ri, meu nervosismo mostrando o melhor de mim.

— Foco, Brooke — exigiu ele bruscamente.

— Sinto muito.

— Quero que você imagine que estou pelado na sua frente enquanto a vejo, nua. Posso lhe dizer que a vejo, gata, você está me excitando como nenhuma outra. Estou duro e vou deixar você me tocar.

Eu sabia que deveria ter parado isso, ter desligado o telefone, qualquer coisa para manter minha distância emocional. Meu cérebro, porém, manteve-se surpreendentemente fácil de controlar. Sua voz me mantinha intrigada. Tudo era tão surreal. Ele não estava aqui e, ainda, assim estava, como se fosse um fragmento da minha imaginação, disposto a fazer o que eu quisesse.

Limpei a garganta e respirei fundo enquanto deixei sua voz me guiar, visualizando aquele homem e sua rigidez, e o jeito como se tocava. Seu rosto era uma máscara de desejo, o olhar intenso de vontade de me dar prazer. Imaginei os olhos e sua cor verde impressionante, e seus fortes dedos que se moviam sobre meus seios. Apertei as coxas para intensificar a tensão que estava se construindo devagar entre elas diante da imagem de sua majestosa ereção. Meu coração estava correndo no meu peito, batendo freneticamente contra minhas costelas enquanto eu permitia que sua voz experiente me guiasse.

— Consegue me ver? — perguntou Jett.

— Consigo.

Surpreendentemente, eu conseguia.

— Estou esfregando meus lábios em toda a volta do seu pescoço até que você possa sentir minha respiração em sua pele. Começo a beijar seu ombro e sua coluna enquanto minhas mãos se movem em torno de sua cintura para que eu possa separar suas pernas.

Minha pele formigava com seu tom áspero, agressivo.

— Suas costas estão pressionadas contra mim, e minha mão está acariciando sua fenda. Você está me excitando, estou baixando suas costas até que você fique de quatro. Estou lambendo você e sentindo seu tesão por mim. Consegue sentir isso?

— Sim.

— Ótimo — uma pausa rouca, e então: — Quero que você se toque como eu faria. E faça isso direito, gata. Quero que descreva a maneira como seus dedos ficam dentro de você.

Seguindo seu comando, abri minhas pernas e enfiei os dedos no meio delas, acariciando gentilmente, então com um pouco mais de fervor antes de empurrar dois dedos para dentro, depois que ele me instruiu para levar todo o tempo que eu precisasse.

— Diga-me o que você sente, Brooke.

— Estou molhada — sussurrei.

— Quanto molhada?

— Muito, muito... Molhada.

— E os dedos?

— Dois lá dentro.

— Continue mexendo, Brooke — a respiração dele era pesada, excedendo minha fantasia.

— Você me deixa tão duro que dói. Continue.

Movi meus dedos para dentro e para fora de mim com a imagem dele na minha mente e o som de sua voz acariciando meus sentidos.

— Imagine minha ereção entre suas coxas. Como você se sente?

— Eu gosto disso — e era verdade, porque minhas lembranças com ele... Deixavam-me mais molhada.

Ele riu com voz rouca.

— Estou me mexendo dentro de você lentamente, imaginando você molhada e apertada, e isso é tão bom. Como isso é para você, Brooke?

— Bom... — sussurrei.

Meu polegar circulou meu clitóris, colocando-o em chamas, meus dedos entre minhas pernas, ansiosos para seguir o próximo comando de Jett.

— Estou deslizando para dentro de você, e o mais lentamente que eu posso, começo a foder você. Só um pouco por vez, até que comece a gemer meu nome.

Ele sussurrou tão baixo que eu tinha dificuldade de me concentrar por causa da cortina nebulosa de frustração sexual que me pedia que buscasse a satisfação. A excitação dele era evidente a partir de sua respiração ofegante, e a imagem dele se tocando abalou meu último grama de insegurança. Mordendo firmemente meu lábio, esfreguei os dedos pelas minhas dobras molhadas, lutando para encontrar meu prazer em sua ausência.

Sua voz tornou-se fraca dentro da minha cabeça quando ele me disse que tinha mergulhado fundo dentro de mim e como era gostoso estar lá dentro. Eu não podia ouvir mais. Mergulhei os dedos para dentro e para fora, imaginando que era o corpo dele me prendendo para baixo, sua ereção cortando minha pele. Solucei e apertei a cabeça contra a almofada de cetim fria, enquanto meu corpo começava a tremer e se contorcer como fogo contra a carícia pesada da minha mão.

— Vou gozar... — suspirei um momento antes de o mundo escurecer e eu me perder nas doces contrações de meu clímax.

Quando acabou, o telefone ainda estava pressionado ao meu ouvido e o outro lado estava tão silencioso que eu não tive certeza se ele tinha desligado.

— Jett? — perguntei, sentando-me na cama e enrolando o lençol em volta de meu corpo nu.

Eu estava hesitante e de repente envergonhada. Se ele tivesse ouvido tudo isso? Ele ficara chocado, talvez revoltado, pela maneira como eu tinha me deixado entrar na personagem?

Ele limpou a garganta, mas a aspereza do desejo ainda estava lá, fazendo meu coração se contorcer em meu peito.

— Estou com muito ciúme de seus dedos, gata — sussurrou Jett. Eu sorri. — E acho que tenho um problema.

— Que problema? — sorri, sabendo que ele estava prestes a dizer uma das suas coisas sensuais.

— Eu acho que não me canso de você — sussurrou. — Você tem alguma ideia de quanto eu queria que você estivesse aqui? Como eu gostaria de ter visto você gozar?

Sorri agradecida porque ele não podia ver o rubor queimando meu rosto. Sério, eu poderia fazer isso a noite toda, escutar sua voz profunda sussurrando nada ou, nesse caso, esses nada atrevidos, em meu ouvido.

Um baque ecoou no fundo, seguido por uma voz masculina dizendo alguma coisa, e depois o “vá se foder” de Jett como resposta.

Ele não estava sozinho. Talvez até mesmo em um lugar público. O calor escaldante de meu rosto ficou intensificado tanto pela mortificação quanto pela excitação.

— Vou buscá-la amanhã ao meio-dia, no mesmo lugar da última vez — seu tom de voz, agora, estava composto, como o tom de voz de executivo. Depois, caiu para um sussurro. — E Brooke, estou doendo inteiro por sua causa, gata. Você me deve o lance de verdade e eu vou receber. E fugir de mim não vai adiantar, porque nunca fui um cara de desistir das coisas.

A linha ficou muda. Ele tinha desligado na minha cara.

Apesar de eu ter chegado ao clímax agorinha mesmo, meu corpo ainda estava ansiando por ele. Eu nunca tinha imaginado que uma coisa assim pudesse me excitar, ou a ele. Não é que eu me sentisse desconfortável com uma conversa suja, não era isso. Pode ser que seja um clichê, mas sempre achei que essas conversas telefônicas decadentes estivessem reservadas para os caras solitários em uma noite solitária, nunca pensei em quanto poderia ser conveniente uma conexão com a internet. Vesti minhas roupas e digitei uma mensagem de texto.

“Não tenha muitas esperanças. Eu não vou dormir com você de novo.”

Meus dedos pairavam sobre o botão de enviar, mas acabaram pressionando o de apagar, em vez disso. Por que avisá-lo quando eu poderia deixá-lo ferver toda a noite e então detonar suas esperanças? Depois do truque que ele aplicou em mim, o idiota merecia um pouco de dor.

Capítulo 9

— Então, deixe-me ver se entendi. Você quer voltar para Bellagio e me deixar sozinha aqui? — perguntou Sylvie em frente a um pequeno café da manhã, que consistia de uma omelete e um suco de laranja. Além de cereais e *waffles* comprados prontos no mercado, era a única coisa que ela e eu sabíamos cozinhar, então era natural que comêssemos isso sempre que não podíamos ir ao café mais próximo.

Assentindo com a cabeça, apoiei meu garfo no prato e empurrei o prato vazio para o lado.

— Preciso fazer algumas coisas, e você pode fazer o que quiser; ir às compras, ficar na piscina, atualizar seu *status* no Twitter...

— É Facebook — ela fez uma careta, como se eu fosse uma idiota por não me lembrar. — Eu sei que você tem de fazer algumas coisas para o velhote, mas pensei que poderia ir com você.

— Vai ser chato... — tentei parecer convincente e falhei miseravelmente. — Eu preferia que você passasse um dia mais legal, considerando que isso aqui, teoricamente, são férias. Vá se divertir e faça o que tem vontade de fazer.

— E isso seria...?

Dei de ombros. Pessoas normais fariam um passeio turístico ou ficariam deitadas numa espreguiçadeira lendo um livro. Sylvie, porém, era de uma espécie totalmente diferente.

— Vá para Milão fazer compras. Não é tão longe assim. Estarei de volta em torno das sete.

Eu não tinha ideia do que Jett poderia ter em mente. Meu melhor palpite era um almoço que teríamos terminado pelo meio da tarde, pouco mais ou pouco menos.

— Sabe de uma coisa? Acho que vou fazer isso — disse Sylvie. — Eu sempre quis visitar Milão, que é a capital da moda da Itália e, finalmente, vou poder comprar um desses lenços italianos de seda e uma bolsa nova Prada. — Sylvie quase desmaiou e seus olhos ficaram vidrados enquanto ela se imaginava entrando naquele paraíso de compras. Eu quase podia enxergar o logotipo da Prada refletido em seus olhos azuis.

— Só me faça um favor de não vir para casa com um cara...

— Não sou tão idiota assim!

Suspirei.

— É, eu sei...

Na verdade, eu esperava que não fosse eu a cometer o erro de sair com o cara mais gostoso e persuasivo que já havia conhecido. Ter dormido com Jett enquanto ele era meu chefe já tinha sido ruim o suficiente. No entanto, sair com ele, agora, poderia ser pior. Isso anunciava um problema instantâneo.

O motorista de táxi parou bem na frente do *spa*. Paguei e saí do carro rapidamente, quase tropeçando em meus pés quando vi Jett apoiado relaxado em sua Ferrari. Óculos escuros ocultavam seus olhos, impossibilitando notar se ele estava absorto lendo o jornal em suas mãos ou se estava me olhando chegar.

Meu coração começou a bater mais depressa, e minha língua deslizou pelos meus lábios subitamente secos enquanto olhava para aquele um metro e noventa de músculos tonificados. Ele parecia sexy demais usando jeans e uma camisa preta. Seus cabelos negros e espessos eram brilhantes e indisciplinados. Fiquei imaginando que ele tinha tomado banho e não se incomodara em penteá-los antes de vir me buscar.

Minha imagem passando os dedos por seus cabelos e puxando-o para cima de mim foi uma lembrança imediata e me fez corar tão forte que minha pele ficou em chamas. Ele era puro pecado. Quem quer que tivesse inventado essa palavra devia ter feito isso pensando em Jett.

Como num passe de mágica, sua cabeça girou em minha direção na mesma hora e um sorriso diabólico iluminou seu rosto. Ele dobrou o jornal e o atirou pela janela aberta do carro, e depois caminhou em minha direção.

— Olá, sou Jett Mayfield. — Ele agarrou minha mão de uma maneira muito íntima. — Eu sou o cara louco que ligou ontem à noite.

Ele me pegou com o olá e o louco.

Forcei um sorriso e rezei para que ele confundisse o rubor de meu rosto com o início de uma queimadura de sol. Apenas pensar na conversa telefônica de ontem e me lembrar do som de sua voz foi o suficiente para me fazer perder a resistência, o que não era apenas estranho, mas embaraçoso e dolorosamente idiota. Agora seria o momento certo para que a terra se abrisse e me engolissem, e me fizesse desaparecer para sempre. Talvez eu estivesse com sorte e Jett tivesse bebido o suficiente para não perceber minha fraqueza.

Sim, isso era possível. Coisas estranhas acontecem.

Não seja estúpida, Stewart. Basta olhar para o sorriso dele. Ele sabe!

— O que você está pretendendo fazer? — perguntei, tentando parecer o mais casual possível.

— Consertar as coisas. — Ele piscou e entrelaçou os dedos com os meus enquanto me acompanhava até o carro dele. — Começar tudo de novo. Com você.

— Sério? — Eu ri, incapaz de olhar em seus olhos. Os tons graves em sua voz me deixavam nervosa.

— Você está linda. — Ele beijou meu rosto e ficou ali um tempo além do necessário. Um formigamento suave percorreu minha espinha. — Na Itália não se diz que se sente saudade. Eles falam *mi manchi*, o que significa: você está faltando em mim. Eu me sinto desse jeito, Brooke, sempre que você não está por perto, me sinto como se uma parte de mim estivesse faltando.

Um arrepio quente percorreu meu corpo e cada centímetro de mim desejava tocar nesse homem. Já era ruim o suficiente ele ser gostoso e sexy, mas ele precisava ser gentil também? Eu queria dizer algo espirituoso. No entanto, como de costume, eu não conseguia pensar direito perto dele.

Sorrindo, Jett abriu a porta e eu entrei. O cheiro de estofamento caro chegou às minhas narinas. E não me surpreendeu em nada que as pessoas estivessem nos olhando. Elas provavelmente pensaram que fôssemos celebridades, o que não poderia estar mais longe da verdade. Pelo menos no meu caso.

— Para onde vamos? — perguntei.

— É uma surpresa. — Ele ligou o motor e apontou para o jornal antes de sair do estacionamento. — Vá para a página oito.

O jornal era mais velho do que eu pensava, dobrado e usado muitas vezes, a página da frente rasgada em vários lugares. Fui direto para a página oito. A manchete principal mencionava a inauguração de uma galeria. Um pouco mais abaixo havia a notícia sobre um evento de caridade e fotos de gente da alta sociedade, em seus vestidos de gala, segurando taças de champanhe. O último parágrafo mencionava várias compras de peças de arte que tinham sido efetuadas naquela noite. A data era maio de mil novecentos e noventa e um.

— Mas esse jornal é velho — olhei para Jett, confusa, enquanto mencionava o óbvio.

— Se você olhar mais de perto verá a foto de uma versão mais nova de Lucazzone em pé, ao lado do meu pai. Essa é a única foto deles dois juntos.

Olhei as fotos novamente. Apesar de estarem borradas, reconheci Alessandro. A foto fora tirada antes da morte da esposa, bem antes de a saúde dele se deteriorar. Meu olhar passou de Alessandro para o homem de meia-idade elevando-se sobre ele, e eu reconheci o queixo teimoso de Jett e o sorriso confiante. Não havia nenhuma legenda, como se aqueles dois homens não precisassem de uma apresentação. Apenas uma foto aleatória em alguma festa da alta sociedade.

— Onde foi isso?

— Nova York — respondeu Jett. — Há mais de vinte anos.

— Isso é muito tempo.

— Quando eu era criança, nós vínhamos para cá em todos os verões. Ficávamos em hotéis e casas de férias na região, até que comprei minha casa no lago Como há dez anos. Durante todos esses anos, meu pai nunca disse que conhecia Lucazzone. E quando perguntei sobre isso, há poucos anos, ele fingiu que o tinha conhecido só quando decidira comprar a propriedade Lucazzone por ser um bom investimento.

— Mas... O que você está dizendo?

— Meu pai continua fingindo ter conhecido Lucazzone há apenas dez anos. Esse artigo — e apontou o jornal em minha mão — comprova que ele já o conhecia muito antes. E tenho me perguntado por que ele mentiria sobre isso.

— Quando você descobriu isso?

Ele suspirou.

— Pedi a um cara que conheço que investigasse, há algum tempo, logo depois que meu pai me falou sobre o clube e que qualquer exposição sobre ele poderia prejudicar a empresa. Eu queria saber mais. Infelizmente, não havia muito para descobrir.

Meu olhar permaneceu colado a ele enquanto refletia sobre suas palavras. No final, fiz a única pergunta que achei que faria mais sentido.

— Você confrontou seu pai sobre essa mentira?

— Não.

— Por que não?

— Porque não sei o suficiente, entendeu? — disse Jett. — Preciso saber com o que estou lidando. Quem são essas pessoas. Do que se tratava esse tal clube.

Assim como eu, ele não confiava em ninguém. Mordi o lábio enquanto observava Jett com o canto do olho. Os fortes músculos dos braços se exibiam abaixo da camisa. Uma das mãos estava segurando o volante, e a outra descansava contra a janela. Ele deve ter sentido meu olhar sobre ele, porque sua atenção se voltou em minha direção e ele franziu a testa.

— Você ainda não acredita em mim, não é? — Ele se virou para a estrada, mas sua expressão não suavizou. — Porra, Brooke. Eu já lhe disse que não sou o bandido nessa história.

Optei por não responder a essa sua pergunta, porque ele estava certo. Desde que eu descobrira que ele estivera escondendo as coisas de mim, sentia dificuldade em confiar nele. E vê-lo como o vilão foi a

principal desculpa que usei para me afastar. Isso me ajudou a manter distância. Contudo, sem essa desculpa, meu cérebro não conseguiria mais manter sob controle o meu tolo coração.

— O que você acha que está acontecendo? — perguntei.

— Honestamente, não sei. — Ele hesitou por alguns instantes. — Meu pai não fala sobre isso. O que é fato é que ele e Lucazzone se conhecem há muito tempo e meu pai não reconhece isso. Consegui que ele falasse sobre o tal clube uma vez, mas me parece que essa coisa toda foi há alguns anos e agora ele está fora.

— Pode ser que todos eles estejam escondendo alguma coisa — ponderei.

Jett assentiu tristemente.

— É isso o que acho, também. Só não quero que essa merda venha a afetá-la de alguma maneira.

— Sim, e isso é uma coisa sobre a qual eu queria falar — bati os dedos na minha coxa, considerando minhas palavras enquanto meu coração acelerava por causa dos inúmeros pensamentos que corriam pela minha mente. — Você continua dizendo que estou em perigo. No entanto, não tem nenhuma prova...

— Tenho, Brooke.

Silêncio. Esperei que ele continuasse. Ele não o fez.

— Que prova?

Ele balançou a cabeça.

— Eu não quero assustá-la.

Ah, vamos lá!

— Você está brincando comigo? — bufei. — Você percebe que toda essa bobagem sobre “estou aqui para proteger você” já é assustadora o suficiente, ou não percebe? É como se continuasse me avisando que há alguém ou alguma coisa dentro da minha casa, mas não me conta o que é e deixa minha imaginação correr solta nesse filme de horror!

— Tudo bem, tudo bem... Você se lembra de que eu contei sobre a vítima de assassinato encontrada na mansão Lucazzone anos atrás?

Assenti, rememorando a história horrenda que tivera lugar ali décadas atrás. A vítima tinha sido um amante de Alessandro, ou pelo menos era isso o que supostamente estava escrito no diário de Henrietta. O crime nunca foi investigado e, por consequência, Alessandro nunca foi processado.

— Então, isso não era a única coisa estranha acontecendo — disse Jett. — Meu irmão e eu costumávamos vigiar a casa quando éramos crianças. — Assenti com a cabeça, porque eu me lembrava dele me contando a história. Ele continuou. — Às vezes, nós víamos o velho sair de casa. Notamos também policiais visitando com regularidade o lugar. Rindo, apertando as mãos. Tenho boas razões para acreditar que eles estavam envolvidos.

Não gostei dessa informação. Pensei que, num caso de emergência, eu poderia acabar pedindo ajuda às pessoas erradas...

Umedeci os lábios e fiz o comentário mais óbvio, porque as palavras dele continuavam ecoando em meu cérebro.

— E você acha que a polícia estava envolvida... No clube.

— Não, eu não acho — Jett balançou a cabeça lentamente, seu olhar escurecendo. — Olhando para trás, eu tenho quase certeza disso, considerando que o assassinato na propriedade nunca foi investigado. Com as pessoas certas lhe dando cobertura, seria fácil matar alguém e fingir que foi um acidente. Acho que isso foi o que de fato aconteceu.

— Obviamente, um homem com uma garganta aberta não se matou.

— Exato — Jett murmurou.

Quando notei que a Ferrari saiu da cidade e entrou numa estrada apertada no interior, percebi que ainda não tinha ideia de para onde estávamos indo.

— Para onde vamos?

Seu humor melhorou com minha súbita mudança de assunto.

— Desde que sou o cara que a convidei para sair, tenho o direito de manter o segredo de nosso destino até que estejamos lá.

— Eu realmente não gosto de surpresas.

— Eu sei, querida, mas acredite em mim, esta vai ser chocante!

Minha pele começou a formigar ao som sexual em sua voz. E a temperatura dentro do carro subiu alguns graus. Talvez porque o sol do início da tarde estivesse brilhando com um calor implacável. Ou talvez porque seu braço direito estivesse tão perto do meu que eu quase podia sentir seu toque. De qualquer maneira, eu não gostava dos choques de antecipação viajando por meu abdome e se reunindo entre minhas pernas.

Com o tempo, a floresta ficou para trás. De onde estávamos na estrada, no alto da colina, eu pude ver muita água e uma praia. Endireitei-me no assento e estiquei o pescoço para conseguir uma visão melhor. À distância, as primeiras linhas de telhados começaram a surgir, reunindo-se em um nó confuso de propriedades estreitas e sinuosas ruas que tinham sido abertas entre elas.

— Esse é o mar da Ligúria? — Meu cérebro lutava para recordar das poucas coisas da geografia italiana que eu tinha guardado de minha primeira viagem até ali.

— Não, ainda é o lago Como. O mar fica a duas horas e meia de carro a partir daqui — Jett disse. — É bem legal, iremos até lá qualquer dia. *Iremos.*

Meu coração deu uma batida. Ele estava fazendo planos futuros, e eles envolviam a mim.

Jett virou à esquerda e parou próximo de um pequeno atracadouro.

— Você sabe nadar? — perguntou, enquanto me ajudava a sair do carro e o trancava.

Olhei em seus olhos verdes deslumbrantes. Seus cílios impossivelmente longos protegiam os olhos contra a luz brilhante, fazendo-os parecer alguns tons mais escuros do que o habitual. *Misteriosos. Perigosamente quentes.*

— Sim. Por quê? — perguntei, com cautela.

— Porque vamos passear de barco.

Capítulo 10

Falar que aquilo era um barco seria atenuar a realidade. O que Jett chamava de barco se parecia mais com um iate de vinte metros, com quatro cabines de luxo que consistia de um camarote *VIP* na frente, uma cabine com beliche a bombordo, outra cabine com beliches a estibordo e uma cabine principal com um banheiro na área central, foi como Jett explicou. Não que eu tenha entendido metade dessa explicação, mas tentei ao máximo acompanhar sua conversa animada enquanto deixava que me mostrasse tudo.

Quando entramos na sala de estar, que os velejadores chamam de salão, atravessamos uma área espaçosa com amplo espaço para relaxar, uma mesa de jantar de mogno e uma cozinha que era quase o dobro do tamanho da minha em Nova York. Tinha uma bancada em granito, máquina de lavar louça equipada, fogão de cerâmica, geladeira, micro-ondas, forno... Como se alguém fosse precisar de tudo isso num barco.

Aquela estava sendo a minha primeira vez nesse tipo de barco, e, caminhando por todos aqueles aposentos, era difícil não se embasbacar com os móveis caros e o projeto todo em tons de creme e castanho. Finalmente, paramos no salão e Jett me convidou a me sentar no luxuoso sofá creme. Do outro lado da parede, havia uma enorme tv de plasma e um sistema de som que devia ter saído naquela hora da fábrica. Tentei ao máximo não parecer muito impressionada, mas a verdade era que o iate de Jett tinha tudo o que alguém poderia desejar: muito espaço, privacidade e mais objetos do que o apartamento que eu dividia com Sylvie no Brooklyn.

— Uau. Você poderia realmente viver aqui — eu disse, correndo os dedos sobre a suave superfície de mogno de uma mesa lateral.

— Eu fiz isso, cerca de quatro anos atrás.

Senti sua mão em meu pescoço e, em seguida, ele puxou meu cabelo para trás e seus lábios quentes estavam em minha pele. Seus beijos enviaram deliciosos solavancos em mim, fazendome tremer de prazer e uma pitada de dor viajou para algum lugar mais abaixo.

— Eu queria ficar sozinho com meus pensamentos — Jett sussurrou. — Este foi o lugar perfeito para isso. Uma vez que você está aqui, longe da opressão e dos limites da vida e do trabalho, você quase pode sentir o cheiro da liberdade no ar. É como se fosse um mundo completamente diferente.

Pisquei de volta, demonstrando minha surpresa.

— O barco é seu?

Na verdade, não sei por que estava tão surpresa, considerando que ele tinha dinheiro suficiente para comprar tudo o que quisesse.

— Sim, eu o comprei depois de fechar meu primeiro grande projeto. Era muito melhor do que viver em uma casa com meu irmão e meu pai. — Ele me virou para ele. Sua expressão mostrou o mesmo entusiasmo de antes, mas uma sombra tinha descido sobre seu estado de espírito, o que me fez concluir que morar com sua família não devia ter sido nada fácil.

— E por que um barco? — me vi perguntando, motivada por esse homem e pela perspectiva de vê-lo finalmente se abrindo para mim.

Jett deu de ombros.

— Por que não um barco? Você acorda com o sol em seu rosto, o cheiro de sal e de água no ar, o vento soprando em seus cabelos. Não há nenhuma porta. Nem campainhas tocando. Você pode simplesmente

fazer as malas e ir embora, e ninguém saberá onde você está.

Ele queria fugir. Do mesmo jeito que eu tinha fugido tantos anos atrás. Do meu passado, da dor que não parava de me assombrar a cada segundo do dia. Eu queria perguntar do que ele estava fugindo. Entretanto, não o fiz, porque eu queria que ele se abrisse para mim por vontade, e não por obrigação.

Olhei para cima e vi Jett ainda me olhando, me analisando, seus olhos escuros ainda mais nublados do que antes. Ele era tão cuidadoso para não revelar nada sobre seu passado que acabava mostrando tudo em sua expressão. Normalmente, ele era inescrutável. Por um momento, porém, pude ver que ele não era um livro tão fechado quanto sempre fingia ser, o que foi bom, porque me mostrou que sua fachada de um cara perfeito e arrogante não passava de um disfarce para proteger o que estava enterrado dentro de sua alma.

Umedeci meus lábios e caminhei até a pintura pendurada na parede, atrás dele. Era só uma tela de seu barco com grandes letras maiúsculas que formava a palavra A Rocha abaixo dela.

— A Rocha? — li, fazendo uma careta. — Esse é o nome de seu barco? Espero que eu não deva entender esse nome literalmente.

Ele riu, e covinhas lindas se formaram em seu rosto.

— Isso mesmo, mas não se preocupe, levaria muito tempo para afundar. Ele é tão sólido quanto uma rocha, e foi por isso que lhe dei esse nome.

Ergui minhas sobrancelhas.

— Mas os navios não costumam ser batizados com os nomes de antigas conquistas?

— Pois é. — Ele parou e balançou a cabeça, fingindo uma profunda reflexão. — E se eu lhe dissesse que não havia antigas conquistas? Ninguém que de fato fosse importante?

Meu coração bateu contra o espaço confinado da minha caixa torácica.

Difícil de acreditar.

No entanto, pelo jeito como me olhava, calmo e sério, me fez querer acreditar em cada uma de suas palavras.

— Na verdade, eu poderia mudar o nome do barco — continuou Jett. — Estava pensando em Brooke, que tem um som bem melhor e mais agradável do que Rocha.

— Sério?

Eu ri nervosamente enquanto o vi aproximar-se, parando a apenas alguns centímetros de distância de mim.

— Por que eu iria brincar com isso?

Ele estava falando sério. Eu podia sentir isso pelo jeito como me olhou, com um brilho determinado nos olhos. Minha respiração ficou presa na garganta. Não por causa da maneira como olhou para mim, com um magnetismo intenso que me deu vontade de dar a ele tudo o que eu tinha — nem porque ele estava pensando em mudar o nome de seu barco e batizá-lo com o meu. Eu mal podia respirar, porque percebia que nada havia mudado. Ele se comportava como se ainda estivéssemos juntos, como se nós não tivéssemos terminado.

Como se ele, de fato, fizesse tudo para tornar verdadeiras as palavras que me tinha dito na última vez que o vira, em Nova York:

Eu me importo com você o bastante para deixá-la ir embora.

Tecnicamente, ele me deixou ir, e então me seguiu. Quer dizer, ele se importava mesmo? E se isso fosse verdade, era uma coisa boa? Deveria dar as boas-vindas a isso, permitir que meus sentimentos se desenvolvessem e ver para onde isso me levaria?

— Pode ser um pouco cedo demais mudar o nome do barco e colocar o meu — respondi lentamente.

Ele se virou, escondendo sua expressão. Por um momento, eu me arrependi de minhas palavras, até que percebi que estava fazendo a coisa certa. Mantendo o outro a uma distância segura, não me envolvendo tanto.

— O que acontece quando você não está aqui? Quem toma conta do barco?

Consciente da súbita tensão que emanava dele, tentei dirigir o foco para longe de mim.

Jett apontou para a porta, ignorando minha pergunta e a declaração anterior.

— Olha, você pode esperar aqui enquanto eu puxo a âncora? Estarei de volta em um minuto.

Ele estava indo puxar a âncora? Algo como ir embora comigo a bordo? *Nossa!*

Eu estava em apuros.

Ficar sozinha com ele em um barco de luxo cercado pelas águas azuis do lago e sem nenhuma alma viva por perto era a última coisa que eu queria e, ainda assim, me peguei sorrindo e dizendo:

— Claro, leve o tempo que quiser.

Que diabos, Stewart?

— Ótimo — disse Jett, os olhos traindo seu riso. — Vou trazer uma bebida para nós na volta.

Ele fez tudo parecer comum, como se estivesse indo buscar café na cafeteria da esquina. Eu conhecia esse tom *blasé* dele, e o que isso geralmente precedia. Nunca confie num cara com sotaque do Sul, um sorriso tranquilo e uma postura casual, porque ele está prestes a se enfiar no meio da sua calcinha sem que você perceba.

Chateada comigo mesma por nem sequer pensar em protestar, comecei a olhar em volta enquanto esperava que ele voltasse. As portas estavam abertas e, de onde eu estava sentada, no sofá, dava para espiar diretamente na cabine principal. A primeira coisa que notei foi a cama *king-size* e um pequeno tapete redondo no chão de carvalho polido. Os lençóis eram da cor de chocolate cremoso, suaves e brilhantes como a seda. A imagem que me veio foi me ver sentada naquela cama macia. Eu podia me ver cercada por todos aqueles travesseiros e imaginei as mãos ásperas de Jett em minha pele, sua língua dentro da minha boca enquanto nos beijávamos e fazíamos amor sobre os lençóis de seda, minhas mãos puxando seu cabelo enquanto ele se movia dentro de mim. Meu estômago deu um nó enquanto uma pontada de calor passava por dentro de mim e se reunia entre minhas pernas. Ainda bem que tinha feito depilação e colocado minha lingerie mais bonita.

Gemi de irritação.

Por que eu estava pensando nisso? Não que eu quisesse dormir com ele... Não foi por esse motivo que vim até aqui, afinal. Eu estava tão imersa em meus pensamentos que não ouvi quando Jett entrou.

— Você disse que parou de beber álcool, então trouxe café gelado para nós — ele colocou um copo alto contendo um líquido marrom cremoso e um canudo na minha frente.

Olhei para cima, assustada. Meu rosto pegou fogo, em parte porque eu tinha vergonha de meus pensamentos, e em parte porque sabia que ele sabia. Era bastante óbvio a partir do brilho divertido em

seus olhos e pela maneira como umedeceu os lábios, com a ponta da língua, sugerindo todos os tipos de coisas impertinentes. Ele estava me torturando sem sequer tocar em meu corpo.

— Quero lhe mostrar o lago — disse Jett — uma vez que você pode querer viver aqui quando herdar a propriedade.

Ele estendeu a mão e eu entrelacei meus dedos nos dele, a pele estava quente. Subindo as escadas, senti o olhar de Jett na minha bunda e não pude deixar de balançar meus quadris um pouco mais que o normal, porque eu queria causar nele o mesmo efeito que ele causava em mim.

Fomos até o deque, e permanecemos por alguns momentos, desfrutando da vista deslumbrante.

— Era aqui que eu passava a maior parte do meu tempo quando vinha até Bellagio — disse Jett.

— É lindo — sussurrei, percebendo que minhas palavras não poderiam fazer justiça ao que estava admirando. Olhei em volta e comecei a observar o deque em que estávamos.

Decorado com mobiliário de jardim em vime marrom, composto por um sofá com almofadas na cor creme e uma mesa de café, tinha ainda uma enorme mesa lateral com espaço suficiente para acomodar toda uma família. Havia três áreas para bronzeamento; uma mais à frente, outra atrás e uma ao lado do console do leme.

— Vamos colocar o bebê em movimento — disse Jett.

Pela divisória de vidro, vi Jett entrar na cabine do piloto e se colocar atrás do leme. Seus longos dedos se enrolaram em torno da direção quando com habilidade pressionou alguns botões, e havia muitos deles. Tudo parecia muito complicado e, mesmo assim, Jett se comportava como se nunca tivesse feito outra coisa na vida. Obviamente, ele sabia o que estava fazendo, e isso me relaxou.

Um instante depois, o barco voltou à vida e deixamos o cais, lentamente no início, em seguida, mais depressa. Eu caí em uma poltrona e fiquei olhando para a água azul-clara em torno de nós enquanto nos movíamos para mais longe da costa e das pessoas que andavam para cima e para baixo no calçadão.

Estar aqui com as ondas quebrando em torno do barco e o vento soprando no meu cabelo me deu uma sensação de tranquilidade e de felicidade. Pela primeira vez me sentia realmente viva... E segura. Como se o vento e a água pudessem lavar a dor e as decepções dos últimos dez anos. Como se eu pudesse largar meu passado para trás e embarcar em um novo futuro. E o fato de que Jett estava em pé a apenas alguns metros de distância fez toda a experiência se tornar ainda mais profunda.

Barcos passavam por nós periodicamente, e a costa se tornou nada mais que uma estreita faixa marrom à distância. E, então, mesmo isso desapareceu e minha mente navegou sem rumo pelas lembranças de sua voz profunda e seus olhos pecaminosamente sensuais.

O Rocha diminuiu de velocidade e pude sentir as vibrações suaves do motor. Percebendo que adormecera, abri e logo apertei os olhos contra o brilho do sol enquanto tentava me ajustar à luminosidade ofuscante. Estávamos longe, no lago, sem pessoas à vista. Rodeado pela visão das montanhas, o local parecia tranquilo e isolado, longe da civilização. O motor zumbia e, depois, tudo se tornou calmo e o barco ficou flutuando preguiçosamente na água.

Percebendo que éramos apenas Jett e eu sobre a água de agora em diante, sentei-me e olhei pela divisória. Ele não estava lá. Um momento depois, senti sua presença atrás de mim. Virei-me e sorri, e ele me recompensou com um sorriso preguiçoso.

— Tirou uma boa soneca?

— Como você sabe?

Ele inclinou-se e tirou uma mecha de cabelo do meu rosto.

— Porque sei como você fica quando acorda, com um ar sexy e despreocupado, como se tivesse ido a um lugar diferente.

Senti meu rosto pegar fogo.

— Sexy, é? Gosto disso. Sempre pensei que parecia mal-humorada. Sexy definitivamente parece muito melhor.

— Até mesmo sua cara de mal-humorada me parece sexy. — Ele estendeu a mão para me ajudar a levantar e me virou, passando os braços em volta de mim, por isso a minha bunda foi pressionada contra seu corpo. Eu me aconcheguei contra seu peito e estiquei o pescoço para acomodar melhor seus lábios que exploravam minha orelha. Minha pele estava quente, muito quente, e não era por causa do sol.

— Há quanto tempo você pilota barcos? — perguntei, para me distrair da repentina tensão no ar.

— Fiz meu primeiro curso há seis anos, mas meu pai me ensinou o básico quando eu era criança.

— Isso é bom — respondi, inclinando-me mais para perto para que ele não parasse de morder. — Você com certeza sabe o que está fazendo.

— Você quer dizer pilotar o barco, ou isso?

Seus dentes roçaram minha pele um pouco mais forte do que o necessário, enviando um choque de prazer e dor pelo meu corpo. Sua carícia deixava as coisas difíceis para mim, como por exemplo, manter minha compostura, por isso eu me afastei e dei um passo de lado para colocar alguma distância entre nós.

— Venha, vamos para dentro. — Ele sorriu e estendeu a mão. Olhei para ele com cuidado, não muito confiante de que ele não iria apenas pegar-me em seus braços e fazer tudo o que ele estava prestes a fazer. — Não vou morder, a menos que queira que eu faça isso.

— Por quê? O que tem lá dentro?

— Chá gelado? Água? Você deve estar desidratada — e eu estava mesmo. No entanto, ainda não conseguia confiar no brilho perigoso que havia em seus olhos. — Além disso, está mais fresco lá dentro.

— Nada de gracinhas... — retruquei.

— Você me conhece.

Claro que eu o conhecia.

— Exatamente. Por isso não confio em você quando estamos sozinhos.

Ele deu aquele sorriso de fazer cair calcinha que sempre me fez querer rasgar suas roupas e me enrolar em torno daquele corpo glorioso. Tinha uma pitada de orgulho em seus olhos?

Gemi irritada comigo mesma por inflar aquele ego superinflado um pouco mais.

— Eu não quis dizer isso como um elogio. Não é como se você fosse um deus do sexo ou qualquer coisa parecida.

— Uau, obrigado, gata, eu adoraria provar meu valor.

Ah, Deus. Por que eu não podia apenas manter minha boca fechada?

Um sorriso preguiçoso iluminou seu rosto e meu cérebro ficou desligado por um segundo. Irritada, revirei os olhos, cruzei o deque e desci as escadas para o salão, confiante de que ele viria atrás de mim.

Sentei-me no sofá e assisti enquanto ele nos servia dois copos de água mineral da geladeira.

— Obrigada — eu disse, enquanto ele me servia um copo e se sentava diante de mim. Tomei alguns goles e coloquei o copo na minha frente, na mesa, o tempo todo muito consciente de seu olhar intenso sobre mim.

Pelas janelas eu podia ver a água resplandecente e aquele movimento suave aliviou minha tensão, mas não o suficiente para me fazer sentir menos nervosa perto dele.

— Não conheço ninguém que seja dono de um barco, e muito menos saiba navegar — admiti. — Acho isso muito incrível. Existe mais alguma coisa que esteja escondendo de mim?

Ele inclinou a cabeça.

— Não sei voar muito bem. Meu irmão é muito melhor do que eu, o que irritou demais o meu pai. Ambos são altamente competitivos, me desafiando a vencê-los em tudo o que lhes chamar a atenção. Mas sempre naquelas coisas que não eram especialmente arriscadas. Você sabe, voar, jogar cartas, caçar... Eu estava mais interessado em outras coisas.

Eu ri. Ele estava falando sério? Eu queria salientar que algumas das coisas que ele tinha mencionado eram arriscadas, mas decidi explorar isso mais tarde.

— Que outras coisas? — perguntei.

Ele se inclinou tão perto que eu podia ver as pequenas linhas sob seus olhos e sentir o delicioso calor de sua respiração. Seu olhar penetrante encontrou o meu.

— Por algum tempo, tinha a ideia maluca de trabalhar disfarçado. — Levantei minhas sobrancelhas em confusão e seu sorriso se alargou. — Você sabe... Caçar pessoas. Tive aulas de artes marciais, treinei todas aquelas coisas de James Bond que a gente vê na tv. Entrei para uma gangue. Foi minha maneira de lidar com a raiva. — Ele acenou com a mão como se não importasse. Quase engasguei com minha respiração.

— Espere. Vamos retroceder um pouco. Você disse gangue?

Ele fez uma careta.

— Mais ou menos. Embora não tenha sido do tipo que lidava com tráfico de drogas, se é isso que você está pensando. Todo mundo disse que eu tinha problemas com autoridade, o que acho que era verdade. Eu não ouvia ninguém. Nem meu pai, nem meus professores. Ninguém.

— E quando você diz que caçava pessoas, suponho que você não se refere a procurar executivos para preencher uma vaga de emprego.

Ele balançou a cabeça, ainda sorrindo.

— Uau...

Olhei para ele, de boca aberta. Era difícil imaginar Jett — o ceo refinado de uma das maiores e mais poderosas empresas do setor imobiliário no mundo — fazendo alguma coisa perigosa, e ainda assim eu estava inclinada a acreditar nele. Ele tinha me surpreendido como um menino mau logo que o conheci, e fiquei contente em saber que meu talento em julgar as pessoas não era tão ruim quanto sempre pensei.

— Isso é coisa do passado, no entanto, não posso dizer que não me orgulho de algumas das experiências que adquiri. — Ele correu os dedos distraidamente sobre meu braço, e seu olhar estava longe, de modo que não pude ler sua expressão, mas não deixei de captar alguma tensão em seu tom de

voz. Ele estava escondendo alguma coisa. Não consegui identificar o que me levou a essa conclusão, mas sabia que estava certa.

— Bem, todos nós cometemos erros. Faz parte da humanidade — disse.

Pela maneira como mordeu o lábio inferior, hesitando, eu poderia dizer que ele não queria divulgar mais nada, o que foi uma pena, porque eu adorava ouvir sobre sua vida. Isso me fazia me sentir mais ligada a ele. Talvez ele não confiasse em mim o suficiente para compartilhar mais coisas. Quem sabe se eu insistisse mais nesse assunto eu pudesse estar pedindo demais em pouco tempo, coisa que todas as revistas femininas diziam para evitar, para ir mais devagar. Obviamente, eu não queria ser aquela mulher do tipo agressivo que quer saber de tudo e depois começa a fazer perguntas idiotas do tipo: o que você está pensando? Ou: como você se sente sobre nós? Eu conhecia muita gente que tinha cometido esse tipo de erro e, de verdade, quis aprender com seus erros. Ele confiaria em mim, com o tempo. Infelizmente, eu já havia lhe contado um dos meus maiores segredos. Então, não o deixaria se safar sem que me contasse seu maior segredo. Seria legal quando ficássemos quites.

— E o que fez você desistir?

Alguns momentos se passaram e ele não respondeu. Achei que tivesse ficado com raiva por eu ter tomado a liberdade de insistir em um assunto sobre o qual ele obviamente não se sentia confortável em falar. E então ele se virou para olhar para mim, e eu vacilei pela dor refletida em sua expressão. Seus olhos eram profundos como o oceano e cheios de escuridão.

Eu sabia que este era o momento em que ele ou ia querer compartilhar tudo comigo, ou ia se afastar de mim.

— Eu me envolvi com pessoas erradas e acabei fazendo coisas muito ruins para elas — disse Jett. — Eu tive de aprender da maneira mais difícil... Ou era ir para a cadeia, ou deixar que meu pai comprasse meu passe naquela confusão. Mudei muito desde então — ele parou de falar, deixando o resto aberto à interpretação.

A energia que ele exalava tornou claro que algo ruim tinha acontecido. A imagem dele se escondendo, destruindo, brigando, surgiu na minha cabeça e outros sentimentos correram por mim — excitação, medo — ao saber que Jett tinha sido outra pessoa. Ou quem sabe ele não fosse alguém tão diferente agora, apenas escondesse bem. Fosse como fosse, percebi que minha opinião sobre ele não havia mudado.

— Eu gostaria de poder dizer mais, mas não há sentido em dizer-lhe uma coisa que eu não posso mudar. Algo que não posso explicar nem a mim mesmo — Jett murmurou. — Todos nós temos segredos. Os meus podem ser piores do que gostaria de admitir, mas não quero que você tenha uma opinião pior de mim ao contar-lhe o que aconteceu, porque meu passado não é nada mais do que uma bagagem resultante de más escolhas e erros tolos. O que aconteceu não pode ser desfeito. Tenho a sorte de estar vivo, e isso é tudo que importa. Talvez um dia, quando tiver mais confiança de que não poderei assustá-la demais, eu lhe conte o resto.

Isso doeu, ele pensar que qualquer coisa que ele me contasse me faria fugir para as montanhas, mas eu entendia porque ele pensava assim. Segredos não são facilmente revelados quando você tem muito a perder.

— Bem, o que quer que você tenha feito, isso é passado — minha mão agarrou a dele, dando-lhe um aperto leve e reconfortante, sinalizando que eu não iria julgá-lo, do mesmo modo que ele não me julgou quando revelei meu passado. — É da natureza humana... A gente cometer erros.

Ele pegou meu olhar e algo aconteceu entre nós. O mútuo entendimento de que não saber de tudo seria melhor para mim. Para nós. Para tudo que pudesse haver entre nós no futuro.

Eu estava bem em não saber.

— Olhe, eu estive lá, e compreendo — forcei um sorriso suave nos meus lábios.

— Obrigado.

Seu olhar passou por mim como uma corrente, e penetrou meu âmago, e seu polegar começou a acariciar meus dedos. Minha pele se arrepiou: forte, perceptível. Pela enésima vez eu me perguntava se ele podia sentir a nossa conexão. Dois opostos reunidos como ímãs. Por mais que eu o tivesse afastado, odiando-o pela dor que me causara, eu não podia negar que ele era uma parte de mim, agora. Onde quer que eu fosse, ele estaria lá, enterrado profundamente dentro do meu coração. Nunca o deixando partir.

— Pelo quê? — Minha voz estava rouca. — Não fiz nada.

— Por me ouvir — ele segurou meu rosto e me forçou a encontrar seu olhar escaldante.

Seu polegar acariciou meus lábios, seu toque tão suave como chocolate derretido.

Beije-me.

Meus olhos imploraram, seguindo a ordem de meu coração.

— Desculpe, eu esqueci as boas maneiras. Você está com fome?

Quebrando nosso momento especial, ele me soltou e se dirigiu para a cozinha. Meu olhar o seguiu.

Maldito seja ele e sua capacidade de parecer tão pouco afetado!

Limpei a voz.

— Na verdade, estou morrendo de fome. Posso ajudar de alguma forma?

Caminhei até lá, sem saber se me sentia feliz ou desapontada por estarmos de volta ao terreno superficial.

Ele abriu um pequeno armário e pegou dois pratos.

— Eu já encomendei.

— O que vamos comer?

Ficando na ponta dos pés, estiquei o pescoço para espiar por cima do ombro dele e notei uma grande bandeja de prata no balcão. Ele desligou um pequeno botão vermelho no bufê e tirou a tampa. O aroma de carne assada e legumes bateu em minhas narinas.

— Você não é alérgica a nozes, é? O recheio pode ter algumas...

Ele começou a servir comida nos pratos, acrescentando à carne o macarrão com rúcula, feijão branco e cebolinhas assadas.

— Não que eu saiba. E mesmo que fosse, assumiria o risco apenas para provar um pouco desse prato. Tem um cheiro delicioso.

Ele polvilhou cebolinha picada sobre os pratos e sorriu.

— E o sabor é ainda melhor.

Lembrei-me das poucas vezes que ele cozinhou para mim. A comida não era apenas deliciosa, tinha sido inesquecível.

— Melhor ainda do que os pratos que você cozinha? — perguntei. — Ora, eu sou uma mulher de sorte.

— Espere, o que foi isso? — ele chegou mais perto.

— O quê? — Dei alguns passos para trás até que minhas costas foram pressionadas contra algo duro.

— Esse olhar que você acabou de ter. — Seu dedo indicador se arrastou pelo meu rosto. — Foi sarcasmo? Você está insinuando que minha comida era ruim?

Sua carranca fingida mal conseguia ocultar um sorriso preguiçoso, e o brilho em seus olhos me mostrou que ele estava brincando. Senti que a direção de nossa conversa havia mudado. Ele estava indo mais fundo, estabelecendo um jogo.

Mordi o lábio enquanto contemplava minhas opções. Eu poderia fingir que não gostara de sua comida e me arriscaria a magoá-lo, porque não era certamente a resposta que ele esperava.

Ou poderia entrar no jogo. Inferno, eu estava mais do que pronta para um joguinho.

E então o que vai fazer, Stewart? Abra a guarda e você vai acabar mal – tudo de novo?

Respirando fundo, encontrei seus belos olhos. Na minha frente, ele parecia enorme, dominador. No entanto, havia uma fragilidade que me fez perceber que ele não era tão intimidador como eu pensava.

— Talvez.

Inclinei a cabeça, dando-lhe acesso total ao meu pescoço exposto. Seus dedos percorreram meu braço e descansaram em meus quadris. Engoli em seco e ignorei o arrepio que seu toque enviava pelo meu corpo. Ele me queria. Ele me queria muito. Bem aqui, agora. Eu podia ver isso pelo modo como seus olhos me consumiam. E eu o queria também. Muito.

Por que simplesmente não ceder?

Apenas uma vez.

— Bem, senhorita Stewart, se você não gostou da minha última tentativa de cozinhar, pode ter certeza de que terá de suportar a próxima. — Seus olhos se tornaram um tom mais escuro de verde. O ar se carregou de tensão sexual, enviando mais um choque elétrico pela parte inferior do meu corpo.

Putá merda.

Ele ia cozinhar de novo para mim... E minha determinação foi lentamente diminuindo.

Reagindo por instinto, passei por ele, em direção ao deque, mas ele foi mais rápido: pegou-me e me levou por cima do ombro para o sofá.

— Pare com isso. — Rindo, tentei me libertar bastante debilmente. — Seu ataque não é bem-vindo.

— Ataque, hein?

Ele me colocou no sofá, em seguida, mudou-se para o meio das minhas pernas, até que ficou deitado sobre mim e minhas mãos presas acima da minha cabeça. Seus lábios procuraram os meus, quase me tocando. Persistentes. Provocando. Próximos demais e, ainda assim, muito longe.

— Diga — seu tom foi baixo, mas registrei um comando nele.

— O quê?

— Diga que você gosta da minha comida — seus lindos lábios tremeram com a mais ínfima sugestão de um sorriso.

— Eu... Ela é terrivelmente... — fiz uma pausa, deixando que ele ficasse mais quente, só mais um pouco. —... Deliciosa. Gosto muito.

— Diga isso de novo. Acho que posso ter ouvido mal. — Seu sorriso era presunçoso, com os olhos cintilantes, com um brilho de malícia.

— É deliciosa. A melhor que já provei. — Eu não estava falando apenas da comida, e ele sabia disso.

— Sério? Foi a melhor que já provou? — Sua língua se moveu sobre seus lábios, deixando um rastro molhado e tentador para trás.

Assenti com a cabeça, incapaz de apagar o sorriso estúpido da minha cara.

— Então vou deixá-la no chão... Por enquanto, senhorita Stewart.

Ele mudou de posição e apertou mais os meus pulsos, enquanto seus lábios se aproximaram dos meus. Um momento de expectativa passou entre nós, uma promessa silenciosa e que não precisava de palavras para transmitir seu significado. Ele me olhou com tanto carinho e paixão, que não precisei mergulhar profundamente em seu coração para saber o que ele estava sentindo.

Eu nunca tinha sido tão feliz na minha vida e, nesse instante, percebi que mesmo que eu quisesse, e mesmo que a oportunidade se apresentasse, eu nunca poderia machucá-lo.

Amor é quando você prefere ser ferido a ferir a pessoa que você ama.

Os lábios de Jett passaram sobre os meus suavemente, fazendo com que meu estômago vibrasse enquanto meus olhos bebiam no mar escuro da sua íris.

— Torço pra que você não espere boas maneiras porque estou morrendo de fome — sussurrou Jett naquele tom de voz sexy que fazia com que não parecesse estar falando sobre comida.

Pare de ouvir duplo sentido em suas palavras, Stewart!

— Comer parece uma boa ideia.

Deixei que ele me ajudasse a levantar e sentei-me à mesa observando, enquanto ele trazia nossos pratos. Jett parecia ligeiramente mudado. Como se um peso tivesse sido retirado de seus ombros. Servindo-me de meu almoço, sorri para ele. Ver aquele homem feliz me fazia feliz, e isso era tudo que importava.

Capítulo 11

O tempo passou depressa demais. Depois do nosso momento estranho, mas íntimo, e o almoço, que acabou sendo incrível, voltamos ao deque para um bate-papo ameno. Jett tinha uma conversa boa, e essa era uma das muitas coisas de que gostava nele. Era difícil acreditar que ele era apenas alguns anos mais velho que eu. A vastidão de sua experiência adquirida em viagens e seu conhecimento do mundo davam uma impressão diferente.

— Mais chá gelado? — Ele encheu meu copo sem esperar pela minha resposta.

— Obrigada. — Meu olhar viajou para a água azul-clara, e a forma como parecia refletir a luz do sol em um milhão de facetas.

— Então você está levando isso a sério? — perguntou Jett.

— O quê?

— O seu celibato em relação ao álcool.

Assenti e tomei um gole de chá.

— Estou. Estou levando isso muito a sério.

Talvez não para sempre, mas por agora eu pretendia ficar com a minha decisão. Ficar embriagada com Jett por perto era a última coisa que eu queria, até porque eu sabia que não poderia ser responsável por qualquer coisa que fizesse ou dissesse sob a influência de álcool.

Além disso, precisava de uma mente clara para reavaliar nossa situação.

Ele tomou um gole do próprio chá gelado, seus olhos sem deixar de fixar os meus. Eu poderia dizer que aquele homem estava prestes a recomeçar a flertar, pelo modo como seus olhos se enrugaram nos cantos. Ele se inclinou para a frente apoiando os cotovelos sobre a mesa.

Sua perna tocou a minha, tornando-me muito consciente de quão perto estávamos sentados.

— Você já pensou em trabalhar para mim de novo? — Sua voz era brincalhona, mas havia um tom sério no que ele acabara de falar.

— Por que você iria querer isso? — perguntei surpresa.

— Porque eu quero ter você por perto. Formamos uma boa equipe.

Ele estava certo sobre a última parte, e tê-lo por perto pela maior parte do dia era uma ideia tentadora. No entanto, havia tantos argumentos contrários que eu não tinha ideia nem de por onde começar. Estávamos muito envolvidos emocionalmente para ter um bom relacionamento profissional. E também havia o segundo melhor argumento: a experiência passada.

— Da última vez não deu muito certo — comentei.

— É justo. Entretanto, nós dois aprendemos com nossos erros.

Será?

— Eu não tenho planos no momento. Eu só quero ter calma, ver como as coisas estão caminhando. — E, com isso, eu queria dizer nós. A mansão. Alessandro. Eu precisava de tempo para tomar uma decisão com relação à minha herança, aonde morar e o que fazer com minha vida.

— Uma posição nova que vai ser aberta. Paga duas vezes mais do que você recebia antes e você estaria supervisionando projetos como líder, e também assumiria as funções de minha assistente pessoal.

Considere isso uma promoção com aumento de salário. Nós poderíamos viajar juntos, aproveitando para nos conhecer melhor. Claro que, se você não quiser, eu respeito sua decisão.

— Vou pensar sobre isso. — Evitei seu olhar intenso. — Obrigada pela oferta. — E eu estava grata mesmo.

Ele deu de ombros daquela maneira não comprometedora dele que mostrava que isso o afetava mais do que ele deixava transparecer. A verdade era que Jett dirigia uma das mais respeitadas empresas do mercado imobiliário do mundo e deixar passar essa oferta seria uma coisa idiota, em termos de carreira. Contudo, trabalhar com ele e vê-lo a cada dia só faria com que me apaixonasse ainda mais por esse homem.

— Tenho uma coisa para você. — Ele foi até a área de navegação e voltou com uma caixa branca. Em seguida, entregou-a a mim, com as mãos tocando a minha. — O que é isso?

— Apenas abra.

Desembrulhei a caixa e retirei o papel fino para revelar um biquíni de duas peças feito de tricô. Avaliei a parte de cima e a parte de baixo e segurei ambos contra a luz, maravilhada com a modelagem e com a maneira como pareciam brilhar em facetas de prata. Era um daqueles luxuosos biquínis de grife que sempre quisera comprar, mas não podia pagar.

— Você disse que o branco era sua cor favorita, então pensei que você poderia mudar de roupa, se ficar muito calor. — Ele passou a mão pelo cabelo negro.

— Eu... — quase engasguei com minha respiração. — Ele é lindo, você não devia...

Os únicos presentes que eu já recebera de um cara foram um chaveiro e um copo em que se lia “Tem de relaxar”. Entretanto, não foi o presente que me tirou o fôlego. Foi o fato de que, no curto espaço de tempo que passamos juntos no passado, ele tinha de fato me ouvido. A cor era perfeita e ainda tinha o tamanho certo. Ou ele tinha vasculhado minha gaveta de calcinhas para descobrir isso ou tinha muita experiência com mulheres e seus tamanhos. A opção um parecia um pouco assustadora e eu certamente preferia a opção dois.

— Bem, espero que você goste.

— Claro que sim, obrigada. — Lutei contra a vontade de ficar na ponta dos pés e colocar um beijo suave no rosto dele.

Enquanto guardava o biquíni de volta na caixa, lembrei-me do aviso de Sylvie. Essa era a vida dos ricos, que nunca precisavam se preocupar com dinheiro. E percebi que nosso relacionamento era o menor de nossos problemas. Embora eu fosse agora a herdeira de uma propriedade, minha herança era o resultado de uma feliz coincidência, enquanto ele nasceu na riqueza. Cresceu rico, acostumado com esse estilo de vida, e gastando milhões com coisas de que não precisava. Ele poderia comprar tudo e qualquer coisa que desejasse. Jett tinha mulheres se jogando aos seus pés, prontas a desabotoar as calças para ganhar um novo vestido ou um par de sapatos. Enquanto eu gostava de pensar que era diferente, sabia que ele poderia não pensar dessa forma se, por acaso, aceitasse seu presente. Um homem tão poderoso e sexy como Jett poderia facilmente substituir coisas — e pessoas. Eu não queria acabar como uma delas, não queria que ele perdesse o respeito por mim.

— O que há de errado? — A expressão de Jett refletia sua preocupação e percebi que tinha ficado olhando para a caixa por um tempo longo demais. — Será que comprei o tamanho errado?

— Não, não é isso. É só que... — Minha voz vacilou. — Por que você está fazendo tudo isso, Jett? — Tentando controlar o tremor em minha voz, fiquei de pé e caminhei até o parapeito.

— Por que estou fazendo o quê?

Eu podia senti-lo em pé atrás de mim, mas não virei para encará-lo.

— Se você não está mais interessado no imóvel, por que está saindo comigo e comprando presentes para mim? — sussurrei.

— Porque gosto de coisas boas e posso me dar ao luxo de comprá-las?

Sua declaração soou mais como uma pergunta e só confirmou o que eu já sabia sobre ele e seu estilo de vida.

Balancei a cabeça e ri brevemente.

— Então, é isso o que você faz para as mulheres porque pode se dar ao luxo?

O pensamento dele com outras mulheres quase me fez vomitar. Eu não era do tipo que se preocupava com o que os outros iam falar, mas também não era uma idiota para não perceber que não tinha nada para mostrar, nada que pudesse fazer os amigos ricos dele exclamarem: uau, ela é a esposa-troféu ou sei lá o que os músicos, atores e outras celebridades dizem sobre as namoradas e esposas dos outros. Homens como Jett tinham ao seu lado mulheres que possuíam ou *status* ou dinheiro, ou aparência ou fama. Eu não tinha nenhuma dessas combinações e isso me incomodava. Pensei que seu interesse por mim fora baseado em seu desejo de obter a propriedade. Agora que isso parecia ter sido esclarecido, o que Jett via em mim que eu não via?

Sua mão se colocou na parte inferior das minhas costas, massageando-me suavemente, como se quisesse acalmar o tumulto dentro de mim.

— Não, eu não faço isso para as mulheres. Eu só gosto de você — ele disse. — Você fala as coisas do jeito que as vê. É uma pessoa fácil de conversar em um nível mais íntimo, o que é difícil de encontrar.

Eu me virei e ele segurou meu rosto me forçando a olhar para cima. Seus olhos eram tão profundos como o mar que nos rodeava.

— Você é honesta e inteligente. Você é interessante porque tem algo que muitas não têm: charme, espírito e um coração bondoso. E você é sexy. — Seus lábios pairavam sobre os meus, levando meu corpo a uma tempestade de antecipação. O que é mais importante para mim, porém, é o fato de que você é leal. Eu sei que você não me trairia.

Eu era leal? Será que eu nunca o trairia? Provavelmente, mas essas eram qualidades boas o suficiente para manter um homem como ele?

Uma brisa suave empurrou uma mecha de cabelo nos meus olhos. Levantei minha mão para afastá-la, mas Jett chegou antes de mim. Seus dedos enviaram um delicioso arrepio pela minha pele, o que me fez lembrar quanto meu coração fora consumido por ele.

Não é natural se apaixonar tanto assim.

— Quando você chegar ao topo, o único caminho é para baixo — murmurei. — Você é o meu pico e eu não quero cair nas profundezas quando tivermos acabado...

Alguns segundos se passaram antes de Jett falar.

— Talvez você ache que eu quero a mesma coisa que os outros querem, mas esse não é o caso. Estou à procura de coisas que importam. Coisas que eu possa manter e guardar para sempre. Acho que você é

algo que vale a pena manter, Brooke. E isso vale mais no futuro do que qualquer coisa que você ache que pode ser importante.

Meu pulso acelerou quando sua mão percorreu minha espinha, enviando um tremor eletrificado ao meu abdome.

Eu queria acreditar tanto nele que até doía. Contudo, considerei que meus pais se amaram tanto e, ainda assim, meu pai se matara deixando minha mãe para trás com um buraco tão profundo em seu coração que nem mesmo eu, sua filha, jamais fui capaz de preencher.

— Eu já lhe disse isso uma vez, e vou dizer de novo — Jett falou suavemente. — Não quero alguém que seja perfeito, porque não sou perfeito. Quero alguém que seja real; alguém que me complemente e não alguém que só se junte a mim.

Minha determinação estava desaparecendo. Eu podia sentir isso pela maneira como meu coração sentimental começou a chorar de alegria e pelo jeito que minhas pernas ameaçaram se dobrar, me mandando diretamente para seus braços abertos. Ou para o céu, o que viesse primeiro.

Acho que Jett pôde ver isso também, porque ele me puxou para mais perto, até que eu não pudesse me livrar, mesmo que quisesse.

— Por tudo que vale a pena, ainda quero ficar com você e sei que você quer a mesma coisa — sussurrou ele. — Apenas deixe que isso aconteça.

Era verdade, e por causa disso eu o odiava, eu o amava, eu o queria, e ainda assim desejava que ele sumisse. Tantas emoções conflitantes de desejos e necessidades. Tanto medo. Não por causa dele, mas por causa de mim mesma, de como meus sentimentos profundos e meus desejos estavam funcionando, e de quanto eu poderia cair se acontecesse de eu perder o controle.

— O que você diz?

Seus lábios encontraram os meus, tirando deles a resposta que ele tanto desejava.

Minha mente estava girando, meu coração estava gritando, mas meu corpo sabia o que queria: estava molhado e pronto para ele. E Jett sabia disso. Eu sabia. Sua mão subiu até que ele segurou a parte de trás da minha cabeça e os lábios começaram a roçar uns nos outros. Enquanto me beijava profundamente, Jett tirou não apenas cada grama de minha respiração, mas também derrubou a parede restante do meu castelo. Tudo se encaixou no lugar certo. Em seus braços eu me senti como se estivesse em casa.

Capítulo 12

Pressionado contra mim, o cheiro de Jett era incrível, um cheiro rico de mato, como um homem deveria cheirar. Sua barba crescida raspou minha pele enquanto ele enterrava seu rosto em meu pescoço, lambendo e mordendo, me provocando. Na neblina da luxúria que descia sobre meu cérebro, eu senti que ele estava sexy de encher a boca de água, e eu tinha a intenção de provar cada pedacinho dele, mesmo que ele não quisesse. A julgar pela sua respiração ofegante e pelo modo como seus brilhantes olhos verdes pareciam ter escurecido, apesar dos raios de sol brilhantes que estavam refletidos neles, ele estava muito a fim.

— Vamos para dentro, quero fazer um monte de coisas más com você — sussurrei contra sua boca.

— Eu não posso esperar tanto tempo. — Sua voz era profunda e rouca, e refletia meu desejo. E ah, esse sotaque! Eu teria de perguntar a ele sobre isso... Assim que tivéssemos terminado. E se conseguisse me lembrar...

Porque, neste exato momento, eu estava tendo muita dificuldade de controlar tudo, desde a minha respiração até a maneira como o meu coração parecia explodir para fora do meu peito.

Nenhum cheiro de homem, tampouco uma voz assim, jamais, foram direto para minha calcinha como os de Jett. Eu apreciava uma voz grossa e poderosa, como qualquer mulher, mas o tom de barítono de Jett era celestial. Ele me fazia ofegar com nada mais do que um sopro e algumas palavras. E sequer me fale sobre seus olhos sonhadores e seu corpo delicioso.

Respirei fundo e deixei que sua língua invadisse minha boca com precisão, cada lambida e puxão em meus lábios deixando meu corpo em chamas, enquanto ele me pressionava mais ainda contra o parapeito e abria minhas pernas com um movimento de seu joelho. Meus mamilos endureceram ao contato de seus dedos experientes e o calor começou a se juntar entre minhas pernas.

— Jett...

Sua boca abafou meu gemido. Suas mãos continuaram a acariciar meu corpo através de minha saia e minha blusa finas. E, antes que eu percebesse, minha blusa tinha sido arrancada e meu sutiã estava solto. Meios seios se derramaram sobre as palmas das mãos abertas de Jett, prontos para serem tocados, e receberem toda a atenção. Sua boca deixou a minha e se dirigiu para baixo. Fechando os olhos e inclinando a cabeça para trás, entreguei-me àquela deliciosa sensação de sua língua áspera raspando a pele sensível dos meus seios. Seus dedos implacáveis começaram a amassar meus seios enquanto sua boca se manteve torturando meus mamilos, mordendo, lambendo, chupando — um pouco de tudo ao mesmo tempo. Minha cabeça começou a girar por causa de todas essas diferentes sensações que vinham inundando meu corpo, e gemi algo que soou vagamente como mais...

— Adoro esses sons sensuais que você faz quando está com tesão, *baby*. Você pode dizer isso mais uma vez?

— Mais — sussurrei.

Eu podia sentir o lento aperto se intensificando dentro da parte inferior de meu abdome, o calor se acumulando em meu clitóris enquanto meus sentidos despertavam para o prazer sensual que sua boca mandava pelos meus seios. As sensações me consumiam, me faziam ter vontade de implorar por mais, para pedir que ele...

Parasse?

Continuasse?

Não conseguia decidir.

Gemi quando a boca de Jett viajou pela minha barriga e sua língua mergulhou em meu umbigo e abriu o caminho para a parte interna de minhas coxas.

— Erga sua perna para mim — disse Jett, erguendo minha saia até a cintura e, em seguida, baixando minha calcinha até meus tornozelos. Deixei a calcinha no chão e, dobrando os joelhos, apoiei meu pé na grade, minha carne aquecida exposta ao seu toque e ao seu olhar faminto.

— Você é tão bonita e molhada — a voz dele veio baixa e rouca, repleta de um desejo que se combinava ao meu.

E então seus lábios estavam em mim, a língua dentro de mim, lambendo e empurrando por minhas dobras úmidas. Lentamente, no início, depois mais depressa, parando apenas para tocar meu clitóris sensível, me torturando ainda mais. Um gemido escapou dos meus lábios quando uma sacudidela elétrica passou pela minha entrada e meu sexo se apertou com necessidade por esse homem.

Olhei para ele e nossos olhos ficaram conectados nessa língua antiga do sexo que não conhece o significado das palavras, apenas aquela doce sensação que nos consome. Se ele mantivesse aquela tortura, eu ia gozar, mas não queria isso, ainda não.

— Me fode.

Aquilo não foi um pedido, foi uma ordem. E Jett sabia disso, porque ele imediatamente me soltou. Sorrindo, ele capturou minha boca em um beijo acalorado. Seus lábios e sua língua tinham gosto de minha umidade e isso me excitou ainda mais. Na periferia da minha mente, registrei suas mãos se colocando entre nossos corpos, tirando sua calça jeans e puxando a cueca para baixo. Meus dedos se moveram para acariciá-lo, ansiosa para dar a ele o mesmo tipo de prazer que ele tinha me proporcionado, mas sua ereção já estava entre minhas pernas. Erguendo-me e pressionando minhas costas na grade, ele entrou em mim em um movimento rápido. Um gemido rasgou dos lábios de Jett quando ele empurrou seu comprimento total em mim e começou a se movimentar em movimentos longos e duros. Meu sexo começou a se apertar sobre o dele, enquanto ele crescia ainda mais dentro de mim e eu ofegava de prazer, chocada por sentir como ele estava grande, e isso quase me fez gozar.

— Mais, *baby*?

Os olhos de Jett penetraram em mim com tanta intensidade que senti as frágeis paredes de meu coração ruírem aos pés dele. Ele era tão bonito, tão perfeito em seu desejo por mim, que eu desejava ficar enterrada em seus braços, com ele em mim, para sempre. Nossos corpos estavam unidos, e nós avançamos juntos para além do tempo e do espaço, nos afogando de desejo um no outro. Não havia mais nada no mundo além da sensação emocionante e exigente e dolorida enquanto nossas almas e nossos corpos colidiam úmidos mais de uma vez, até que eu soube que estávamos prestes a nos tornar apenas um.

Quando ele enterrou a cabeça na curva de meu pescoço, senti o hálito quente de Jett na minha pele sussurrando quanto eu era bonita, quanto ele me queria. Contra o brilho esfuziante do sol, fechei os olhos e apertei sua ereção. Ele pulsou entre minhas pernas e sua respiração acelerou, sinalizando que o orgasmo era iminente.

Com um último estremecimento, eu me entreguei a ele enquanto todo o meu ser se estilhaçava em um milhão de pedaços. Fracamente, senti a mão no meu clitóris enquanto ele pulsava dentro de mim, uma vez, duas vezes, com meu nome em seus lábios, e sua outra mão enterrada em meu cabelo. O choque

quente de um raio queimou meu clitóris um momento antes de sua umidade jorrar pelo meu sexo. Nossos corpos começaram a derreter um no outro enquanto tínhamos nosso clímax juntos.

Por fim, e depois do que pareceu uma eternidade, ele me ergueu em seus braços e me levou para o quarto. Com a fragrância suave de seus lençóis e o aroma inebriante de nosso amor ainda agarrados à nossa pele, eu caí adormecida nos braços de Jett.

Capítulo 13

Minha cabeça estava encostada contra a janela do caro automóvel de Jett, minha pele escaldante, com a promessa de uma queimadura por termos feito amor no convés do barco. Só mais trinta minutos e eu estaria de volta ao meu mundo normal, longe da presença de Jett e já sentindo falta desse homem, mesmo que estivesse sentado ao meu lado, dirigindo o carro pelas estradas do interior a uma velocidade agradável.

O sol estava se pondo, colorindo o céu em tons escuros de vermelho, bronze e cobre. Logo o céu escureceria e passaria a exhibir a lua e as estrelas. Este era meu horário favorito do dia, aqueles poucos minutos entre o dia e a noite, quando não era nem uma coisa nem outra. — Cansada? — perguntou Jett, me lançando um olhar de soslaio.

Assenti e retribuí o sorriso.

— Um pouco, e obrigada pelo dia, foi mesmo ótimo.

— Também gostei, e gostaria de fazer isso de novo. — Ele piscou e voltou sua atenção à estrada.

Minhas bochechas queimaram com a insinuação.

— O barco é incrível, não me admira que você passe tanto tempo nele. — Ri alto, pensando em como deveria ser maravilhoso viver em um barco. Viver despreocupadamente, fazer tudo o que sentir vontade de fazer.

— Uma vez que você decida o que fazer com a propriedade, e tudo esteja resolvido, vamos zarpar durante uma semana — disse Jett. — Talvez até mesmo viajar pelo mundo ou, nesse caso, pelas águas do mundo.

— Isso me parece incrível. — Reclinei-me no assento e fechei os olhos por um momento, saboreando sua presença. Foi tão bom estar perto dele, com ele.

Não via a hora de podermos passar mais tempo juntos e nos conhecermos melhor. Realmente descobrir tudo sobre ele, incluindo sua cor favorita, suas esperanças e seus desejos, do que se tratavam seus pesadelos e o que lhe fazia dar aquele sorriso tão perfeito. Eu não podia apenas perguntar sem parecer uma daquelas mulheres intrusivas, então minha melhor aposta seria fazê-lo falar.

— Você me perguntou se eu sabia nadar — comecei. — Eu sei nadar, mas preferia saber mergulhar. Quando eu era criança, tinha esse sonho de poder viver debaixo d'água entre os peixes e os corais, o que é estranho porque tenho pavor de morrer afogada. Aposto que você sabe mergulhar, não é?

Vi um olhar fugaz que ele lançou ao retrovisor e seu pé pisou no acelerador.

Não era bem essa resposta, ou essa falta de resposta, que eu tinha esperado. Agarrei-me ao apoio de braço para me segurar e pensei em outro ângulo que pudesse abordar.

— Do que você tem medo?

— Não tenho certeza. — Sua voz veio um pouco rápida.

Certo...

Sua súbita reticência em falar estava deixando a conversa mais difícil. Voltei-me para olhar para ele, mas seu foco estava na estrada à frente.

— Jett? — Toquei seu braço com suavidade para chamar sua atenção. Ele franziu a testa, mas não se virou.

— Sim?

— Você está cansado? Ou prefere não conversar? Porque se estiver, não tem problema.

Tentei infundir o máximo de indiferença quanto pude reunir em minha voz. Todos os caras eram meio estranhos de vez em quando, certo? Se ele precisava de um pouco de espaço, eu poderia dar-lhe isso.

— Não. — Ele balançou a cabeça, seu olhar movendo-se para o espelho retrovisor de novo. — Desculpe, querida, estou um pouco distraído no momento.

Ele provavelmente não estava interessado em todas as minhas coisas chatas. Claro que, como uma mulher, eu tinha a tendência de falar sem parar, então decidi alegrar seu humor.

— Ainda há muito a fazer e pensar sobre o futuro da propriedade, mas quero que você saiba que estou considerando seriamente sua oferta de emprego. — Olhei para ele. Seu rosto estava tenso em concentração na estrada à frente. Uma linha profunda tinha se formado entre as sobrancelhas. — O aumento de salário parece uma coisa boa e eu sempre quis ser uma gerente de equipe.

Foi minha ideia de dar uma pista de que gostaria de trabalhar com ele novamente. Pensei que isso o agradaria.

Nenhuma resposta.

Sério?

Eu fiz uma careta. E nunca tinha visto Jett tão quieto. Algo estava errado com ele.

— Você quer que eu ligue a música? — perguntei.

Ele mudou de marcha e acelerou o carro. Meu coração começou a martelar em meu peito. Mesmo que o tráfego fosse pouco, alguns carros passavam por nós, uns poucos mal conseguiam ficar do seu lado da estrada.

Os músculos nos braços de Jett se esforçavam para segurar o volante enquanto seus olhos permaneciam concentrados na estrada.

— Devagar! — Talvez ele estivesse acostumado com esse tipo de condução perigosa, mas eu não estava.

— Está tudo bem, querida — disse Jett com calma.

— O quê? Não! Vá mais devagar. Que diabos está acontecendo?

Uma breve pausa, então:

— Eu não quero assustá-la, mas acho que alguém está atrás de nós.

Suas palavras ecoaram em minha mente.

— O que você quer dizer?

— Que alguém está nos seguindo — disse Jett lentamente.

Eu me contorci no meu lugar.

— Não. Não se vire.

— Tudo bem.

O tremor na minha voz traiu o mal-estar súbito que apertou meu coração. Minha atenção se mudou para o espelho retrovisor do lado do passageiro e meu coração disparou em meu peito, acelerando mais depressa que o carro.

Havia um veículo atrás de nós, mas não estava dirigindo perto demais — não do jeito que se vê nos filmes de ação. Não era possível que alguém estivesse nos perseguindo. Nós estávamos na Itália, e não em um filme de Hollywood.

— Você tem certeza de que esse carro não está apenas indo na mesma direção que nós?

— Tenho noventa e nove por cento de certeza. Fiz várias curvas, passei por vários vilarejos e ele continua atrás de nós — ele checkou o espelho retrovisor novamente. — Você pode anotar a placa do carro?

Seu tom de voz calmo, que eu suspeitava fosse apenas para me confortar, só conseguiu deixar-me ainda mais nervosa.

Peguei meu celular da minha bolsa e digitei os números e as letras que pude decifrar olhando pelo retrovisor do meu lado, maldizendo meu telefone por ter botões tão pequenos que tornavam um pesadelo digitar com dedos trêmulos de nervoso.

— Você acha que devo ligar e pedir ajuda? — perguntei, pensando, ao mesmo tempo, que ainda que eu soubesse o telefone de emergência da polícia, não falava uma palavra de italiano.

— Deixe isso comigo — disse Jett. — Apenas anote a placa.

Enquanto eu gravava números e letras, o carro atrás de nós se aproximava com toda velocidade chegando cada vez mais perto. Trinta metros, vinte, dez, três... Tudo em uma questão de segundos.

— Ah, meu Deus, Jett. Cuidado! — gritei um momento antes de o carro colidir com o nosso, dando um empurrão que foi o suficiente para me jogar para a frente no banco.

O motor rugiu quando os perseguidores avançaram para nos ultrapassar. Em um segundo, eles estavam dirigindo ao nosso lado, as janelas laterais tão escuras que eu não conseguia ver o interior do carro.

— Merda!

Jett bateu no pedal do acelerador e se afastou deles. Meus dedos se enterraram no apoio de braço e abafei um grito quando o carro de trás bateu em nós de novo, tentando jogar-nos para fora da estrada.

— Eles vão nos matar!

Minha respiração veio em suspiros. Não era o medo falando, era conhecimento. Eu simplesmente sabia que estávamos prestes a morrer.

— Isso não vai acontecer!

Jett pisou fundo no pedal do acelerador, colocando alguma distância entre os perseguidores e nós.

Chegamos às estradas estreitas e sinuosas que levavam até as montanhas. Jett desacelerou um pouco quando entramos na primeira curva.

— Vai, vai, vai! — gritei quando o outro carro pegou velocidade novamente, tentando se aproximar de nós. Qualquer esperança de que pudéssemos não ser um alvo se dissipara no ar. — O que você vai fazer? — Minha respiração era superficial.

— Você está usando o cinto de segurança?

Os olhos de Jett se estreitaram na pista enquanto subíamos a montanha. O carro atrás de nós não pareceu intimidado pelas más condições da estrada nem pela parede de pedra íngreme do lado do condutor e pela borda seguida por um abismo despencando do meu lado. — Sim — e segurei minha respiração.

— Então, segure-se firme.

O caminho pela frente se estreitava e se fundia em uma única pista. Na nossa velocidade, as curvas pareciam se torcer como cobras ameaçadoras. Eu me esquecera completamente destas curvas perigosas. No entanto, o que mais me preocupava era aquela estrada de uma única mão, que mal tinha espaço para um carro, quanto mais para dois. Cerrei os dentes e pressionei a mão sobre o coração, orando para que nenhum carro aparecesse no sentido contrário, porque nós não conseguiríamos frear a tempo. Nós íamos colidir, nos arrebentar e morrer.

Por favor, querido Senhor, nos mantenha em segurança.

Um grito começou a se formar no fundo da minha garganta, mas o som não encontrou a saída. O medo me agarrou, me estrangulou, até que eu não podia fazer nada, a não ser me sustentar nesta preciosa vida.

— Ah, Deus, ah, Deus... — Eu cantava para mim mesma, enquanto Jett manobrava em cada curva virando o volante ao máximo e jogando meu corpo ao outro lado quando nosso carro se aproximava da borda da estrada. Eu não conseguia nem olhar para trás, porque a cada vez que olhava pelo espelho, tudo o que conseguia ver era o abismo lá embaixo. Se o outro carro colidisse com o nosso, cairíamos a centenas de metros sobre o que quer que existisse lá no fundo.

Ou nos despedaçaríamos contra a encosta da montanha.

— Você está bem, querida? — A voz de Jett foi surpreendentemente calma no meio da tempestade. — Vamos conseguir sair dessa.

Como? Eles ainda estão atrás de nós.

Era isso o que eu queria gritar, mas tudo o que saiu de minha garganta foi um gemido. O medo me manteve paralisada e não era nada como nos filmes de cinema. Eu estava suando, o carro estava rugindo em excesso, e o que eram esses buracos debaixo dos nossos pneus? Eu podia sentir cada solavanco, podia sentir a gravidade pesando sobre o carro, e não havia nenhuma maneira de que alguém pudesse ficar composto, relaxado e calmo.

O carro se movia a uma velocidade rápida o suficiente para nos jogar sobre a borda do penhasco se Jett perdesse o controle, mesmo que fosse por um segundo, ou não freasse a tempo nas curvas. No entanto, ele manobrou habilmente em cada uma das curvas saídas de um pesadelo. Não havia nenhuma maneira de alguém com as habilidades normais de direção fazer aquilo.

Eu já conseguia ver dois policiais batendo à porta de casa da minha mãe para lhe dar a notícia de que eu estava morta. A manchete do jornal que eles seguravam dizia “um casal em excesso de velocidade numa pitoresca cidade de veraneio italiana” seguida pelas palavras “trágico acidente”. A pobre Sylvie iria se culpar. Conhecendo-a como eu a conhecia, ela provavelmente culparia Jett, também pensando que ele tentara me matar de propósito. A vida era tão injusta que eu queria gritar.

— Segure-se! — alertou Jett.

Abri os olhos, percebendo que devia tê-los fechado em algum momento. Estávamos nos aproximando de outra curva naquela estrada traiçoeira e, depois dela, a estrada parecia descer.

Tínhamos chegado ao topo da montanha e agora estávamos voltando para baixo.

É isso. Minha vida termina *aqui, mas não antes que ele saiba de meus sentimentos.*

— Jett, eu preciso contar uma coisa — tentei manter a calma, o que era impossível com o tremor na minha voz e a sensação de congelamento em meus membros.

— Agora não, querida.

Sua voz destilava confiança e compostura. Fizemos a curva e depois ele pisou no freio, forte.

Minha cabeça foi empurrada para a frente e senti uma dor acentuada atravessando meu pescoço.

— O que você está fazendo? — gritei, quando ele soltou o cinto de segurança.

O outro carro estava fora de vista, mas eu tinha certeza de que ainda estava atrás de nós. Tudo aconteceu tão depressa que duvidei que tivessem se passado mais do que alguns segundos. Ele colocou seu braço direito em volta do meu banco e virou-se para ter uma visão melhor, então engatou a ré e desceu a toda velocidade, desviando dos buracos como um louco. Antes que eu percebesse, estávamos em uma pequena estrada lateral que eu não tinha visto antes. Não era asfaltada e era pouco mais que uma trilha, com arbustos arranhando as laterais do carro. Provavelmente propriedade privada, mas quem se importava com isso agora?

Jett parou o carro e apagou os faróis, então me sinalizou para ficar em silêncio. Prendi a respiração enquanto tentava escutar algum som. Por fim, ouvi o motor de um carro, que passou por nós, obviamente alheio ao nosso esconderijo.

Estávamos vivos!

Entretanto, eu não sentia que isso era bem uma grande vitória.

Virei para Jett, minhas mãos tremendo tanto que sentia vontade de chorar. Ele se inclinou sobre mim e roçou minha bochecha, composto. Exceto pelos músculos tensos e pela mandíbula travada, não havia nenhum indicador de qualquer tipo de nervosismo, como se ninguém nos tivesse perseguido alguns segundos atrás. Procurando por nós, tentando nos matar...

— Você vai ficar bem, *baby* — os lábios de Jett tocaram os meus em um beijo carinhoso e, em seguida, ele se afastou e ligou o motor. — Eu sei o que estou fazendo.

Antes que eu pudesse dizer a ele para não dirigir de novo, para ficarmos ali escondidos, porque eu não poderia suportar outra corrida de montanha-russa, ele retornou à estrada principal, correndo de volta, em direção de onde tínhamos vindo.

— Vamos ficar em um hotel — disse Jett. — Melhor ficarmos juntos nesta noite.

— Tudo bem — suspirei, o som mal escapando pela minha garganta.

Não discuti. E até duvidei que conseguisse fazer isso, mesmo que quisesse. Meu corpo estava congelado por causa do choque. Nem mesmo a estrada esburacada e o excesso de velocidade de Jett conseguiram acordar-me do meu transe.

Durante a viagem para a cidade seguinte, meus olhos permaneceram colados ao espelho retrovisor, verificando sempre, rezando sempre, para que ninguém nos estivesse perseguindo. Mesmo quando Jett parou o carro no estacionamento de um hotel, eu não conseguia parar de olhar para trás do meu ombro. Jett teve de me conduzir, suas palavras gentis quase não alcançavam minha mente. Só depois que nos registramos, e só depois que estávamos longe da estrada e daquela cena de perseguição no crepúsculo, foi que percebi que ele tinha salvado minha vida.

Deitada na cama do hotel, parecia que levava uma eternidade até poder acordar daquele meu estado comatoso, mas, por fim, meu coração e minha mente foram sacudidos de volta à vida e à realidade. Talvez isso tenha acontecido por causa dos fortes braços de Jett em volta de meu corpo, me acalmando, soprando sua força dentro de mim enquanto gentilmente beijava minha testa. Ele tinha reservado um

quarto para a noite e, como de costume, optou por pegar o mais caro disponível, alegando que a segurança era melhor. Não fiquei convencida disso.

— Não há nada com que se preocupar. Agora acabou. Você está segura, *baby* — Jett sussurrou e empurrou um copo de água para minhas mãos ainda trêmulas, pedindo-me silenciosamente que bebesse. Obriguei-me a tomar pequenos goles, apesar de minha garganta ainda me parecer sufocada.

Ele pegou o copo meio cheio da minha mão e colocou-o ao lado da cama, na mesa de cabeceira.

— Preciso encontrar outro lugar para estacionar o carro. Você vai ficar bem se eu deixá-la sozinha por alguns minutos?

Assenti.

— Não saia do quarto e não atenda à porta. Não vou demorar muito. — Ele se levantou, mas hesitou.

Dei-lhe um sorriso tranquilizador, mas falso.

— Pode ir.

A verdade é que eu não queria ficar sozinha, mas o carro de Jett não era exatamente comum. Nossos perseguidores seriam capazes de notá-lo a um quilômetro de distância.

Ele saiu com relutância. Inclinei-me para trás, contra os travesseiros, porém não me atrevi a fechar os olhos. Meus ouvidos se esforçaram para ouvir sons estranhos. Além da máquina de venda de gelo que ficava no corredor e zumbia de tempos em tempos, tudo permanecia quieto como um túmulo. Depois do que pareceu uma eternidade, Jett retornou.

— Devemos chamar a polícia — eu disse. — Não, não podemos. É muito perigoso.

Deitado ao meu lado, ele empurrou uma mecha de cabelo do meu rosto e me puxou para seus braços. Inalando seu cheiro, me acomodei contra seu corpo quente.

Lembrei-me de que ele achava que a polícia estava envolvida com o tal clube, logo, concordei que poderia não ser uma boa ideia.

— Você sabe quem eram aquelas pessoas? — perguntei.

— Vou tentar descobrir amanhã.

Ele fez soar como se existissem muitas opções, quando a evidência parecia ser bastante óbvia: eu herdara uma propriedade que costumava ser um local de encontro para malucos. Só não tinha percebido que a maneira desses malucos de lidar com problemas seria matar a herdeira. Por que as pessoas não poderiam apenas se reunir para resolver esses problemas por meio de conversas, de preferência com um bolo, e tomando café, em vez de se comportarem como soldados buscando nos silenciar, enviando-nos para a sepultura muito antes do tempo certo?

Apoiei-me sobre um cotovelo e olhei para o belo rosto de Jett.

— É o clube, não é?

Ele evitou meu olhar.

— Tenho de telefonar para Sylvie.

— Sem chance — seu braço se enrolou em volta de minha cintura e me segurou no lugar.

— Melhor desligar seu telefone.

— Mas eu preciso avisá-la.

Ele balançou a cabeça.

— As pessoas podem rastrear um gps. Mantenha-o desligado.

Meu queixo subiu desafiadoramente. Sylvie era minha melhor amiga. Eu a tinha arrastado para essa confusão. Se algo lhe acontecesse, eu jamais me perdoaria.

— Brooke, ouça-me. Eles estão atrás de você e se você chegar a ela, eles poderão machucá-la para saberem onde você está — seu tom de voz era grave, reforçando a advertência em suas palavras.

Eles.

Engoli o nó na minha garganta. Jett agachou-se na minha frente. Suas mãos apertaram as minhas e nossos olhares se entrelaçaram.

— Eu sei que você está com medo, Brooke — ele disse calmamente. — Mas você precisa confiar em mim. Sylvie vai ficar bem. Vou digitar uma mensagem para ela em seu nome avisando que você não irá hoje. E vou mandar alguém para vigiar a casa. Nós ficaremos aqui apenas uma noite. Finja que nada aconteceu. E amanhã cuidarei das coisas.

Como? Eu queria perguntar. E ele nem sabia quem eram aquelas pessoas. Nós não tínhamos ideia de por onde começar.

E fingir que nada aconteceu? Bufei. Nem pensar. Eu poderia até ser grata porque ainda estávamos vivos, mas tão certo quanto o céu é azul, eu não poderia empurrar de lado, na minha mente, as imagens de nossos vários encontros com a morte nem as infinitas possibilidades do que poderia acontecer com a gente ou com Sylvie.

Só porque nós escapamos não queria dizer que o pesadelo havia acabado.

— Nada de ruim aconteceu, ninguém morreu — os dedos de Jett começaram a massagear os músculos tensos em meus ombros. De alguma forma, seu toque me acalmou um pouco, até que senti as ondas de medo dissipando-se lentamente.

— Você está segura e isso é tudo o que importa — sussurrou. Deus, eu amava essa voz.

Reclinei-me em direção ao seu toque e o olhei.

— Onde você aprendeu a dirigir assim?

Ele piscou uma vez, duas vezes.

— O quê?

A confusão atravessou suas feições, como se ele não estivesse esperando minha pergunta.

Sua reação me deixou intrigada.

— Não conheço ninguém que saiba dirigir como você. Exceto o meu ex, mas ele teve muito treinamento.

— Seu ex? — As sobrancelhas de Jett subiram. Ele estava com ciúme? Em meio ao surrealismo daquela situação, sorri porque sua súbita carranca não tinha preço.

Jett era ciumento?

Quem poderia ter imaginado?

Não que eu fosse o tipo de pessoa que ficasse falando sobre relacionamentos anteriores, mas algo me disse que Jett não deixaria isso passar.

— Sim, meu ex é um piloto profissional.

— Quando você...

— Acabou faz tempo — acenei com a mão. — Semanas atrás.

— Semanas? — Um nervo começou a se contorcer em sua testa. Ele se sentou na cama, tomando cuidado para não me tocar. Agora ele estava com raiva.

— Jett, acabou. Não era nem mesmo um relacionamento, ou qualquer coisa. — Peguei a mão dele. — Não era para valer.

Era a verdade. Sean não estava procurando nenhum tipo de compromisso. Nem mesmo eu.

Tínhamos uma espécie de relacionamento vai e vem, uma coisa mais de amigos com um *plus*...

Mais na parte do *plus* e menos na parte de amigos.

— Isso não significou nada, eu nunca o amei — sussurrei. — Ele não poderia competir com você nem mesmo que quisesse — a expressão de Jett se iluminou um pouco.

— Sou melhor partido, não é?

Eu soquei seu braço de brincadeira, meus olhos desejando que seus lindos lábios me sorrissem.

— Estou contente por ele e eu termos terminado — eu disse.

— É bom ouvir isso, porque quero você inteira para mim.

Eu passei meus braços em torno de Jett e enterrei meu rosto contra seu amplo peito, na esperança de que meu abraço pudesse transmitir a magnitude dos meus sentimentos por ele. Sua tensão ainda era palpável e centenas de perguntas não feitas se demoravam no ar. No entanto, eu também podia sentir sua falta de vontade de iniciar uma conversa sem sentido, e me senti grata por isso.

— Vamos nos concentrar no presente. — Meus dedos traçaram os contornos de seu queixo. Apesar da barba de um ou dois dias, sua pele estava incrivelmente macia sob meus dedos. Ele cheirava tão bem, tão másculo, que eu poderia ficar com ele, e somente com ele, para sempre.

— Você tem razão.

Ele se deitou e me puxou para cima dele. Relaxei no conforto de seus braços, mas a pergunta ainda ardia em minha mente.

— Então, como é que você aprendeu a dirigir assim, Jett? — Meus dedos brincavam distraidamente com os botões de sua camisa. — E não me diga que teve aulas na autoescola, porque eu sei que nenhuma aula ensinaria isso. O que vi foi experiência, muita experiência.

Jett soltou um suspiro exasperado. Hesitando, passou a mão pelos cabelos, como se estivesse pensando o que responder, e quanto.

— Sim, você está certa. Eu fiz algumas coisas.

Levantei-me em um cotovelo, tentei entender o sentido de sua afirmação enigmática ao ler sua linguagem corporal, o que era difícil do jeito que ele estava: deitado de costas com as mãos apoiadas debaixo da cabeça, olhando para o teto, com os olhos inexpressivos.

— Você disse isso antes — retruquei.

— Eu estava envolvido em corridas de carros clandestinas — murmurou, hesitando.

— Sim... — retruquei de novo.

— Elas não são como aquelas que eles passam nos canais de esportes, Brooke. Não há ninguém para inspecionar o carro e mudar seus pneus. Corremos pelo dinheiro e pela reputação, em geral em depósitos

enormes e áreas de estacionamento. Às vezes, ao ar livre, em ruas ou estradas tranquilas nas regiões de montanha.

Seus olhos se estreitaram em mim e um brilho apareceu. Sentindo a magnitude do que ele estava prestes a me dizer, preendi a respiração, não me atrevendo a me mover ou a tocá-lo para o caso de ele mudar de ideia e se fechar mais uma vez.

— Tudo começou depois que... Humm... Meu pai me pôs para fora quando eu tinha dezesseis anos.

— Por que ele fez isso?

— Desde que minha mãe foi embora de casa, comecei a abrigar um forte rancor contra ele, questionando sua autoridade e a maneira como costumava exigir respeito quando ele nunca tinha de verdade se comportado como um pai. Minha tendência a confrontá-lo na frente de outras pessoas o embaraçava. Ele continuou dizendo que eu estava colocando sua empresa em risco com meu comportamento, por isso optei por fazer o oposto do que ele queria. Foi por isso que ele acabou me colocando para fora de casa. Fiquei morando com meus amigos, muitos deles mais velhos que eu. Eles me mantiveram fora das ruas e me ensinaram a guiar e a lutar, e foi assim que tudo começou. O fato de que minha vida não significava nada transformou-me num cara ousado e imprudente, e sempre querendo vencer. Em algum momento, me tornei viciado em adrenalina.

— Você lutava algo como kung fu, é isso?

Ele riu.

— Deixe-me adivinhar, estava pensando em Bruce Lee, é isso?

Sorri.

— Mais como Jackie Chan. Eu adorava aquele cara.

— Espero que não no sentido literal. — Seus olhos pousaram em mim. Tão lindo. Tão profundo. — Não, não era nada profissional. Sem luvas, sem capacetes de proteção.

Uau! Que tesão! Tesão!

Tinha ficado mais quente no quarto? Ou era a minha pressão arterial me enviando para o deserto escaldante daquelas imagens que atravessavam minha mente?

— Deve ter sido difícil — comentei.

— Foi — respondeu Jett, assentindo. — Esse tipo de contato corporal direto é difícil, mesmo. E você?

A súbita tentativa de mudar de assunto não me escapou. Eu queria ouvir mais sobre seu passado. Queria tanto que doía e, ainda assim, sabia que pressioná-lo não seria o caminho certo a percorrer. Pelo menos não com um homem como Jett.

— E você gosta de esportes? — Insistiu.

Sério? Ele já olhou para mim?

— Humm — eu ri. — Eu costumava nadar e correr, até que esses peitos cresceram.

— Levantamento de pesos, então, a julgar pelo tamanho deles... — Seu olhar viajou para meu peito e lá permaneceu. Ele nem sequer fingiu não estar olhando.

— Você é um idiota. — Dei um soco de brincadeira.

— Muito pelo contrário. Isso foi concebido como um elogio, mas só para ter certeza de que não estou errado, posso tocá-los?

Ele sorriu aquele sorriso de cair calcinha que sempre me levava a pedir-lhe que fizesse coisas pecaminosas comigo. Suas mãos seguraram meus seios e seus polegares começaram a acariciá-los através das finas camadas de tecido de minha camisa e meu sutiã. Meus mamilos endureceram na hora.

— Não, não pode.

Bati nas mãos dele, fingindo que não queria isso, mas minha respiração engasgada era uma evidência óbvia do contrário. Jett rolou de costas e puxou-me para cima. Seu joelho forçou minhas pernas a se abrirem e ele se colocou entre elas, esfregando-se suavemente contra meu sexo. Suprimi um gemido diante da sensação úmida que estava se acumulando lá embaixo.

— Fiz questão de reservar um quarto com banheira de hidromassagem — sussurrou Jett. —

Quer experimentar? — Sua voz exalava sensualidade e inúmeras promessas de prazer. — Poderíamos pedir o jantar e depois a sobremesa. Você escolhe. Estou pronto para aquilo que você escolher.

Sua mão se arrastou para baixo de minha barriga e apertou minha pele debaixo da camisa, ao mesmo tempo em que a boca começou a colocar beijos quentes no meu pescoço. Eu gemi.

— Nada de álcool.

— Você acha que essa é a única maneira pela qual posso levá-la para a cama? — Sua risada rouca reverberou através de mim, me fazendo tremer de desejo.

Obviamente que não.

— Eu topo — sussurrei. Vamos fazer isso.

Capítulo 14

A banheira redonda de hidromassagem era grande o suficiente para caber várias pessoas (não que o pensamento de ter outras pessoas se juntando a nós me atraísse). Uma pessoa era mais do que suficiente para mim. Assisti enquanto Jett tirava a roupa lentamente, cada peça revelando mais de seu corpo delicioso. E então lá estava ele, parado na minha frente, com apenas a cueca escondendo seu impressionante tamanho. Aquele corpo elevando-se a um metro e noventa de altura tanto me intimidava quanto me fascinava. E as tatuagens me atraíam e me excitavam. Ele percebeu meu olhar sobre sua masculinidade e soltou um suspiro profundo e sexy, o som vibrando pelo meu abdome inferior. Eu sabia o que vinha em seguida, e a perspectiva de vê-lo completamente nu me deixou animada. Eu não via a hora de colocar as mãos nesse homem.

— Deixe-me ajudá-la — sussurrou ele, e começou a tirar minha roupa com movimentos lentos e medidos, os olhos grudados nos meus. Aqueles olhos pecaminosos que nunca falharam em iluminar todo o meu ser e deixá-lo em chamas.

Suas mãos puxaram a blusa sobre a minha cabeça e, depois, ele baixou o zíper de minha saia, levando todo o tempo do mundo quando eu não me sentia particularmente com muita paciência.

Em pé, de frente para ele, e vestindo apenas minha calcinha e meu sutiã, minhas mãos deslizaram sobre seu peito firme. Seus dedos agarraram meu queixo e forçaram meu rosto a olhá-lo.

— Você é sexy, Brooke, mas agora eu não posso dar o que você quer.

— Por que isso? — Minha voz estava rouca, mas ainda brincalhona, fingindo não saber que ele estava falando sobre sexo, enquanto minhas mãos continuavam a acariciar seu peito nu. Ele gemeu quando os meus dedos se moveram para baixo, esfregando a protuberância bem definida sob a cueca. — Você ainda não vai ceder?

— Não — um silvo suave escapou de sua garganta. — E você deve parar antes que eu mude de ideia.

— Talvez eu não queira que você faça isso — ronronei, minha mão acariciando seu pênis. Quase gritei de alegria quando ele começou a crescer diante dos meus olhos. — Talvez seja exatamente isso o que eu precise.

— Não, querida...

Ele balançou a cabeça e fechou os olhos por um breve momento. Seu rosto era uma máscara de desejo, mas ele lutou muito, coisa que tanto me enfureceu quanto me encantou, porque eu adorava um desafio. Seus olhos se abriram de novo e ele me avaliou com tanta determinação que eu sabia que precisava acelerar meu jogo.

— Até agora temos focado apenas em sexo — Jett sussurrou. — Hoje eu quero lhe dar o romance, porque é nosso primeiro encontro oficial.

Ele estava fazendo tudo ao contrário!

Meu corpo estava implorando por ele. Não me importava de me entregar para ele em nosso primeiro encontro oficial. Pensando nisso, a gente já tinha transado hoje, mas aquilo foi apenas o aperitivo.

— Ah, nosso primeiro encontro. — Eu ri alto. — Você me deu um encontro que acho que não vou esquecer pelo resto da minha vida.

— Você acha ou tem certeza disso? — Sua boca se curvou em um fantástico sorriso. Eu queria correr meus dedos por seus cabelos rebeldes e sugar seu lábio inferior com minha boca, mordendo e provocando com tanta força que ele teria de implorar por misericórdia.

— Fui levada em um navio e, em seguida, você salvou minha vida.

Minhas mãos se moveram por baixo da cueca e eu a puxei para baixo, revelando sua esplêndida ereção. Meu olhar ficou colado nela, e lambi meus lábios antecipando levá-la profundamente em minha boca.

— Brooke, pare de olhar para mim desse jeito. — Suas palavras traziam exatamente a quantidade certa de aviso para me fazer rir, mas não desviar meu olhar.

— O que mais eu poderia querer em um encontro? — respondi. — Acho que seus esforços merecem uma recompensa. — Meus dedos apertaram a base de seu pênis e permaneceram lá. — E sei por onde começar.

— Sem sexo, você pode me pagar de uma maneira diferente — sussurrou Jett.

Queria salientar que eu não me sentia como se estivesse devendo alguma coisa para ele. Verdade seja dita, eu gostava da ideia de agradá-lo. Isso me excitava. Eu ficava toda molhada só de pensar nisso, imaginando-o à minha mercê.

— Como?

Corri meus dedos para cima e para baixo de seu pau inchado até que ele deteve minha mão, e eu parei de mover, de esfregar, de qualquer coisa que eu sabia que o faria ceder.

— Você poderia aprender mergulho comigo. Não é isso que você disse que sempre quis fazer?

— Achei que você não estava escutando — respondi, surpresa ao saber que ele se lembrava de meu monólogo no carro. — Você é um bom motorista. Você estava mesmo com medo quando essas pessoas estavam atrás de nós? Acho que não vi uma gota de suor em sua testa.

E mais uma vez seus lábios se curvaram em um sorriso malicioso. Não conseguia ver, através de meus cílios baixados, se era por causa do meu elogio ou porque ele estava puxando minha calcinha, para ver como eu estava molhada.

— Não, Brooke... — Seus olhos verdes eletrizantes passaram sobre meus seios e se fixaram

na pequena faixa de pelos entre minhas pernas. Mesmo que ele não estivesse me tocando, eu quase podia senti-lo ali e a antecipação disso me deixava louca. — Isso não foi nada comparado ao medo que senti quando você se foi. Nada vai superar aquela névoa de medo em que caí quando achei que poderia ser muito tarde... Quando percebi que devia ter confiado em você desde o início.

Minha respiração ficou presa na garganta.

— Você não sabia. A confiança é conquistada, não é? — respondi suavemente.

— É. — Sua voz era suave como a brisa. — Não quero perdê-la nunca mais, Brooke. Foi difícil para mim deixá-la ir.

Os dedos dele abriram meu sutiã e ele o atirou em cima da pilha de roupas aos nossos pés. Suas mãos se moveram para o meu peito, e todo o beliscar e o amassar causaram arrepios quentes que desceram pelo meu corpo. Seus lábios se arrastaram para baixo do meu pescoço até meus ombros, descansando lá, e eu podia sentir sua respiração na minha pele, tanto seu toque quanto suas palavras me deixando tonta.

— Eu queria o melhor para você, o que eu pensei que lhe faria feliz, mesmo que não fosse nada da minha conta... Deixá-la sair, porém, não foi a parte mais difícil.

Prendi a respiração e olhei para ele, ouvindo-o com atenção para não perder uma só palavra, porque eu queria me lembrar deste momento para sempre.

— A parte mais difícil foi perceber que poderia nunca mais revê-la. Foi perceber quanto você significa para mim e quanto sinto falta do seu rosto bonito a cada manhã e a cada noite. Foi pensar em todas as coisas que não fiz com você e que poderia nunca mais ter a mesma chance. No entanto, acho que a maior parte da dor veio da percepção de que o tempo que passamos juntos não foi o suficiente para mim e eu não poderia forçá-la a sentir-se da mesma maneira.

Suas palavras eram como mel. Era tudo tão doce, tão obscuro, tão inesperado que me abalou até o âmago. Mais bonito do que qualquer coisa que eu jamais ousara esperar.

— Talvez eu tenha sentido falta de você também — respondi, tentando parecer calma. — Não foi fácil da minha parte, tampouco. — Minhas palavras já estavam tão sufocadas que duvidei que fosse capaz de falar mais alguma coisa.

Jett me ajudou a entrar na banheira de hidromassagem e sentou-se na parte inferior, a água quente mal atingia seus ombros. Eu me acomodei no segundo degrau, logo ao lado dele, a água mal cobria meus seios. A água borbulhava, escondendo o corpo esculpido dele, o que era uma pena, porque eu não conseguia parar de olhá-lo.

Como se sentisse meus pensamentos, ele se virou para mim. Um lampejo de malícia brilhou em seus olhos e seus lábios se arrastaram para baixo, para meus mamilos em espera. Seus dentes roçaram o bico duro do meu peito um momento antes de sua língua se lançar sobre ele enquanto eu enterrava meus dedos em seus cabelos e exigia mais daquela boca que estava lambendo e brincando. E depois veio a sucção.

Ah, Deus.

Ou a temperatura na água tinha acabado de subir, ou ele me fazia ferver por dentro.

— Quero aproveitar cada minuto com você — disse Jett.

Seus olhos se fixaram dentro de mim, me bebendo, me engolindo toda.

— Enquanto isso durar? — Não comentei que esse era meu maior medo, de que tudo terminaria antes mesmo de começar.

— E espero que dure por muito tempo — sussurrou Jett.

Em um movimento rápido, ele se aproximou e me levantou, me apoiando sobre seu colo com as pernas em volta dele, a água engolindo meu sexo, picando minha carne macia. Sua ereção roçou minha barriga, impaciente, exigindo que eu permitisse sua entrada.

— Uma coisa é certa, Brooke. Não vou deixá-la ir embora facilmente da próxima vez. Na verdade, não haverá uma próxima vez.

Seu sussurro sexy mandou uma deliciosa sensação para o meio de minhas pernas. Suas mãos puxaram meus quadris para tão perto que eu podia sentir sua grande ereção contra a abertura entre minhas pernas. Senti-me ficando cada vez mais molhada. Havia uma dor deliciosa dentro de mim, pedindo para ser acalmada.

— Você disse que não poderia me dar o que eu queria hoje?

Olhando para seus olhos incrivelmente verdes, levantei meus quadris o suficiente para cavalgar em seu pau duro e, o mais lentamente que fui capaz, me movimente para baixo, cada centímetro mandava mais uma deliciosa contração por todo meu corpo. A cabeça de seu pau sondou meu sexo, espetando meus lábios macios, me penetrando só um pouco, mas o suficiente para dar uma onda quente de prazer. Um gemido contraído escapou dos lábios dele enquanto eu o engolia mais um pouco.

— Isso pode ser negociado.

As mãos de Jett se apoiaram na minha cintura, oferecendo o apoio de que eu precisava. Desci apenas mais um pouco, permitindo-lhe esticar-me e preencher-me, até que pensei que não poderia aguentar mais daquele tamanho, e ele não estava nem na metade do caminho dentro de mim... Montei no pau, apertando mais quando os lentos impulsos encontraram um ponto sensível. Enquanto gemia mais alto, a respiração de Jett ficava mais pesada. Ele passou a comandar, sua mão puxava meu quadril para baixo e eu podia sentir sua ereção grossa, dura, indo muito fundo. A cada estocada, eu balançava meus quadris, a dor deliciosa irradiando ainda mais prazer, quebrando mais barreiras. Seu movimento chegou ao meu núcleo, sua fome por se liberar consumiu os dois ao mesmo tempo e, quando ele gozou, eu podia jurar que o fogo que nos queimava nos fundiu em um só.

Capítulo 15

Era tão brilhante. O quarto, as cores, minhas roupas. Eu podia até me ouvir rindo e sentir os braços de Jett em torno de mim enquanto me apertava contra ele, sem saber se deveria me afastar ou me deixar derreter em seu abraço.

— Eu faria qualquer coisa por você, sabia disso? — Ele sussurrou em meu ouvido. — Se você cair, eu a seguro. Se estiver com medo, eu envolvo meus braços em volta de você e levo-a para longe de seus medos. Eu morreria para mantê-la segura, porém mais do que qualquer coisa, eu faria o que fosse preciso para mantê-la ao meu lado. Por você eu conquistaria qualquer coisa, tudo, a qualquer hora.

Sorri encostada em sua pele quente e inalei o aroma fresco e limpo de seus cabelos. Tão bom. Tão suave. Senti-me serena, o mundo em torno de nós completamente esquecido.

Éramos só ele e eu, e mais ninguém no mundo.

Algo suave acariciava meu ombro. Seus lábios? Seu hálito quente? Minhas mãos se estenderam para tocá-lo e só para sentir o espaço vazio frio ao meu lado.

Confusa, forcei meus olhos abertos e os apertei contra aquele brilho que vinha do sol se derramando através das janelas. Meus olhos foram devagar se ajustando, e percebi o lado da cama de Jett vazio, os lençóis amassados em um monte.

E eu pensando que ele estava na cama comigo, apenas para descobrir que tinha sido apenas um sonho. Fiz uma careta, decepcionada, e pulei da cama, procurando no quarto para ver se ele tinha deixado alguma mensagem. Exceto pela jaqueta que ele tinha jogado sobre o encosto de uma cadeira na noite anterior, não havia nenhuma indicação de Jett, nada a assinalar que a noite passada de fato acontecera. Tudo estava calmo, as luzes no banheiro adjacente estavam apagadas...

Onde diabos ele estava? Será que fugira de mim depois de conseguir o que queria?

Peguei seu casaco. Cheirava a Jett: viril, inebriante. Apertei-o contra meu peito nu e por um momento fechei os olhos para apreciar as imagens da gente se beijando — e fazendo outras coisas íntimas — piscando na minha mente. Ou ele se esqueceu de pegar o casaco, ou ele havia deixado para trás de propósito, o que só poderia querer dizer que ele estaria de volta em breve. A excitação correu por mim com a perspectiva de ver aquele homem depois de tudo que acontecera entre nós.

As últimas vinte e quatro horas foram nada menos do que alucinantes. Assustadoras, sem dúvida, mas ainda assim alucinantes. O encontro, a perseguição de carro, o sexo, o fato de que eu sabia mais sobre ele, agora. Não fazia ideia do que tudo isso significava para nós, se estávamos de volta e ficaríamos juntos. Contudo, eu não podia esperar para descobrir. Tudo o que eu sabia era que meus medos sobre ele estavam desaparecendo, substituídos pela convicção de que eu estivera errada, e que Jett tinha dito a verdade em Nova York. Eu estava em perigo, e ele tentara me proteger de quem quer que estivesse nos seguindo.

Em pé, em frente ao espelho do hotel, olhei para meu reflexo e enruguei o nariz de desgosto. Meus cabelos escuros, naturalmente encaracolados, pareciam um emaranhado. Com minha maquiagem desfeita, as olheiras enquadravam meus olhos castanhos e faziam minha pele ter uma cor amarelo pastel. Para minha total consternação, percebi que não tinha nem roupas limpas nem lingerie limpa, nem maquiagem para dar um retoque, nem escova, nem mesmo uma escova de dente. As duas únicas coisas disponíveis para me ajudar a me refrescar eram o xampu e o gel de banho do hotel.

Pelo menos meu rosto tinha um brilho suave e havia um brilho nos meus olhos. Os sinais estavam lá: eu ainda estava apaixonada, por Jett.

Sylvie ficaria louca da vida...

Sem dúvida, no momento em que eu voltasse para casa, ela tentaria fazer uma intervenção, afirmando que minha fixação por ele era insalubre.

No entanto, o que ela não sabia era que eu não procurara esse amor que eu sentia por ele... Eu tinha tentado manter minha distância emocional, tinha escolhido não deixar que Jett entrasse no meu coração. No entanto, esse amor — ou o que quer que fosse que causava essas borboletas no estômago e essa tempestade dentro de mim — me perseguiu, me encontrou e finalmente me capturou, segurando-me com firmeza no meio de meus medos. Quanto mais eu lutava, mais ele crescia. Quanto mais tempo eu escondia meus sentimentos por Jett, com mais força me apaixonava por ele.

Eu sabia que contaria isso a Jett algum dia, mas não tínhamos chegado a esse ponto ainda. Talvez porque houvesse uma pequena fração dentro da minha mente que me dizia que nós não tínhamos sido feitos um para o outro, mas isso só o tempo diria. O melhor que eu podia fazer agora seria aproveitar tudo isso, enquanto existisse.

Encontrei um tubo amassado de creme dental e uma escova de dente úmida, do hotel, que assumi terem sido usados por Jett quando saiu, e escovei meus dentes rapidamente. Saltando para o chuveiro, deixei a água quente escorrer pelo meu corpo para aliviar a dor nos meus músculos — cortesia do apetite insaciável de Jett para o sexo.

Minhas mãos estavam ocupadas ensaboando os cabelos quando a porta do quarto se abriu, fazendo-me saltar de susto.

— Brooke? — chamou Jett. Ele colocou a cabeça através da cortina do *box*.

Meus braços baixaram para cobrir meus seios por instinto, mas já era tarde demais. Como um rastilho de pólvora, um sorriso se espalhou em seus belos lábios e ele examinou meu corpo para cima e para baixo, demorando-se por um tempo longo demais em meus seios cobertos.

— Oi, linda.

Sua voz era suave como veludo e escura como chocolate. Eu seria capaz de reconhecer aquele tom de olhos vendados. Geralmente aquilo me excitava, mas, agora, gostaria de ter pensado em trancar a porta do banheiro. Ele já tinha me visto nua por inúmeras vezes, mas nunca desse jeito: sob a luz fluorescente brilhante, sem maquiagem, e sem nenhum lençol por trás do qual eu pudesse me ocultar. Eu devia estar com uma aparência péssima e não queria que Jett me visse dessa maneira. Envergonhada, afastei-me para o local mais distante no chuveiro e dei-lhe um olhar severo.

— Você poderia esperar lá fora? Vou sair em um minuto.

Essa era sua dica para sair, mas Jett não se moveu um centímetro. Lambi meus lábios nervosamente e mantive meus seios cobertos, enquanto a água quente continuava a pingar pelo meu corpo.

— Você é tão gostosa... — sua voz veio baixa, abrasadora. Eu poderia dizer a mesma coisa sobre ele. — Você é ainda mais bonita do que nos meus sonhos.

Procurei no rosto dele por algum sinal de que estivesse brincando. Seu sorriso se fora, substituído por uma expressão séria. Seus olhos estavam cheios de paixão, espelhando meu desejo. Lentamente, enquanto o observava, ele tirou suas roupas até ficar nu na minha frente. Eu tentei, e muito, desviar meu olhar, mas

não consegui. O magnetismo que Jett exalava me possuiu. Ele era incrivelmente bonito, uma visão que eu era capaz de olhar várias vezes sem parar, assim como a pintura mais fascinante.

Seu peito esculpido com cabelos escuros estava ali na minha frente, todos os músculos definidos e aquela pele cor de bronze. Passei a língua sobre meus lábios enquanto levava meu olhar para longe daquele peito esculpido e direto para o abdome de tanquinho, vindo enfim a pousar em sua ereção, que me prometia levar para o paraíso do prazer.

— O que você está fazendo, Jett?

Que pergunta estúpida.

O que alguém acharia que ele estava fazendo?

Ele se juntou a mim no chuveiro e me recolheu em seus braços. A água chovia sobre nós, e por um momento pensei que ele ia tentar me possuir ali mesmo. Eu só esperava que ele não insistisse em fazer isso debaixo do chuveiro, porque não queria escorregar e quebrar meu pescoço.

— Você pode me passar o gel de banho?

Olhei para Jett confusa quando ele apenas sorriu para mim e estendeu a mão para pegar o frasco, e então começou a ensaboar sua pele gloriosa. Assisti quando a espuma correu pelo tronco daquele homem e se reuniu nos pelos em torno de sua masculinidade.

— Quer que eu ensaboe suas costas? — ele perguntou, ainda sorrindo.

Eu balancei a cabeça, ainda sem saber se ele estava falando sério. Ele estava se comportando como se fôssemos um casal de velhos, um se sentindo confortável na presença do outro. E, embora eu, de fato, me sentisse confortável em sua presença, toda a situação tinha algo demasiado íntimo...

— Quer dizer que está pronta para sair, certo? — Havia um brilho de malícia em seus olhos.

Sem fala, assenti.

Jett saiu do chuveiro e enrolou uma toalha em torno de sua cintura, e então enrolou uma em torno de meus ombros. Eu até deixei que ele enxugasse meus cabelos molhados, espremendo a água, até que se formassem cachos e ondas suaves. Ele pegou um dos cachos e envolveu-o em torno de seus dedos, a sensação de um leve puxão fez meu couro cabeludo formigar.

— Eu quero que você se abra para mim — sussurrou ele.

Seus olhos refletiam a gama de emoções que havia na voz. Por um momento eu não tive certeza de para qual direção essa conversa levaria — se ele queria mais ou só gostava de me manter intrigada.

As mãos de Jett desceram de meus seios para baixo de meus quadris e, em seguida, sem aviso, ele me levantou em um movimento rápido, como se eu não pesasse nada. Meu rosto enrubesceu com aquela nova e íntima maneira com a qual me pressionou contra seu corpo nu. Reunindo os braços em volta do seu pescoço, eu o deixei me levar para o quarto e me deitar na cama desfeita, nossos braços e nossas pernas se emaranhando, as bocas se encontrando.

— O que você quer que eu faça? — perguntei de brincadeira.

— Eu quero que você esteja aberta para mim — sussurrou ele novamente, seus olhos refletindo o desejo em sua voz. Ele puxou minha toalha, jogou-a para longe e tirou minhas mãos dos meus seios. — Quero que você esteja pedindo por isso.

Seu tom autoritário construiu um forte contraste com suas ações gentis. Seu polegar estava acariciando meu rosto, seu cabelo molhado estava pingando na minha pele, a frieza das gotas de água me fazendo

tremer. E, no entanto, seu beijo era quente, devorando minha boca, sua mão indo para mais baixo, para explorar meus seios, meus quadris, as pernas.

— Eu quero você — murmurei.

— Não precisa de mim? — Ele ergueu as sobrancelhas, sua ereção pressionando contra minhas pernas.

— Eu quero você, eu preciso de você. Qual é a diferença? Estou aberta a qualquer coisa. — Removi a toalha de seus quadris, ansiosa para saboreá-lo, senti-lo, tê-lo dentro de mim. Eu sabia que estava molhada.

— Você ficaria surpresa.

Ele me empurrou para baixo e suas mãos passaram em volta de meus pulsos. Olhando nos meus olhos, ele empurrou-se para dentro de mim, fazendo amor comigo até que ambos fomos sucumbindo a uma liberação orgástica.

Mais tarde, eu estava em seus braços recuperando o fôlego, minhas mãos indo para cima e para baixo por seu torso esculpido, maravilhando-me com a suavidade de sua pele e a dureza de seus músculos. Ele era perfeito.

— Espero que seja eu a razão de seu sorriso — disse Jett, acariciando minha bochecha. Sua declaração me pegou desprevenida. Eu nem tinha percebido que estava sorrindo.

— Humm — coloquei um beijo suave em seu queixo e fitei-o com amor.

Será que as pessoas não sorriem depois do sexo? Foi apenas por causa dos hormônios ou era outra coisa?

Menos de três dias atrás, eu estava infeliz. Na verdade, estar infeliz não era uma declaração adequada. Sentia-me traída, perdida, profundamente magoada e com o coração partido. Era muito estranho que Jett fosse a razão pela qual eu caíra em meu segundo ponto mais baixo na vida e, ainda assim, tudo o que foi preciso para me puxar para fora desse buraco foi permitir que esse homem voltasse à cena. Suas palavras e seus atos tinham destruído meu amor, e o reconstruído. Ele havia destruído e abalado meu amor só para conquistá-lo novamente. Se ele não tivesse persistido em tentar me alcançar, eu nunca teria sabido que ele não quisera me machucar de propósito, e nós não estaríamos onde estávamos hoje, nos braços um do outro.

— Eu adoro quando você sorri — ele sussurrou. — E amo isso ainda mais quando vejo esse sorriso e sei que fui eu que o provoquei.

— Ter relações sexuais três vezes em menos de vinte e quatro horas faria qualquer um feliz — respondi.

— É tudo graças a você, senhorita Stewart.

— Eu? — levantei uma sobrancelha. Ele praticamente instigou todas elas. — E quanto a você? Foi você quem começou todas!

— Eu segui o comando de seus pensamentos. Além disso, sou apenas humano. Não consigo me controlar quando a vejo por perto. Você não pode culpar um homem de ser fraco ao ver uma beleza como você.

A maneira como seus olhos brilhavam com malícia me faziam ver que ele queria de novo, e eu também, embora meu corpo gritasse que não aguentava mais.

— Eu não fiz nada — aponteí.

— Exatamente. Você não fez nada. — Os olhos de Jett se fixaram dentro de mim, tocando minha alma.

— Eu não sou perfeito. Deus sabe que tenho muitas fraquezas, mas a maior delas, por acaso, é você, Brooke.

Suas palavras fizeram meu sorriso aumentar. Ele estava acumulando os elogios. Vindo de qualquer outro homem, esses elogios teriam dado de cara na parede. Mas vindo de Jett, eu queria ouvir mais, absorver cada palavra, e guardá-los para sempre. Se havia uma pessoa no mundo cujas palavras eram especiais, essa pessoa era Jett.

Sentindo a necessidade de fazer uma parada e ir ao banheiro, me desenrosquei dele e só percebi a bandeja sobre a mesa no meu retorno. Ela trazia duas xícaras de café, dois pratos com croissants e mais dois pratos com *bagels* e fatias de queijo fresco. Meu olhar se fixou na pequena caixa de presente violeta, quase escondida entre o café e os pratos.

— Eu acordei cedo. Você ainda estava dormindo, então pensei que podia nos arranjar o café da manhã. — Caminhando para a bandeja, ele pigarreou, respondendo à pergunta que eu tinha me feito desde o despertar. — Eu sei que da última vez não foi tão bem, mas pensei... Por que não tentar de novo? Espero que você goste...

Ele pegou a pequena caixa e entregou-a a mim.

— Obrigada.

Minha garganta se contraiu. Minhas pernas começaram a tremer de novo, então eu me sentei e deixei que meus dedos deslizassem pela caixa.

A caixa era surpreendentemente pesada para seu tamanho. O papel acetinado brilhava à luz do sol que vinha se derramando pela janela. Desatei a fita branca e abri a tampa, removendo, então, a tampa preta. Mesmo antes de ver, eu já sabia o que essa caixa continha, embora esse conhecimento não tivesse chegado a se registrar em minha mente até que eu o vi diante dos meus olhos. Pousado em um berço de veludo preto estava um elegante relógio de aço, com uma pulseira de prata e pequenas pedras preciosas que brilhavam como diamantes.

— É lindo — sussurrei.

E, a julgar pela aparência, caro.

— Pensei que poderia ser o presente perfeito, para que você nunca mais chegasse atrasada aos nossos encontros.

Fiz uma careta para ele, sem saber se me sentia ofendida ou se ria. No final, a risada ganhou.

— Sério? — Olhei para cima, mordendo meu lábio.

— Estou apenas brincando. Eu o comprei faz algum tempo — ele se deixou cair na cadeira ao lado da minha e me olhou. — Chame isso de intuição. Vamos lá, tire da caixa.

Eu cuidadosamente retirei o relógio de sua caixa, e estava prestes a abrir o fecho quando notei que algo estava gravado na parte de trás.

— *No fluxo da vida, eu sempre vou procurar por você. E enquanto o tempo passar, você estará sempre em meus pensamentos. Jett.* Foi você que escreveu isso? — Meu olhar de interrogação procurou

os olhos dele, rezando para que ele dissesse que tinha achado essa frase em algum lugar e que ela não queria dizer nada.

Jett assentiu.

— É o que sinto.

Por alguns segundos, fiquei total e profundamente comovida, incapaz de dizer uma palavra. Minha garganta se contraiu, e meus olhos molharam-se. Obriguei-me a fazer algumas respirações mais lentas e, assim, eu não daria vazão à tempestade de emoções que vinha me atormentando. Aquele biquíni era uma coisa, um presente caro, mas nada muito pessoal. Eu seria capaz de devolvê-lo, porque não queria me sentir como se tivesse sido comprada. Este relógio, porém, era uma coisa totalmente diferente. A mensagem pessoal mostrou-me que ele se importava comigo e eu não poderia estar mais feliz porque nós dois tínhamos conseguido nos reconectar, mas, mais do que tudo, eu estava feliz porque nós ainda existíamos.

Eu queria que ele soubesse quanto eu o amava e ainda assim fiquei em silêncio enquanto o beijava em completo abandono do meu coração, meu cérebro correndo para gravar cada pequeno detalhe sobre ele para sempre.

— Obrigada, ele é... Eu queria dizer lindo, mas isso não o descreveria por completo!

Sua mão tocou meu queixo e ele se aproximou até que estivéssemos a menos de uma polegada de distância.

— Não é nada, Brooke. É apenas um relógio. Prometa-me que você vai ficar com ele.

Sempre muito gentil, ele baixou os lábios macios nos meus. Inalei seu perfume celestial, saboreando sua proximidade, aquele momento...

— Eu vou — sussurrei, forçando um sorriso nos lábios. — Vou guardar para sempre.

Mesmo que as coisas não tivessem sido feitas para durar, eu queria pelo menos me lembrar, porque, no final, minhas lembranças poderiam ser a única coisa restante.

Capítulo 16

O quarto cheirava *bagels* frescos. As xícaras estavam na mesa, intocadas, quase esquecidas agora. A mão de Jett continuou tocando a minha enquanto ele mexia com a caixa, esperando que eu parasse de falar com arroubos.

Nossa primeira noite juntos em um quarto de hotel.

Nosso primeiro café da manhã juntos, depois de passar a noite em um quarto de hotel e fazer sexo em uma banheira de hidromassagem.

O primeiro presente que eu tinha aceitado dele.

Fiz uma nota mental de todas essas coisas, porque, desde que tinha conhecido Jett, contei todas as minhas estreias com ele: a primeira vez que usamos certas palavras e frases, as coisas que fizemos juntos pela primeira vez, as atividades que planejamos juntos. Meu cérebro tinha-se tornado um enorme álbum de primeiras lembranças e eu não via a hora de preenchê-lo com muito mais.

— Deixe-me ajudá-la. — Jett pegou o relógio de minhas mãos e apertou-o em volta do meu pulso. Levei o pulso ao alto para admirar. Era do tamanho perfeito e do peso ideal.

— Adorei — disse de novo.

Era verdade, mas também odiava a sensação de não ter nada para dar como retribuição. Então, fiquei mais do que ansiosa para lhe comprar um presente, algo especial, para lembrá-lo dessa ocasião, que eu esperava que fosse tão especial para ele como era para mim.

— Combina com você muito bem — disse Jett, dando um beijo suave em meu pulso.

— Humm — sorri, e me senti derretendo contra a magia de seus lábios.

— Liguei seu telefone enquanto você estava ocupada no chuveiro. — Seus lábios se arrastaram pelo meu braço nu e pelo meu ombro, até encontrarem aquele local especial abaixo de meu queixo.

— Ah, é? — gemi baixinho.

— Sim.

Senti que ele podia estar sorrindo, então passei meus braços ao redor de seus ombros fortes, apertando-os atrás da nuca.

— Sylvie deve ter ligado algumas vezes... — Jett sussurrou.

Ah, merda!

Meu sangue gelou nas veias. Como diabos eu poderia esquecê-la? Ela provavelmente devia estar esperando por mim, preocupada por eu ainda não ter voltado.

Não era incomum que ela passasse a noite fora, de tempos em tempos, mas isso nunca tinha acontecido comigo. Além disso, nós sempre mandávamos uma mensagem para a outra informando de nosso paradeiro. Ela devia estar louca. Muito louca da vida.

— Preciso voltar para casa — eu disse.

Jett sacudiu a cabeça com veemência.

— Essa não é uma boa ideia. Você não está segura. Melhor tentar descobrir quem nos seguiu em primeiro lugar.

— Mas Sylvie está sozinha naquela casa. Eu a conheço. Ela vai pirar se eu não voltar em breve.

— Ela está bem.

Olhei sua mandíbula firme e o brilho determinado em seus olhos. Quanto mais tempo eu passava com Jett, mais eu percebia que tinha encontrado meu par nele, quando se tratava de teimosia. Sob quaisquer outras circunstâncias eu poderia ter aceitado isso em nome de preservar a harmonia, mas não quando o que estava em jogo era a segurança de minha melhor amiga.

— Preciso ver isso com meus olhos — respondi.

Alguma coisa brilhou nos olhos verdes dele. Seria aborrecimento?

— Prefiro que fique comigo em minha casa.

Sua oferta parecia tentadora. A casa dele enorme, lindamente decorada e não muito longe da propriedade de Alessandro. Mas...

Balancei a cabeça.

— Não dá. Não vou deixar Sylvie sozinha naquela casa velha. Ela é minha melhor amiga, Jett. Se alguém tentar me atingir e eu não estiver lá, eles vão descontar nela.

— Eu posso enviar alguém — disse Jett.

Algo me dizia que ele poderia continuar essa conversa o dia todo.

— O que você quer dizer? — fiz uma careta. — Um guarda-costas?

— Mais ou menos.

Atirei-lhe uma carranca desconfiada. Eu entendi. Jett tinha dinheiro — e muito —, mas um guarda-costas para Sylvie? Como faria isso sem que ela percebesse? Sylvie não era boba. No momento em que ela descobrisse que um assassino estava atrás de nós, Jett deveria contratar um guarda-costas para ele, porque Sylvie acabaria gritando e culpando-o. E quando ela estava com raiva, eu não garantia nem sua sanidade, nem suas ações.

— Isso não vai dar certo para mim — balancei a cabeça e terminei a última gota de meu café. — Sinto muito, Jett, mas... Não posso ficar. Você precisa aceitar isso. Agora, por favor, me leve de volta.

— Então me deixe ficar com você.

Quase cuspi o café. Tudo bem, talvez não tenha cuspidido, porque a xícara já estava vazia.

— Er... Isso também não é possível.

Fiz uma careta, lutando com minhas palavras. Como diabos eu poderia lhe contar que minha melhor amiga não gostava mais dele e que eu não queria ter de enfrentar essa tempestade?

— Por que não? — Os olhos de Jett se estreitaram sobre mim.

Ah, pelo amor de Deus.

— Sylvie... — fiz uma careta de novo — está enfezada com você.

Eu olhei para ele e quase me encolhi com o brilho de raiva em sua expressão.

— Você não contou a ela sobre nós. — Seus olhos estavam me examinando.

— Não, não... — Balancei minha cabeça, então parei. Não fazia sentido em mentir quando ele já sabia. — Bem, sim, contei um pouco... Não achei que isso pudesse fazer alguma diferença...

Ele franziu a testa, mas não fez nenhum comentário. Meus dedos se enrolaram em sua mão na esperança de que ele pudesse sentir o tumulto dentro de mim.

— Você partiu meu coração, Jett, então naturalmente você era o cara mau. Ela me fez prometer que eu seguiria em frente e namoraria outros caras... — dei de ombros e ri nervosamente. — Ela deve estar pensando que estou seguindo em frente.

Alguns momentos se passaram, durante os quais ele permaneceu em silêncio. Eu tentei o máximo ler sua expressão, e não consegui.

— Tudo bem. — Finalmente ele deu um suspiro e levantou-se, ajudando-me a ficar em pé.

— Você está bem com isso? — Pisquei os olhos, surpresa.

Só isso? Durante o pouco tempo que trabalhei com ele, logo percebi que Jett nunca desistia. O que ele queria, ele conseguia. E o que ele não poderia ter, tentava obter a qualquer custo.

— Sem condições, sem nenhum pedido?

— Na verdade, agora que está mencionando isso, vou levá-la para casa sob três condições.

— Claro — olhei para ele, divertida. Três condições... — E quais são elas?

— Primeira, vai me ligar assim que chegar e depois, apesar do risco de ser rastreada, prefiro que deixe o celular ligado o tempo todo. Em segundo lugar, vou mandar alguém para vigiá-la. Ele vai ser discreto e você nem vai notar sua presença. E não há discussão sobre esta condição. — Ele fez uma pausa e eu levantei a sobrancelha, optando por não comentar, porque Jett parecia bastante determinado, e eu só queria chegar em casa e ver como estava Sylvie, custasse o que custasse. — Em terceiro lugar, você terá de encurtar sua visita. Então, conte qualquer história a ela, mas você não vai ficar, nem ela. Caso contrário, vou buscar vocês duas e usarei a força se for necessário.

— Não são exatamente três condições, mas cinco — apontei.

— Ou faz o que eu digo ou nada.

Isso é que era uma dificuldade de se comprometer...

— Brooke?

Não era uma pergunta, era uma advertência, ampliada pela determinação em seus olhos e a linha teimosa em sua testa. Ele estava de volta ao seu jeito de macho alfa, tentando me proteger, ou o que quer que seus hormônios o levassem a fazer.

— Tudo bem — respondi, já lamentando ceder com tanta facilidade. — Você vai me levar?

— Claro, querida. — Ele piscou, já de volta em seu bom humor. — Segure-se firme.

Revirei os olhos por causa da escolha de suas palavras. Elas pareciam formar uma de suas frases favoritas.

Na viagem de volta para casa, Jett ficou verificando o espelho retrovisor, e quanto mais ele fazia isso, mais meu nervosismo aumentava. Se não fosse pela perseguição de carro ontem, eu teria pensado que ele sofria de paranoia. Jett ia guiando devagar, talvez porque não estivesse acostumado com o carro alugado, que ele pegara durante a manhã. Ou talvez porque não quisesse chamar a atenção para nós. De qualquer maneira, eu me sentia mal por sua Ferrari. Não que ela significasse alguma coisa para mim, mas porque eu sabia quanto ele a adorava.

— Sinto muito sobre seu carro — eu disse.

— Não é tão ruim assim. Ela vai ficar nova em pouco tempo — Jett piscou, rindo, e focou de volta na estrada.

O carro dele era ela?

Uau! Eu não sabia se ele estava rindo de mim ou tentando me provocar. No final, decidi manter minha boca fechada.

Menos de meia hora depois, o carro parou na frente da casa de Alessandro. A parte mais difícil era me virar para me despedir, sempre foi deixando que ele partisse, e sem saber quando iria vê-lo novamente, uma parte de mim já sentia falta de Jett mesmo que ainda nem tivesse saído do carro.

— Obrigada pelo encontro — disse. — Fiquei feliz por ter ido.

Jett me lançou seu sorriso deslumbrante e passou a mão pelos cabelos antes de colocar as mãos de volta no volante.

— Eu que agradeço pela segunda chance.

— Sou grata por isso.

Ele se inclinou e nossos lábios se encontraram em um beijo curto, mas aquecido.

— Lembre-se, eu quero que você mantenha o telefone ligado em todos os momentos. Se você encontrar alguma coisa suspeita, não importa quão minúscula ou ridícula ela possa parecer, me telefone que eu estarei lá.

— Entendi — assenti. Meus olhos pareceram colados aos dele, me embebedando nele. As palavras “me telefone” acionaram a memória. — Jett, você me chamou, há dois dias, cerca de meia hora depois que você me deixou no *spa*?

Sua carranca me mostrou que ele não o fizera.

Eu fingi não perceber.

— Pensei em perguntar, porque o número era privado.

— Eu não escondo meu número de telefone. — Percebi a tensão em sua voz, a desconfiança e a suspeita. — Você atendeu?

— Sim, mas ninguém respondeu. — Mordi o lábio.

Ele me estudou por um momento.

— Talvez eu tenha acidentalmente ligado pela discagem rápida — sugeriu. — Ou talvez fosse uma amiga.

— Talvez.

Eu realmente queria acreditar nisso, porque era de fato uma possibilidade, e ainda assim não conseguia. Em meu livro, coincidências não existem.

— É provável que você esteja certo e era uma amiga, mas com a diferença de horários e o fuso, teria sido muito cedo em Nova York, e não conheço ninguém que estaria acordada nessa hora...

Eu me senti uma idiota por trazer esse assunto e ainda arrastar essa conversa por mais tempo do que o necessário. Peguei minha bolsa no banco de trás, e foi quando meus olhos caíram em algo que estava metade coberto pela jaqueta de couro de Jett e guardado em um coldre. Eu tinha visto uma arma antes, mas nunca tocado em uma na vida real.

— Jett? — Umedeci meus lábios, surpresa com a calma na minha voz em comparação com a batida frenética do meu coração. — O que uma arma está fazendo no seu carro?

— Que arma?

Estiquei a mão para levantar o casaco quando sua mão agarrou a minha, me detendo.

— Não toque nela. — Seus olhos se fixaram nos meus.

Eu sabia. Ele sabia que eu sabia. E, no entanto, permaneceu em silêncio, provavelmente preferindo que eu nunca a tivesse visto.

— O que você está fazendo com uma arma e de onde tirou isso? — Perguntei lentamente, meu olhar zangado exigindo uma resposta.

— Brooke, você não está segura. — Ele deu de ombros e parou, deixando o resto aberto a interpretações. — Não quero que nada lhe aconteça.

Ah, meu Senhor!

— Então, quer dizer que você arranjou uma arma? É essa sua resposta para nossos problemas?

Porque se fosse, eu não tinha ideia de como reagir.

Ele não respondeu de imediato.

— Por que não? Se manter você em segurança significa quebrar algumas regras, então que assim seja. Você não precisa saber mais do que isso.

Ele umedeceu os lábios e virou-se para olhar para fora da janela do carro.

Fiquei olhando seu perfil. O pensamento de ele ter uma arma não me chocou de fato, não depois das poucas coisas que ele me contara sobre sua vida. O que me indignou foi o conhecimento de que eu não estava com medo.

Contanto que ninguém fosse morto e Jett não se envolvesse em grandes problemas, para mim estava tudo bem.

Olhei para o relógio no meu pulso. Era uma e quinze da tarde. Apesar de uma boa noite de sono e um nutritivo café da manhã, eu me sentia tonta, como se estivesse flutuando no vazio e incapaz de me concentrar em mais do que dar um passo após o outro. Tanta coisa tinha acontecido desde que deixei Sylvie em casa. O encontro, a prova de que Jett estava do meu lado, seu passado, o sexo, a perseguição, a descoberta da arma que ele tinha arranjado, sua declaração de que se importava comigo, o que não era assim uma surpresa tão grande porque ele já tinha dito antes. No entanto, depois que todo o drama e a bagagem emocional tinham desaparecido, eu me sentia diferente.

Mais verdadeira.

Ainda assim, não me sentia capaz de contar uma palavra sobre isso para minha melhor amiga. Já era hora de esclarecer o mal-entendido sobre Jett, para que eu não precisasse mais esconder o desabrochar desse relacionamento de Sylvie, mas como é que eu poderia explicar tudo sem que parecesse que eu estava com um parafuso solto? E, o que era ainda pior, como eu deveria lidar com a reação dela? Sylvie não era apenas superprotetora, seus defeitos incluíam a incapacidade de perdoar quando se sentia traída. Eu estava com uma sensação incômoda de que, depois de todo aquele escândalo que fizemos sobre ele em Nova York, sair com Jett, agora, pareceria a ela a mais pura traição.

Respirando fundo, destranquei a porta da frente e entrei. A casa estava mortalmente silenciosa, o que me pareceu estranho. Enervante. Chequei a sala e a cozinha, depois subi as escadas e fui bater à porta do

quarto dela.

Nenhuma resposta.

— Sylvie?

Abri a porta e espiei lá dentro. Suas roupas estavam espalhadas por todo o chão. Sua bolsa estava em sua cama desfeita. Olhei para dentro. Exceto pelo seu telefone e cartão de crédito, nada parecia estar faltando.

Um nó gelado se retorceu em meu estômago. Sylvie nunca saía de casa sem a bolsa. Teria acontecido alguma coisa com ela? Se isso fosse verdade, eu nunca me perdoaria.

Corri escada abaixo e fui verificar outra vez em todos os lugares mais óbvios, a sala de estar, a cozinha, a varanda e o quintal. Ninguém à vista.

— Sylvie?

Chamei outra vez, e desci os degraus de pedra que levavam em direção ao bosque. No momento em que abri a boca para chamar de novo, avistei-a do outro lado da piscina. Ela estava vestida com um biquíni, relaxando em uma cadeira, com os dedos em volta de um copo de coquetel. De onde diabos ela havia tirado isso?

Dei um suspiro de alívio.

Ela parecia bem e segura. Caminhando em sua direção, percebi que estava de olhos fechados e a música estridente ecoando nos fones de ouvido. Debrucei-me sobre ela, imaginando que Sylvie poderia ter notado minha presença. Ela não se mexeu.

— Sylvie?

Eu apertei gentilmente seu braço.

Seus olhos azuis se abriram e ela quase pulou em sua espreguiçadeira. Durante um instante o medo atravessou seu rosto antes que ela me reconhecesse, e então ela sorriu, o que foi rapidamente substituído por uma máscara de raiva. Ela estava de fato furiosa.

— Que porra é essa, Brooke? Você me assustou para valer, por onde você andou? — gritou.

Eu apontei para seus fones de ouvido. Sylvie os retirou, mas sua expressão irritada não se alterou.

— Onde você estava? — Ela repetiu. — Eu tive de chamar a polícia. Eu não sabia o que fazer!

Seus olhos estavam arregalados de medo, e havia olheiras abaixo deles.

— Ah, meu Deus. Você fez o quê? — Sentei-me e envolvi meu braço em torno dela e de seus ombros, temendo o pior, que alguém a tivesse ameaçado e machucado. — Você está bem?

Aconteceu alguma coisa?

— Que merda você está falando? É claro que não estou bem. — Pausa. Ela respirou fundo e deixou o ar sair devagar, como para se acalmar. — Quando sua melhor amiga desaparece em um lugar que só Deus sabe onde é e você precisa se comunicar em uma língua que não domina, é óbvio que fica morrendo de medo. — Seu dedo espetou meu peito enquanto seus olhos expeliram fogo para mim. — E você liga. Você age como adulta e deixa sua melhor amiga saber por onde anda. Você não desaparece!

Eu nunca a tinha visto assim. Zangada. Magoada. Vulnerável.

— Você tem um jeito engraçado de demonstrar isso — eu disse, apontando para o coquetel em sua mão.

— Sim, bem. Seja qual for a merda que você esteja vivendo, é mais fácil quando você está meio bêbado. — Ela enrolou o longo fio dos fones de ouvido ao redor de seu iPhone, sua voz ainda dura. — A música é a única coisa que me ajuda a desligar e parar de imaginar todas as coisas que poderiam ter acontecido com você.

Puxei-a para perto de mim e a abracei, sussurrando:

— Desculpe. — Eu de fato esperava que ela pudesse ouvir o remorso na minha voz. Eu estava terrivelmente triste por infligir toda essa preocupação a Sylvie.

Sylvie balançou a cabeça com raiva, enxugando a umidade em seus olhos.

— Eu pensei que algo de ruim tinha acontecido com você.

Ela parecia ainda chateada, mas seu tom de voz havia se acalmado um pouco.

— Sinto muito, Sylvie. Eu sei que deveria ter ligado, mas você deveria ter recebido uma mensagem de texto e...

Essa frase a fez olhar para cima.

— Eu recebi uma mensagem de texto que não se parecia em nada com você. O que aconteceu? — Ela me olhou de cima a baixo com desconfiança. Sua visão de raio-X varreu meu rosto, depois, as roupas amassadas. — Onde você estava?

O momento em que eu estava temendo havia chegado. Ok, por onde começar?

Boa pergunta Stewart. Que tal pelo começo?

Respirei fundo e deixei o ar escapar lentamente. Seus olhos caíram sobre o relógio e é claro que seu queixo caiu.

— Ah, meu Deus — eu quase podia ver seu cérebro funcionando. No momento em que ela somou dois mais dois, sua testa franzida se transformou em uma carranca. — Você saiu com um cara! Por favor, me diga que estou errada.

Ela estreitou os olhos para mim enquanto examinava meu rosto, o queixo caindo ainda mais.

— Você não fez isso, Brooke.

Eu assenti com a cabeça.

— Sua... Vaquinha. Quem é ele?

Sempre que Sylvie estava extremamente feliz ou com raiva de mim, ela me chamava de vaquinha. Tudo começou no dia em que fomos convidadas para o superchato casamento do primo dela. Era um daqueles tradicionais e gigantescos enfados, então eu tive a ideia de cair fora da festa em favor de passes para os bastidores do show, de um músico que ela estava morrendo de vontade de conhecer. Feliz com minha ideia, mas também se sentindo culpada por faltar à festa do primo, ela passou a me chamar de vaquinha. Agora a história era totalmente diferente daquela, ou talvez não tão diferente, considerando que eu tinha caído fora para me encontrar com Jett em segredo.

— Eu... — não dava nem para olhar nos olhos dela. — Tem um monte de coisa que não lhe contei...

Lutando para encontrar as palavras, quase que esperei por outra das famosas explosões de Sylvie. No entanto, o que recebi no lugar foi um olhar, com um brilho nos olhos, que indicava problemas.

— Ah, meu Deus... — Sua voz era tão baixa que eu não tinha certeza de ouvir direito. — Você está saindo com ele novamente.

— Sylvie...

Eu levantei minha mão para detê-la e explicar-me, porém ela me cortou.

— Os sinais estavam todos lá. Eu devia saber que ninguém muda seu humor deprimido assim, de repente. Todo esse tempo pensei que você estava seguindo em frente, enquanto você estava saindo com Jett.

Eu poderia fingir que ela estava errada e ganhar tempo com isso, mas para que mentir?

— Como é que você descobriu? — perguntei, sorrindo.

Eu deveria estar me sentindo culpada, mas não pude evitar. Só de ouvir o nome de Jett saindo da boca de Sylvie e a expressão dela, uma careta de desprezo sem preço, me fez sorrir.

— Venha aqui. — Ela colocou os braços em volta de mim. — Você uma vaquinha boba! Como você pôde pensar, só por um minuto, que eu não ia perceber quão profunda e loucamente você está apaixonada por ele?

— É tão óbvio assim? — sussurrei.

Assentindo com a cabeça, ela riu.

— Mesmo que eu fosse cega, eu seria capaz de sentir aquele sorriso idiota em seu rosto toda vez que você pensava que não tinha ninguém olhando.

Eu ri com ela, porque ela estava certa. Jett fazia isso comigo, mesmo quando não estava por perto.

— Obrigada — sussurrei.

Ela deu de ombros, sem perguntar por quê. Havia muitas razões como confirmar, mais uma vez, que ela era a melhor amiga do mundo. Nós rimos até nossos olhos brilharem cheios de lágrimas, e ainda não conseguíamos parar. Era quase como costumava ser quando éramos mais jovens e, no meu caso, mais descuidada. Todas as coisas idiotas que fizemos e como nós nos aproximamos a cada erro. No bom, no mau e no ultrajante...

Assim como agora.

Capítulo 17

Após um banho rápido e depois de vestir calça jeans limpa e uma camisa sem mangas, fui ficar com Sylvie no quintal. Nós conversamos por uma hora sem parar, durante a qual relembrei a perseguição de carro em todos os mínimos detalhes. Para minha surpresa, Sylvie achou bom Jett estar aqui para me ajudar. Ela fez perguntas sobre ele, sobre o passado de Alessandro e até sobre como eu me sentia sobre Jett estar de volta em minha vida. Ela queria ter certeza de que eu estava bem, e que estava feliz. Quando sugeriu convidar Jett para jantar, meu queixo quase caiu. Vou admitir que aquele seu entusiasmo súbito me assustou um pouco, mas também era importante para mim que Sylvie aceitasse Jett e o perdoasse, até porque eu não queria esconder nada dela.

Estávamos à beira da piscina. Uma suave tonalidade rosada cobria meus braços nus e meus ombros, enquanto que Sylvie mostrava um brilho dourado saudável que em breve se transformaria em um impressionante bronzeado construindo um belo contraste com os cabelos loiros e os olhos azuis maravilhosos. Depois de saber sobre as questões ligadas à mansão e sobre a perseguição de carro, ela não pareceu ficar tão assustada quanto pensei que ficaria.

— Estou contente que nós conversamos — eu disse. — Estava me sentindo mal mantendo esses segredos de você. Não sou muito boa nisso...

— Para ser honesta, eu já suspeitava de que algo estava errado. — Sylvie se inclinou para a frente e apertou minha mão suavemente. — Eu só não queria pressioná-la porque você estava numa situação complicada, mas eu sabia que iria me contar em algum momento.

— É... — gostaria de ter feito isso muito antes.

Ela empurrou os óculos de sol para o alto da cabeça, com um olhar interrogativo no rosto.

— Você e Jett estão juntos de novo? Oficialmente?

— Eu não sei — admiti. — Nós não falamos sobre isso. Estamos namorando e ele já tinha me falado sobre seus sentimentos uma vez, no dia em que rompi com ele. Talvez a gente esteja mesmo em um relacionamento sério.

Eu dei de ombros como se não importasse, mas importava. Muito. Eu queria que fosse sério. Desde que o conhecera, esta se tornara uma das minhas palavras favoritas.

— Talvez? — Ela bufou. — Se um cara fala sobre seus sentimentos depois de ter tido relações sexuais, ele quer estar com você. Não há nenhuma dúvida sobre isso.

— Acho que sim — murmurei.

Algo no meu tom a fez inclinar a cabeça. Talvez eu não tenha me mostrado tão entusiasmada sobre isso, ou tão confiante, como seria de se esperar.

— Ele sabe como você se sente sobre ele? — Perguntou Sylvie.

Olhando fixamente para a água azul cintilante, balancei minha cabeça, negando.

— Por quê? Qual é o problema?

Eu sorri tristemente. Sylvie e eu éramos tão próximas e, mesmo assim, tão diferentes. Ela conhecia um pouco sobre meu passado e eu sobre o dela, porém ela negava tudo o que preferia manter sepultado. Como eu poderia explicar a ela minhas regras sobre amor e relacionamentos, sem entrar em detalhes sobre o que me levava a pensar dessa forma? Amar alguém tão profundamente é correr o risco de perder-

se para sempre. Uma vez que eu admitisse meus sentimentos para ele, não haveria como voltar atrás, nenhuma esperança de ter meu coração completo sem ele.

— Ele é incrível, mas... — hesitei, minha garganta se contraindo com o pensamento de um futuro juntos. — Eu quero ficar com ele, mas às vezes, quando o vejo, sinto que estou em pé em um penhasco, sem nenhuma maneira de seguir, a não ser para baixo.

Mordi o lábio, pensando quanto eu poderia contar sem me abrir demais.

— Neste momento, estou feliz com a forma como as coisas estão. Está tudo indo muito bem. Da maneira como vejo as coisas, Jett não precisa saber como eu me sinto.

Sylvie sorriu e apertou minha mão.

— Amiga, o amor é para ser compartilhado. Talvez isso não vá durar para sempre. Mas quem se importa? Toda história tem um fim. Você não pode parar depois de ler um capítulo só porque não sabe como termina. Se você o ama, você deve pelo menos dar uma chance. Eu acho que uma vida sem compartilhar o amor é o inferno. O que pode ser pior do que isso?

— Arrependimento... — sussurrei, pensando em todas as vezes que ela havia me censurado por causa da merda de um grande arrependimento, e dizendo que eu deveria assumir riscos, em vez de ficar vivendo na minha bolha de segurança. — Mas você tem razão.

— Eu sei disso. E você? — Suas sobrancelhas se ergueram.

Claro que eu sabia. E, mesmo assim, os demônios dentro de minha cabeça continuavam rugindo. Eram eles que ficavam sempre me dizendo que as coisas não iriam acabar bem. Era o que tinha acontecido com meus pais. E com os pais de Jett. Ou com os pais de Sylvie. Por que eu iria encontrar um destino diferente?

— Pense nisso — disse Sylvie com delicadeza.

Assentindo, lutei contra as lágrimas que estavam se juntando nos cantos de meus olhos e decidi mudar de assunto.

— E o Clarkson, ligou?

Sylvie balançou a cabeça e se apertou em suas roupas, jeans rasgados e uma camiseta enorme que descia pelos seus ombros.

— Não, mas chegou uma correspondência esta manhã. Deixei na mesa da cozinha. São os relatórios financeiros solicitados por você. Quer dar uma olhada agora?

Eu queria lhe perguntar como tomou conhecimento do conteúdo da carta, mas decidi não fazer isso.

— Claro. Eu já virei uma lagosta, mesmo.

Ao voltarmos para dentro de casa, notei que nuvens negras estavam se juntando à distância. A brisa suave de antes se transformara em uma rajada forte soprando as folhas, e o ar carregava o cheiro de chuva que se aproximava. Era difícil de acreditar que, apenas algumas horas atrás, o ar tinha estado tão quente que me fizera lembrar-me de um deserto.

Entramos pela porta dos fundos e eu a tranquei atrás de nós. Olhei para a área da cozinha. Parecia impecável, como se Sylvie não a estivesse usando, o que era estranho porque ela geralmente costumava encomendar porções que poderiam alimentar uma família de quatro pessoas e não ganhava nem um grama de peso. Talvez ela estivesse preocupada demais para ter fome. Esse pensamento reacendeu minha culpa.

— Aconteceu alguma coisa na noite passada? — perguntei. — Sei lá, telefonemas estranhos?

Ela me lançou um olhar inquisidor.

— Não, estava tudo muito tranquilo por aqui.

Eu nunca tinha ficado tão feliz ao saber que minha amiga tivera uma noite tranquila em casa. Isso quase me fez pensar que aquela perseguição de carro parecesse surreal.

— Você chamou mesmo a polícia? — perguntei sorrindo.

— Claro. Eles me disseram que eu deveria esperar quarenta e oito horas antes que pudesse preencher um relatório sobre pessoas desaparecidas. Isso me irritou muito na hora, mas, além disso... — ela balançou a cabeça. — Nada aconteceu. — E piscou algumas vezes, irritada.

Dei um beijo molhado na bochecha de minha amiga. Desde que nos mudamos para Nova York, Sylvie e eu tínhamos um código: se uma de nós não entrasse em contato antes das dez horas na manhã seguinte, isso seria uma bandeira vermelha indicando que algo tinha acontecido. Embora ela tivesse recebido uma mensagem de texto e não precisasse ter se preocupado, apreciei seu gesto.

— Sinto muito. Prometo que não vou fazer isso de novo — sussurrei.

— É bom mesmo, Brooke, porque você me assustou demais. — O tremor na voz dela não me passou despercebido. — Aqui estão os papéis, parece que há muita coisa para ver. — Ela apontou para a grande pasta amarela e se dirigiu para a máquina de café.

Eu a vi encher o filtro e adicionar a água, então abri a pasta e fui instantaneamente esmagada pelas inúmeras folhas cobertas com números e ainda mais números. Mesmo que eu soubesse alguma coisa de contabilidade básica, nunca tinha vislumbrado as contas de uma propriedade tão grande como esta. Meus olhos de amadora não eram tão perspicazes, mas pelo pouco que entendi, os números pareciam legítimos e os impostos tinham sido pagos.

— Para mim, parece tudo certo — e fechei a pasta de novo.

Sylvie colocou uma xícara de café quente na minha frente e sentou-se.

— Posso ver?

— Claro.

Sylvie tinha um diploma em administração de empresas e trabalhara em uma empresa de contabilidade até recentemente, e eu estava mais do que feliz em concordar com seu pedido.

Entreguei-lhe a pasta e tomei um gole de meu café, quase queimando minha língua.

Sylvie começou a folhear os papéis.

— O que você acha? — perguntei a ela, aproximando-me. Dois minutos se passaram e ela não respondeu. O silêncio estava me deixando nervosa, então dei um cutucão na perna dela por baixo da mesa. — Sylvie?

— Desculpe. — Ela franziu o cenho, mas não olhou para cima. — Você disse alguma coisa?

— Tem algo errado?

Eu ri para compensar a preocupação em minha voz.

— Não há nenhuma dívida.

Ela olhou para cima, seus olhos azuis de bebê procurando os meus.

— Então, isso é uma coisa boa, certo?

Sua careta não chegou a conseguir apagar minha inquietação. Talvez fosse o jeito que ela agarrou os papéis. Ou talvez tenha sido o modo como seus olhos ficavam passeando em uma página em particular, como se suas descobertas a tivessem perturbado. Então, algo me disse que as coisas não eram tão claras quanto pareciam a mim.

— Há algo de errado, não é? — perguntei.

Ela levantou a mão, detendo-me, o rosto enrugado em concentração enquanto puxava três folhas na frente dela, descartando o resto, e começava a compará-las. Eu não gostei da expressão em seu rosto. Meu coração começou a bater mais depressa.

Andei ao redor da mesa e me inclinei sobre seu ombro, tentando ver o que ela via. Por fim, Sylvie abriu seu telefone e começou a digitar números em sua calculadora.

— Os números não batem — murmurou ela, enquanto seus dedos apontavam para as folhas, me mostrando. — Parece que há uma brecha nos lucros e nas baixas dos ativos. Estou querendo saber para onde o dinheiro está indo.

Virando-se, ela olhou para mim, seus olhos refletindo minha própria desconfiança.

— O que você quer dizer?

— Eu sinto muito, Brooke. Não tenho a menor ideia — ela disse, entregando os papéis de volta para mim. — Parecem instituições de caridade, mas quem sabe. Você precisa falar com Jett e encontrar alguém que saiba mais sobre as práticas contábeis italianas. Uma coisa é certa, as operações foram feitas em intervalos periódicos, mas aleatórios. A última delas ocorreu em janeiro passado.

— Tudo bem — retruquei, piscando várias vezes. — As pessoas doam para instituições de caridade o tempo todo.

Sylvie balançou a cabeça.

— Olhe para todos esses zeros. Estamos falando de milhões e ele descartou tudo isso. Você disse que Jett possui uma propriedade aqui, então, mais que provavelmente, ele tem um contador italiano para cuidar do pagamento de seus impostos.

Eu sabia que tinha chegado a um ponto em que precisava de ajuda. Jett era a resposta óbvia.

Ela parou em frente à porta da cozinha, com a mão na maçaneta, seus olhos sem olhar para mim.

— Há algo mais.

— O quê?

Levantei minha cabeça, olhando para Sylvie com atenção. Sempre que ela tentava fazer com que uma coisa importante parecesse casual, ela começava usando as palavras “há algo mais”, o que fez um alarme disparar na parte de trás da minha mente.

— Você disse que Alessandro não quer que você faça qualquer alteração na casa, certo?

Balancei a cabeça, assentindo.

— Bem, eu fiquei imaginando por que existem sacos de cimento lá embaixo.

— Lá embaixo?

— No porão. Enquanto esperava por você, preocupada, devo acrescentar... — ela fez uma pausa para o efeito — ... fui checar todos os cômodos da casa e topei com esses sacos no porão.

— Tem certeza que você viu sacos de cimento e não...

— Terra? Pedras? — Ela revirou os olhos. — Não sou tão estúpida assim, Brooke.

— Eu nunca disse isso. É que é estranho, só isso. — Alessandro tinha sido tão inflexível sobre não mudar qualquer coisa na casa. Eu precisava ver isso e depois perguntar a ele do que se tratava. — Mostre-me — disse a ela.

E sem esperar pela resposta, passei por ela e parei no corredor, para que ela fosse à frente.

Ela me orientou a descer as escadas e passar por uma porta em um corredor estreito que parecia se estender para sempre. O ar cheirava a coisa velha e empoeirada. As lâmpadas penduradas sobre nossas cabeças criavam sombras se movendo pelas paredes caiadas. Meus sapatos mal faziam sons no chão de concreto enquanto me apressava para acompanhar o ritmo acelerado de Sylvie.

— Você veio até aqui sozinha? — perguntei, quase sem acreditar.

Quem teria pensado que minha melhor amiga, que tinha claustrofobia, entraria nesse subterrâneo que se assemelhava a um caixão de grandes dimensões, sem janelas e sem uma porta de saída?

— Não é que eu tivesse uma escolha. Achei que você poderia ter ficado presa nesse porão — murmurou Sylvie. — Você ficaria surpresa com o que mais eu faria por você.

Sorri para as várias lembranças dela se afastando de elevadores e de espaços apertados, fingindo que não conseguia respirar.

— Não foi fácil. Pensei que ia ter um ataque cardíaco.

— Olhe para você. Você está dominando seus medos. Estou tão orgulhosa! — eu disse, e, de fato, estava mesmo. Ela me lançou um olhar por cima do ombro e murmurou algo como “cale a boca”.

Chegamos a uma junção e entramos em um saguão com várias portas. Espiei no primeiro cômodo. Além de alguns móveis antigos empilhados em um canto, estava vazio. O segundo e o terceiro estavam da mesma maneira. O seguinte tinha o tamanho de um quarto e estava completamente vazio. Parando de repente, estremeci quando um desconforto tomou conta de mim.

— Onde estão os sacos de cimento? — perguntei.

— Aqui.

Sylvie apontou para o meu lado esquerdo. Virei-me para seguir sua linha de visão, e só então percebi um arco aberto oculto pela escuridão. Entramos, e Sylvie acendeu a lâmpada, banhando o quinto quarto no brilho artificial.

O pequeno espaço estava atulhado de prateleiras e garrafas, o que me levou a acreditar que Sylvie tinha topado com a adega de Alessandro. Entre a parede e uma prateleira estavam dois sacos de cimento, quase escondidos da vista, como se tivessem sido esquecidos ali por alguém.

— E então, o que você acha? — perguntou Sylvie.

— Eu não sei. — Agachei-me para inspecioná-los mais de perto. — Talvez ele precisasse deles para algum conserto. É um edifício antigo que provavelmente necessita de um monte disso...

Parecia plausível, e ainda assim seu silêncio sugeriu que ela não concordava comigo. Pude ver pela testa franzida que ela não gostou da minha resposta. Nem eu.

— Quando eu disse que dei uma olhada pela casa, quis dizer que realmente bisbilhotei tudo, e não encontrei nenhum sinal de reformas recentes. Tudo parece muito antigo. — Ela fez um gesto depreciativo. — Por que deixar esses sacos aqui, com esse vinho caro? Por que não escolher outra sala em que há muito espaço? Dê uma olhada nisso aqui.

Ela tirou uma garrafa de vinho e entregou-a para mim. Verifiquei a data carimbada antes de devolver a garrafa para a prateleira. O vinho tinha mais de cinquenta anos e provavelmente valia mais do que eu costumava ganhar em um mês no meu antigo trabalho.

Um cheiro fraco flutuava por nós. Cheirei o ar me concentrando para ver se o identificava. — Sentiu o cheiro? — perguntei.

— De quê?

— Acho que é de tinta.

Nós nos separamos, inspecionando as paredes, esfregando os dedos sobre a superfície irregular branca e suja.

— Se ele contratou alguém para pintar aqui, o cara fez um péssimo trabalho — disse Sylvie. — Alessandro deveria pedir seu dinheiro de volta.

Sylvie estava certa. A pintura era tão irregular e áspera que parecia que até uma criança poderia ter feito um trabalho mais decente.

— O cheiro está mais forte aqui — aponte para uma prateleira e passei os dedos sobre duas garrafas. — Estão sem poeira.

— Deixe-me ver — ela disse.

Dei um passo para o lado, só então percebendo o branco manchando a madeira escura em alguns lugares.

— Acho que alguém pintou esse quarto, e depois montou as prateleiras enquanto a tinta ainda estava fresca. Quanto a elas, meu melhor palpite é que foram trazidas de algum outro lugar, o que explicaria por que não há poeira nas garrafas.

Voltamos para o quarto aposento e inspecionamos as paredes. Traços escuros de poeira e sujeira eram visíveis onde as prateleiras de vinho costumavam ficar.

— Por que Alessandro teria colocado as prateleiras de vinho em um quarto menor logo depois que ele foi pintado? — Sylvie sussurrou atrás de mim. — Por que não deixá-las aqui?

Cruzando os braços sobre o peito, balancei a cabeça, sinalizando que não tinha ideia.

— Pensei nisso também — andei para cima e para baixo no quarto, meus olhos focados na parede.

— O que não faz sentido para mim é por que ele quis apenas um quarto pintado. Por que não pintar este aqui, também? Por que não o porão inteiro? — Eu me virei para olhar para Sylvie.

— Talvez não tivesse necessidade de fazer isso. E se ele teve um vazamento e só alagou aquele quarto? Teve medo de que o mofo se espalhasse por todas as paredes — sugeriu ela.

— Mas o ar teria cheiro de umidade. Além disso, você não acaba com o mofo apenas pintando por cima. Precisa usar um desumidificador de ar. Na pior das hipóteses, terá de reconstruir as paredes porque o fungo se espalha depressa — eu disse. — Talvez seja por isso que ele precisou do cimento.

Era possível, e ainda assim minhas palavras soaram difíceis de acreditar. E o olhar duvidoso de minha amiga indicava que ela achava o mesmo. Algo simplesmente não fechava a conta... A parede mal pintada sugeria que um amador tinha feito esse trabalho. E por que não contratar um profissional? Alessandro com certeza tinha dinheiro suficiente para fazer isso. E por que só essa parede?

Minha mente estava girando de tantas perguntas, e cada resposta que eu tinha me levava a outra pergunta.

— Você deveria convidá-lo, sabe disso, não é? — Sylvie comentou enquanto subíamos as escadas.

Não havia necessidade de perguntar sobre quem ela estava falando.

— Sério? — perguntei a ela. — Você está mesmo segura quanto a isso?

— Estou.

Nós tínhamos discutido sobre isso antes, mas ter o Jett aqui não seria uma boa ideia. Primeiro de tudo, tanto ele quanto Sylvie tinham egos gigantes. Você simplesmente não coloca duas pessoas assim na mesma sala, duas pessoas que mostram delírios de grandeza quando se trata do que eles entendem sobre a vida. E depois, tinha a questão de que Jett e Alessandro não eram exatamente amigos.

— Pode convidá-lo — Sylvie deu de ombros.

— Você vai ficar bem?

— Você me conhece. — Ela me deu um sorriso largo.

— Sem brigas?

Ela soltou um suspiro exagerado e revirou os olhos lentamente. — Eu nunca faria isso.

Sim, claro!

Mordendo meu lábio, fiquei olhando para seu rosto inocente por algum tempo. Eu realmente queria acreditar nela, mas Sylvie podia ser um pouco superprotetora, o que a transformava num dragão. No entanto, ela e Jett eram muito importantes para mim, então já não seria mais do que hora de eles se conhecerem melhor? Para o caso de Jett e eu ficarmos juntos por longo prazo...

— Tudo bem, tem razão — respondi. — Talvez eu devesse pedir a opinião de Jett sobre essa mudança no porão. A perspectiva masculina pode ser interessante.

Era a verdade. Eu queria ouvir a opinião dele, porque confiava em seu julgamento. No entanto, essa não era a única razão para querer esse homem ao meu lado. Eu o queria aqui porque ele era o único que me fazia sentir segura.

Capítulo 18

O relógio estava chegando cada vez mais perto das sete horas. A cada segundo, meu coração batia ainda mais depressa e mais forte. Ele vinha fazendo isso desde meu bate-papo com Jett.

“Vem jantar conosco às sete?”

Tinha sido minha dica para que ele percebesse que Sylvie estava pronta para perdoá-lo, e que eu queria vê-lo à noite. Dois minutos mais tarde, sua mensagem de texto caiu de volta.

“Vou levar vinho.”

Durante a última hora, meu estômago estava vibrando e eu estava me entregando à maior ilusão. E não só pela promessa de uma noite tórrida. O telefone bipou de novo. Esperando que fosse mais uma mensagem dele, abri depressa. Quando abri o anexo que tinha uma foto, deixei escapar um sopro de ar, corando.

Nossa!

Era uma foto minha dormindo, e eu estava quase nua, minhas pernas estendendo-se a partir de debaixo das cobertas, onde minha pequena camisola tinha subido, meu cabelo todo desgrehado e, que vexame, a boca ligeiramente aberta. O pior de tudo é que a camisola que eu estava vestindo mal cobria minha bunda. Abaixo da foto, vinha uma legenda: “Eu gostaria de ver sua cara quando você visse isto”.

Fiquei olhando em choque para a tela, as mãos se movendo com rapidez pelo teclado.

“Ah, Deus, você não fez isso.”

Um silêncio curto, e então o celular bipou de novo.

“O quê?”

“A foto que vc mandou!”

“Não sei do q está falando!”

Sério? Agora ele estava fingindo que não tinha me enviado aquela foto?

“Quero que delete isso. Estou horrível.” Houve uma breve pausa, e a resposta veio.

“Achei que essa em que você mostrava os peitos era uma bela foto, por isso nem a pau vou deletar. Se quiser ficar satisfeito, só preciso olhar as fotos e lembrar o tempo que passei com vc.”

Olhei para a foto de novo. Ela definitivamente não mostrava meus seios. Mas quantas fotos esse cretino tirara? Estava prestes a mandar uma mensagem para ele quando veio outro texto. “P.S.: mal posso esperar pra ver vc; cansei de fazer com meu travesseiro e fingir que é com vc.”

Meu coração deu uma cambalhota. Eu mandei uma mensagem para ele de volta, mas não chegaram mais respostas. Agora, o jantar parecia demorar demais. Sylvie percebeu meu estado de espírito agitado, mas não comentou nada. Seguindo suas instruções, tomei banho, coloquei um vestido que ela mesma escolheu para mim e deixei meu cabelo cair sobre os ombros em ondas. Até mesmo permiti que ela me aplicasse um pouco de maquiagem, rezando para que minha amiga não fosse muito longe. Eu queria parecer incrível para ele, e foi isso que aconteceu. Em pé, em frente ao espelho do quarto, fiquei admirando meu vestido cor de hortelã e com ombros de fora, bordados de rendas finas e pérolas costuradas em torno da cintura. Ele provavelmente devia ser usado em uma noite de gala; o vestido abraçava minha figura em todos os locais certos, e dava à minha pele levemente bronzeada uma tonalidade dourada. Valera a pena pagar o preço horrendo que Sylvie pagara por ele.

— Uau. Estou tão orgulhosa de você — Sylvie elogiou.

— Mas somos apenas nós três para jantar... Não é como se eu estivesse me formando ou me mudando para a Europa. De qualquer jeito, obrigada pelos elogios.

— Eu sei de tudo isso — ela apontou para meu corpo. — Olhe-se no espelho. Você está abrindo suas asas e aprendendo a voar.

Virei-me para inspecionar o vestido no espelho.

— Onde você conseguiu isso? Nunca o vi em seu guarda-roupa e não me lembro de tê-lo visto em sua bagagem, tampouco...

— Comprei-o ontem — disse Sylvie.

— Então você foi para Milão? — perguntei.

Ela balançou a cabeça, tocando o vestido.

— Não, não houve tempo suficiente porque eu queria estar de volta a tempo para ver você. Encontrei essa pequena loja em Bellagio, não muito longe da pizzaria a que fomos. Metade das coisas não era tão ruim assim. E, então, eu vi o vestido e tive de comprá-lo. Pensei que seria uma roupa perfeita para você.

Sylvie me deu um sorriso brilhante, que me fez avaliá-la com cuidado. Ela sempre falava assim, mas havia algo em seu tom que me fez prestar mais atenção.

— Para mim?

Sylvie balançou a cabeça, assentindo, e seu sorriso se alargou um pouco mais.

— Obrigada. — Eu a abracei apertado. — Mas por que você me compraria algo assim?

— Sentindo-se mal? — Ela piscou.

Ah, Deus.

Chame de intuição, mas eu sabia que algo estava suspeito.

Apertei os olhos para ela.

— Sentindo-me mal por... — fui interrompida pela campainha.

Olhei para o relógio. Eram quase seis. Jett devia estar aqui às sete. Eu me virei para minha amiga, confusa.

— Quem poderia ser?

A julgar pelo sorriso no rosto, algo estava acontecendo.

— Eu pedi para Jett vir mais cedo.

— Mas por quê?

Olhei em volta do meu quarto bagunçado. Roupas e sapatos — em sua maioria de Sylvie — espalhados por todo o lugar. Havia maquiagem, loção para o corpo, e ainda mais maquiagem na cama. De jeito nenhum eu deixaria Jett ver toda essa desordem.

Ela me fez sinal para segui-la pelas escadas até a porta da frente.

— Não fique brava, mas eu tenho um encontro. Achei que você ia ficar bem sem mim.

— Você tem o quê? — Quase tropecei em meus saltos altos enquanto tentava acompanhá-la.

— Conheci alguém.

— Quem?

Ela deu de ombros como se não fosse importante, o que era exatamente o oposto do que de fato pensava.

— O cara do bar.

Mas não podia ser!

Por que eu continuava acreditando nela quando dizia que ia ao bar só para um drinque? E, entre todas as pessoas no mundo, ela precisava se ligar ao cara da máfia?

A mão de Sylvie se apertou ao redor da maçaneta. Antes que ela pudesse abrir a porta da frente, eu peguei a mão dela, obrigando-a a se virar.

— E sobre Jett e o jantar? — Meus olhos vomitavam fogo, combinando com as labaredas raivosas que me consumiam por dentro.

— Não se preocupe com ele. Ele vai cuidar bem de você. Além disso, pedi que ele trouxesse o jantar, porque você não sabe cozinhar nem arroz. Então, vai ficar tudo bem.

Revirei os olhos, ignorando seu comentário. Eu não tinha dúvida de que Jett e eu estaríamos bem.

— Não, Sylvie. Essa não é realmente a minha preocupação. Eu não gosto que você saia com esse cara, e você sabe disso. O que aconteceu com a sua frase “é apenas um drinque, eu não vou me casar com ele”?

Ela encolheu os ombros daquela maneira não comprometedora. Fechando-me, calei-me. Minhas esperanças e sonhos de ver Jett e Sylvie por mais tempo juntos, a fim de se conhecerem melhor, estavam prestes a escorrer pelo ralo. Eu queria que o gelo fosse quebrado entre as duas pessoas mais importantes da minha vida. E isso nunca aconteceria se ela continuasse arranjando desculpas para ficar longe de Jett. No entanto, eu poderia cuidar disso mais tarde. Agora, meu problema era que ela ia sair com um cara que eu não conhecia.

— Sylvie, por que você iria a um encontro com alguém sem me dizer?

Alerta anti-hipocrisia.

Não foi exatamente isso que eu fiz nos últimos tempos? Comecei a esfregar minhas têmporas na esperança de que ela não percebesse o olhar de culpa no meu rosto.

— Estou lhe contando agora. Se não consigo encontrar uma boate decente na cidade, então preciso de um encontro. Além do mais, o meu último foi há décadas... — respondeu ela. — Vou lhe contar tudo quando voltar.

Sinceramente, eu não queria que ela saísse, mas, ainda assim, o que eu poderia fazer? Eu não estava em posição de fazer exigências. Então, me vi sussurrando:

— Por favor, seja cuidadosa.

Sylvie se inclinou para trás e disse baixinho:

— Quando se encontra alguém especial, provavelmente vale tentar. Não pare de tentar fazer dar certo. Na verdade, eu acho que hoje é um bom dia para você dizer a Jett como se sente com relação a vocês dois. Assuma o risco, certo?

De onde vinha esta lição repentina de autoajuda? Fiquei olhando para Sylvie de boca aberta. Seus lábios tocaram meu rosto com suavidade e ela deu um tapinha no meu braço. Foi quando me dei conta de tudo.

Não havia sentido em tentar convencer Sylvie a ficar. Eu sabia que tinha uma causa perdida quando via uma. Sim, ela e eu estávamos na Itália já há uns dias, agora. Entretanto, por mais que ela tentasse me enganar e me fazer pensar que estava sentindo falta de sair com os caras, senti que a verdadeira razão pela qual ela não via a hora de deixar a mim e a Jett em paz era para nos dar uma chance de voltar a ficar juntos.

— Prometa que vai mandar um sms dizendo onde está — eu disse.

Com um suspiro, Sylvie assentiu e abriu a porta. Minha respiração ficou presa em minha garganta quando vi Jett em frente de nós. Ele estava vestido com uma jaqueta de couro preta, uma sexy camiseta branca e jeans, segurando uma grande caixa que, imaginei, deveria conter nosso jantar. Agarrei a caixa de suas mãos e a coloquei sobre a mesa lateral da sala de estar.

— Ei! — Um sorriso maroto iluminou seu rosto.

Como Jett podia fazer uma única palavra parecer tão sensual? Por um momento em que meu cérebro parou de funcionar, fiquei me imaginando beijar aqueles lábios de manteiga e envolver minhas pernas em volta daquele corpo majestoso, dissolvendo-me nele do mesmo jeito que fizera hoje cedo, no quarto do hotel. Ou ontem, na Jacuzzi. Ou antes disso, no barco.

— Oi, estou feliz que você tenha vindo — Sylvie saiu para cumprimentá-lo, jogando os braços ao redor do pescoço dele como se fossem melhores amigos. No silêncio da noite, ela sussurrou alto o suficiente para que eu ouvisse. — Cuide bem dela. Se você magoá-la, eu prometo que vou cortar suas bolas e dar para os patos que vi no lago.

Jett olhou para mim com um sorriso divertido.

— Você estava provavelmente bêbada, porque eu nunca vi patos nadando naquele lago. Mas, se um dia eu magoá-la, vou comprar alguns para que você possa servir minhas bolas em uma bandeja de prata. Não se preocupe, vou mantê-la segura. — Ele sorriu, seu olhar fixo no meu. — Não vou perder a chance de diverti-la.

Santa misericórdia do duplo sentido!

Seus olhos brilharam com malícia, enviando uma sobrecarga aos meus sentidos.

Meus joelhos quase se derreteram com as inúmeras lembranças de nós dois juntos, com os membros entrelaçados.

Graças a Deus, Sylvie não pegou nada disso.

— É melhor você levar isso a sério, Mayfield. — Ela passou por ele e virou-se, falando por cima do ombro. — Divirtam-se, queridos.

Capítulo 19

— Ela é mesmo uma figura — disse Jett, enquanto observávamos Sylvie desaparecer.

Eu bufei.

— E você pode culpá-la por se preocupar?

— Na verdade, não. — Ele riu. — Considerando que senti uma ameaça séria, é melhor eu começar a tratar você melhor. A partir de agora. — Ele beijou meu rosto, então me pegou em seus braços e bateu a porta com o pé, sem me colocar no chão. — Para a cozinha?

— Vamos lá.

Apontei para o corredor e gritei quando ele me pegou no colo. Eu podia sentir suas mãos queimando minhas costas, especialmente a minha bunda, e depois elas começaram a se movimentar outra vez. Não me importei, mas queria comer primeiro.

Chegamos à cozinha e Jett me colocou no chão. E, então, ele saiu novamente e voltou com a caixa de papelão. Olhei por cima do ombro enquanto ele abria a caixa. Em vez de pedir o jantar em um restaurante, parecia que Jett estava com a intenção de cozinhar para mim. Mais uma vez.

— Não é no mínimo estranho que você é sempre aquele que traz o jantar ou o almoço? — perguntei.

— Você se esqueceu de acrescentar o café da manhã. — Um sorriso presunçoso se espalhou em seu belo rosto quando ele tirou a jaqueta de couro e jogou-a sobre as costas de uma cadeira, revelando os músculos em parte ocultos sob uma confortável camiseta branca altamente sedutora. Minha boca ficou seca com essa visão. — Não vejo nada de errado nisso. Se eu fizer o jantar e você ficar feliz, então vou conseguir o que queria — ele disse, sorrindo.

Eu dei um soco no ombro dele, de brincadeira, não ofendida, apenas para usar qualquer desculpa para tocá-lo.

— Se eu cozinhar da próxima vez, você vai fazer o que eu quero?

Parando de preparar o jantar, ele inclinou a cabeça para o lado, como se quisesse considerar minha proposta.

— Talvez. Isso depende. Sabe cozinhar?

Não, e ele sabia disso.

— Bem, encomendar comida conta?

Ele levantou uma sobrancelha, se divertindo.

— Bem, sim, mas não vai lhe garantir os mesmos privilégios de uma refeição de três pratos.

— Você nunca me deixa ficar no controle.

— Isso é porque você adora que eu fique no controle. — Ele se aproximou e eu dei alguns passos para trás, até minhas costas baterem na parede.

— Isso não é verdade.

Era... Eu só não queria admitir isso.

Sua boca estava tão perto que eu podia sentir o cheiro fraco de menta e daquela fragrância inebriante dele, que sempre fazia meus joelhos se dobrarem.

— Certo! Então, você topa fazer uma aposta, Brooke? Se você ganhar, faz tudo o que quiser comigo. Se eu ganhar, posso escolher. Vou pedir qualquer sobremesa que eu quiser. Podemos tentar com Espadas, por exemplo...

Jett estendeu a mão. Sacudi-a com um sorriso de satisfação no rosto. Eu era a melhor jogadora de Espadas que conhecia. Nunca tinha perdido contra ninguém. O cara estava prestes a tomar um grande chute no ego.

— Combinado — disse. — Prepare-se para perder, bobo.

— Você acha? — Ele apoiou seus braços fortes contra a parede em ambos os lados do meu rosto, me prendendo. Sua boca desceu a trilha no meu pescoço e pelo ombro.

— Eu gosto de um bom desafio, um teste, mas não quero que você perca, *baby* — sussurrou Jett, suas mãos se movendo ao redor da minha bunda para me levantar. Envolvendo minhas pernas em torno de sua cintura, deixei-o levar-me para o outro lado da cozinha e me colocar na borda do balcão. — E se eu cozinhar e você só mexer? — Continuou Jett com a voz rouca. — Você não vai poder fazer muita coisa errada e nós dois teremos aquilo que esperamos hoje...

Seus dedos brincaram com meu vestido até que senti a mão dele entre minhas pernas, testando minha calcinha e meu autocontrole.

— Parece que alguém está muito animada...

Gemi quando a mão dele começou a me esfregar gentilmente, enviando um primeiro choque de calor. Minhas pernas se apertaram ao redor de sua cintura e puxei-o para mais perto. Suas coxas estavam encravadas entre minhas pernas agora, com a mão substituída pela protuberância em sua calça jeans. Ele se movia em câmera lenta para cima e para baixo, imitando o ritmo lento de quando fazíamos amor, até que o material áspero de suas calças começou a irritar meu clitóris através de minha calcinha. Minha cabeça atirou-se para trás e outro gemido escapou dos meus lábios exigindo mais.

— Só estou preocupado com você, só isso... — Seus lábios se curvaram em um fantástico sorriso, me fazendo ansiar por todas as coisas indizíveis que eu sempre quero fazer a ele.

— Uma aposta é uma aposta. Você não pode voltar atrás agora, só porque está com medo. — Minhas mãos percorriam seu abdome rijo até o jeans, prontas para baixar o zíper e dar-lhe uma boa viagem de prazer.

— O que você está fazendo? — Ele segurou minhas mãos, sua respiração agora sôfrega. — Você não ganhou ainda.

Eu ri.

— Você está falando sério? Eu devo esperar, mesmo que você saiba que vou ganhar? O que aconteceu com aquela coisa de me fazer feliz?

— Ora, há muito tempo para isso mais tarde. — Ele me beijou rapidamente e me ajudou a pular fora do balcão. — Como foi seu dia? O que foi que você descobriu?

E assim, de repente, nosso momento se foi, e a expressão de Jett estava de volta ao seu jeito casual. O cara não apenas tinha um ego inflado, ele também tinha o autocontrole de uma estátua.

Droga!

— Como você sabe que eu descobri alguma coisa? — Alisei meu vestido, lutando contra a vontade de sorrir para ele.

— Pela Sylvie. — Ele umedeceu os lábios e me olhou divertido, provavelmente rindo por dentro do meu estado desgrenhado. — Ela disse que você tinha coisas para discutir comigo e que eu deveria trazer o jantar. Conhecendo vocês duas, não foi difícil adivinhar que você devia ter descoberto alguma coisa.

Ele estava certo, como de costume, mas eu não poderia dizer-lhe que Sylvie só nos tinha deixado sozinhos para que eu pudesse lhe falar sobre meus sentimentos.

Passei por Jett, em direção à mesa da cozinha, fazendo grande esforço para não tocá-lo, e lhe entreguei a pasta com os relatórios financeiros.

— Clarkson deixou os relatórios financeiros da propriedade. Sylvie foi inflexível, afirmando que há muito dinheiro entrando e saindo em intervalos regulares.

— E você quer saber do que se trata isso tudo? — Ele disse com naturalidade, sem fazer nenhum movimento para abrir o envelope. Eu me perguntei se ele tinha visto os relatórios antes. — Eu poderia mostrá-los ao meu contador.

— Isso seria ótimo. — O prazer é meu.

Mordi o lábio, sem saber como conduzir a conversa para a adega. Havia uma boa chance de que eu estivesse encarando a coisa fora de suas proporções, e eu não queria que ele pensasse que eu gostava de melodrama.

— O porão foi pintado há pouco, o que me parece estranho, porque, quando me encontrei com Alessandro há poucos dias, ele insistiu que eu não fizesse nenhuma alteração na casa. — Espiei Jett e encontrei o seu olhar interrogativo. — É, provavelmente não é grande coisa, mas eu gostaria que você desse uma olhada.

Eu usava um vestido de tecido fino, o ar estava tão frio que minha pele ficou toda arrepiada. Suprimi um tremor e passei meus braços em volta de mim para me manter aquecida. Eu esperava que Jett risse das minhas explicações implausíveis. Eu até mesmo esperei que ele fosse ficar irritado, mas não esperava seu silêncio. Jett permaneceu quieto por, pelo menos, dez minutos, seu rosto era uma máscara inexpressiva enquanto me seguia até o porão e me ouvia contar sobre minha conversa com Sylvie. Fiquei assistindo enquanto ele se movia de aposento para aposento, passando a mão nas paredes, batendo e movendo pedaços de prateleiras e pesadas prateleiras inteiras, de um lugar a outro, absorto em seus pensamentos, que parecia não querer compartilhar comigo ainda. Ao fundo, pensei estar ouvindo o som das gotas de chuva batendo no solo. Aquele som, em geral calmante, me deixou nervosa, talvez porque o lugar me desse arrepios e meus nervos estivessem no limite. Pela primeira vez, percebi que não poderia ter uma vida confortável sozinha neste casarão.

Em pé ao lado de Jett, os segundos se tornaram minutos e eu me senti uma tola por arrastá-lo até aqui embaixo por nenhuma razão importante. Minha suspeita foi despertada por nada além de minha necessidade absurda de ver motivos ocultos onde poderia não haver nenhum.

— Talvez devêssemos voltar lá para cima. Provavelmente não é nada — eu disse. — Eu acho que Alessandro queria pintar todos os quartos, mas sua saúde se deteriorou e ele não teve a chance de terminar o trabalho.

Cheguei à conclusão de que devia ter sido ele. A razão mais provável era também a mais simples.

— Possivelmente — respondeu Jett, com uma voz que não dava nenhuma pista com relação ao que ele de verdade pensava. Ele me pegou com os braços cruzados sobre o peito e tirou sua jaqueta, colocando-a sobre meus ombros.

— Vista isso — seu tom de voz não deixava espaço para discussão.

— Não estou assim com tanto frio, mas obrigada.

Era mentira, mas não fiz nenhum movimento para tirar a jaqueta de meus ombros porque eu adorava seu cheiro. Estava quente e me abraçava como um casulo. Inalando o perfume de Jett, eu observei seus bíceps protuberantes enquanto ele se esforçava para empurrar o resto das prateleiras de vinho para o lado. Seus músculos estavam flexionados sob a pele bronzeada, e ele soltou um gemido quando o móvel se mexeu uma polegada com um rangido alto.

— Você precisa de ajuda? — perguntei, meio divertida, meio excitada.

Minha língua passou sobre meus lábios enquanto eu observava seus braços fortes, os ombros largos, e a fina camada de suor cobrindo sua testa. Com aquela camisa confortável, e o peito de dar água na boca, ele parecia tão sexy e sedutor que meu corpo começou a ansiar por ele.

— Não, espere aí — disse Jett.

Basicamente, ele estava enviando um convite para eu olhar um pouco mais.

A prateleira se moveu mais um centímetro e, depois, mais um pouco. O rosto de Jett se contorcia de esforço enquanto ele empurrava o pesado objeto para o meio da sala minúscula, quase bloqueando a porta.

— As proporções neste quarto não estão certas — ele disse.

— É mesmo, pequeno demais — assenti, sem perceber o que ele estava dizendo.

Provavelmente era uma daquelas coisas de homem, como esportes e carros. Você brinca junto, fingindo que sabe do que eles estão falando, quando, na realidade, está pensando em quanto eles são gostosos.

— Essa casa é antiga, e eles não tinham bons arquitetos naquela época. — Eu vi quando ele esfregou as mãos sobre as coxas para tirar o pó do jeans e instantaneamente me deu vontade de que ele me deixasse fazer isso.

— Não foi isso que eu quis dizer, Brooke. — Ele disse, virando-se para me encarar. Seus olhos permaneceram em mim um tempo um pouco longo demais, penetrando minha mente e meu corpo. Senti-me imediatamente sem ar, tanto pelo fogo que vi nos olhos dele quanto pelo fato de que eu sabia que ele sentia quanto me deixava excitada. — Acho que o quarto foi cortado pela metade.

— Quer dizer que há outra parte em algum lugar? — Não era a minha mais brilhante declaração, mas suas palavras não faziam sentido.

— Ouça. — Ele bateu nas paredes para a direita e para a esquerda. Os ruídos soavam diferente, um oco, o outro mudo. — Ele foi dividido. O resto está do outro lado. — Ele apontou para a direita.

Olhei para ele em silêncio por um momento, e foi aí que me dei conta.

— Tem certeza?

— Absolutamente — disse Jett.

Meus dedos tocaram a superfície granulada e eu bati, ouvindo o som oco. Minhas entranhas começaram a retorcer, meus instintos me avisando. Foi como se apenas umas poucas polegadas me separassem de algo tão terrível que me deixava doente.

— Só há uma maneira de ter certeza, sabe? — Os olhos de Jett estavam fixos em mim. — Nós precisaríamos esburacar a parede. Poderíamos fazer um buraco pequeno, para que ele possa ser

facilmente reparado e ninguém note.

Abrindo a caixa de Pandora.

Engoli o repentino nó na minha garganta.

— Alessandro tem sido muito claro em seus desejos — repliquei.

— Você é a herdeira. Você tem o direito de saber o que está por trás daquela parede. — A voz de Jett foi determinada, áspera, quase fria. E, como de costume, ele tinha razão. — Uma vez que você herdou esta propriedade, você herdou automaticamente os seus demônios. Você precisa saber com o que está lidando.

Um arrepio percorreu minha espinha. Uma voz dentro da minha cabeça me pediu que corresse dali o mais depressa possível e, mesmo assim, minhas pernas não se mexeram. Eu queria saber, e ao mesmo tempo, não queria. Eu poderia apenas honrar o desejo de Alessandro e fingir para o resto da minha vida que essa parede não existia. Mas eu poderia viver assim? Em medo.

Sem saber o que estava escondido do outro lado. Sempre pensando... Uma obsessão.

Jett se aproximou e agarrou meus ombros, forçando-me a encontrar seu olhar.

— Brooke, eu já lhe disse uma vez que os segredos de Alessandro são perigosos. Eu sei que você não acredita em mim, mas fiz uma promessa de protegê-la. — Seus olhos estavam escuros, brilhando, exigindo algo de mim que era difícil de dar.

Meu coração batia contra meu peito enquanto eu estava dividida entre duas opções. Fazer aquilo, ou não fazer.

Será que eu realmente tinha escolha?

— Tudo bem — respondi, antes que pudesse mudar de ideia. — Vamos fazer isso.

— Prometo que vou ter cuidado. A primeira coisa amanhã será arrumar um profissional que conserte isso, e ninguém vai saber.

— Tudo bem — assenti, confiando nele por inteiro.

— Você quer esperar lá em cima?

— Não — neguei com a cabeça. — Eu quero ficar e ajudar. Por onde é que vamos começar?

Jett sorriu. Seu polegar roçou com suavidade meu rosto.

— Vamos encontrar uma chave de fenda, um martelo, qualquer coisa que possa perfurar uma parede. Se não encontrarmos nada por aqui, iremos até minha casa buscar o que for preciso.

— Podemos trocar de roupa primeiro? Eu preferia não estragar o vestido de Sylvie.

— Claro.

Ele beijou a ponta do meu nariz e, em seguida, fomos para cima para que eu pudesse vestir minhas roupas velhas. Porém, mais do que isso, eu estava ansiosa para conseguir mais tempo. Nem que fossem apenas uns poucos minutos, ou o tempo necessário para acalmar meus dedos trêmulos e meu coração acelerado.

Capítulo 20

Foi pouco depois das oito horas que nós conseguimos atravessar a parede. Eu estava usando jeans, uma camisa de manga longa e tênis azuis escuros, e Jett tinha voltado a vestir a jaqueta. Quem quer que tivesse erguido aquela parede estava com pressa, porque tinha optado por usar uma parede de gesso em vez de tijolos e argamassa. Jett perfurou um buraco minúsculo e o expandiu para vários centímetros para que pudesse olhar lá dentro. Apesar de não encontrarmos uma lanterna, havia velas suficientes na casa. Acendemos uma e, segurando-a no alto, Jett enfiou o braço pela pequena abertura. Eu fiquei alguns passos para trás, sem ousar olhar para dentro, dolorosamente consciente de que ninguém jamais esconderia alguma coisa se não fosse terrível.

— Está tudo bem, *baby*. Não tenha medo — Jett sussurrou, seu tom calmo fazendo com que os arrepios que corriam pela minha coluna ficassem ainda piores.

Por que diabos ele tinha de sussurrar? Não havia ninguém na casa e o som de sua voz ecoando nas paredes era assustador, criando nós gelados dentro do meu estômago.

— Há uma mesa — disse Jett. Será que detectei uma pitada de decepção?

— Uma mesa? — perguntei, tentando olhar por cima do ombro dele. Por que alguém iria construir uma parede para esconder uma mesa? — Deixe-me ver.

A vela lançou luz suficiente para iluminar uma pequena mesa de mogno. Não havia outros móveis.

— Derrube essa parede — eu disse.

Não tivemos problemas em fazer aquela pequena abertura porque a parede não tinha mais do que uma polegada de espessura. Então, fazer um buraco um pouco maior não seria difícil, eu já tinha visto fazerem isso na tv antes.

— Você tem certeza disso? O gesso é facilmente quebrado e faz uma enorme poeira.

Assenti com a cabeça.

— Faça isso. Vamos nos preocupar com a bagunça depois.

— Segure.

Jett empurrou a vela acesa na minha mão e depois chutou uma vez ao lado do pequeno buraco. E mais uma vez até que a parede cedeu e um pedaço dela desmoronou aos nossos pés em uma pilha de escombros e poeira. Não era grande, mas era o suficiente para alguém pequeno passar.

— Deixe-me tentar — eu disse. É claro que eu não queria ir lá sozinha, mas estava cansada daquela história e, francamente, não me importava. Eu só queria acabar logo com isso e talvez uma pequena parte de mim estivesse ansiosa para impressionar Jett, afinal, ele tinha feito todo o trabalho pesado.

— Fique aqui — disse Jett. — Você não precisa fazer isso, se está se sentindo desconfortável.

Eu odiava quando as pessoas me viam como alguém tão frágil... Minha vida nunca fora amortecida dos choques, e eu não ia deixar que sua superproteção mudasse isso agora.

— Estou lidando com isso por minha conta — eu disse, pronta para argumentar se fosse necessário.

Jett me olhou com calma, mas não discutiu. A histeria borbulhava em algum lugar no fundo da minha garganta. Engoli em seco para me livrar dela e passei por Jett. Segurando a vela bem alta para iluminar o caminho, apertei-me pela abertura. Meu coração martelava tão alto que eu tinha certeza de que Jett podia ouvi-lo.

O quarto estava escuro e o ar viciado engolia a luz que entrava pelo orifício. A vela lançava um brilho tênue e fantasmagórico no piso de concreto, mas não o suficiente para alcançar os cantos mais escuros. Meu coração batia forte enquanto minha mente começava a evocar imagens de alguém escondido no canto, pronto para saltar para cima de mim e me matar. Não era apenas escuro, era empoeirado e arrepiante. Eu mal podia esperar o momento de dar o fora daqui, mas não antes de descobrir o porquê de ter entrado.

Jett tinha razão. O cômodo havia sido dividido, embora não pela metade. Esta parte era quase tão grande quanto uma sala de estar. A mesa estava colocada perto da parede. E não havia cadeiras, nem outro mobiliário.

— Brooke, você está vendo alguma coisa? — Jett olhou para dentro.

— Nada — resmunguei. Minha boca estava tão seca que limpei minha garganta para me livrar do medo que vinha me sufocando.

A luz da vela iluminou um interruptor de luz na parede, à minha direita. Acendi e um brilho de luz de neon surgiu sobre mim, as lâmpadas piscando algumas vezes antes de se firmarem. Banhada naquela luz brilhante, o quarto parecia como qualquer outro. Dei um suspiro de alívio e pressionei a mão sobre meu peito para acalmar meu coração acelerado. No entanto, era difícil, porque aquelas paredes me assustavam. Sem portas e sem rota de fuga, eu me sentia como se estivesse presa em um hospital psiquiátrico.

— Você está bem? — chamou Jett.

Parecia impaciente e desesperado para agir. Definitivamente ele não era do tipo de cara que ficava assistindo de longe. Apertando-se, ele passou pelo buraco. Fiz um gesto, chamando-o, e ele logo me alcançou, sorrindo.

— Você é tão teimoso — disse. — Vamos torcer para que possamos levá-lo de volta para fora sem se arranhar muito.

Ele esfregou o ombro dolorido.

— Não foi mesmo uma boa ideia, concordo, mas me sinto um inútil ao ficar em pé ali, parado sem fazer nada, assistindo-a fazendo todo o trabalho.

Inspecionamos a mesa juntos. Era uma coisa velha com alguns entalhes e um tampo pesado, puxadores de bronze e pequenos gaveteiros na esquerda e na direita. Descontados alguns arranhões na superfície lisa do tampo, a mesa parecia em bom estado e valeria a pena ser levada a um antiquário. Corri meus dedos sobre os lados do painel horizontal e pelos forros da gaveta.

— Deve ter sido a mesa dele — disse Jett.

— E agora foi deixada para apodrecer aqui no porão? — perguntei, observando Jett testar uma gaveta.

Estava trancada. Uma segunda gaveta abriu com um som de raspado, revelando algumas canetas, um mata-borrão e um frasco de tinta. A terceira gaveta continha folhas soltas de papel.

Jett colocou-as sobre a mesa e começou a vasculhar por elas.

— O que é isso? — Levantei o que parecia ser uma correspondência comercial escrita em italiano.

— Provavelmente nada importante, mas vamos fazer com que seja traduzida, para garantir — disse Jett. — A gaveta de baixo é a única que está trancada e eu duvido de que encontraremos a chave.

Ele me afastou um pouco para trás. Segui seu pedido e quase pulei de susto quando ele virou a mesa de cabeça para baixo. A mesa caiu no chão com um baque alto, o barulho ecoando nas paredes.

— Desculpe — e me deu um sorriso de desculpas.

Olhei para ele de boca aberta. Nunca fui a favor de atitudes estúpidas, nem mesmo contra antiguidades.

— Espero que você não esteja pensando em ficar com essa mesa — ele apontou para ela, sorrindo.

— Não gosto muito de desordem — respondi, observando enquanto ele chutava a gaveta de baixo em seu ponto mais fraco, até quebrar.

Prendi a respiração enquanto ele recuperou o que parecia um encadernado de couro preto do tamanho do meu celular e começou a folhear as páginas.

— O que tem nele? — perguntei.

— Não sei, mas Lucazzone o estava escondendo por uma boa razão. — Ele empurrou o livro no bolso, evitando meu olhar. Então, eu peguei a linha de raiva entre as sobrancelhas. — Acho que não há mais nada aqui. Vamos terminar com isso.

Terminar com isso... Era mais fácil de falar do que fazer. Como eu poderia relaxar com o conhecimento de que Alessandro havia emparedado seu escritório e não tínhamos ideia do motivo? Qualquer que tivesse sido sua razão para fazer isso, não fazia sentido para mim. Se ele tivesse um segredo, por que não vender a mesa e enterrar ou queimar os papéis — ou o que quer que ele quisesse que ficasse escondido do mundo? A explicação mais óbvia para mim foi que ele queria ficar com aquele encadernado como prova...

— Tenho de fazer uma ligação — disse Jett enquanto eu me dirigia para o banheiro, pronta para lavar a sujeira. A água morna relaxou meus músculos doloridos, mas não ajudou a lavar a descoberta do quarto escondido e os novos sentimentos de terror que vieram com essa descoberta.

Quando voltei para o quarto, com meu corpo envolto em um roupão de banho branco, Jett estava sentado na minha cama, os dedos brincando com seu telefone.

— Alguma novidade? — perguntei.

— Não tem ninguém. Vou ter de tentar de novo amanhã. — Ele parecia irritado. Frustrado. Seu olhar ainda estava distante, como se estivesse me evitando. Alguma coisa o estava incomodando.

Desde que voltara do porão ele tinha se mostrado distante. Arisco. Deixando-me de fora do rumo de seus pensamentos.

— O que há de errado? — passei os dedos pelos cabelos, massageando suavemente.

Suas mãos se moveram para seu bolso e ele tirou o livro negro, em seguida, empurrou-o em minhas mãos.

— Vou tomar um banho.

Nenhum convite para me juntar a ele. Suspirei e caí na cama. Talvez ele estivesse apenas cansado e tomar um banho fosse sua maneira de lidar com o que quer que o estivesse sobrecarregando, e eu aceitei isso.

Esperei até que ele se fosse e abri o livro negro na página um. Havia cinco nomes. Nomes que eu não conhecia. Com exceção de um.

Olhei para ele, paralisada, o nome ecoando dentro do meu cérebro. Robert Mayfield.

Que diabos?

Não admira que Jett ficasse chateado. Seu pai tinha confessado ter feito parte do clube de elite de Alessandro, mas talvez Jett esperasse que Robert não estivesse tão envolvido assim.

Fiquei olhando para aqueles nomes, me perguntando por que havia tão poucos deles. Eu sempre imaginei que um clube deveria envolver mais de meia dúzia de pessoas.

— Jett, posso entrar?

Bati na porta do banheiro e a abri sem esperar sua resposta, então espiei lá dentro. Ele estava em pé na frente do espelho, vestindo apenas calça jeans. Sua camiseta suja estava no chão, jogada num monte confuso.

— Posso?

Lancei-lhe um sorriso hesitante, meus olhos implorando-lhe para que me convidasse a entrar, tanto física como emocionalmente. Ele virou-se e abriu a porta um pouco mais, para me deixar passar. Respirando fundo para me tranquilizar, decidi que seria franca sobre meus pensamentos.

— Você já sabia que seu pai estava envolvido. Que diferença faz isso, quero dizer, saber que o nome dele está lá?

Ele suspirou.

— Verdade, eu acho que você tem razão. Eu só estava esperando não encontrar nada que confirmasse suas afirmações. — Ele fez uma careta e passou a mão pelos cabelos já molhados. — Minha opinião sobre ele nunca foi das melhores, mas sempre tentei não fazer tantos julgamentos, porque ele é meu pai.

— Eu sei. — Aproximei-me mais e dei um beijo suave em seu ombro.

— Ele estragou tantas coisas em sua vida que não fico surpreso com nada. É que fiquei...

— Desapontado?

Jett assentiu.

— Ninguém é perfeito. — Sussurrei, mesmo sabendo que Jett estava muito próximo disso, o que era, provavelmente, o resultado de ele desprezar tanto os caminhos tomados pelo pai.

— Se estes são os nomes dos sócios do clube, o que seriam aqueles números atrás? — Segurei o livro aberto e apontei para as longas sequências de dígitos que cobriam várias páginas.

— Pode ser qualquer coisa. Vou tentar descobrir amanhã. — Ele passou por mim e entrou no quarto, e eu o segui.

— Como você acha que vai descobrir?

— Eu tenho um amigo que conhece muito de computadores.

— Você acha que quem nos perseguiu sabia que esse livro existia, e eles estavam com medo que o tornássemos público? — perguntei. Eu estava tentando me agarrar a qualquer coisa, atrás de algum fiapo de esperança. — Se nós o entregarmos a eles, então, talvez, a gente não precise mais se preocupar com nossa segurança e manter a propriedade. — Olhei intensamente para Jett, esperando que ele admitisse que eu havia acabado de descobrir a solução para nossos problemas.

Mais ou menos.

— *Baby*, você pensa demais. Não há nenhum sentido em estipular possíveis teorias com absolutamente nada para apoiá-las. — Sua voz não deixou muito espaço para discussão. — Eu não acho

que seu caminho seja o mesmo que essa gente vem tomando. — Ele sorriu, lutando para encontrar a palavra certa. — Não acho que eles sejam tão pacíficos assim.

Sim, isso fazia sentido. Jett havia feito parte de uma gangue, então ele devia conhecer uma ou duas coisas sobre como as coisas funcionavam. Imaginei que as gangues não fossem realmente tão diferentes desses clubes de elite ou seitas. Eles são parte de um círculo fechado. Ninguém entra com facilidade, e, definitivamente, não escapa com um simples aperto de mão.

Como se lesse meus pensamentos, Jett me lançou um olhar divertido.

— Vamos jantar. Não quero que você perca uma polegada de seus deslumbrantes quadris.

Capítulo 21

Seguindo Jett em direção à cozinha, senti uma ponta de decepção por ele estar se fechando de novo. Eu queria conversar com ele sobre nossas descobertas e sobre as possíveis teorias, mas ele estava mais do que ansioso para preparar nosso jantar. Encostei-me ao balcão da cozinha e fiquei observando enquanto ele abria o conteúdo de sua caixa, tão lindo como sempre, vestido com nada além de seu jeans. Seus pés estavam descalços e os músculos de suas coxas flexionavam-se com cada movimento. Ignorei o convite silencioso do meu cérebro para correr meus dedos para baixo de sua coluna vertebral e vê-lo tremer de prazer, sua linda pele bronzeada se arrepiando sob meu toque.

— Quer me ajudar? — perguntou Jett. Percebi que o brilho divertido não tinha desaparecido de seus olhos.

Eu? Cozinhando?

Eu ri.

— Sim, se você não se importa de ir para a cama com fome. Você sabe que eu não sei cozinhar.

— É por isso que nós estamos fazendo isso juntos. — Ele pegou uma tábua de cortar e colocou-a na frente dele. — Vamos começar com algo fácil e rápido. Achei que nós poderíamos fazer espaguete à bolonhesa.

Estávamos na Itália, então, de fato combinava.

Eu queria salientar que nenhuma receita italiana era “rápida e fácil” para mim, a não ser que viesse do forno de micro-ondas e, julgando a partir de todas as coisas que trouxera, Jett tinha toda a intenção de começar do zero. Pelo menos ele não esperava fazer a massa. Peguei o pacote fechado de macarrão espaguete e virei-o para ler as instruções.

— Você refoga a carne enquanto corto as cebolas. Fechado? — perguntou ele, pegando uma faca da prateleira e picando a cebola.

— Fechado.

Eu sempre tinha sido meio lenta para cortar qualquer coisa, e também preferia não ter de ficar com os olhos lacrimejando e o rímel borrando, então coloquei a carne picada em uma frigideira, acrescentei algumas gotas de óleo e acendi o fogo do jeito que tinha visto na tv. Foi minha primeira tentativa de cozinhar algo tão complicado como carne. Eu tinha visto meu quinhão de programas de culinária. Eles sempre faziam parecer que o ato de se meter a cozinhar alguma coisa era fácil, e sempre culpei essa gente pelo meu medo.... No entanto, realmente, quão difícil podia ser?

Meio minuto depois, a carne picada começou a chiar anormalmente alto e os primeiros filetes de suor rolaram pela minha espinha, o que eu poderia atribuir a qualquer coisa, desde meu medo de cozinhar, ao calor do fogão ou à presença de Jett. Olhando com o canto dos olhos admirei seu abdome, tão forte e tão bem definido, e a tatuagem que cobria seu braço. Eu sabia que tinha de parar de olhar antes que ele percebesse, mas não conseguia evitar. Ele parecia tão sensual descascando tomates, ralando cenouras e picando as ervas; minha mente continuava evocando ideias impertinentes de tirar sua calça jeans e fazer sexo enquanto nosso jantar ficava cozinhando à perfeição.

Jett me lançou um olhar divertido, fazendo uma onda de calor subir pelas minhas bochechas e descer à parte inferior do abdome.

— Há alguma coisa queimando.

Levei meu cérebro de volta à ação.

Ah, merda!

Esqueci-me da carne.

— Sinto muito.

Minha pele arrepiou por causa da maneira como seus olhos pareciam me acariciar daquela distância. Virei a carne e suspirei, aliviada. A carne estava com uma cor marrom escura, mas, definitivamente, ainda não estava queimada.

Jett andou atrás de mim, suas mãos tocando as minhas enquanto me ajudava a mexer a carne, e então acrescentou as cebolas. Seu hálito quente fez cócegas nas minhas costas, e deixou-me muito consciente de quão perto ele estava.

— Quer que eu retire a panela do fogo? — perguntei, incapaz de controlar o tom rouco da minha voz.

— Não, a carne só vai ficar boa daqui mais alguns minutos.

Ela parecia boa para mim.

— Você nunca me disse onde aprendeu a cozinhar — eu disse.

Eu o senti enrijecer o corpo atrás de mim, hesitante.

— Depois que meu pai me expulsou de casa e cortou minha mesada, eu arranjei um emprego em uma cozinha de restaurante. Era isso ou me envolver com drogas.

— Você trabalhou em uma cozinha aos dezesseis anos? Isso não é proibido?

— Eu parecia mais velho e menti sobre minha idade. Eu precisava do dinheiro. — Ele me girou o corpo até que seus olhos encontraram os meus. — Minha família era rica, Brooke, mas tudo o que eu tenho foi fruto do trabalho duro e do amor pelo que faço.

— Eu não consigo superar o fato de que seu pai o expulsou de casa. Se você não tivesse sido a pessoa forte que é, ficando longe das drogas, poderíamos não estar aqui, tendo esta conversa. Como pôde perdoá-lo e ajudá-lo depois de tudo que ele fez para você?

— Eu estaria mentindo se dissesse que o perdoei. — Ele deu de ombros, como se isso não tivesse importância, mas tinha. Podia ver isso na dor estampada em seus olhos e nas linhas duras em torno de sua boca. — Eu o odiei por muito tempo, mas ele ainda é meu pai, Brooke. Se não fosse por todas essas merdas que ele fez comigo, eu não seria quem sou agora. Os julgamentos pelos quais passamos em nossa vida nos tornam mais fortes, mais determinados a vencer, a sermos diferentes, tanto em corpo quanto em espírito.

Ele pegou a colher da minha mão e mexeu a carne mais uma vez, depois acrescentou os tomates sem pele, a cenoura picada e o queijo ralado à mistura.

O ar estava carregado de tensão. Eu podia sentir sua luta para manter a calma no meio do furacão furioso que o arrasava por dentro, e me perguntei quanto esse furacão deveria ser mais forte quando ele era um adolescente. Uma parte de mim se perguntou quantas pessoas mais conheciam a história de sua vida, sua verdadeira história e não aquela que ele exibia aos seus parceiros de negócios e aos jornalistas que queriam escrever sobre ele em seus jornais.

Ele estava começando a confiar em mim. Outra primeira vez. Outro passo que me provava que ele estava falando sério sobre nós. Afeto é fácil de ganhar, mas a confiança é difícil de obter e, ainda assim, tão fácil de perder.

Jett respirou fundo, os olhos ficando frios novamente.

— Você pode esquecer o que as pessoas disseram e fizeram, mas nunca se esquece de como o fizeram se sentir. Você pode perdoar as pessoas que o machucaram, mas vai se lembrar de tudo o que elas lhe ensinaram. — Seu olhar procurou o meu à espera de carinho e compreensão, coisa que eu estava mais do que ansiosa para lhe dar.

— Ele não é um homem mau, Brooke. Ele era um pai rigoroso e me jogou para fora de casa porque acreditava na disciplina, enquanto minha mãe só pensava em si mesma quando nos deixou. Não entrou em contato. Ela amava mais as suas drogas do que a nós, o que foi muito pior do que qualquer coisa que meu pai tenha feito. Pelo menos ele se importava conosco o suficiente para ficar. E me ajudou a sair do buraco que cavei para mim. Posso perdoar porque ele fez o que tinha de fazer, mas nunca vou esquecer como me fez sentir.

Seus olhos ficaram vidrados, a mente recordando lembranças que eu não podia alcançar. Acaricieie suas costas com suavidade e sua atenção voltou-se para mim.

— Posso perdoar meu pai por buscar as perversões que esse clube de Alessandro pode ter lhe proporcionado? É possível. Vou esquecer o tipo de homem que Robert é? Provavelmente não.

Ele colocou o macarrão na água fervente evitando meu olhar, mas eu peguei o brilho de raiva flamejando em seus olhos, no entanto. Não foi destinado a mim, era uma raiva dirigida à sua família, àquelas pessoas que deviam tê-lo amado incondicionalmente, mas que o traíram no momento em que ele mais precisava delas. Naquele instante, eu entendi por que Jett achava que seu pai merecia uma chance. Robert estivera lá com ele em algum momento, mais do que sua mãe, então ele tinha um sentimento de obrigação para com o pai.

Imaginei-me com Robert Mayfield como meu pai. Inflexível, duro, implacável, talvez até impiedoso. Ter alguém assim na minha família, ter de aceitá-lo só porque ele era meu pai, o único pai que tive depois que a mãe se fora, não, isso não era uma bela imagem.

Como se percebesse a direção sombria que meus pensamentos estavam tomando, Jett me sorriu fracamente e o calor em seus olhos retornou, me envolvendo como uma bolha de segurança.

— Eu faria qualquer coisa para evitar ser igual a eles — disse Jett suavemente.

Beijei a palma da sua mão, desejando ser capaz de fazê-lo esquecer, ou pelo menos ser capaz de aliviar a carga de memórias que pesavam em sua alma. Retribuindo seu sorriso, deixei que meus dedos deslizassem para cima e para baixo dos braços esculpidos. Eu queria ajudá-lo a esquecer, nem que fosse por apenas alguns minutos, e a única maneira que eu conhecia de fazer isso era dar-lhe minha paixão. Olhando para ele, descii minha mão de seu mamilo até seu abdome. O botão superior da calça jeans estava aberto e eu podia ver a trilha de pelos escuros que sempre me seduziu.

— Você está com tesão? — Seus olhos penetrantes assumiram um tom mais escuro de verde. Pude ver seu desejo imediato na maneira como seu jeans ficou apertado em torno de sua virilha e pela maneira como me olhava.

— Um pouco. — Mordi o lábio. — E você?

— Estou sempre com tesão quando você está por perto. — Ele riu, sua voz rouca e erótica, preenchida com um convite silencioso. — Você é sexy; coloca tudo em chamas, e sabe que não consigo manter minhas mãos longe de você quando me olha desse jeito.

Ele puxou o cinto do meu roupão, abrindo-o lentamente. Meu sangue correu mais depressa e minha respiração ficou mais rápida. Muito próximo a mim, Jett me olhou com seus sensuais olhos, o tipo de olhar que dizia: Eu quero você. Eu preciso de você. E se não me der o que desejo, vou pegá-lo. E você vai gostar. Você vai adorar. Vai querer mais.

E eu queria. Eu queria Jett. Queria tanto que enterrei meus dedos em seus cabelos, e pressionei meu corpo contra o dele, o meu desejo ardendo dentro de meu corpo como lava quente, queimando minha mente, queimando através de todas as barreiras que me seguravam. Os dedos dele agarraram os meus quadris para me puxar contra ele, e a sua boca desceu sobre a minha com força, fazendo o calor se juntar entre minhas pernas.

— Eu quero comer você, quero comer muito — os dedos de Jett correram pelas minhas coxas e depois subiram de novo, seu toque escaldante subindo minha pulsação. — Quero tanto você, não quero que fique com ninguém além de mim.

Seus lábios quentes mudaram-se para o canto da minha boca, enquanto seu polegar acariciou minha bochecha, a outra mão acariciando o ponto sensível entre minhas pernas. Um gemido suave escapou da minha boca quando ele começou a beijar meus ombros. Seus dentes roçaram minha pele. Eu os imaginei nos meus mamilos e no interior das minhas coxas. Um cheiro desagradável chegou às minhas narinas.

— Está queimando.

Nosso jantar estava queimando. Empurrando Jett para longe, eu estendi a mão para tirar a panela do fogo, mas ele chegou antes de mim.

— Isso não é a única coisa queimando aqui. — Seu sorriso sexy me fez derreter como chocolate sob o duplo sentido daquela promessa proibida. — É uma loucura quanto você me liga.

Ele desligou o fogão, os dedos se movendo tão depressa que não consegui vê-los. Num segundo ele afastou para o lado a confusão que cobria a bancada enorme daquela cozinha, e no outro suas duas mãos se fecharam em concha na minha bunda e me levantaram para essa bancada. Meu roupão mal cobria meu corpo nu quando ele começou a beijar meus ombros e meus mamilos, a protuberância em sua calça esfregando dura e deliciosamente contra a minha entrada.

— Jett — sussurrei. — É realmente uma boa ideia fazer isso aqui?

— O que há de errado? Nós nunca fizemos isso na cozinha. É só uma questão de tempo, de modo que podemos muito bem fazê-lo aqui e agora.

— Bem colocado.

Como eu poderia discutir diante desse argumento?

A ponta da língua de Jett umedeceu seu lábio inferior, deixando um rastro brilhante para trás. Meus dedos se agarraram às suas costas puxando-o contra mim. Seu polegar começou a esfregar meu clitóris até que senti minha umidade se reunindo entre minhas pernas, e, em seguida, lentamente, ele mergulhou o dedo dentro de mim, a rotação de seu movimento fazendo-me gemer.

— Você está me excitando — sussurrei em seu ombro.

Seu dedo se moveu mais depressa, combinando com o ritmo de seu polegar, enquanto ele empurrava-o para dentro e para fora. Levantei meus quadris e envolvi minhas coxas ao redor de sua cintura. Meu estômago estremeceu. Meu corpo todo tremia por ele enquanto seu polegar continuou a estimular meu clitóris.

— Eu quero você dentro de mim.

— Ainda não — Jett sussurrou. — Você está tão molhada. Você ouviu isso? — Ele riu baixinho no meu pescoço quando deslizou um segundo dedo para dentro de mim. Meu sexo se apertou para recebê-lo com um som espremido. — Esse é o som do amor, *baby*. Eu sei o que a excita.

Nossa!

Ele tinha de ser tão grosseiro? Minhas bochechas pegaram fogo. Abri minha boca para protestar, mas ele me fez calar com um beijo quente e rico, seus dedos talentosos continuando a fazer seus truques de mágica, me trazendo para mais perto do êxtase.

Putá merda!

Esse cara era bom. Muito bom.

Ondas cada vez mais elevadas de excitação tomaram conta de mim, e minha cabeça começou a girar no vórtice que apenas Jett poderia criar. Eu não me importava com minha vulnerabilidade, ali, nua, no balcão da cozinha. Eu não me importava que a cozinha tivesse duas grandes janelas e que qualquer um pudesse me ver nas alturas da luxúria. Merda, eu nem sequer ligava para o fato de Jett estar ali me observando, girando meus quadris descaradamente contra sua mão talentosa. O que eu estava pensando era não ter aquele homem dentro de mim quando meu orgasmo estava tão próximo. A cada estocada dos dedos, eu sabia que sua pequena tortura me faria chegar lá com rapidez.

Como se sentisse meus pensamentos, os dedos de Jett saíram de dentro de mim.

— Você está pronta para um mergulho mais profundo? — Sua voz gotejava com insinuação, enquanto o polegar continuava a circular em volta do meu clitóris.

Senti a pancada de sua ereção contra minha entrada sensível e corri minhas mãos pelo peito dele, explorando a dureza de seus músculos sob meus dedos. Ele me beijou ao mesmo tempo em que abria mais as minhas pernas, sua língua se enroscando com a minha, sugando-a, mordiscando meus lábios, enquanto o comprimento de sua ereção se esfregava contra a minha entrada, espalhando a umidade da nossa excitação.

— Você tem a mim, mas você é minha? — sussurrou ele.

Aquela voz profunda enviou outro delicioso impulso pelas profundezas do meu sexo. Será que ele tinha de falar enquanto eu me equilibrava, à beira da loucura, esperando que ele me desse o empurrão final? Eu estava excitada e precisava dessa liberação e, se ele não me desse, eu iria atrás e pegaria.

— Sou sua, Jett.

Molhei meus lábios, a luxúria arrasando meu corpo, pulsando tão forte que eu estava pronta para exigir sua crueza para preencher meu vazio interior. Ergui minhas pernas ainda mais altas, meus quadris silenciosamente suplicando que seu pau duro me penetrasse.

— Vou acreditar em sua palavra.

Sua grande ereção deslizou em meu sexo molhado, me preenchendo, tomando cada centímetro que eu tinha para oferecer. Eu tremia de prazer com o modo como seu corpo se acomodava dentro de mim, em movimento, empurrando lento, mas muito profundo. Seus gemidos se tornaram mais altos e mais rápidos enquanto eu procurava combinar com seus movimentos. A cada estocada minhas terminações nervosas pegavam fogo de novo, até que meus lábios se contraíram ao redor dele, sugando-o mais profundamente em mim, criando uma sensação de proximidade e de intimidade enquanto ele me empalava e me esticava. Perdida nele, abri mão de tudo, menos da sensação de senti-lo se chocando contra mim.

Jett mergulhou sua língua em minha boca, refletindo os movimentos rápidos de seus quadris, sua carne dura mergulhando dentro de mim. Ele me disse como eu estava apertada, como era linda na minha necessidade dele e como sentia meu orgasmo se acumulando quando arqueava as costas para acolher seus impulsos.

— Brooke.

Ele gemeu meu nome um momento antes de minha visão ficar turva e eu me contorcer contra ele. Ondas de prazer balançaram meu corpo. Um momento depois, uma umidade espessa e quente explodiu dentro de mim e ele gozou contra meu corpo úmido, consumido pelo prazer que eu lhe dera. E eu me afoguei num mar de liberação, o ar ficando pesado com nosso cheiro misturado ao cheiro de ervas.

Nós ainda estávamos ofegantes quando Jett abotoou sua calça jeans e me ajudou a sair do balcão. Coloquei o roupão ainda tremendo e preendi meu cabelo molhado em um coque.

— Você está bem? — Jett deu um beijo suave na minha testa.

Eu assenti com a cabeça, imaginando que não precisaria de um espelho para saber que minhas bochechas estavam vermelhas e que estava sorrindo, combinando com o sorriso no rosto dele. Eu nunca tinha feito amor em uma cozinha, e essa era mais uma primeira vez para nós.

Limpamos a bagunça e apagamos qualquer prova de nossa sessão íntima em silêncio, apreciando a presença um do outro, sem a necessidade de falar. No momento em que terminamos, era pouco depois das dez. Jett seguiu meu olhar para o relógio e passou os braços em volta de mim, sussurrando:

— Cansada?

— Muito...

— Foi um dia difícil. Quer comer alguma coisa?

Seus olhos brilharam com malícia e por um momento eu não tinha certeza se ele estava falando sobre comida ou sexo, até que ele pôs a massa em um escorredor.

— Estou morrendo de fome — respondi, pronta para assumir qualquer das duas opções que ele tivesse oferecido. — Você termina o jantar enquanto vou me trocar.

— Não demore muito, mulher.

Eu ri e passei por ele. Lá em cima, vesti uma calça jeans e uma camisa de mangas compridas. Eu estava no meio do *hall* de entrada quando notei Jett em pé, perto da janela, na escuridão da sala de estar.

— Você me assustou — ri nervosamente.

— Shhh.

Ele pressionou um dedo contra sua boca e me fez sinal para chegar mais perto. Fui até ele na ponta dos pés, perguntando que diabos estava acontecendo.

— O que há de errado? — sussurrei, porque sua paranoia era contagiante.

Ele puxou a cortina de lado para que eu pudesse olhar. Meus olhos demoraram vários segundos para se ajustarem à escuridão e meu cérebro mais alguns segundos para processar o que estava vendo. Um homem estava em pé perto da casa, seus traços borrados sob o luar, então eu não conseguia distinguir o rosto dele.

— Fique aqui e mantenha-se quieta — Jett sussurrou.

— Você está louco? Eu não vou ficar para trás — sussurrei em resposta.

Ele me fez calar colocando um dedo em meus lábios e me fazendo sinal para ficar.

Observei-o caminhar sorrateiramente para a porta, a mão enrolada em torno de uma arma. Tinha de ser a mesma que eu tinha visto no carro. Ele devia ter escondido em sua jaqueta ou na caixa de supermercado. Minhas mãos cobriram minha boca para abafar um grito.

Ah, Deus!

Ele iria atirar e alguém se machucaria.

Meu coração batia tão forte que tudo que podia ouvir era meu sangue correndo em minhas veias. E então minha mente começou a girar com possibilidades. E se o outro cara também tivesse uma arma e atirasse em Jett? E se Jett matasse o sujeito e acabasse em apuros ainda maiores? E se houvesse mais pessoas do lado de fora, à espera de que Jett caminhasse cegamente em uma armadilha?

Eu não ia deixar meu homem morrer. Ele teria de ficar dentro de casa, comigo, com as portas trancadas para que ninguém pudesse entrar e, então, poderíamos pedir ajuda.

— Jett, não.

Chamei-o em sussurros, balançando a cabeça, sinalizando para que ficasse. No entanto, ele me ignorou. Antes que eu pudesse me mover um centímetro, ele já estava do lado de fora. Paralisada pelo medo, puxei a cortina para o lado. O intruso tinha ido embora e Jett desaparecera de meu campo de visão.

Eu não ia ficar e esperar que o desastre acontecesse. Antes que pudesse mudar de ideia, corri porta afora o mais silenciosamente que pude, ciente de que minha respiração soava como se eu tivesse um saxofone dentro do peito.

A noite estava um breu. A lua estava escondida atrás de espessas nuvens, mas a temperatura estava surpreendentemente agradável. Além do chilrear dos grilos, não conseguia ouvir nenhum som. Caminhei atravessando as balaustradas brancas e descí as escadas de pedra, o cascalho sendo esmagado sob meus pés enquanto eu pegava uma curva à esquerda em direção aonde pensava ter visto Jett desaparecer. Meus olhos estavam lentamente se ajustando à escuridão, o que era bom o suficiente para me mostrar o caminho, mas não me impediam de confundir as sombras das árvores com o vulto de pessoas. Ainda assim, minha coragem era mais forte do que meu medo. Era a pura verdade: o amor me dera coragem.

Dei a volta na casa, quase chegando à varanda da frente quando Jett e outro cara apareceram na minha linha de visão.

— Solte a arma antes que eu atire em você — a voz de Jett estava fria, implacável. Uma voz que não hesitaria em ferir alguém, uma voz que eu nunca tinha ouvido antes.

Uma voz tão sexy que eu teria sorrido de orgulho pelo fato de esse ser o meu homem, se eu não estivesse com tanto medo. Um galho estalou sob os meus pés. Jett voltou sua cabeça bruscamente e na escuridão o seu olhar caiu sobre mim. Eu quase podia ver as linhas de raiva ao redor de sua boca.

— Que porra é essa? Volte para dentro, Brooke.

Nossa, ele ficava tão gostoso quando estava zangado. Seu tom de voz me manteve paralisada no lugar, incapaz de obedecer ao seu comando.

— O que foi que eu disse, Brooke? Volte para dentro — sibilou Jett.

Meus pés pareciam estar colados no chão.

— Vire-se — Jett ordenou ao homem. — Jett?

Ainda com as mãos erguidas, o homem se virou. As duas primeiras coisas que observei sobre ele foram o casaco de couro preto envolto em torno de seu braço e as tatuagens em seus bíceps nus.

Era o mesmo cara do bar, o tal de quem Sylvie não conseguia se afastar.

Pisquei várias vezes enquanto tentava combinar o homem em pé na frente de Jett com a lembrança em minha mente. Mandíbula forte. Sobrancelha perfurada. Constituição robusta. E ele era alto, quase tão alto quanto Jett. Sim, ele era definitivamente a mesma pessoa, e ainda se parecia com um traficante de drogas.

— Ele deve ter nos seguido da boate — eu disse. — Devo chamar a polícia?

— Essa é a sua garota? — disse o rapaz. Eu não pude deixar de notar a diversão em seu tom de voz. — Estou feliz em saber que você a encontrou, cara.

— Kenny! — Jett deu um tapa no ombro dele. — Eu estava prestes a atirar em você. Sim, é ela.

— Você o conhece? — Aproximei-me mais. Jett passou os braços em volta de mim e me puxou para perto, sorrindo.

— Este é o Kenny. Nós nos conhecemos há muito tempo — disse Jett.

Ele se aproximou de mim e estendeu a mão.

— Sou Kenny, amigo de Jett.

— Prazer em conhecê-lo.

Eu apertei sua mão, meu coração ainda batendo forte, porque, com toda a honestidade, eu não conseguia afastar a sensação de que ele estava envolvido em algum negócio sombrio.

Sua garota.

Minha mente circulou em torno de palavras de Kenny. Era assim que Jett tinha se referido a mim entre seus amigos?

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Jett, ignorando a súbita explosão de carinho que estava invadindo meu coração. — Agora entendo por que eu não conseguia falar com você.

— Fui a um encontro — Kenny sorriu.

Pisquei, porque a resposta era tão óbvia e eu ainda tinha de perguntar.

— Você saiu com quem?

— Com uma garota loura, Sylvie — disse Kenny.

— Onde ela está? — perguntei.

— Ela me disse que não poderia usar a porta da frente, porque alguém estava em casa, então eu a levei até a porta dos fundos. Eu não tinha ideia de que vocês estavam lá. Pensei que ela estivesse morando com os pais.

Kenny parecia um cara legal. Amigável. Boas maneiras. Definitivamente nada parecido com o que eu tinha imaginado. E era amigo de Jett. Eu me vi pensando melhor sobre esse homem.

— Você quer entrar? — perguntei. — Estávamos prestes a comer, mas há comida suficiente e bebida para todos.

Jett ergueu a sobrancelha. Dei de ombros e sorri para Kenny, na esperança de que ele aceitasse o convite, porque eu queria conhecer os amigos de Jett. Eu queria saber tudo sobre ele.

— Obrigado — ele disse.

Acendemos as luzes no corredor e estávamos a meio caminho da cozinha quando avistei Sylvie pela porta da sala aberta. Ao ver Kenny, ela sorriu e abriu a boca para explicar. Eu a cortei.

— Sim, eu sei. Ele nos contou. Acontece que ele e Jett são amigos.

— Há quanto tempo você está envolvida? — perguntou Jett.

A mandíbula de Sylvie caiu.

— Que diabos está errado com você? Pareço que estou louca e participando daquela seita?

— É um clube — eu disse. — E acho que Jett estava perguntando sobre Kenny e você.

Jett virou a cabeça de volta para mim, uma leve cintilação de irritação nos olhos.

— Eu lhe disse para não contar a ninguém.

— Ela não contou — retrucou Sylvie. — Acontece que sou médium.

Ri daquele sarcasmo. Meu riso morreu em minha garganta sob o olhar de Jett.

— Temos sido as melhores amigas desde sempre. Ela nunca ia trair minha confiança.

O queixo de Sylvie disparou para cima e seus olhos brilhavam com orgulho.

— Isso é verdade. Eu sou a pessoa mais confiável do mundo. Seu segredo está seguro comigo, até mesmo mais seguro do que com a cia, e eu ouvi dizer que eles guardam segredos muito bem.

— Certo — murmurou Jett.

Estávamos na cozinha, quando Kenny disse a Jett:

— Cara, você puxou uma arma enorme pra mim. Estava querendo impressionar sua garota?

— Não preciso. Eu já fiz isso mais cedo — Jett sorriu e piscou para mim.

Terra, abra-se e me engula!

— Desculpe, eu não queria interromper vocês — sussurrou Sylvie.

— Você não interrompeu nada.

Forcei um sorriso no meu rosto e rezei para que ela confundisse meu rubor com a vermelhidão de ter tomado muito sol. Se ela tivesse entrado na casa poucos minutos antes, nos teria apanhado no meio de um ato muito íntimo...

— Estávamos ocupados cozinhando. Certo, Brooke? — disse Jett. — Eu a estava ensinando como preparar a carne.

Kenny soltou uma risada baixa.

— Ah, legal. — Disse Sylvie, ignorando a vergonha queimando dentro de mim por causa da frase de duplo sentido de Jett, e pela maneira como sua mão descansou possessivamente na minha bunda como se ela pertencesse àquele lugar.

Capítulo 22

Acordei com o canto dos pássaros. O sol estava brilhando, banhando o quarto em um brilho dourado. O lado de Jett na cama estava vazio, mas ele havia deixado um bilhete na mesa de cabeceira.

“Volto lá pelas quatro. Fique em casa e deixe o celular ligado! E obrigado pela sobremesa, foi a melhor. Jett”

Sobremesa. Nesse instante minha mente me transportou de volta para o momento em que estávamos fazendo amor, e senti minhas bochechas esquentando com a lembrança dele me beijando tão profundamente que me esqueci do mundo ao meu redor. Não conseguia esperar pela hora de ter mais disso...

Depois de um banho rápido, vesti roupas limpas e, em seguida, fui ver Sylvie. Ela estava dormindo, suas longas pernas entrelaçadas nos lençóis.

Sentei-me na cama não tão devagar e puxei o lençol para o lado, do mesmo jeito que ela fazia para me acordar.

— Ei — disse. — Acorde, Bela Adormecida.

Gemendo, ela apertou os olhos e puxou o lençol da minha mão cobrindo a cabeça. — Me dê cinco minutos. Estou muito cansada...

— Claro. Estarei na cozinha.

Fiz cócegas na sola do pé e ela gritou, afastando-os.

— Vá embora, Brooke.

Rindo, saí do quarto porque Sylvie tinha pavio curto, e era só uma questão de tempo para que ela jogasse um travesseiro em mim.

Abri a porta de trás para deixar entrar ar fresco e fiz um pouco de café. Sentada lá fora, na varanda, e olhando para o bosque, suspirei com prazer quando minha mente começou a retroceder para as “primeiras vezes” de ontem à noite: o primeiro sexo na cozinha, a primeira vez que conheci um amigo de Jett, nosso primeiro jantar na companhia de amigos. Quase gritei de satisfação com a percepção de que nosso relacionamento estava se desenvolvendo além do quarto. No entanto, o que fez meu coração derreter, e não por causa da manhã quente de sol, foi o fato de que Jett tinha me apresentado como “a garota dele”. Esse fora o marco mais importante até o momento.

Meia hora mais tarde, quando eu estava prestes a tomar minha segunda dose de café do dia, Sylvie fez sua entrada triunfal, ela, que geralmente trazia o cabelo perfeito, estava toda despenteada.

— O quê? — Ela olhou para meu sorriso reprimido.

— Parece que você rolou no feno com Kenny.

— Rolar não foi a única coisa que fizemos. — Ela apontou para uma garrafa de vinho vazia no balcão da cozinha. — Nós nos servimos de sua futura adega e fomos beber na piscina. Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Às quatro da manhã?

— Sou um pássaro madrugador. — Ela se sentou à mesa da cozinha e abraçou os joelhos nus contra o peito. Empurrei minha caneca de café em suas mãos.

— Parece que você se divertiu — comentei.

— Nós nos divertimos, até um pouco antes de seu cara chamar Kenny para acompanhá-lo até Deus sabe onde, e então fui para a cama. — Ela tomou um grande gole de meu café e suspirou de prazer. — Então, o que você acha dele?

— Quem? Kenny?

Ela assentiu com a cabeça.

Hesitando, considerei minhas palavras. Ela nunca tinha pedido minha opinião antes. Esse súbito interesse me enervava, até porque eu não conhecia Kenny e não tinha ideia do que Sylvie queria ouvir. Jett tinha apresentado Kenny como um especialista em computadores e um de seus amigos mais antigos daqueles “primeiros dias”, então eu só podia presumir que ambos tivessem passado por muita coisa juntos. Jett tinha transformado sua vida. Talvez Kenny tivesse feito o mesmo. Neste ponto, eu não queria parecer muito severa ou muito entusiasmada, mas não queria ver Sylvie se magoar tampouco.

— Ele é bonitão. — Encontrei o olhar ansioso dela e percebi que Sylvie estava prestando atenção a cada uma de minhas palavras. Droga. — Acho que, mesmo que ele se pareça com um tipo marginal, isso não significa necessariamente que vá desapontá-la.

— Sério? — Seus olhos azuis brilhavam de alegria, como se eu tivesse acabado de confirmar seus pensamentos.

Assenti com a cabeça e decidi mudar de assunto.

— Você sabe onde eles estão?

— Eles não disseram aonde iam. — Ela amarrou seus longos cabelos loiros na altura da nuca e tomou outro gole de café.

— Foi uma longa noite para você, não é? — Ri de sua expressão quando ela levantou a mão para espalmar na minha.

Seus olhos tinham um rico tom de azul-bebê, o tipo de olhos que iludem você a pensar que ela era inocente, quando na realidade tudo o que ela queria era se divertir.

— Quer mais café? — perguntei.

— Prefiro comer alguma coisa. Estou morrendo de fome.

Abria um armário para pegar uma caixa de cereal quando meu celular tocou. Chequei o identificador de chamadas, lembrando-me das instruções de Jett para não responder a quaisquer chamadas, nem mesmo do advogado de Alessandro.

— É Clarkson! — disse a Sylvie. Nós assistimos ao telefone tocar algumas vezes e então ele parou e apareceu um texto anunciando que tinha uma mensagem de voz. Coloquei o telefone no meu ouvido e escutei.

— Bom dia, Brooke. É Jake Clarkson. Espero não estar atrapalhando. Lamento informá-la que o senhor Lucazzone sofreu um acidente vascular cerebral na noite passada. Ele está em coma e os médicos não podem confirmar se ele vai sobreviver. Como seu advogado, irei mantê-la atualizada. Obrigado, e se tiver alguma coisa de que precise, por favor, me avise.

Sua voz era educada, mas direta, quase inalterada. Era difícil de acreditar que ele estava transmitindo uma má notícia.

— O que ele queria? — Sylvie encheu dois *bowls* com cereais, derramou leite em cima e colocou um na minha frente. Assisti enquanto os anéis de cacau tingiam o leite com um matiz chocolate.

— Alessandro teve um acidente vascular cerebral e os médicos não sabem se ele vai acordar. — Sinto muito, Brooke. — Ela colocou os braços em volta de mim e me abraçou forte.

Respirei fundo, forçando minha mente a se manter racional. Eu não era próxima de Alessandro, mas não conseguia afastar a tristeza ao ouvir que ele talvez não suportasse. Mesmo que nós não fôssemos ligados pelo sangue, ele era um membro da família, afinal. Até que tivéssemos provas concretas de suas ações e intenções, não queria vê-lo como uma má pessoa.

— Espero que ele fique bem — comentei.

Comemos em silêncio e limpamos nossas tigelas quando Sylvie disse:

— Estou me sentindo mal — e correu pela porta.

Eu a segui até o banheiro e a peguei segurando o longo cabelo na nuca e esvaziando o conteúdo de seu estômago no vaso.

— Você está bem? — perguntei, acariciando suas costas. Ela assentiu com a cabeça. Franzindo a testa, ajudei-a a arrumar suas roupas.

— Estou bem — ela disse com voz fraca.

— Talvez o vinho fosse muito velho.

Eu nunca a tinha visto assim antes, e essa era a explicação mais plausível. Ou isso, ou o clima quente e a falta de sono estavam cobrando seu pedágio.

Ela segurou as mãos sob a torneira de água fria e, em seguida, umedeceu o rosto. — Na verdade, esta foi a terceira vez. Eu estive mal nos últimos dois dias.

Passei-lhe uma toalha.

— Por que não me disse antes? Você precisa ver um médico.

— Eu não acho que preciso. — Ela encontrou meu olhar. — Minha menstruação está atrasada. Devia ter descido há dois dias.

— Você... Você acha que está... — eu nem consegui terminar a frase.

— Sim, eu acho que estou grávida. — Ela se sentou sobre os frios azulejos do banheiro e pressionou as costas contra a parede, com o rosto enterrado nas palmas das mãos. Uma gravidez era um de seus piores pesadelos. As poucas vezes em que conversamos sobre casamento e sobre ter filhos, ela tinha sido inflexível ao afirmar que nunca quis nenhum dos dois, e era por isso que ela sempre insistia em proteção.

Agachei-me na frente dela, e peguei suas mãos.

— Tem certeza?

— Não, é claro que não tenho.

— Vamos fazer um teste de gravidez.

— O quê, agora?

— Sim, agora. — Eu a puxei para que ficasse de pé e passei meus braços em torno de sua cintura, para o caso de as náuseas retornarem. Jett tinha me instruído para que não saísse de casa, mas a paz de espírito de minha melhor amiga era uma prioridade. — Vamos comprar o teste, nada de outras compras, nada de mais atraso. E não diga a Jett que saímos. Ela sorriu. — Claro.

No caminho para Bellagio, eu segurava as mãos de Sylvie para confortá-la.

— Enquanto não pudermos ver os resultados do teste, não há nenhuma necessidade de se preocupar — sussurrei. — Pode ser gastroenterite ou intoxicação alimentar.

— Minha menstruação sempre vem na hora certa — sussurrou ela de volta, ignorando minhas plausíveis explicações.

— Você não estava tomando pílulas? — perguntei. Nós duas estávamos. Ela assentiu. — Então, você está bem. Confie em mim. — Eu só podia esperar que não estivesse sendo otimista demais, mas a chance de uma gravidez era tão mínima que não via sentido em reforçar mais suas preocupações. — Você não pode engravidar dentro de algumas horas depois do...

Ela olhou para cima.

— Na verdade, esta não é a primeira vez que Kenny e eu fizemos isso.

— Quando?

— Humm... — Ela enterrou o rosto nas mãos de novo, se escondendo de mim.

— Sylvie?

— Eu sinto muito, Brooke. Foi no dia em que eu o conheci.

— Você mentiu para mim!

— E você também.

Eu não podia negar isso.

— Nossa, Sylvie. Você poderia ter sido sequestrada. — Minha cabeça estava girando só de pensar em todas as coisas horríveis que poderiam ter acontecido com ela.

— Eu sinto muito. Não quis lhe contar porque pensei que você estava sofrendo, e eu queria que o foco fosse você. É que simplesmente não parecia justo que eu tivesse encontrado alguém de quem eu gostava, enquanto seu coração estava partido...

— Está tudo bem. — Apertei a mão dela de maneira tranquilizadora. — Você disse que não estava se sentindo bem e que passou mal várias vezes nos últimos três dias. Tecnicamente, Kenny não pode ser o pai.

— Quem, então? — Ela olhou para mim, confusa e, em seguida, ela própria chegou à conclusão. — Merda. Espero que não esteja grávida daquele idiota.

Por idiota ela se referia ao seu ex, um homem casado que primeiro a havia enganado fazendo-a acreditar que ele era solteiro, e, depois, quis manter um relacionamento com ela. Assim como Jett, Ryan era seu chefe, com a única diferença de que ele demitira Sylvie quando sua esposa descobriu sobre o caso.

— Vamos esperar que seja uma intoxicação alimentar — sussurrei.

Capítulo 23

Viajar a Bellagio para comprar um teste de gravidez caseiro tinha sido uma má ideia. Não apenas Sylvie acabou comprando três deles, mas também conseguiu me convencer de que ela precisava de um monte de outras coisas. Assim que chegamos à rua principal, ela me arrastou de loja em loja e terminou comprando um novo par de sapatos, um leve vestido de verão e um frasco de protetor solar para mim, que eu tinha absoluta certeza de que não precisava... Não tanto assim. Pelo lado positivo, ela não se demorava experimentando roupas porque ficava incrível em qualquer coisa que usava. Milagrosamente, toda essa maratona de compras levou apenas meia hora.

Era pouco depois do meio-dia quando o motorista do táxi parou em frente à nossa casa. Eu estava prestes a abrir a porta da frente quando meu celular tocou novamente. Eu o retirei de dentro de minha bolsa e olhei o identificador de chamadas. Era Jett.

— Onde está você? — latiu ele. Meu coração pulou uma batida.

— Pare de se preocupar. Estou bem — respondi. Era a verdade. Nós ainda estávamos vivendo e respirando. Basicamente, ninguém se machucara, por isso ele não precisava saber do meu pequeno segredo.

Ele deu um longo suspiro.

— Ótimo. Estamos voltando e devemos chegar aí em vinte minutos.

Ele desligou e eu repassei a mensagem a Sylvie.

— Precisamos nos apressar — ela disse.

Segui-a até o banheiro e sentei-me no chão, percebendo que ela ia usar o teste de gravidez.

— Não consigo ler as instruções, estão em italiano, mas vai dar tudo certo, vi essas coisas na tv o tempo todo. — Ela rasgou uma das folhas para remover o palito de teste e ergueu-a para mim. — O que eu faço agora? Jogo isso num copo com xixi ou o quê?

Como eu poderia saber?

Não era como se eu alguma vez tivesse precisado usar um desses.

— Imagino que você precisa virar essa vareta para que o lado roxo fique voltado para você. Daí você segura o outro lado no fluxo de xixi.

— Tudo bem, vire-se.

Tentei não ouvir o som do jorro. Menos de um minuto depois, ela bateu em meu ombro. — Você pode se virar agora.

— Já terminou? — sentei-me e fiquei olhando a vareta que ela segurava.

— Sim, e agora?

— Não sei. Eu diria que você deve colocar a tampa de volta e colocar isso na mesa.

— Por quanto tempo?

— Sei lá, alguns minutos, acho — fiquei me lembrando de todas as propagandas de tv que eu tinha visto e não prestara atenção, quando deveria. Esse conhecimento, agora, viria a calhar.

Sylvie abriu a torneira de água e lavou as mãos. Eu acariciei suas costas.

— Você vai ficar bem. Mesmo se estiver grávida, isso não é o fim do mundo.

— Eu sei — sussurrou, olhando para si mesma no espelho. — No entanto, não estou pronta para ser mãe. Não quero ser uma mãe solteira e criar uma criança sozinha.

Ficamos em silêncio enquanto os segundos passavam.

— Não posso olhar. Você pode ver para mim? — disse Sylvie finalmente.

— Claro.

Ergui o teste de gravidez para examinar uma faixa colorida na pequena janela. Sylvie olhou por cima dos meus ombros.

— Estou grávida?

— Eu não sei. Acho que duas tiras representam um resultado positivo, então eu diria que não.

Ela soltou um grito de alegria, e o sorriso morreu em seus lábios quase que instantaneamente.

— O que quer dizer “eu acho”?

Dei de ombros.

— Não é como se eu fosse uma especialista ou qualquer coisa assim, não é?

— Por que eles não podem simplesmente marcar um G para grávida e um *smiley* para não grávida?

Eu ri de sua tentativa de infundir humor.

— Sei lá, acho que você devia tentar de novo, para o caso de não ter segurado o palito por tempo suficiente debaixo do xixi.

— Ah, certo. Achei que só mergulhar fosse o suficiente — ela sorriu e pegou outro teste. Afastei-me para dar-lhe privacidade.

— Ei, Brooke, só para o caso de eu não estar lendo isso direito, você podia tentar o terceiro teste, que tal? Comparar meu resultado com o seu me faria sentir melhor. Eu não quero pensar que não estou grávida e depois descobrir que estou quando for tarde demais.

— Claro. Só me dê um minuto.

Peguei o palito que Sylvie me estendia e esperei até que ela saísse do banheiro, deixando a porta aberta. Usar um teste de gravidez não estando grávida era definitivamente estranho, mas eu já tinha feito coisas estranhas para ajudar Sylvie.

Um minuto depois, havia terminado e chamei Sylvie de volta. Ela estendeu a mão. Eu entreguei o teste de gravidez para ela e ela o colocou sobre o balcão de mármore.

— Com seu resultado, não podemos estar erradas — ela disse.

— Sim.

Sentei-me na borda da banheira e bati os dedos contra minha coxa, esperando.

— Brooke — Sylvie sussurrou. Sentindo a súbita tensão na voz dela, eu me virei e segui seu olhar, meu coração batendo no meu peito. — Você não disse que duas tiras da mesma cor significa grávida? O seu está mostrando duas.

Peguei o teste de sua mão e olhei para ele, minha mente era incapaz de compreender o significado de tudo isso. Havia duas linhas e isso tinha de ser um erro.

— Ah, merda — Sylvie riu. — Você está grávida.

— Não pode ser. — Minha voz falhou enquanto eu tentava entender o sentido da situação.

— Você trocou os palitos? Se fez isso, não é nada engraçado.

— Não é uma brincadeira. Eu nunca faria isso. — O que era verdade. Ela não gostava de piadas, ou de fazer joguinhos.

Fiz uma careta.

— Honestamente, isso deve ser um erro. Estou tomando pílula. Minha menstruação vai descer a qualquer minuto. Talvez eu tenha entendido tudo errado e uma linha signifique gravidez e duas linhas signifique nada. Pode ser uma coisa dos italianos e a marca seja uma coisa diferente da que temos lá, em nosso país.

Senti-me em pânico, mas não podia parar.

Respire fundo, Stewart.

— Você está brincando, certo? — disse Sylvie. — As instruções são em italiano, mas no final todos os testes de gravidez são os mesmos e eles funcionam da mesma maneira. *Ah, Deus!*

Balancei minha cabeça.

— Não, você é quem está se sentindo mal e eu estou bem. Além disso, a minha mens... — parei, incapaz de processar o choque. Minha menstruação nunca foi do tipo que viesse sempre na hora. Ela mudava como muda o clima. Quer dizer, esse argumento não era válido.

— Não pode ser, Sylvie — murmurei. — Eu nunca me esqueço de tomar a pílula. Todo o dia, sempre na mesma hora. Deve ser um falso positivo.

— Nada é cem por cento seguro e, particularmente, não se você estiver doente ou houver algo de errado com seus hormônios. — Ela apertou suavemente meu braço. — Como você disse, não é o fim do mundo.

— Eu apenas tentei ser solidária quando disse isso.

Lembrei-me da minha primeira viagem para Bellagio. Jett e eu estávamos na casa dele. Durante um jantar, eu fiquei meio bêbada e passei mal. Não foi meu momento de maior orgulho, e acho que foi por isso que eu o reprimi e nunca contei nada a Sylvie. Talvez aqueles copos de vinho a mais tenham bagunçado o funcionamento da pílula.

— É um falso positivo — sussurrei. — Tem de ser porque só estive namorando há algumas semanas, e isso não é algo que aconteça tão depressa.

Sylvie jogou os testes de gravidez na lata de lixo e agarrou meu braço, obrigando-me a segui-la para a biblioteca.

— O que você está fazendo? — perguntei, quando ela se sentou em frente ao computador.

— Pesquisando testes de gravidez.

— Os caras vão estar de volta a qualquer minuto.

— Vamos torcer para que esta coisa velha seja rápida. — Ela deu um longo suspiro, enquanto esperávamos que o computador iniciasse. Ele zumbiu preguiçosamente, como se tivesse todo o tempo do mundo. Esperar não era legal. Isso me deixava ansiosa. Eu podia sentir as nuvens escuras descendo sobre minha cabeça.

— É isso aí — disse Sylvie, acessando o navegador e indo para um programa de busca. Seus longos dedos se moviam pelo teclado sem esforço e, então, com apenas um clique, tive a minha resposta.

Duas tiras... Positivo.

— Você está grávida. Parabéns! — disse Sylvie, sorrindo. — Não sou eu, é você.

Olhei para ela, ignorando a súbita vontade de derramar um copo de água sobre sua cabeça.

Senti-me tão prestes a desmaiar que minhas pernas ameaçavam se dobrar.

— Brooke? Ah, merda — disse Sylvie. — Vamos. Sente-se. Não fique chateada. Você sabe que eu não quis brincar com isso.

— Impossível. O teste... — sentando-me na cadeira dela, respirei fundo e deixei o ar sair devagar. — O teste está errado. Eu não me sinto grávida.

Mentir a mim mesma me deu uma falsa sensação de alívio, então continuei porque era mais fácil do que enfrentar a verdade.

— Vamos repetir o teste, talvez até mesmo ir ao médico para verificar seu sangue...

O que significava que eu teria de esperar pelo menos um dia, ou quem sabe até mais, para marcar uma consulta. Eu não poderia esperar. Sylvie me agarrou em um abraço apertado e eu descansei minha cabeça contra seu peito, deixando-a acariciar meus cabelos, sua voz suave mal me alcançava...

— Não se preocupe, Brooke, tudo vai ficar bem. — Ela ficava repetindo aquelas estúpidas palavras que eu dissera há pouco. — Não é o fim do mundo.

É o fim do mundo. Definitivamente.

— Não — balancei minha cabeça. — Estou perdida.

Eu queria ser mãe um dia, mas não nesta altura da vida. O pensamento de contar a Jett me encheu de pavor. Uma gravidez tão cedo, quando mal nos conhecíamos, poderia arruinar meu relacionamento. Ele ia fugir como a maioria dos homens faz. Ele ia fugir tão depressa quanto pudesse, e isso me machucaria mais do que qualquer coisa no mundo. Eu não queria perdê-lo por causa de um erro. Um erro estúpido que ocorrera sob a influência de álcool.

— Você terá de contar a ele — disse Sylvie, apagando o histórico do navegador e desligando o computador. — Pode parecer assustador agora, mas uma vez que fizer isso, vai descobrir se era apenas uma aventura ou algo mais. E se ele romper com você, o que espero que não faça, então poderá deixar que isso a defina ou a fortaleça. E há sempre essa opção — ela sussurrou. — Você pode se livrar da gravidez e Jett nunca vai saber.

Eu pensei sobre isso durante todos os três segundos.

— Isso não é comigo.

Ela sorriu e afastou meu cabelo do meu rosto.

— Eu sei e eu nunca incentivaria a fazer isso. É uma coisa que iria destruí-la, assombrá-la pelo resto de sua vida, e isso é muito pior do que a dor que você sentiria se ele a desapontasse.

Capítulo 24

No silêncio da casa, ouvimos o carro parar do lado de fora e as portas se fecharem. Sentindo que estava muito abalada para enfrentar Jett, eu me escondi dentro do banheiro. Através das paredes, ainda podia ouvi-los lá embaixo, conversando e rindo. Pressionei minha testa febril contra os azulejos frios da parede quando uma batida na porta do banheiro me fez estremecer.

— Brooke? — era Jett. As conotações tensas em sua voz traíram sua preocupação. — Sylvie disse que você está aí.

— Espere.

Ficando de pé, endireitei minha roupa e saí do banheiro, fechando a porta atrás de mim. Envolvi meus lábios em um sorriso, rezando para que parecesse verdadeiro o suficiente para enganá-lo. Minha pulsação saltou quando ele me levantou em seus braços, e meu estômago começou a se agitar com a maneira como seus lábios roçaram os meus, explorando minha boca como se nós não nos víssemos há semanas.

— Você está bem? — perguntou Jett, depois de me colocar para baixo.

— Só uma dor de cabeça. Nada de mais. — Nem sequer era uma mentira. Desde que descobrira minha possível gravidez, eu me sentia fisicamente doente e minha cabeça era uma coisa latejante. — Onde você estava? — Procurei manter um tom casual em minha tentativa de jogar a conversa para ele.

— Fomos checar a placa do carro que nos perseguiu. Foi um desperdício de tempo. Não é uma placa registrada, portanto, é falsa. — Ele sorriu e pegou na minha mão. Seus dedos se entrelaçaram nos meus. Em qualquer outra ocasião, seu toque teria me agradado, mas agora só conseguia fazer com que me sentisse ainda pior.

— Eu sinto muito.

— Não sinta, *baby*. Kenny vai invadir o computador de Lucazzone hoje. Estou confiante de que, se tiver alguma coisa, ele vai descobrir.

Descemos as escadas para nos juntar a Kenny e Sylvie. Senti que Sylvie estava me examinando, observando cada movimento meu. Fiz uma careta para ela, na esperança de que pegasse a dica para agir normalmente. A última coisa de que eu precisava agora era ser examinada como um espécime bizarro no zoológico local. Jett não era bobo. Ele perceberia que algo estava errado em um segundo.

— Você falou a ela sobre o computador? — perguntou Kenny. Ao aceno de Jett, Kenny virou-se para mim. — Tudo bem para você? O disco rígido será destruído e não vai dar mais para ser consertado, e você terá de jogá-lo fora.

Sylvie me lançou um olhar de soslaio. Eu podia sentir seu medo no ar e dei a ela um encolher de ombros evasivo. Ela apagara o histórico do navegador, então não tínhamos nada com que nos preocupar.

— Claro, Kenny. Faça o que você precisa fazer. Não pretendia ficar com ele, de todo modo.

— Ótimo. — Ele pegou sua mochila e saiu, falando por cima do ombro: — Porque isso pode acontecer de duas maneiras. Ou a gente entra no computador, recupera a informação e destruímos o disco no processo. Ou não encontramos nada, mas o disco se danifica do mesmo jeito. Em qualquer dos dois jeitos, o que fizermos vai deixar rastros e um profissional será capaz de reconhecer, e não há como voltar atrás.

Engoli em seco. Se Alessandro decidisse verificar, ele descobriria que seus hóspedes ficaram bisbilhotando o lugar. Será que eu realmente queria isso?

— Brooke? — Jett acenou para mim, encorajador. — Nós conversamos sobre isso no porão, lembra-se? Você tem o direito de saber.

— Eu sei, é que eu... — deixei escapar o ar lentamente. Eu poderia dizer a Alessandro que o computador quebrara e que lhe comprara um novo. — Tudo bem.

Kenny espalhou todas as ferramentas na mesa e, em seguida, começou a desmontar o computador, explicando cada passo do que fazia.

— Se o disco rígido foi apagado, um profissional pode levar semanas, talvez até meses para recuperar os dados. Se você usar um bom *software* de destruição de dados, ninguém vai recuperar coisa nenhuma.

— Nós não temos semanas ou meses — disse Jett.

Kenny deu de ombros.

— Eu só estou falando, cara. O fato de vocês terem usado a internet significa que o disco rígido não está destruído, então ele provavelmente deve ter feito apenas uma bela limpeza. Qual era o nome do cara mesmo?

— Lucazzone — informei. — Então, quanto tempo você acha que vai demorar?

— Isso depende. Talvez uma hora.

Kenny continuou a conversa enquanto removia o disco rígido e o empurrava no que parecia ser uma caixa preta, que ele chamou de gabinete, e, então, conectava isso ao seu computador. Tudo parecia tão complicado e, a julgar pela expressão de Sylvie, muito chato. Tudo que eu podia ver era uma tela preta, até que ele abriu um programa e a transferência de dados teve início.

— O *software* está fazendo a própria reescrita durante o processo de recuperação de dados. Estamos queimando toda a informação como uma imagem iso neste disco para garantir que a gente tenha um *backup* — disse Kenny, colocando um mini *CD-ROM* em seu computador.

Eu podia ver que Sylvie estava entediada a mais não poder pela maneira como suprimiu um bocejo, o que me fez rir. Ela sofria de falta de atenção, especialmente quando uma conversa envolvia esportes, computadores ou qualquer coisa sem relação com a moda, homens ou festas. — Isso é muito chato. — Sylvie fez a mímica das palavras, sem emitir sons. — Vamos?

Balancei minha cabeça.

Ela fez uma careta e se virou para Jett, apontando para mim.

— Você se importa se eu pegar a Brooke emprestada?

— Você tem trinta minutos, e então eu a quero de volta — disse Jett.

Sylvie me puxou para a cozinha e fechou a porta atrás de nós.

— Você está bem? — sussurrou ela.

Eu odiava quando as pessoas faziam essa pergunta. A resposta desejada é sim, mesmo que você não esteja bem.

— Não pergunte — respondi.

— Eu só quero ter certeza de que você está bem.

— Estou bem — gemi interiormente diante de sua expressão cética. — Por favor, Sylvie, eu não quero pensar em mais nada. Tudo bem?

— Claro — fazendo beicinho, ela sentou-se e me olhou. Eu agarrei a oportunidade para mudar de assunto.

— Lembra-se de quando lhe contei que um investigador particular tinha encontrado um diário na capela? — Esperei até que ela assentisse antes de continuar. — Eu sempre quis localizar esse diário.

Os olhos dela se estreitaram conspiratórios.

— Você quer... — Ela parou, deixando o resto por dizer.

Olhei pela janela para a paisagem verdejante e os bosques densos que se estendiam até onde meus olhos conseguiam enxergar.

— Parou de chover. Acho que a gente devia ir vasculhar a capela.

— Fica muito longe?

— Não, venha, eu lhe mostro.

Nossos chinelos afundaram na terra úmida, e a grama e os galhos caídos raspavam nossos pés enquanto fizemos o caminho que nos levaria até a capela descendo os degraus de pedra e atravessando os arbustos.

— É bonito — comentou Sylvie, quando enfim chegamos à capela.

Dei a volta naquela pequena construção, tentando espiar pela minúscula janela. O vidro estava sujo demais para que se pudesse vislumbrar alguma coisa, mas as roseiras selvagens perto da porta me disseram que em algum momento, alguém devia ter se importado o suficiente para plantá-las.

Sylvie empurrou as roseiras de lado e passou por elas, mal prestando atenção à sua beleza frágil e à forma como pareciam se amontoar para se proteger das forças imprevisíveis da natureza.

Nós duas nos separamos enquanto circulávamos a capela e finalmente encontramos o que estávamos procurando: uma porta com uma pequena, mas complexa cruz gravada na madeira. Tentei abri-la e, para minha surpresa, não estava trancada.

— Vou entrar — disse.

Sylvie olhou para mim com uma expressão de puro pavor. Como se esse pensamento a deixasse nervosa, ela deu um passo para trás.

— De jeito nenhum. Eu não vou lá. Desculpe, você está por sua conta.

— Estamos no meio do dia. O que você acha que poderia lhe acontecer? — O rosto dela me fez sorrir. — Tudo bem, fique aqui.

Empurrei a pesada porta e dei um passo naquela câmara envolta em obscuridade. Era maior do que parecia pelo lado de fora, talvez do tamanho de um banheiro grande, e acomodava dois bancos virados de frente para o altar. As paredes estavam cobertas de pinturas religiosas. Na frente do altar, havia a escultura de um anjo sentado, seus olhos pousados sobre o piso de concreto, parecendo imerso em pensamentos profundos, seu rosto uma máscara de melancolia. Gostaria de saber se Henrietta se sentira assim durante seu casamento. Eu não sabia muito sobre a mulher, mas tive um forte sentimento de que a capela não tinha sido apenas um local de culto, mas também servira como um refúgio.

Ajoelhada, fiz o sinal da cruz e me sentei em um banco, meu olhar varreu a janela imunda, que era a única fonte de luz. Alguns galhos arranhavam o vidro e o som irritante carregava-se pelo ambiente como

um aviso silencioso. Naquele instante, eu senti algo no ar, um arrepio de tristeza. O lugar estava cheio de desesperança, assim como a mulher que tinha vindo aqui para procurar conforto espiritual. Talvez algo terrível tivesse acontecido e ela tivesse vergonha de Alessandro e de suas ações, e este fora o único lugar de paz que ela encontrara.

— Achou alguma coisa? — chamou Sylvie, me empurrando para fora dos meus pensamentos.

Virei o corpo para vê-la em pé na soleira da porta, com os braços cruzados sobre o peito e uma carranca escurecendo suas feições.

— Ainda não — respondi.

— Apresse-se. Este lugar me dá arrepios.

O relatório de Jett mencionava especificamente que o diário tinha sido enterrado, mas tanto a parede quanto o piso eram feitos de pedra. Comecei minha investigação pesquisando sob os bancos e sob o altar para ver se encontrava algum esconderijo grande o suficiente para caber um livro ou um diário, e depois passei as mãos sobre as paredes para verificar se não havia nenhuma pedra solta. Chequei as pinturas religiosas duas vezes antes de voltar para Sylvie, convencida de que quem pegara o diário nunca o colocara de volta em seu esconderijo.

— Se você quisesse esconder alguma coisa que fosse muito pessoal, onde a esconderia? — perguntei.

Sylvie deu de ombros.

— Eu faria o que as pessoas normais fazem e arrumaria um cofre. Eu ri.

— Isso não é exatamente esconder. Qualquer um poderia forçá-la a dar o segredo da fechadura.

— É, acho que sim.. — ela fez uma pausa. — Você sempre pode enterrar em um buraco no chão.

— Essa é boa. — Olhei para o pátio e para o matagal crescido.

Henrietta poderia ter enterrado seu diário em qualquer lugar na propriedade, inclusive sob as roseiras que saíam da capela e se espalhavam pelo quintal, e ao redor da casa.

— O que exatamente você está procurando? — perguntou Sylvie. — Quero dizer, mesmo se encontrarmos o esconderijo original, o diário não deve estar lá.

— Você tem razão. — Abaixei-me e passei a mão pela terra úmida, deixando que ela esfarelasse entre meus dedos. Jett me contou que o investigador pegou o diário e, então, um dia, ele estava perdido.

Como eu poderia explicar a Sylvie que eu estava tentando descobrir que tipo de vida minha tia havia levado?

— Eu estava esperando que pudesse encontrar alguma coisa, qualquer coisa que pudesse me ajudar a visualizar a sua vida. — Sorri, percebendo quão ridículo isso parecia. A vida de uma pessoa é muito mais complexa do que algumas frases inseridas em um diário. Mesmo que o diário ainda estivesse aqui, enterrado em algum lugar, e eu o encontrasse, nunca poderia ler suas emoções e entender o tipo de pessoa que ela fora, a partir de algumas poucas palavras encadeadas. E a julgar pelo olhar cético de Sylvie, ela pensava o mesmo.

Um forte vento agitava as folhas e as gotas de chuva começaram a pingar.

— Vamos voltar para dentro. Estou com frio — disse Sylvie. — Podemos cavoucar todo esse lugar num outro dia.

Eu estava prestes a segui-la quando um movimento na minha visão periférica me chamou a atenção. Olhei para o bosque. Tudo o que eu podia ver eram árvores, suas grandes coroas criando sombras

sinistras, e ainda assim eu não conseguia afastar a esmagadora sensação de estar sendo observada.

— Brooke? — chamou Sylvie. — Você vem?

— Achei ter visto alguma coisa. — Afastei-me do bosque com relutância.

— Claro. Se eu tivesse herdado uma propriedade como esta e com uma capela estranha, eu também acharia que ela seria assombrada.

Ela estava rindo de mim. Dei um tapinha na parte de trás de sua cabeça, suavemente.

— Não foi isso que eu quis dizer. Parecia uma figura alta, vestida de preto.

— Agora você está me assustando. Podemos, por favor, voltar? — Sylvie sussurrou.

— Provavelmente não era nada. — Eu tentei infundir tanta confiança em minha voz quanto consegui reunir, mas meu olhar se arrastou de volta para as árvores. — Ando um pouco paranoica. — Minhas palavras não pareciam muito convincentes.

— Eu também estaria se alguém tivesse tentado me matar — disse Sylvie, puxando meu braço. — Nada pessoal, amiga, mas eu me sinto mais segura ao lado dos caras.

Mal chegamos em casa e a chuva se transformou num aguaceiro torrencial. Sylvie trancou a porta dos fundos atrás de nós e eu acendi as luzes. Ela fez nosso obrigatório café, enquanto me postei na frente da grande janela, olhando para as poças de chuva e para meu reflexo, incapaz de me livrar da sensação de estar sendo observada.

Decidimos beber nosso café com eles, na biblioteca. No momento em que entramos, os braços de Jett se moveram para minha cintura e ficaram lá, seu queixo descansando contra minha cabeça. Eu podia sentir seu coração batendo em uníssono com o meu enquanto o calor de seu corpo aquecia minha pele.

— Por que você está molhada? — ele sussurrou.

— Visitamos a capela.

Ele olhou para mim, mas não interrompeu nosso abraço.

— E como é ela?

— Linda. — Fiz uma pausa para considerar minhas palavras e descobri que nenhuma delas poderia lhe fazer justiça. — Você deve ir checar um dia. Veja por si mesmo.

— Você encontrou alguma coisa? — Sylvie perguntou para Kenny, com as mãos repousando sobre os ombros dele, os olhos fixos no computador. Meus olhos se mudaram dela para Kenny e seu braço, e notei que uma de suas tatuagens se parecia com a de Jett.

— Nós estamos chegando lá — disse Jett, seus lábios descendo para acariciar meu pescoço. Eu tentei me virar para escapar de seus braços, mas ele não me soltou.

— O que vocês encontraram até agora?

— Não checamos tudo, mas... — Jett segurou o disco e sorriu triunfante — todo o disco rígido está aqui.

Havia algo em seu tom que me fez olhar para cima.

— O que tem nele?

— Vai levar dias para a gente passar por tudo, mas nós encontramos um arquivo contendo uma planilha com números. Eu escrevi alguns deles aqui — disse Kenny, apontando para a caligrafia indecifrável em uma folha de papel.

— E para que você precisa desses números? — Sylvie pegou o papel e se aproximou de mim para que pudéssemos olhar juntas.

— Os três primeiros dígitos de cada número correspondem à respectiva linha no livro negro — respondeu Jett. Eu encontrei seu olhar e algo passou entre nós. — Estão todos aqui, pode procurar.

Eu contei as linhas. Havia trinta e seis no total, o mesmo total de números. A primeira linha no papel começava com os mesmos três dígitos, igual ao que estava no livro negro.

— Certo — eu disse. — As linhas correspondentes começam do mesmo jeito, mas após três dígitos o código parece mudar?

Jett assentiu.

— O que você acha que eles são? — perguntei.

— Se você contar o número de dígitos, eu apostaria que são códigos de classificação, contas bancárias ou senhas — disse Kenny. — E como Jett tem relações financeiras aqui, sugiro que a gente vá ao seu banco para fazer uma discreta investigação.

— Eu poderia ligar ao meu gerente e pedir para se encontrar comigo hoje — disse Jett.

— E se isso não der certo, vou invadir o sistema do banco — disse Kenny.

— Nada de novo aqui — Jett sorriu para mim, revelando suas covinhas lindas. — Kenny é o melhor que o dinheiro pode comprar. Não é à toa que ele é tão popular.

Um hacker profissional? Nossa!

Eu tinha imaginado que isso existisse apenas como uma piada. Mordi o lábio para esconder minha expressão de choque.

— Isso é tão excitante — Sylvie murmurou para mim.

É claro que ela era chegada nesses *bad boys*. E se eles pudessem fazer algo tão ilegal como invadir o banco de dados de um banco, eles imediatamente atingiam o *status* de “supervisores”, com certeza.

Capítulo 25

Chegamos ao Bellagio no carro substituto de Jett. Ele dirigia, Kenny ia no banco do passageiro, Sylvie e eu íamos amontoadas no banco de trás. Minha cabeça estava doendo muito e eu me sentia um pouco enjoada. Talvez fosse a perspectiva de estar grávida, ou talvez minha náusea fosse o resultado de estar grávida. O fato é que eu estava morrendo de medo.

Descansei minha cabeça contra o vidro frio da janela e fechei os olhos, o som da chuva espirrando no asfalto da rua me relaxando. Tudo o que eu conseguia pensar era em como a minha vida tinha se transformado em uma bagunça desse tamanho. Exatamente quando tinha pensado que as coisas não poderiam ficar mais complicadas, a vida girou outro turbilhão de caos, me empurrando para um território desconhecido.

Não há nada mais assustador do que não saber o que o futuro pode lhe trazer. Um bebê era um dos maiores desafios que eu poderia pensar. Eu não tinha emprego, não tinha dinheiro e não sabia nada sobre criar filhos.

— Precisamos parar numa farmácia para comprar aspirinas — disse Sylvie para ninguém em particular.

Você tem aspirina suficiente para durar por um ano, eu quis dizer quando percebi seu sorriso conspiratório e a consequente piscadela. Ela queria se livrar dos caras, é claro.

— Há uma grande na rua principal. Poderíamos parar lá rapidamente — disse Jett, deixando claro que ele não ia nos deixar fora de sua vista. Seu olhar preocupado veio para cima de mim no espelho retrovisor, e eu dei-lhe um sorriso fraco.

Poucos minutos depois, o carro parou em frente à drogaria. Essa era a nossa chance de sair antes que ele encontrasse uma vaga de estacionamento.

— Espere aqui. Estaremos de volta em um minuto — eu disse, abrindo a porta do carro antes que Jett pudesse argumentar.

— Não demore — ele disse atrás de nós.

A chuva estava caindo tão fortemente que corremos para a loja, ansiosas para conseguirmos abrigo. Através das janelas de vidro, eu podia ver os olhos de Jett e Kenny seguindo todos os nossos movimentos. Concluindo que não tínhamos tempo a perder, fomos direto para o balcão.

— Precisamos de mais testes de gravidez — disse Sylvie à mesma senhora que tinha nos atendido na nossa primeira visita. — Um de cada marca que tiver em estoque.

A mulher acenou com a cabeça e sorriu para mim, provavelmente sentindo a minha agitação.

— Ah, e um frasco de aspirina — acrescentou Sylvie, acenando com a cabeça em direção à janela.

— Mas por que precisa de tantos? — sussurrei, apontando para os testes.

Ela encolheu os ombros.

— E se eles estiverem com defeito? Nós queremos ter certeza de qualquer maneira.

Pagamos rapidamente, escondemos os testes dentro da enorme bolsa de marca de Sylvie e saímos segurando o saco plástico com as aspirinas.

— Obrigada — sussurrei para ela, antes de chegarmos ao carro. Eu realmente apreciava todo o seu apoio.

— Você sabe que estou sempre aqui para você, não importa o que aconteça.

Com um olhar inquisitivo dirigido a mim, Jett ligou o motor e juntou-se ao tráfego principal, indo para o banco.

— Onde está o papel? — perguntou logo que estacionou o carro. Kenny entregou-o a ele, e Jett o dobrou em dois.

— Bem, é assim que vamos fazer — disse. — Você fica aqui com as meninas enquanto eu me encontro com meu gerente e finjo que tenho de transferir dinheiro para duas contas. Não venha atrás de mim e não saia do carro.

— Entendi — disse Kenny. E, então, Jett foi embora.

O silêncio no carro era estranho. Sylvie brincava com o cabelo, Kenny estava olhando para fora pela janela e eu me ocupava brincando com a barra da minha camisa. Usei esse momento para dar uma boa avaliada em Kenny, até porque ele parecia realmente se preocupar com Sylvie e eu meio que queria que ela namorasse um dos amigos de Jett.

De perto, eu não podia negar que Kenny era atraente. Seus traços fortes e os cabelos escuros cortados lhe davam um ar meio rude e viril, bem o oposto de Sylvie, que parecia tão doce quanto uma torta. Se alguém conseguisse enxergar alguma coisa além das tatuagens que cobriam metade de seu pescoço, seu braço esquerdo, e todo seu ombro e costas, ele até que poderia se dar bem o suficiente para conhecer os pais ricos de Sylvie. Eu sorri com a possibilidade, até que eu percebi que ele não tinha dois importantes recursos: dinheiro e sucesso. Sylvie nunca falou muito sobre seus pais, mas falou o suficiente para saber que eles valorizavam mais o *status* do que a personalidade.

— A planilha é a única coisa que você encontrou até agora? — Sylvie perguntou a Kenny.

— Não. — Ele nos lançou um olhar fugaz sobre o ombro. — Eu descobri um monte de outras coisas, mas é tudo irrelevante.

Foco em “eu”.

Ele ainda não tinha compartilhado suas descobertas com Jett. Engoli em seco.

Como se sentissem minha aflição, os olhos de Kenny repousaram sobre mim. Sua expressão era impassível, mas seus olhos brilharam. Não pude deixar de me sentir um pouco alarmada. Será que ele sabia? Teria ele de alguma maneira caído em nossa pesquisa e tropeçado na palavra gravidez?

— Que coisas? — Apertei meu olhar e uma advertência silenciosa passou entre nós.

— Aquelas coisas favoritas, como certas páginas esportivas, páginas do Facebook e Wikipédia. Os *cookies* que as pessoas nunca conseguem apagar... Esse tipo de coisa. — Ele não sorriu, mas seus olhos azuis-escuros brilharam novamente. — Como eu disse, tudo irrelevante.

Meu coração bateu com força contra minhas costelas.

Ele sabia.

Eu podia ver isso em seus olhos. Ouvi-lo em suas palavras.

— Eu acho que ele não foi cuidadoso o suficiente. — Sugeriu, ou seja, eu não tinha sido cuidadosa o suficiente para apagar qualquer vestígio e, em decorrência do fato de que eu seria a dona de tudo aquilo em breve, Kenny provavelmente pensara que o material de informações sobre gravidez tinha a ver comigo.

— Eu sou bom para essas coisas e as pego no ar. É como se elas simplesmente caíssem no meu colo.
— Kenny se recostou na cadeira e ligou os alto-falantes do iPod, o som do *rock* pesado me deixou ainda mais nervosa.

Droga, Stewart.

Era evidente que apagar o histórico do navegador não era bom o suficiente quando se tratava de esconder alguma coisa de um *hacker* profissional. Sylvie e eu tínhamos nos esquecido de limpar os *cookies*, e isso era provavelmente uma das primeiras coisas que alguém como Kenny iria verificar antes de tentar recuperar as versões anteriores do disco rígido. Eu estava pronta para apostar meu salário como esse cara conseguiria obter qualquer tipo de informação, incluindo o tempo usado na internet por alguém, muito depois que o navegador fora desligado. — Do que ele está falando? — sussurrou Sylvie.

Dei de ombros e balancei a cabeça.

Depois do que pareceu meia hora, Jett finalmente deixou o banco. Meu estômago vibrou quando o vi atravessando a rua. Alto. Hipnotizante. Cabelos escuros e estrutura óssea perfeita.

Um corpo de morrer. Isso me deixou quase ansiosa por saber que ele estava comigo.

Jett abriu a porta do carro e caiu no assento do motorista. Pela maneira como jogou o saco para Kenny antes de bater a porta, eu poderia dizer que ele estava com raiva.

— Nada? — perguntou Kenny ao desligar a música.

— Nada. — Jett ligou o motor e dirigiu o carro para fora do estacionamento com o rosto impassível. Ele estava chateado, e muito, o que era óbvio pelo jeito como guiava, mais depressa do que o habitual.

— O que... — começou Sylvie.

Eu lhe dei uma cotovelada de leve e balancei a cabeça, meu olhar proferindo um aviso silencioso.

As mãos de Jett apertaram o volante até que o branco de suas juntas se mostrou através de sua pele, mas ele permaneceu em silêncio. Conhecendo Jett, eu sabia que era melhor deixar que ele se acalmasse, porque essa seria a única maneira de alguém conseguir que ele falasse. Ele começaria a conversa quando estivesse pronto.

No meio do caminho de volta para a mansão, notei seus músculos relaxando um pouco.

— Chequei os dois primeiros números, e então tentei mais três — disse Jett finalmente, quebrando o silêncio. — Eles não são contas bancárias. O arquivo que descobrimos é um beco sem saída.

— Talvez sejam senhas — sugeriu Kenny.

— Senhas para quê? — as rugas de Jett se aprofundaram.

Não demonstrando estar afetado pela rudeza do amigo, Kenny se recostou em seu assento e encolheu os ombros, enquanto Sylvie e eu trocamos olhares curiosos.

— Pode ser que alguém tenha criado essa confusão deliberadamente, assim você não conseguiria descobrir a resposta — disse Kenny. — A combinação certa pode ser ligando os três primeiros dígitos da primeira metade da lista com os três últimos dígitos da segunda metade. É apenas uma sugestão. Eu duvido que alguém fizesse isso assim tão fácil.

— Ou poderiam ser diferentes tipos de contas. Não necessariamente contas bancárias — dei um palpite.

— Não posso voltar sem levantar suspeitas — Jett murmurou. — Ou você encontra mais, ou invade o que achar que deve para conseguir mais com que eu possa trabalhar.

— Era esse exatamente o meu plano. — Kenny abriu uma embalagem de alumínio e empurrou um pedaço de goma de mascar na boca, antes de jogar o pacote inteiro para mim e Sylvie, deixando um pedaço próximo da alavanca de câmbio para Jett.

Capítulo 26

No momento em que chegamos à mansão, o mau humor de Jett havia se esvaído. Tínhamos subido as escadas quando Jett me empurrou para trás de suas costas e fez sinal para Kenny ficar quieto. Olhei a área ansiosa e meu olhar caiu sobre a porta da frente. Ela estava entreaberta, apenas alguns centímetros, mas, estranhamente, meu primeiro pensamento foi que eu poderia ter me esquecido de trancá-la quando saímos.

Apesar de meu coração acelerado, minha mente se manteve surpreendentemente calma. Talvez porque a chuva tivesse parado e o sol brilhasse lavando as nuvens escuras e fazendo parecer surreal que alguém pudesse ter invadido a casa no meio do dia.

Puxando sua arma, Jett me instruiu a me esconder com Sylvie, atrás dos arbustos do outro lado da casa, e ficar lá, não importa o que acontecesse. E, então, ele e Kenny seguiram.

— Vamos — sussurrei para Sylvie, arrastando-a para os arbustos próximos.

Lutamos para abrir o caminho entre a densa vegetação rasteira, tomando cuidado para não arranharmos nossos braços e nossas pernas. Alcançando o quintal, ficamos abaixadas e eu envolvi meu braço nos de Sylvie. Nossos olhares se mantiveram colados à porta fechada da varanda e à casa mais além, enquanto prestávamos atenção aos sons.

Comecei a contar os segundos dentro da minha cabeça quando um tiro ecoou à minha direita, depois outro, e um grito assustado escapou dos meus lábios. Meu coração parou, morto em meu peito, e eu me vi pulando e correndo pelo terreno aberto ao redor da casa e através da porta da frente — minhas pernas tremendo, meus lábios trêmulos com o nome de Jett neles, minha mente desconhecendo o fato de que, se alguém decidisse atirar, eu era um alvo fácil.

— Jett — gritei, correndo em linha reta em seus braços, feliz de encontrá-lo a salvo.

O *hall* de entrada estava tão silencioso como um túmulo, e Jett estava sozinho — a realização disso me deu um gelo nas veias.

— Onde está o Kenny?

— Ele foi atrás do cara.

— Você está ferido? — passei meus dedos sobre os braços e o peito de Jett, verificando se não havia ferimentos.

— Não, mas ouça. Eu preciso que você fique aqui dentro, escondida. Entendeu? — Ele me beijou distraidamente e se virou para ir embora.

Segurei o braço dele, uma débil tentativa de pará-lo.

— Por favor, não vá. Eu não quero que você se machuque.

— Isso não vai acontecer — sussurrou ele.

— O que está acontecendo? — perguntou Sylvie, seu rosto uma máscara branca medonha.

— Kenny foi atrás do intruso — respondi.

As mãos dela subiram ao peito. Eu a abracei e a puxei para o lado.

— Ele vai ficar bem.

Pela primeira vez, notei que o local fora saqueado. Quase todas as gavetas tinham sido abertas e os conteúdos espalhados no chão.

— Talvez devêssemos nos trancar na cozinha — sussurrei para Sylvie, imaginando que era o único lugar com uma rota de fuga pela porta dos fundos e tinha abundância de armas, para o caso de precisarmos nos defender.

Esperamos na cozinha, em silêncio, até que ouvimos passos de alguém partindo. Silenciosamente, tranquei a porta da cozinha atrás de nós, peguei uma faca enorme do suporte e fiz sinal para Sylvie, para nos escondermos atrás dos armários. Forçando-me a respirar com tranquilidade, fiquei prestando atenção nos sons.

— Brooke?

A voz de Jett chamava do corredor. As conotações tensas traíam a sua preocupação.

— Estamos aqui — gritou Sylvie.

Minha mão ainda apertava a faca, e eu destranquei a porta e abri. Jett e Kenny estavam em pé no corredor, os rostos duros, mostrando nada. Sylvie pulou nos braços de Kenny. Fiquei tentada a fazer o mesmo com Jett, mas me detive.

— Vocês estão bem? — perguntou ela, agarrando-se a Kenny. — Ficamos doentes de preocupação com vocês. Graças a Deus ninguém morreu.

— Estamos bem — disse Jett, — mas não conseguimos pegá-los.

Eles?

Eu levantei minhas sobrancelhas e escondi minhas mãos atrás das minhas costas para que ele não visse a faca, ou meus dedos trêmulos.

— De quantos vocês estão falando?

— Dois. Um invadiu a casa, o outro esperava no carro. Eles saíram em disparada.

— Foi o mesmo carro que nos perseguiu? — perguntei.

— Não acho — disse Jett. — Eles usavam máscaras de esquí e o carro não tinha placas, mas eu tenho certeza de que não era o mesmo carro.

— Eles falavam inglês. Certo, cara? — disse Kenny a Jett. — Eu ouvi o primeiro gritando alguma coisa. Você quase o acertou.

— Você atirou nele? — perguntei a Jett, horrorizada.

O que você esperava, Stewart?

Claro que eu sabia que a violência era de se esperar em tal situação, mas o conhecimento disso não deixava tudo mais fácil de aceitar.

— Eu não o acertei — murmurou ele. — Infelizmente. Vamos ver o que eles levaram.

Fiquei olhando para Jett de boca aberta. Havia algo em seu olhar, apenas uma pequena oscilação, mas o suficiente para me mostrar que ele estava escondendo alguma coisa e estava tentando desviar minha atenção dele.

— Jett, o que há de errado? — Olhei para o seu corpo para me certificar de que ele não havia sido baleado. — Você está ferido? — Minhas mãos passaram por seus braços. Foi quando notei os pequenos respingos de sangue na camisa.

— É apenas um arranhão — disse Jett. — Não se preocupe com isso. Eu já vi coisa pior.

Minha garganta se apertou com suas palavras. Quem diria uma coisa dessas?

— Como isso aconteceu? — Eu puxei o braço dele para forçá-lo a sentar-se. Ele estremeceu, mas não se mexeu.

— Faça. Eu não vi o cara e ele me surpreendeu.

— Deixe-me ver.

Ignorando o protesto de Jett, puxei sua camisa para cima e engasguei com a ferida de duas polegadas em seu peito. Já não estava sangrando e não parecia profunda, mas precisava de pelo menos higienização adequada, se não de pontos. Eu não queria que sua bela pele ficasse com cicatriz, e nem que ele estivesse sofrendo dor.

— Vamos ao hospital.

— É só um arranhão, *baby* — disse Jett, puxando a camisa de volta para baixo.

— Precisamos tratar disso — olhei para ele, irritada com o olhar determinado em seus olhos.

— Eu disse que agora não. — Ele empurrou minha mão e começou a descer o corredor em direção à biblioteca.

Maldita essa sua teimosia e falta de vontade de ceder.

Corri atrás dele e parei na porta, pronta para discutir mais, quando Kenny soltou uma série de palavras.

— O que há de errado? — Perguntou Jett.

Kenny apontou para o computador de Alessandro. Ele ainda estava lá.

— Tudo que era importante se foi.

— O que você quer dizer com tudo? — perguntei lentamente.

— Os relatórios financeiros, os papéis de Lucazzone, o livro, e o disco.

Olhei para Jett de boca aberta. Minha visão ficou turva e minha cabeça ficou tão leve que pensei que poderia desmaiar bem ali.

— Tudo? — sussurrei.

Kenny assentiu.

— Puta que o pariu.

Foi a segunda vez que ouvi Jett soltar um palavrão.

Nós arrumamos o local para que os empregados de Alessandro não notassem a invasão. Tanto quanto eu podia perceber, nada mais tinha sido roubado, e nada tinha sido quebrado. Trabalhamos duro para que o lugar ficasse igual ao que era antes. Mesmo que cada pedacinho de evidência tivesse sido levado, Jett insistiu para que fôssemos embora. Não fomos para a cama naquela noite. Depois de limparmos tudo, ele deu a mim e a Sylvie apenas meia hora para arrumarmos nossas coisas, o que se transformou em duas horas porque Sylvie tinha comprado tantas coisas em suas breves saídas que ela não conseguia encaixá-las em suas malas.

— Você acha que eles vão voltar? — perguntei a Jett, quando estávamos sozinhos no meu quarto, sentados na cama, a minha mala fechada aos nossos pés. Os braços de Jett estavam em torno da minha cintura e ele me apertava contra seu corpo.

— Não tenho certeza — sussurrou. — Eles estão com o livro e com o disco rígido. Ou seja, tudo o que eles queriam. Não há nada mais que lhes interesse aqui para que voltem.

Ele estava evitando a minha pergunta, então eu me virei e olhei para ele.

— Mas ainda não acabou, não é? — perguntei.

Eu podia ver isso em seus olhos, na maneira como mordeu o lábio inferior, no modo como lutou para controlar a linha de raiva entre as sobrancelhas.

— Eles não têm razão para continuar — Jett desviou o olhar, ainda não me dando uma resposta direta.

— No entanto, não é seguro para você ficar aqui. Eu sei que é a sua casa. Quero dizer, ela vai ser a sua casa algum dia, mas ficar aqui não é uma boa ideia. — Ele tomou minha mão e apertou seus lábios contra a parte de trás dela. — Volte para casa, *baby*. Eles podem ter o que querem, mas eu vou me sentir melhor se você estiver comigo.

— E Alessandro? O advogado ligou para dizer que ele está em coma.

— Vamos pensar nisso depois, certo? Apenas confie em mim. Nós voltaremos para cá se for necessário. Não há razão para você ficar, não enquanto não souber quanto tempo vai demorar até ele sair do coma.

E não enquanto não soubermos com quem estamos lidando. Eu sabia que Jett havia pulado essa parte.

— Tudo bem — deixei escapar um suspiro. — Vou voltar para casa.

— Ótimo. Vou mandar prepararem o jato da empresa. — Sua carranca suavizou um pouco e suas mãos seguraram o meu rosto. Seus lábios estavam tão perto que eu podia sentir seu hálito quente na minha pele. — E Brooke? Espero que você comece a ocupar sua posição como nova gerente de equipe imediatamente.

— Estou contratada? — Eu sorri para a maneira como seus lábios roçaram os meus, me provocando. Um senso de antecipação tomou conta de mim com a ideia de passar mais tempo com ele. — Mal posso esperar.

— Bem, em seu lugar, eu não estaria muito animado. Ouvi dizer que seu novo chefe pode ser exigente. — Jett fez um rosto severo. — Na verdade, ele gosta de passar o tempo com sua funcionária favorita, fazendo sexo no escritório quando ninguém percebe — não que ele dê a mínima para isso.

Eu ri de sua audácia.

— Sei lidar com essa gente exigente.

— E ele pode ser irritante quando quer alguma coisa. Tem certeza de que você poderá lidar com isso? — Ele passou os dedos do meu tornozelo até os joelhos e, em seguida, para o interior de minhas coxas. Minha respiração parou.

— Tenho excelentes referências de meu último chefe — respondi, sorrindo.

— É mesmo? — ele subiu os dedos mais um pouco. — Você está falando daquele filho da puta mesquinho, que contratou você na hora sem nem mesmo fazer uma entrevista de emprego?

Eu balancei a cabeça, assentindo.

— Sim, e eu tive de sair.

— Bem, nós queremos evitar que você tenha esse tipo de chefe no futuro. Você é uma pessoa que não é facilmente enganada, senhorita Stewart. E é muito boa no que faz. Por isso, certamente posso usar alguém

como você em nossa equipe. Parabéns. Você conseguiu o emprego.

Ele estendeu a mão, em seguida, puxou-a de volta.

— O que foi? — perguntei cautelosamente.

— Eu me esqueci de mencionar uma coisa. — Ele acenou com a mão, como se não fosse realmente tão importante. — Foi me dito por fontes muito confiáveis — sorri para ele, porque eu sabia que ele estava falando de mim — que sou insaciável e não consigo evitar isso. Porque é o efeito que você tem sobre mim, e a cura é... Você. Isso vai ser um problema?

— Você é bem-vindo para pedir esse medicamento a qualquer hora.

— A qualquer hora? Bem, agora parece ser tentador. — Os dedos dele se juntaram debaixo da minha calcinha, provocando arrepios de prazer por toda a minha pele. — Vou levar sua palavra ao pé da letra, senhorita Stewart. Você pode querer pensar duas vezes antes de selar esse acordo especial comigo.

— A qualquer hora...

Fazendo-o se calar, pressionei meus dedos contra a sua boca e levei meus lábios ao encontro de seu beijo cálido.

Capítulo 27

Uma semana mais tarde, em Nova York.

Estávamos deitados no tapete macio na sala de Jett, em seu maravilhoso apartamento. Minha cabeça descansava em seu peito, seus braços em volta de mim, o calor da lareira engolfando-nos como um casulo, levando-nos a um lugar no qual o amor poderia iluminar o céu. Os dedos de Jett acariciavam as minhas costas enquanto eu ouvia seu coração bater forte. Em meio ao silêncio, sua respiração tinha voltado ao normal. Mudei-me para mais perto dele e minhas mãos percorreram as cicatrizes quase desbotadas em seu corpo, contando tantas histórias que eu não conhecia. Histórias que o lembravam dos muitos lugares sombrios em que ele tinha estado e as muitas coisas sombrias que tinha feito, do mesmo modo que as cicatrizes no meu coração me lembravam de quão arriscado era amar.

— Ter você perto de mim durante todo o dia é tentador... — Jett sussurrou. Eu ri e balancei a cabeça em confusão.

— Por quê? O que você faria?

— Para começar, iria acorrentá-la à minha cama e faria todas as coisas que sempre quero fazer. Iria beijá-la de todas as maneiras que conheço e em todos os lugares possíveis. E não iria deixá-la ir embora, porque você pertence a este lugar, comigo.

— Você é louco.

Eu levantei a cabeça para olhar para ele e passei os dedos sobre a pequena barba cobrindo o queixo. Desde que voltamos da Itália, nós ficamos tão envolvidos em nosso mundo, aproveitando cada segundo que passamos juntos, que mal conseguíamos sair de casa. E o fato de ele querer sempre mais me encantava.

— Eu não ia querer que você me prendesse à cama porque você não joga limpo. Eu prefiro que você fique à minha mercê.

— Você precisa aprender a cozinhar, porque eu não poderia viver só comendo cereais e comida para viagem — ressaltou. — E você tem de parar de sorrir desse jeito, porque isso me excita todas as vezes, e eu não consigo parar de cobiçá-la. Cada vez que você sorri, eu quero mais.

As chamas saltaram avidamente na lareira, lançando um brilho dourado em nossos corpos nus. Naquela luz suave, seus olhos verdes eram tão profundos que eu poderia me afogar neles.

Meu sorriso se alargou. Seu olhar permanecia em mim, como se ele pudesse ver algo que eu não podia. O que ele viu no meu sorriso que outras pessoas não viram?

— Gosto de cuidar de você, porque, honestamente, eu meio que gosto da ideia de você precisa de mim — sussurrou. — Eu sou o meu verdadeiro eu quando estou com você. Sinto como se não tivesse de me esconder.

— Por que isso?

Sentindo a direção séria que a conversa estava tomando, apoiei-me em meu cotovelo para poder olhá-lo. Seus dedos estavam entrelaçados com os meus e ele ergueu as mãos, observando a dança lenta das sombras das chamas em nossa pele.

— Não sei. — Ele encolheu os ombros. — Não é apenas que me sinto atraído por você em um nível físico e mental, é também o fato de que amo estar com você, ao seu redor, dentro de você. Tudo que você

faz me faz querer beijar-lhe como se não houvesse amanhã.

Seus lábios selaram os meus e o desejo passou por mim fazendo-me ir alto, tão alto, que me lembrei de que poderia cair, e ele ainda não sabia que eu estava grávida. O primeiro teste de gravidez foi positivo, e o próximo, e mais um depois disso. Não havia como negar, não importava quantas vezes eu tentasse. Eu já havia adiado revelar a ele por uma semana. Tinha uma desculpa esfarrapada atrás da outra.

— Jett?

Rompí o contato com os lábios dele, a minha voz trêmula... O silêncio repentino pendurou-se pesado no ar.

— Humm?

Alguns segundos se passaram. Seus belos olhos verdes estavam sondando, esperando. Eu parecia estar presa em seu feitiço, incapaz de escapar. Engoli em seco enquanto considerava as minhas palavras. Minha vontade era ser quem ele queria, porque sabia que eu era quem ele precisava. Às vezes, porém, o que precisamos não é o que queremos.

Sylvie estava certa. Eu precisava saber se o que tínhamos era de verdade e se teríamos um futuro juntos. Eu tinha de saber se estava perdendo meu tempo. Estava pronta para ser magoada, se essa fosse a única maneira de saber. Havia uma chance de não dar certo, porque o amor significa cair e superar o medo de altura. E, Deus sabe, eu não conseguia nem mesmo subir em uma corda sem sentir medo, sem me sentir pequena e indefesa quando olhava para baixo. Meu amor por ele me fazia sentir dessa maneira: vulnerável, impotente, com medo do que o futuro poderia ter reservado para nós.

Os olhos de Jett se estreitaram em mim, como se ele pudesse sentir minha luta para reunir minha coragem.

— Precisamos conversar — comecei.

Suas linhas de preocupação se aprofundaram.

— Você não vai desistir de nós de novo, vai?

— Não, não é isso — umedeci meus lábios.

— Isso é ótimo de se ouvir, porque eu acho que nós temos uma coisa boa acontecendo. — Ele parecia aliviado.

Claro que ele não poderia imaginar a magnitude da situação, o que deixou ainda mais difícil o que devia lhe dizer.

— Você está feliz? — perguntei, incapaz de esconder o tremor na minha voz. — E se as coisas fossem mais complicadas do que isso?

— Por que você está perguntando? — Ele olhou para mim, ouvindo. — Aconteceu alguma coisa?

Fazendo o tempo passar mais um pouco, fiquei de pé e vesti a camisa dele, atravessando depois a sala até o sofá. Eu podia sentir seu olhar em minhas costas, sua confusão palpável no ar. Peguei a caixa branca que eu tinha escondido dentro da minha bolsa e caminhei de volta para ele, então me sentei no tapete, em sua frente. Apesar de não estar frio, por causa do calor da lareira, estava tremendo por causa do medo gelado apertando meu coração.

— O que é isso? — perguntou Jett, olhando para a caixa em minhas mãos. Empurrei-a na direção dele.

Sob aquela luz suave, o papel de embrulho branco brilhava em um milhão de facetas e construía um belo contraste com a fita azul amarrada em torno dela.

— Um presente. — Um nó apertou a garganta. — Abra-o.

A bolha que segurava minhas emoções estava prestes a estourar. Por mais que tentasse, eu não conseguia deter a primeira lágrima escorrendo pelo meu rosto. Limpei-a com a palma da minha mão e fiquei observando enquanto ele abria a caixa.

— Você não precisa ficar com isso — sussurrei, para o caso de ele se sentiu obrigado.

Jett inspirou profundamente e seus olhos se arregalaram. E então, sempre tão devagar, tirou as duas minúsculas meias rosa de bebê e as levantou, com os olhos procurando os meus. Eu podia ver as emoções em seu rosto em geral ilegível. Surpresa. Choque. Descrença. Então, surpresa novamente. Seus olhos se encheram de lágrimas, o que por sua vez forçou mais lágrimas a rolares pelo meu rosto.

— Tem certeza? — Sua voz soou embargada.

— Eu descobri quando Sylvie pensou que ela estava grávida e quis que eu fizesse um teste para que pudéssemos comparar os resultados. É uma longa história... — parei, percebendo que estava tagarelado. — Eu sei que é muito cedo em nosso relacionamento...

Ele começou a sorrir e desta vez era um tipo diferente de sorriso. Transmitia empolgação, e havia um brilho em seus olhos que eu não tinha visto antes. O ar estava pesado com promessas. Minhas mãos tremiam, e as dele também, quando passou os braços em volta de mim, me abraçando apertado.

Ele suspirou, forçando-me a olhar para ele.

— É perfeito. Essa é a melhor surpresa que eu já tive.

A sensação de alívio tomou conta de mim.

— Sério?

— Eu não posso acreditar. Precisamos comemorar. — Ele me pegou e me rodou no ar pela sala, depois me colocou para baixo, sua excitação me surpreendendo. — Estou feliz. Chocado, mas de uma maneira boa. — Ele afastou uma mecha de cabelo do meu rosto, ainda sorrindo, e havia tanto calor lá dentro que eu sabia que ele não estava mentindo. — Eu faria qualquer coisa por você — sussurrou. Os tons graves em sua voz me deram calafrios.

— Estranho você me dizer algo assim. Tive um sonho sobre isso — pensei naquela manhã depois da perseguição de carro, quando acordei sozinha no quarto de hotel.

— Um sonho? — o sorriso em seus lábios mostrava certa diversão. — Espero que tenha sido gostoso...

Bati no braço dele de brincadeira. A maioria dos meus sonhos hoje em dia era gostosa e envolvia Jett, mas ele não precisava saber disso.

— A única coisa de que me lembro é que você estava dizendo que faria qualquer coisa por mim — acenei, envergonhada por ter trazido esse assunto à baila. Ultimamente, eu parecia ter dificuldade em manter minha boca fechada e não fazer papel de idiota. — Foi apenas um sonho.

— Não foi um sonho. — Jett arrastou a parte de trás de seus dedos pela minha bochecha. — Eu achei que você estivesse dormindo.

Meus olhos procuraram os dele quando meu coração insensato começou a virar um sentimental para cima de mim.

— E a parte em que você disse... — comecei. Minha pulsação batia como um tambor em meus ouvidos.

— Tudo verdade — sussurrou ele, roçando seus lábios contra os meus. — Eu estou apaixonado por você.

Todo o meu ser tremeu. Eu podia sentir os tremores dentro de mim, nas minhas veias, na batida do meu coração.

— Desculpe por ter me afastado de você — parei, incapaz de encarar seus olhos impossivelmente verdes. — Nunca estive apaixonada até conhecê-lo.

— Brooke. — Ele segurou meu queixo e obrigou-me a olhar para ele. Seus olhos refletiam o fogo brilhante da lareira, as cintilações douradas me convidando a me derreter com esse homem. — Você fala como se isso fosse uma coisa ruim. Você sabe que eu a amo. O que há de errado com você me amar de volta?

— Meu medo é que isso que nós temos não dure — sussurrei. — E prefiro levar as coisas devagar, para o caso de elas não darem certo.

— Essa é a coisa mais estúpida que já ouvi. Nós vamos durar, Brooke, e você sabe por quê? — Seus olhos me perfuraram, forçando-me a ouvir e compreender cada palavra. — Porque você e eu, nós nos encaixamos. O que temos é real!

— E se nós brigarmos, e se você se cansar de mim? — Esse tinha sido meu medo desde que senti que estava me apaixonando por ele.

— Então você terá de me lembrar das muitas coisas que fizeram com que me apaixonasse por você. Como seu sorriso, sua risada, sua voz, na verdade, tudo sobre você. — Seus dedos traçaram os contornos dos meus lábios enquanto sua voz se reduziu ao sussurro sexy que eu adorava. — Não posso prometer que a gente nunca terá problemas porque isso seria uma mentira. As pessoas brigam, amam, discutem, conversam, esquecem... É assim que a vida funciona. As coisas podem ser quebradas, mas, aconteça o que acontecer, eu não vou amá-la menos.

— Tem certeza?

Ele colocou a mão em seu coração.

— Eu posso sentir isso. Eu quero que você esteja comigo. Eu quero esse nosso bebê. Eu quero você. Nada neste mundo pode mudar o que sinto por você, Brooke.

Seus olhos estavam brilhando e havia tanto calor neles que soube que estava vendo a verdade. Foi quando as lágrimas começaram a cair pelo meu rosto. Derramaram-se de verdade.

Limpei meu rosto com a manga de sua camisa cara, encharcando-a.

— Não me diga que acabei de falar algo errado — disse Jett, me puxando para seus braços.

Eu balancei a cabeça e ri entre os pequenos soluços que estavam se formando em minha garganta.

— Elas são...

Lágrimas de felicidade.

Forcei o ar em meus pulmões.

— Se você realmente acredita em um décimo do que acabou de me falar, eu sou a pessoa mais feliz do mundo — sussurrei, minha voz ameaçando travar novamente.

— Você é tudo para mim — sussurrou Jett em meu ouvido. — Você é o meu amor, Brooke.

Perdê-la uma vez foi difícil. Eu não acho que poderia sobreviver a isso uma segunda vez.

— Você me tem inteira. — Um olhar, e ele me conquistou. Jett conquistou meu coração, meu corpo, minha alma.

Inalando seu perfume inebriante, enterrei-me em seus braços que me esperavam e fechei os olhos contra a cascata de beijos que descia sobre o meu rosto, esquecendo-me do mundo que nos rodeava.

Seus olhos verdes, todo o seu ser e as coisas que ele fez comigo para me manter em segurança me assolaram, capturaram o meu coração e gravaram um amor dentro da minha alma que nunca poderia ser apagado. E lá estava eu pensando que o tinha perdido, que os segredos que Jett ocultara de mim tinham destruído tudo aquilo que tínhamos... Somente para descobrir que isso apenas nos aproximara ainda mais.

Sim, o amor acontece em um piscar de olhos. Ele pode mudar uma pessoa. Eu sei, porque ele me mudou. Mudou a ele. Ele nos ajudou a ascender para uma existência mais significativa. E o que é mais importante: eu lhe dei o meu coração, e Jett não o destruiu.

Ele me fez dele.

Eu sabia que ele não me deixaria cair. Mesmo nos meus momentos mais escuros e sombrios, ele não deixaria que me afogasse.